



Departamento de Sociologia

E depois do Rendimento Social de Inserção?  
Uma análise longitudinal e biográfica de ex-beneficiários do  
concelho de Ribeira Grande

Ana Cristina Resendes Dutra

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de  
Mestre em Serviço Social

Orientador:  
Doutor Francisco Branco, Professor Associado,  
Universidade Católica de Lisboa

Co-orientadora:  
Doutora Maria do Rosário Serafim, Professora Auxiliar,  
ISCTE-IUL

Outubro, 2009

## **[AGRADECIMENTOS]**

---

A nível académico, o agradecimento ao Prof. Doutor Francisco Branco pela orientação do presente trabalho mas, igualmente, pelo estímulo e desafio intelectual que representou. À Prof. Doutora Maria do Rosário Serafim, pelo permanente incentivo, disponibilidade e apoio prestado em todo este processo.

A nível profissional, o agradecimento ao Instituto de Acção Social e a todos os que comigo trabalham, pela sua colaboração e compreensão, que em tanto facilitaram a realização deste estudo.

Por fim, e a nível pessoal, um agradecimento especial aos que me acompanharam no decurso deste trabalho, cujo incentivo, compreensão, apoio e reforço constantes determinaram a sua concretização.

## **[RESUMO]**

---

Neste trabalho procede-se ao estudo, de um ponto de vista longitudinal, do impacto do Rendimento Mínimo Garantido / Rendimento Social de Inserção nas trajectórias de inserção social e autonomização dos beneficiários.

No plano analítico, este trabalho inscreve a análise das perspectivas teóricas sobre a pobreza e exclusão social, bem como, sobre as políticas de inserção e dispositivos de acompanhamento social.

No plano empírico, desenvolveu-se uma pesquisa eminentemente intensiva-qualitativa, com uma vertente extensiva-quantitativa. Assim, analisaram-se os processos sociais referentes a situações de cessação da prestação de Rendimento Social de Inserção no ano de 2004, no concelho de Ribeira Grande, e efectuaram-se 12 entrevistas de orientação biográfica ao antigo titular da prestação.

Os resultados obtidos revelam os impactes significativos do Rendimento Social de Inserção ao nível da satisfação de necessidades básicas e reforço de competências pessoais, sociais e profissionais, determinantes na construção de percursos de autonomização e inserção social. Contudo, não são expressivos os impactes da medida ao nível do emprego, embora seja esta a forma privilegiada de inserção. As trajectórias de vida após a cessação da prestação são marcadas, maioritariamente, por percursos de emprego/desemprego, sem que ocorra uma melhoria estável das condições de vida dos indivíduos, o que poderá justificar os percursos de reentrada na medida.

### **[Palavras-chave]**

Políticas de inserção

Rendimento Social de Inserção

Trajectórias de vida

Inserção Social

## **[ABSTRACT]**

---

This research pretends to study, through a longitudinal approach, the impacts of the Minimum Income Guaranteed/Social Income of Insertion in the trajectories of social insertion and in the autonomy of its beneficiaries.

In an analytical point of view, this work is based in the analysis of the theoretical perspectives of poverty, social exclusion and on the politics of insertion and devices of social support.

An eminently intensive-qualitative research was developed, with an extensive-quantitative approach. Data has been collected from registries referring to the situations of ceasing of Social Income of Insertion in the year of 2004 in the district of Ribeira Grande and from 12 interviews of biographical orientation to the previous bearer of the income.

Obtained results show significant impacts of the Social Income of Insertion in the satisfaction of basic needs and in the reinforcement of personal, social and professional skills, essentials to the construction of paths of autonomy and social insertion. However, impacts regarding integration in the work market are not significant, even though this is the aimed form of insertion. Life trajectories after the ceasing of the Social Income of Insertion are characterized by paths of employment/unemployment, without a steady improvement of life conditions of the individuals, which can justify re-entries in the Social Income of Insertion.

### **[Key-words]**

Insertion politics

Social Income of Insertion

Life trajectory

Social insertion

## [ÍNDICE]

---

<b>[Introdução]</b> .....	<b>1</b>
<b>[Capítulo 1]</b> .....	<b>3</b>
1.1 Pobreza e exclusão social .....	3
1.1.1 Vulnerabilidade à pobreza e modos de vida .....	4
1.1.2 Da fragilidade à dependência: a carreira moral do assistido.....	6
1.2 O combate à pobreza e exclusão social .....	9
1.2.1 As políticas de inserção.....	10
1.2.2 O RMG/RSI enquanto política social activa.....	11
1.2.3 Impactes e efeitos do RMG/RSI .....	13
<b>[Capítulo 2]</b> .....	<b>15</b>
2.1 Objectivos, orientação e enfoque da investigação .....	15
2.2 A combinação dos enfoques intensivo e extensivo: a triangulação de métodos .....	16
2.3 Técnicas de recolha e análise de dados.....	17
<b>[Capítulo 3]</b> .....	<b>19</b>
3.1 Abordagem extensiva: caracterização global dos beneficiários de RSI .....	19
3.1.1 A titularidade do processo de RSI.....	19
3.1.2 Agregado familiar e situação habitacional.....	23
3.1.3 O reingresso no RSI: dos números aos motivos .....	25
3.1.4 Os acordos de inserção: a saúde, educação e acção social como áreas predominantes .....	26
3.1.5 Motivos de cessação da prestação: a almejada inserção? .....	28
3.2 Abordagem extensiva: (re)construindo trajectórias de vida .....	30
3.2.1 Trajectória antes do RSI.....	30
3.2.1.1 Origem social .....	30
3.2.1.2 Representações do passado .....	30
3.2.1.3 Trajectória escolar.....	32
3.2.1.4 Trajectória familiar .....	33

3.2.1.5 Trajectória profissional .....	34
3.2.2 Trajectória enquanto beneficiário de RSI .....	34
3.2.2.1 O requerimento .....	34
3.2.2.2 O acordo de inserção.....	36
3.2.2.3 Impactes do RSI.....	39
3.2.2.4 Visão do RSI.....	42
3.2.3 Trajectória de após a cessação da prestação .....	46
3.2.3.1 Cessação da prestação.....	46
3.2.3.2 Trajectória escolar.....	49
3.2.3.3 Trajectória profissional .....	49
3.2.3.4 Reingresso na medida .....	50
3.2.3.5 Importância atribuída ao RSI.....	51
3.2.4 Perspectivas de futuro .....	52
3.2.5 Análise individual das trajectórias de vida: modos de vida e relação com os Serviços de Acção Social.....	53
<b>[Considerações finais] .....</b>	<b>56</b>
<b>[Referências bibliográficas] .....</b>	<b>60</b>
<b>[Anexos].....</b>	<b>64</b>
[Anexo I] .....	65
[Anexo II].....	70
[Anexo III].....	72
[Anexo IV].....	77
[Anexo V].....	166
[Anexo VI].....	168
[Anexo VII] .....	172
[Anexo VIII].....	182
[Anexo IX].....	271

## [ÍNDICE DE QUADROS]

---

Quadro 3.1 – Distribuição dos titulares por género.....	20
Quadro 3.2 – Distribuição dos titulares por grupos etários .....	20
Quadro 3.3 – Distribuição dos titulares por níveis de escolaridade .....	21
Quadro 3.4 – Distribuição dos titulares por ocupação .....	22
Quadro 3.5 – Distribuição dos titulares por tipo de família .....	24
Quadro 3.6 – Distribuição dos titulares por estado civil .....	24
Quadro 3.7 – Distribuição dos titulares por número de requerimentos.....	25
Quadro 3.8 – Distribuição dos motivos de cessação por requerimento.....	28

## [ÍNDICE DE FIGURAS]

---

Figura 3.1 – Distribuição das áreas de inserção por número de requerimentos .....	26
---	----

## **[LISTA DE ABREVIATURAS]**

---

IAS – Instituto de Acção Social

IPSS – Instituição Particular de Solidariedade Social

MTSS – Ministério do Trabalho e Segurança Social

NLI – Núcleo Local de Inserção

RAA – Região Autónoma dos Açores

RMG – Rendimento Mínimo Garantido

RMI – Revenu Minimum d’Insertion

RSI – Rendimento Social de Inserção

SAS – Serviço de Acção Social

SPSS – Statistical Package for the Social Sciences

## [INTRODUÇÃO]

---

Os esquemas de rendimento mínimo, relativamente generalizados na Europa, são um dos actuais mecanismos de combate à pobreza e à exclusão social, que, na sua actual configuração, assentam no pressuposto da activação e individualização das políticas sociais. A sua implementação traduz-se numa preocupação dos Estados face à situação dos indivíduos e famílias em situação de pobreza e face à crescente visibilidade que os fenómenos da exclusão social adquirem, numa perspectiva de cidadania e justiça social.

Em Portugal, é criado o RMG em 1996, instituindo-se como um novo mínimo social, com o intuito de combater as formas mais extremas de pobreza e promover a autonomização e inserção social dos seus beneficiários. A sua implementação funda um novo patamar na rede de protecção social, universalizando a garantia a um mínimo de subsistência, segundo uma lógica de redistribuição de recursos e de solidariedade.

De acordo com dados do mês de Janeiro de 2009 do IAS, 359.041 indivíduos são beneficiários desta medida de política social, a nível nacional. Nos Açores, o número de beneficiários do RSI é de 17.678 pessoas, pelo que esta região é o distrito do país com maior percentagem de beneficiários face à população residente neste arquipélago em 2001 (7,31%). Apesar da taxa de pobreza ter diminuído nos Açores entre 1994 e 2005, esta continua a ser a região do país com maior incidência de pobreza, com 21,2% de taxa de risco de pobreza, tendo em consideração os rendimentos totais (Guerra e Antunes, 2009).

Embora existam algumas investigações sobre esta temática, nomeadamente quanto aos impactes do RMG/RSI (Branco, 2001; MSST, 2002; Guerra e Antunes, 2009), a análise dos processos biográficos e trajectórias de vida de antigos beneficiários é um aspecto pouco abordado, carecendo de maior investigação.

O objectivo geral deste estudo consiste em compreender, de um ponto de vista longitudinal, o impacte da medida de RSI nas trajectórias de inserção social e autonomização dos beneficiários. Deste modo, o percurso longitudinal de antigos

beneficiários desta medida no concelho de Ribeira Grande, ilha de São Miguel, constitui-se como o objecto de estudo. A escolha de Ribeira Grande prende-se com o facto deste ser o concelho dos Açores com maior percentagem de beneficiários face à população residente (14,13%) e o segundo concelho da região com maior percentagem de reingresso na medida (18,78%, face aos processos cessados), sendo a média nacional de 14,01%, face aos processos cessados. Por outro lado, o facto da mestranda desempenhar actividade profissional neste concelho e no âmbito desta medida, foi factor determinante para a escolha desta temática de investigação e deste concelho, em específico. Assim, pretende-se que a realização desta dissertação constitua um contributo para o conhecimento científico em Serviço Social e uma mais-valia para a actividade profissional da mestranda.

Quanto à estrutura do presente relatório de dissertação, no primeiro capítulo efectua-se o enquadramento teórico do tema de investigação, à luz dos fenómenos da pobreza e exclusão social, das políticas de inserção e dispositivos de acompanhamento social. No segundo capítulo, apresenta-se e justifica-se a estratégia metodológica desenvolvida, nomeadamente o enfoque e orientação da investigação e as técnicas de recolha e análise de dados. Posteriormente, no terceiro capítulo, apresentam-se e analisam-se os dados empíricos obtidos, a partir dos quais se tecem as considerações finais.

## [CAPÍTULO 1]

---

O estudo longitudinal dos percursos de ex-beneficiários de RSI implica que esta abordagem biográfica se insira no âmbito de uma análise dos fenómenos da pobreza e exclusão social. Por outro lado, preconiza-se uma reflexão sobre as designadas políticas de inserção e dispositivos de acompanhamento social, no quadro dos processos de reconfiguração do Estado e do processo de individuação.

### **1.1 POBREZA E EXCLUSÃO SOCIAL**

As definições conceptuais dos fenómenos de pobreza e exclusão social não são lineares, na medida em que existem diversas abordagens sobre estes fenómenos, variando de acordo com o contexto social, político, histórico e com as diferentes tradições de investigação, dado que estamos face a “construções sociais” (Dubar, 1996; Diogo, 2007: 24). Adopta-se, no presente trabalho, uma perspectiva de análise da pobreza enquanto situação de privação por escassez de recursos (Capucha, 1998b; Costa (coord.), 2008; Diogo, 2007).

O conceito de exclusão social, encarado complementarmente ao conceito de pobreza, surge perante a crescente agudização da desigualdade entre os indivíduos que mobilizam os seus recursos, os seus capitais, no sentido da sua participação social e os que, perante uma situação de insuficiência desses recursos, se encontram impossibilitados de o fazer. Preconiza-se, assim, um olhar sobre este conceito à luz da exclusão dos direitos de cidadania (Capucha, 1998a; Costa, 1998) e do esbatimento dos laços sociais, que se traduzem em processos de desqualificação social (Paugam, 2003) ou desafiliação (Castel, 1998).

### 1.1.1. Vulnerabilidade à pobreza e modos de vida

Capucha (2002; 1998b; 2005) identifica grupos ou categorias sociais que apresentam maior vulnerabilidade à pobreza e exclusão social, designadamente: os idosos pensionistas; os agricultores de baixos rendimentos; os assalariados de baixo nível de remuneração; os trabalhadores precários e da economia informal; as minorias étnicas; os desempregados; os jovens de baixas qualificações à procura do primeiro emprego; as pessoas com deficiência; as famílias monoparentais; os toxicodependentes e ex-toxicodependentes; crianças e jovens em risco; os detidos, ex-reclusos e pessoas sem abrigo<sup>1</sup>. Geralmente, estes grupos sociais encontram-se afastados das oportunidades que surgem ao nível económico, social e cultural, por acumularem desvantagens ao nível da saúde, educação, qualificação profissional, sistema judicial e por apresentarem uma baixa auto-estima, imagem social negativa e inexistência ou fragilidade dos laços familiares.

O conhecimento das representações, interesses, sistema de valores, estilos de vida e referências culturais dos indivíduos, famílias e grupos é fulcral para a compreensão da pobreza (Capucha, 1998b; 2005). É neste sentido que o autor desenvolve o conceito de modos de vida da pobreza, definidos pela “interacção entre um conjunto de recursos e constrangimentos estruturalmente desenhados, por um lado, e o sistema de actividades reguladas e os modos de vida adoptados pelos agentes, por outro.” (Capucha, 2005: 97). O autor faz referência a oito modos de vida distintos, nomeadamente:

- *Transitoriedade*: diz respeito a situações de pobreza incidental, causado por uma situação de ruptura, por exemplo ao nível profissional, familiar, ou de saúde, pelo que estes “novos pobres” procuram camuflar a situação de escassez de recursos recorrendo às redes informais de apoio. No presente, ou são dominados por um sentimento de impotência e acomodação, ou procuram formas de ultrapassar a situação actual, embora com nostalgia em relação ao passado;

- *Investimento na mobilidade*: este modo de vida caracteriza-se pela vivência do presente com disciplina e conformidade, almejando uma aproximação ao padrão de vida dominante, pelo que existe um forte investimento na carreira escolar dos filhos. Os indivíduos e famílias que adoptam este modo de vida, geralmente trabalhadores por

---

<sup>1</sup> Sobre esta questão ver também (Almeida, 1995 e Rodrigues, 1999).

conta de outrem, possuidores de um rendimento baixo mas estável, vivem o presente com sacrifício e moderação, perspectivando um futuro melhor, mediante a acumulação de capitais económicos e escolares;

- *Dupla referência*: são, sobretudo, os emigrantes que se encontram numa situação de dupla referência. Este modo de vida caracteriza-se pela dualidade de sociedades de referência, na medida em que se sentem beneficiados relativamente à sociedade de origem, mas marginalizados da sociedade que os acolheu, pelo que procuram os recursos suficientes para regressar à sua origem em situação de prosperidade. O presente é, assim, vivido com incerteza e o futuro é encarado com esperança;

- *Convivialidade*: este modo de vida é marcado por “formas de sociabilidade exuberantes e estilizadas” e pela “valorização do prazer convivial” (Capucha, 2005: 224). Corresponde aos indivíduos e famílias que vivem de rendimentos incertos, recorrendo muitas vezes à Segurança Social para obter apoio económico, desenvolvendo estratégias de obtenção dos recursos pretendidos. Vivem intensamente o presente, marcado por uma vida social intensa e por um desejo de adoptar os estilos de vida dominantes, sem grandes preocupações em relação ao futuro.

- *Restrição*: é o modo de vida característico de indivíduos com baixa qualificação profissional, idosos pensionistas e desempregados que vivem numa situação de escassez de recursos, tentando, maximizar os que possuem. Neste sentido, o presente é vivido com dificuldade e existem poucas perspectivas de futuro, pelo que adoptam uma estratégia de vida que garanta a sua sobrevivência, visível, por exemplo, nos seus padrões de consumo. Caracteriza-se, ainda, por um conhecimento reduzido ao nível dos direitos, o que se traduz numa diminuta capacidade de reivindicação;

- *Poupança*: aplica-se, sobretudo, aos pequenos agricultores, nomeadamente os que praticam agricultura de sobrevivência. Assumem as dificuldades vividas numa tentativa de manterem ou alargarem o património que possuem, de forma a garantir alguma segurança e estabilidade na velhice. A poupança é a estratégia de vida adoptada, de forma a garantir o bem-estar, a viabilidade da família e do património. O presente é encarado como uma continuação do passado e as perspectivas de futuro implicam a confirmação e manutenção dos projectos do presente.

- *Destituição*: este modo de vida traduz-se na forma extrema de pobreza e exclusão social, em que convergem os limites destes dois fenómenos. É marcada pela ausência de uma estratégia de vida bem definida, bem como dos recursos, materiais ou simbólicos, que permitam a participação social dos indivíduos. Predomina uma atitude de apatia e

desinteresse em relação ao passado, presente e futuro, pelo que os indivíduos nesta situação vivem, geralmente, de apoios sociais públicos ou privados.

- *Desafectação*: caracteriza-se pela ruptura dos laços sociais e, conseqüentemente, pela adopção de estilos de vida marginais.

### **1.1.2. Da fragilidade à dependência: a carreira moral do assistido**

Tendo por base a relação dos indivíduos com os serviços de acção social, Paugam (1993: 157-277; 2003: 51-115; 2005: 99-217) estabelece uma tipologia da mesma, com base nos conceitos de fragilidade, dependência e ruptura, que correspondem a três diferentes fases do processo de desqualificação social. O autor utiliza este conceito de forma a acentuar o carácter multidimensional, dinâmico e evolutivo da pobreza, fenómeno que corresponde a um processo e não a um estado.

Os indivíduos em situação de fragilidade beneficiam de uma acção social pontual, sob a forma de apoios económicos excepcionais. As suas dificuldades económicas relacionam-se, geralmente, com a sua situação de precariedade laboral, em virtude de uma qualificação profissional incompleta ou desadaptada. Predomina um sentimento de degradação estatutária, de humilhação e inferioridade, pelo que encaram negativamente o apoio social de que beneficiam, daí que assumam uma postura pró-activa na resolução da sua situação. Encaram o trabalho como a única forma de inserção, pelo que avaliam positivamente os esquemas de rendimento mínimo pelas possibilidades de inserção que oferece. Verifica-se que os indivíduos e famílias em situação de fragilidade adoptam uma estratégia de distanciamento em relação ao assistente social, uma vez que encaram a relação com este como fonte de humilhação (fragilidade interiorizada). No entanto, os mais jovens, sobretudo os mais qualificados, apresentam maior capacidade de lidar com a situação actual, apesar desta não corresponder às suas aspirações pessoais. Encaram a situação vivida como temporária, na expectativa de aceder a uma posição social mais elevada através do trabalho. Vêm a relação com os serviços de forma pragmática, adoptando uma atitude de “consumidor”, aproveitando as vantagens a que podem ter direito (fragilidade negociada).

Os indivíduos em situação de dependência, pelo contrário, beneficiam de uma intervenção social prolongada e de tipo contratual, em virtude das suas vulnerabilidades ou pelas dificuldades sentidas. O investimento familiar, a idade e os problemas de saúde são muitas vezes evocados, numa tentativa de racionalização do seu afastamento do

mercado de trabalho. Como tal, e ao nível dos esquemas de rendimento mínimo, os acordos de inserção assinados baseiam-se na melhoria das suas condições de vida e relações sociais, nomeadamente no que diz respeito à saúde e família. A assinatura de um acordo de inserção é tida como secundária, dada a centralidade que a prestação assume, sendo frequentes as manifestações espontâneas sobre o seu insuficiente montante. Mais afastados do mercado de trabalho, estes indivíduos procuram compensações de ordem simbólica como forma de se distinguirem dos que os rodeiam, valorizando o conforto no interior da casa.

Se encararmos esta tipologia como um processo, a dependência consiste numa segunda fase do que Paugam (1993: 157-277; 2003: 51-115; 2005: 99-217) designa por carreira moral do assistido. Verifica-se uma transição da fragilidade para a dependência quando os esforços realizados pelos indivíduos, no sentido de resolverem a sua situação, são infrutíferos, pelo que acabam por ceder, aceitando a dependência em relação aos serviços e a manutenção de relações regulares com estes. Neste sentido, adoptam uma postura de maior proximidade com o assistente social e começam a justificar e racionalizar os apoios de que são beneficiários.

No que concerne às experiências vivenciadas pelos indivíduos em situação de dependência, o autor propõe a consideração de três categorias: a assistência diferida, que se caracteriza pela presença de uma forte motivação para o trabalho, por uma dependência bastante forte relativamente aos serviços de acção social e por uma atitude de distanciamento em relação aos assistentes sociais; a assistência instalada, caracterizada pela progressiva identificação com o estatuto de assistido, que se traduz pela presença de uma fraca motivação para o trabalho, por uma forte dependência relativamente aos serviços de acção social e por uma atitude de apropriação, sedução e cooperação em relação aos assistentes sociais e a assistência reivindicada, que se caracteriza pela ausência de motivação para o trabalho, por uma forte dependência relativamente aos serviços de acção social, por uma atitude de reivindicação ou até de conflito em relação aos assistentes sociais.

Paugam (1993: 157-277; 2003: 51-115; 2005: 99-217) designa a ruptura como a última fase do processo de desqualificação social. Os indivíduos nesta situação encontram-se à margem do dispositivo de assistência e apresentam diversas vulnerabilidades, nomeadamente ao nível habitacional, profissional e familiar. Essa situação é a consequência de um passado de fugas e rupturas, que limita a possibilidade e a vontade de construir projectos de inserção, pelo que os acordos de inserção poderão

corresponder ao projecto do assistente social, atendendo às dificuldades que estes beneficiários manifestam em definir os conteúdos do acordo, acabando por aceitar as acções propostas. Esta fase traduz-se numa experiência de ruptura, predominando, nos indivíduos, um sentimento de inutilidade e de vazio. Distinguem-se dois tipos de experiências vividas: a marginalidade conjurada, que se traduz na experiência vivida pelos indivíduos que ainda apresentam o desejo de integração social, pelo que têm consciência das mudanças individuais necessárias à almejada mudança de estatuto, procurando libertar-se do estigma de que são alvo e a marginalidade organizada, que corresponde à renúncia em obter uma posição social mais elevada e, conseqüentemente, melhores condições de vida.

Em relação aos beneficiários dos esquemas de rendimento mínimo, Paugam (1993: 157-277) estabelece uma tipologia dos mesmos, baseada nos efeitos deste dispositivo de protecção social. Assim, um primeiro tipo de beneficiário corresponde ao que está menos afastados do mercado de trabalho, em situação de precariedade económica e social. Os esquemas de rendimento mínimo são encarados como uma solução transitória, correspondendo a uma espécie de indemnização pelo desemprego. O beneficiário deseja, sobretudo, encontrar um local estável no mercado de trabalho, afastando-se, deste modo, da condição de assistido. O segundo tipo de beneficiário corresponde ao que apresenta menor probabilidade de aceder a um emprego estável, mas que possui laços sociais relativamente fortes. Trata-se, sobretudo, de pessoas prestadoras de cuidados a familiares, pelo que ou nunca trabalharam ou interromperam a sua actividade profissional por motivos familiares ou de saúde. Conscientes das dificuldades em ingressar, novamente, no mercado de trabalho, organizam-se em torno de actividades não profissionais, como o investimento na educação e cuidado dos filhos. O consumo é, para este tipo de beneficiário, o modo privilegiado de integração, pelo que o endividamento é um problema frequente. O terceiro tipo de beneficiário caracteriza-se pela acumulação de vulnerabilidades ao nível profissional e social, o que se traduz numa verdadeira espiral de pobreza, sendo de salientar as dificuldades vividas na infância e adolescência. Para este beneficiário, os esquemas de rendimento mínimo são encarados como um meio de sobrevivência.

## 1.2. O COMBATE À POBREZA E EXCLUSÃO SOCIAL

A extensão, complexidade e diversificação dos fenómenos de pobreza e exclusão social exigem medidas de combate igualmente complexas e exigentes, pelo que se reclama das políticas sociais um maior aprofundamento e reformulação, tendo em vista o alargamento e efectividade dos direitos sociais e cívicos (Capucha, 1998a). De facto, a consciência da heterogeneidade e efeitos da exclusão é determinante para a eficiência das políticas de combate, pelo que se deverão encontrar configurações mais gerais, capazes de dar conta da sua diversidade (Almeida, 1993).

Uma das prioridades actuais ao nível do combate à pobreza prende-se com a reforma do sistema de protecção social e políticas sociais, relativamente aos meios dispendidos para o efeito (Almeida, 1995; Rodrigues, 1996), e à crescente articulação entre Estado e Sociedade Civil (Capucha, 1998a).

De acordo com Ferrera *et al* (2000), a recalibragem das estruturas do modelo social europeu, ao nível político-institucional, deve passar pelo fomento da dimensão regional e local, na medida em que este é o contexto mais adequado tendo em vista o desenvolvimento da competitividade e da solidariedade social. As iniciativas de base local são, pois, determinantes no combate à pobreza e exclusão social pela articulação que promovem entre políticas, sectores, dimensões e agentes, permitindo uma visão conjugada e articulada do social (Rodrigues, 1996; Costa, 1998; Gros, 1998), bem como uma maior aproximação aos cidadãos e aos seus problemas (Capucha, 2002; Giddens, 2007).

O sistema tradicional de previdência social caracterizou-se pela transferência do risco do indivíduo para o Estado, tendo como objectivos primordiais a sua redução, bem como a procura de maior justiça social (Giddens, 2007). Em contraponto a esta visão, defende-se a utilização da designação de sociedade de bem-estar positivo, em que o Estado assume um papel central e regulador, mas não dominante. Trata-se, pois, de um Estado autonomizador, que utiliza o investimento social como um apoio ao reforço da cidadania participativa dos indivíduos, oferecendo, simultaneamente, protecção e dignidade. Esta abordagem do bem-estar positivo pressupõe, assim, uma acção intervencionista e preventiva<sup>2</sup> e não apenas uma abordagem correctiva, pelo que os

---

<sup>2</sup> Esping-Andersen (2002) refere, a este propósito, que o investimento e desenvolvimento de um Estado preventivo, que aposte no investimento social dos cidadãos e que procure evitar situações futuras de dependência é fulcral no combate à pobreza.

serviços de previdência social deverão ser concebidos no sentido de ajudar os indivíduos a ajudarem-se a si próprios (Giddens, 2007). Destaca-se, ainda, a necessidade de promoção do activismo social, ou seja, da participação activa e central das organizações da sociedade civil no que se refere à prestação e desenvolvimento de programas de previdência social.

A promoção de uma nova concepção de cidadania, assente no reforço das capacidades dos indivíduos e, por conseguinte, na negociação e contratualização dos benefícios com os serviços de acção social/assistência surge, assim, como um dos princípios determinantes no combate à pobreza (Capucha, 2002; Andersen, 2002). Pressupõe-se a recalibragem do círculo de negociação (Ferrera *et al*, 2000), de forma a atribuir mais oportunidades de participação e envolvimento activo dos grupos sociais mais desfavorecidos, promovendo-se a efectivação da sua cidadania. Os indivíduos em situação de pobreza são encarados como agentes sociais e não como meros alvos de políticas (Rodrigues (coord.) 2003; Fraser, 1993; Gros, 1998). Como tal, são chamados a participar na construção da sociedade mediante a acumulação e activação dos seus recursos e capitais sociais e culturais. No entanto, o facto da pobreza se consubstanciar, muitas vezes, em modos de vida específicos, que se tendem a perpetuar no tempo, exige o desenvolvimento de políticas estruturais de cariz mais profundo, que promovam alterações nas atitudes e comportamentos das pessoas.

### **1.2.1. As políticas de inserção**

A partir da década de 80 (Castel, 1998, 2005; Astier, 2007), equaciona-se uma via de transformação das políticas sociais, assentes numa lógica de activação e individualização (Capucha, 2005), de que são exemplo as denominadas políticas de inserção. Estas preconizam a flexibilização dos dispositivos institucionais, baseados na descentralização e horizontalidade da acção das instituições públicas e privadas, a institucionalização de novas formas de cooperação e co-responsabilização de todos os actores segundo uma lógica de parceria, ao nível territorial e a procura de uma crescente articulação entre as políticas sociais e económicas, mediante os dispositivos de inserção (Branco, 2001; 2008).

As políticas de inserção orientam-se numa lógica de discriminação positiva (Branco, 2008; Castel, 1998), sob a égide de uma cidadania activa e emancipada. Pretende-se promover a valorização do capital humano, segundo uma pedagogia da

cidadania (Capucha, 2005). Assiste-se, assim, à individuação, personalização, adaptação e singularização das políticas sociais, num processo de *assujétissement* (Ion e Ravon, 2005: 83), ou seja, num processo de individuação, entendido como “o processo em que o sujeito adquire um valor social positivo” (Ion, 2001 citado por Astier, 2007: 131). Estamos, pois, perante um *sujet apprenant* (Astier, 2007: 137), um sujeito enquanto produto das relações sociais e produtor de si mesmo (Faleiros, 2002).

Esta corrente de pensamento pressupõe a implicação e participação activa do beneficiário na definição e desenvolvimento da sua própria inserção. Estamos perante uma “assistência-inserção” (Branco, 2001: 9), na medida em que a intervenção social é considerada como um trabalho de construção identitária, de forma a instituir o outro como sujeito capaz de agir no espaço público (Soulet, 2005; Astier, 2007).

Assiste-se, assim, a uma reconfiguração do Estado, na medida em que activa as prestações, aproxima-se e acompanha os indivíduos em dificuldade e personaliza as suas intervenções (Soulet, 2005; Castel, 2005; Astier, 2007). O modelo da responsabilidade parece substituir o da solidariedade, na medida em que estamos perante a substituição da lógica de assistência, eventual e discricionária, pela lógica da inserção, de acordo com a qual “o direito [se] individualiza, [se] contratualiza” (Autès, 2005). Paulatinamente, é eliminada a dimensão colectiva e redistributiva da protecção social, à medida que a universalização dos direitos se articula com a individualização da protecção social.

### **1.2.2. O RMG/RSI enquanto política social activa**

É com as políticas de garantia de rendimentos, nomeadamente com a implementação do RMI em França, que as políticas de inserção adquirem uma expressão mais generalizada (Branco, 2008). Em Portugal, é criado o RMG em 1996<sup>3</sup>, actualmente denominado de RSI<sup>4</sup>, instituindo-se como um novo mínimo social. Para Sposati (1998) estabelecer mínimos sociais é mais do que um acto jurídico ou um acto formal, pois exige a constituição de um outro estatuto de responsabilidade pública e social. Para a autora, trata-se de iniciar um processo de revolução da consciência da cidadania e de definir o padrão societário de civilidade, ou seja, estabelecer o patamar de cobertura de riscos e de garantias que uma sociedade quer assegurar aos cidadãos.

---

<sup>3</sup> Lei 19-A/96 de 29 de Junho.

<sup>4</sup> Lei 13/2003 de 21 de Maio.

O RMG/RSI surge, assim, com o intuito de combater as formas mais extremas de pobreza e promover a autonomização e inserção social dos seus beneficiários (Capucha, 2005; Diogo, 2007). A sua implementação, inserida numa estratégia europeia de combate à pobreza e exclusão social, funda um novo patamar na rede de protecção social, na medida em que universaliza a garantia a um mínimo de subsistência e define, no quadro do sistema de protecção social, um direito universal que não deriva da lógica contributiva, mas da lógica de redistribuição de recursos e de solidariedade.

Rosanvallon (1995) faz referência à natureza híbrida do RMI, atendendo a que este não se constitui como um recurso de assistência tradicional nem como uma prestação de segurança social. Representa, assim, um novo tipo de direito social que tem por base o estabelecimento de um compromisso recíproco entre o indivíduo e a sociedade, com vista à inserção do beneficiário, o que marca a passagem de uma lógica estatutária das políticas sociais a uma lógica contratual. Constitui, assim, um objecto jurídico paradoxal, na medida em que se baseia numa espécie de direito individualizado em que o itinerário de inserção é adaptado às necessidades da pessoa e às possibilidades de oferta de inserção, o qual depende da situação de cada beneficiário (Astier, 2007).

A implementação deste novo tipo de ligação entre direito e obrigação conduz à complexificação e desenvolvimento da noção clássica de direitos sociais, uma vez que considera o cidadão como indivíduo activo, autónomo, responsável e capaz de desenvolver esforços em prol do seu bem-estar (Rodrigues (coord.), 2003). Preconiza-se a reformulação do princípio da contrapartida, que deixa de assentar num cariz contributivo, segundo a lógica do Estado Social clássico, passando a constituir-se na manifestação da vontade activa do indivíduo, no sentido da sua inserção social (Astier, 2007).

A activação do beneficiário pressupõe a ruptura com a distribuição automática e impessoal das prestações sociais, pelo que tem em conta a singularidade dos beneficiários, no sentido da reconstrução dos seus percursos individuais (Castel, 2005). Mais do que garantir a autonomia do indivíduo, pretende-se trabalhar a relação deste com a sociedade em que se insere, dotando-o das capacidades necessárias para que possa inverter a sua trajectória de vida, superar as situações de ruptura e antecipar as dificuldades (Astier, 2007). Desenvolve-se, assim, uma intervenção de cariz individualizado com os beneficiários, de incitação à acção e à mobilização dos seus recursos, tendo em vista a emancipação e inserção social.

Para Xiberras (1993) e Capucha (2005) a inserção social é encarada como um movimento duplo, resultante da vontade das pessoas e das famílias beneficiadas para iniciarem processos de ruptura com o seu passado, no sentido da assumpção da condição de cidadania e do esforço das instituições públicas e privadas para oferecerem às pessoas e famílias os meios adequados ao sucesso de tais processos.

O conceito de inserção social traduz-se em duas abordagens distintas. Por um lado, defende-se que a inserção não deverá ser mais do que uma simples passagem, uma etapa transitória no sentido da (re)integração no mercado de trabalho, pelo que se considera como verdadeira inserção aquela que se traduz num trabalho. É neste sentido que, ao nível do RMG/RSI e segundo Diogo (2007), a noção de inserção social que a lei preconiza não é clara, mas parece ser a da autonomia pelo rendimento. Existe um reconhecimento generalizado de que a alteração de rendimentos, nomeadamente pelo trabalho, é o único motivo que poderá ser lido como sucesso (MSST, 2002). No entanto, a precariedade laboral que caracteriza o mercado de trabalho contribui para que este, por si só, não seja garantia de autonomização do RMG/RSI, o que poderá constituir um factor explicativo dos processos de reentrada na medida, por exemplo, no caso de trabalhadores com contratos a termo certo ou abrangidos por medidas de emprego protegido (Paugam, 2005). Por outro lado, tendo em conta a diversidade dos modos de vida e as fases do ciclo de vida, a inserção poderá representar uma reconquista da dignidade individual, pelo que a inserção laboral poderá não ser o objectivo primordial em todos os casos (Astier, 2007; MTSS, 2002).

### **1.2.3. Impactes e efeitos do RMG/RSI**

O RMG/RSI, enquanto política social activa, assume-se como uma medida relevante de combate à pobreza e exclusão social, proporcionando um aumento da cobertura da protecção social e, por conseguinte, uma diminuição das desigualdades sociais (Capucha, 1998c). A este nível, Branco (2001) destaca as potencialidades da medida em reduzir ou atenuar as manifestações mais severas da pobreza, nomeadamente pelo acesso a padrões básicos de vida e de conforto. Como tal, esta medida de política social promove uma maior visibilidade dos modos de vida, estratégias e recursos da pobreza, o que poderá determinar a existência de mudanças na configuração das políticas sociais.

Quanto aos efeitos nos beneficiários, é de assinalar o de muitos indivíduos e famílias passarem a ter, pela primeira vez, uma fonte de receitas previsível e regular. Por outro lado, o facto desta medida prever o desenvolvimento de um programa de inserção pressupõe a existência de efeitos ao nível das condições de vida, nomeadamente, incidências na saúde, habitação e serviços sociais, repercussões na trajectória educacional e profissional, bem como, ao nível das identidades e da capacidade de relacionamento com as instituições (Capucha, 1998c).

A importância das políticas de garantia de rendimentos é visível pela atenuação dos efeitos sociais da degradação do mercado de trabalho, bem como, pela minimização dos tradicionais problemas da assistência, proporcionando aos beneficiários melhores condições de existência e possibilidades de participação na vida colectiva (Paugam, 1993) Além disso, o facto da gestão da medida ser realizada localmente, sobretudo no que diz respeito à vertente da inserção, pressupõe a existência de um sistema de parcerias entre o Estado, os órgãos de poder local, os parceiros sociais e as IPSS, de modo a conceber e executar intervenções em conjunto, a partir dos recursos e das experiências de cada instituição. Este direito assume, assim, a forma de dever moral da sociedade em oferecer, na medida do possível, acções e actividades adequadas aos beneficiários. Deste modo, o Estado deverá fortalecer o seu papel enquanto “fiador da coesão social” (Castel, 1998: 565), mobilizando os diferentes actores da inserção.

Procurou-se, neste capítulo, explanar teoricamente os fenómenos da pobreza e exclusão social, com especial destaque para os trabalhos mais actuais de construção de tipologias de pobreza e análise dos modos de vida. Analisaram-se perspectivas sobre o combate a estes fenómenos, nomeadamente as políticas de inserção e dispositivos de acompanhamento social, de que é exemplo o RMG/RSI, assente numa lógica de individuação e responsabilização do sujeito. No capítulo seguinte, apresenta-se o enquadramento metodológico desta investigação.

## [CAPÍTULO 2]

---

Neste capítulo, apresenta-se a estratégia metodológica desenvolvida, designadamente, os objectivos, orientação e enfoque da investigação, a triangulação de métodos (extensivo e intensivo) e as técnicas de recolha e análise de dados.

### **2.1. OBJECTIVOS, ORIENTAÇÃO E ENFOQUE DA INVESTIGAÇÃO**

Tendo como objecto de estudo o percurso longitudinal de ex-beneficiários de RSI, definiu-se como questão a investigar: Qual o impacte da medida de RSI na construção de trajectórias de inserção social e autonomização dos cidadãos beneficiários?

Assim, o presente trabalho tem como objectivo geral compreender, de um ponto de vista longitudinal, o impacte da medida de RSI nas trajectórias de inserção social e autonomização dos beneficiários. Como objectivos específicos, pretende-se: reconstituir as trajectórias de vida de ex-beneficiários; analisar os impactes da medida na dinâmica de satisfação de necessidades, inserção económica e social e modos de vida dos indivíduos e famílias beneficiárias; analisar a dinâmica e estratégias de autonomização dos indivíduos e famílias beneficiárias face ao RSI e outras medidas de apoio social às situações de pobreza e vulnerabilidade; recolher e analisar a construção da experiência dos sujeitos beneficiários do RSI enquanto medida de apoio social às situações de pobreza e vulnerabilidade e conhecer as disposições e perspectivas de futuro dos ex-beneficiários de RSI.

Firmino da Costa (1999) identifica três estratégias metodológicas distintas: a estratégia extensiva-quantitativa, a comparativa-tipológica e a intensiva-qualitativa. Tendo em conta os objectivos deste estudo, optou-se pelo desenvolvimento de um estudo de enfoque intensivo-qualitativo, embora considerando igualmente uma vertente extensiva-quantitativa. Para Sampieri *et al* (2006), o propósito do enfoque qualitativo consiste em “reconstruir” a realidade, tal como é observada pelos actores de um

determinado sistema social. Enfatiza-se a interpretação do sentido das acções, tendo em conta os significados que as pessoas lhes atribuem (Maxwell, 1997; Flick, 2004), pelo que pode ser considerado um exame intensivo em profundidade.

Rosanvallon (1995) salienta a importância de uma abordagem biográfica para a compreensão dos fenómenos da pobreza e exclusão social e alerta para a necessidade de uma particular atenção à natureza das trajetórias dos indivíduos. São, portanto, os processos de exclusão que é necessário ter em conta, uma vez que a pobreza se encontra sempre ligada a uma história pessoal. Esta abordagem longitudinal privilegia a metodologia qualitativa, de forma a reconstruir a lógica subjectiva da exclusão, mediante a análise do discurso directo dos beneficiários, do relato de acontecimentos cruciais e determinantes nas situações de ruptura dos laços sociais e ausências de perspectivas de futuro (Dubar, 1996).

O método biográfico permite, deste modo, captar a relação entre a objectividade das condições concretas de existência e a subjectividade das vivências. Torna acessível “o que escapa às estatísticas, às regularidades objectivas dominantes”, ou seja, focaliza “o particular, o marginal, as rupturas, os interstícios e os equívocos” (Digneffe, 1997: 209), de forma a captar a “espessura do social” (Gaulejac, 1984, citado por Digneffe, 1997: 210).

## **2.2. A COMBINAÇÃO DOS ENFOQUES INTENSIVO E EXTENSIVO: A TRIANGULAÇÃO DE MÉTODOS**

A compreensão da pobreza e exclusão social, enquanto processos estruturais e biográficos, requer uma análise das etapas percorridas e as lógicas subjectivas das experiências dos indivíduos nessa situação, articulando análises qualitativas e quantitativas (Dubar, 1996). De facto, “a complementariedade dos métodos de investigação quantitativos e qualitativos aumentam a fiabilidade dos resultados” (Fortin, 2003: 326), dada a superação das limitações e reforço das potencialidades de ambos os métodos.

Como tal, utilizou-se a triangulação inter-métodos, entendida como “a combinação de duas ou várias estratégias diferentes de investigação aplicadas a uma mesma unidade empírica” (Fortin, 2003: 324), designadamente métodos quantitativos e qualitativos de investigação. Esta combinação tem como propósito obter um conhecimento sobre o problema em estudo que seja mais alargado do que aquele que

seria obtido pelo enfoque qualitativo (Flick, 2004) e delimitar o problema de investigação (Fortin, 2003). Dado que este é um estudo eminentemente qualitativo, a triangulação foi efectuada de forma sequencial (Flick, 2004). A utilização do método quantitativo permitiu conhecer o universo dos titulares de processos de RSI cuja prestação foi cessada no ano de 2004, a partir do qual se desenvolveu a abordagem intensiva (Brannen, 1992).

### **2.3. TÉCNICAS DE RECOLHA E ANÁLISE DE DADOS**

No sentido de efectuar a abordagem extensiva, optou-se pela análise de processos sociais de RSI, na medida em que constituem “um registo riquíssimo dos problemas que afectam os cidadãos requerentes e titulares, da sua trajectória, dos seus pontos de vista e racionalidade, bem como um arquivo dos processos de intervenção institucional e técnica junto desses cidadãos, reveladores de orientações e práticas sociais de consideração e enfrentamento da pobreza e exclusão social” (Branco, 2001: 22).

Deste modo, foram analisados 92 processos sociais, referentes aos processos de RSI cessados no ano de 2004 no concelho de Ribeira Grande, sendo este o universo de pesquisa. De salientar que, de acordo com a base de dados existente, seriam 130 os processos sociais a analisar, no entanto, apenas 92 estavam disponíveis, dado que os restantes ou tinham sido transferidos para outros concelhos, ou não se encontravam acessíveis para consulta.

Os dados recolhidos foram sistematizados numa grelha de análise, de acordo com os seguintes itens: nome do titular; sexo; data de nascimento; grupo etário; estado civil; tipo de família; número de adultos; número de filhos; número de menores; escolaridade; ocupação; profissão; ramo de actividade; natureza do trabalho; tipo de habitação; estado de conservação da habitação; data e motivos do requerimento; data e motivos do cancelamento da prestação; áreas do acordo de inserção e impactes do RSI. Procedeu-se ao tratamento estatístico dos dados, mediante a utilização de software informático (SPSS statistics 17.0.1.)

Posteriormente, efectuaram-se 12 entrevistas de orientação biográfica aos ex-beneficiários (cf. anexos I e II), de forma a conhecer os “mundos de vida e tramas singulares” (Pais, 2001: 11-12) e a captar os diferentes capitais de experiência biográfica (Bertaux, 2001). Procurou-se uma compreensão, de carácter intensivo, das

suas trajetórias de vida, da experiência (objectiva e subjectiva) da vivência enquanto beneficiário e os impactes da medida de RSI nas condições materiais, trajetória social e modos de vida (cf. anexo III).

Utilizou-se uma amostra não probabilística (Beaud, 2003: 210; Fortin, 2003), segundo o princípio da variação máxima (Flick, 2004: 82), isto é, a selecção intencional de uma amostra heterogénea, até atingir a saturação informativa (Pais, 2001; Brannen, 1999), tendo por base os processos analisados. Trata-se, pois, de uma amostra teórica, não sendo “representativa, no sentido estatístico, mas sobretudo representativa de cada uma das experiências, das formas de interacção ou das situações em estudo. A saturação da amostra, dita ‘saturação teórica’ é atingida quando o investigador não obtém mais dados novos (...) representando um aspecto da realidade em estudo que não foi ainda descrito” (Fortin, 2003: 152). O valor heurístico dos dados recolhidos é, pois, teórico, em que a representação do objecto investigado é progressivamente construída (Houle, 2003).

Após a realização das entrevistas (cf. anexo IV), efectuou-se uma análise qualitativa dos dados, mediante um tratamento compreensivo e interpretativo dos materiais recolhidos, através da análise de conteúdo temática (Carmo & Ferreira, 2008; Bardin, 1991; Bertaux, 2001; Landry, 2003; Guerra, 2006), com a utilização de *software* informático para o efeito (Maxqda versão 2007).

No capítulo seguinte, apresentam-se os dados empíricos obtidos, que serão analisados tendo em consideração o enquadramento teórico do presente trabalho.

## [CAPÍTULO 3]

---

Neste capítulo, procede-se à análise e interpretação dos dados, à luz dos referenciais teóricos (cf. anexo V). Como tal, efectua-se uma caracterização global do universo dos beneficiários de RSI cuja prestação foi cessada no ano de 2004, mediante uma abordagem extensiva, bem como a análise das trajectórias de vida, mediante um procedimento de amostragem, segundo uma lógica intensiva.

### **3.1. ABORDAGEM EXTENSIVA: CARACTERIZAÇÃO GLOBAL DOS BENEFICIÁRIOS DE RSI**

Tendo por base a análise de 92 processos sociais, procede-se à análise dos dados recolhidos. O facto dos processos consultados carecerem de informação disponível constituiu um condicionalismo, pelo que a análise dos dados será mais descritiva do que interpretativa.

#### **3.1.1. A titularidade do processo de RSI**

Relativamente à caracterização por género, constata-se que a titularidade do processo assume valores muito semelhantes para ambos os sexos, designadamente 48,9% referente ao sexo feminino e 51,1% relativamente ao sexo masculino (ver quadro 3.1). Embora sejam as mulheres que, tradicionalmente, recorrem aos serviços de acção social, foi orientação dos serviços de acção social atribuir a titularidade do processo de RSI ao “chefe de família”, o que poderá ser factor explicativo da preponderância do sexo masculino relativamente à titularidade do processo. Estes dados não vão de encontro aos obtidos no estudo do MSST relativo aos impactes do RMG (2002), uma vez que, no referido estudo, 71% dos titulares da prestação são do sexo feminino. De facto, “a Região Autónoma dos Açores é a região do país em que a titularidade

masculina é mais expressiva, apresentando 33,9% contra 28,6% a nível nacional” (Guerra e Antunes, 2009: 134).

**Quadro 3.1 – Distribuição dos titulares por género**

	<b>Frequência</b>	<b>Percentagem</b>
<b>Feminino</b>	45	48,9
<b>Masculino</b>	47	51,1
<b>Total</b>	92	100,0

*Fonte: Análise dos Processos Sociais RSI, Maio 2009*

Quanto à distribuição por grupos etários, verifica-se que os titulares dos processos de RSI encontram-se, maioritariamente, no grupo etário dos 45-54 anos (27,2%). Com idades compreendidas entre os 35 e os 44 anos encontram-se 22,8%, enquanto que o grupo etário dos 55-64 anos representa 17,4% do total da população titular e os titulares com mais de 65 anos 8,7% (ver quadro 3.2).

**Quadro 3.2 – Distribuição dos titulares por grupos etários**

	<b>Frequência</b>	<b>Percentagem</b>
<b>Sem dados</b>	1	1,1
<b>18-24</b>	7	7,6
<b>25-34</b>	14	15,2
<b>35-44</b>	21	22,8
<b>45-54</b>	25	27,2
<b>55-64</b>	16	17,4
<b>Maior 65</b>	8	8,7
<b>Total</b>	92	100,0

*Fonte: Análise dos Processos Sociais RSI, Maio 2009*

Também Guerra e Antunes (2009) fazem referência ao facto dos titulares do RSI serem relativamente jovens, dado que, no estudo em referência, 53,9% têm até 44 anos e 20,1% até 34 anos de idade. A corroborar estes dados, e de acordo com o estudo do MSST (2002), os titulares com idades compreendidas entre os 25 e os 44 anos correspondem a 46,6% da população titular. Assim, poderemos estar perante “um contexto de reprodução social e intergeracional da pobreza, dizendo respeito a situações de baixa qualificação profissional e escolar, que resultam em precariedade de emprego e

baixas remunerações ou mesmo em situações de desemprego de longa duração de indivíduos em idade activa” (MSST, 2002: 27).

Da análise dos níveis de escolaridade, depreende-se que estamos perante uma população com fracos recursos escolares, dado que 50% da população titular da qual foi possível apurar o grau de escolaridade (73 processos) possui até ao 1º ciclo do ensino básico e 13% não possui qualquer escolaridade. Quanto ao segundo e terceiro ciclos do ensino básico e ensino secundário, registam-se valores de 10,9%, 4,3% e 1,1%, respectivamente (ver quadro 3.3).

**Quadro 3.3 - Distribuição dos titulares por níveis de escolaridade**

	<b>Frequência</b>	<b>Percentagem</b>
<b>Sem dados</b>	19	20,7
<b>1º ciclo EB</b>	46	50,0
<b>2º ciclo EB</b>	10	10,9
<b>3º ciclo EB</b>	4	4,3
<b>Ensino Secundário</b>	1	1,1
<b>Sem escolaridade</b>	12	13,0
<b>Total</b>	92	100,0

*Fonte: Análise dos Processos Sociais RSI, Maio 2009*

Efectuando uma análise de frequências por sexos e por grupos etários, constata-se que 60,9% dos indivíduos que possuem até ao 4º ano de escolaridade pertencem ao sexo masculino e 39,1% ao sexo feminino. Quanto à distribuição por grupos etários, verifica-se que 37% destes indivíduos se encontra no grupo etário dos 45-54 anos. De salientar, ainda, que 19,5% possui até 34 anos de idade, o que demonstra a baixa escolaridade da população mais jovem. Quanto aos indivíduos sem escolaridade, a sua distribuição por sexos é idêntica (50%), sendo que é no grupo etário dos 35-44 anos que se registam maior número de pessoas sem escolaridade (33,3%), seguido dos indivíduos com mais de 65 anos (25%). Refira-se que 16,6% das pessoas sem escolaridade têm até 34 anos de idade.

Relativamente à ocupação (ver quadro 3.4), 39,1% dos titulares trabalham, sendo a construção e obras públicas (36,1%) e os serviços pessoais e domésticos (27,8%) os principais ramos de actividade (cf. anexo VI). Assiste-se, portanto, ao impacto que as baixas qualificações escolares possuem no tipo de profissão desempenhada.

**Quadro 3.4 – Distribuição dos titulares por ocupação**

	Frequência	Percentagem
<b>Sem dados</b>	1	1,1
<b>Desempregado</b>	15	16,3
<b>Doméstica</b>	13	14,1
<b>Estudante</b>	3	3,3
<b>Pensionista</b>	24	26,1
<b>Trabalhador</b>	36	39,1
<b>Total</b>	92	100,0

Fonte: *Análise dos Processos Sociais RSI, Maio 2009*

Atendendo a que apenas 15 processos dispunham de informação relativa ao tipo de contrato de trabalho dos beneficiários (cf. anexo VI), não é possível concluir qual o tipo de relação laboral predominante, embora seja de referir que, de acordo com Guerra e Antunes (2009) 91,4% dos beneficiários trabalham por conta de outrem, desenvolvendo a sua actividade através de prestação de serviços (66,7%). De facto, assume particular expressão o número de cidadãos beneficiários que desempenham uma actividade laboral, o que configura um contingente de *working poors* (Diogo, 2007:140), dado que, geralmente, se enquadram em profissões pouco qualificadas, com vínculos laborais precários e com baixos níveis remuneratórios, níveis esses que permitem o acesso à medida de RSI. Assim, aliada à fragilidade das qualificações escolares também as debilidades do próprio mercado de emprego condicionam a inserção social dos cidadãos beneficiários.

Destaque, ainda, para o número de pensionistas beneficiários (26,1%), em que o RSI surge como mecanismo de compensação face à situação de insuficiência de rendimentos, atendendo aos montantes das pensões auferidas. Esta situação é também referenciada por Guerra e Antunes (2009), dado que 18,2% dos titulares são pensionistas. No estudo do MSST (2002), estes representam apenas 9,5%, valor pouco expressivo comparativamente com os anteriormente apresentados.

Dos processos analisados, foi também possível constatar que 16,3% dos titulares se encontravam em situação de desemprego. Tendo por base uma análise de frequências, é de salientar as baixas qualificações que caracterizam as pessoas nessa situação, dado que 46% possui até ao 4º ano de escolaridade e 20% não possui qualquer escolaridade, factor determinante para o comprometimento da inserção profissional destes indivíduos. De acordo com Guerra e Antunes (2009) os titulares de RSI em

situação de desemprego é de 19,5%, o que corresponde a quatro vezes mais o valor da taxa de desemprego regional. Estes valores, referentes à realidade açoriana, diferem dos obtidos pelo MSST (2002), segundo o qual 30,3% dos titulares estão desempregados.

Um dos traços característicos da sociedade açoriana prende-se com o afastamento da mulher em relação ao mercado de trabalho, fenómeno este marcado por uma multiplicidade de problemáticas a ele associado, nomeadamente, por uma dimensão cultural muito acentuada. Assim, 14,1% dos titulares são mulheres que não exercem actividade profissional remunerada, ocupando-se das tarefas domésticas. Este valor é ainda mais acentuado no estudo do MSST (2002), segundo o qual 29,2% dos titulares são domésticas, o que poderá ser justificado pela predominância das mulheres ao nível da titularidade do processo de RSI. O mesmo se verifica em Guerra e Antunes (2009), com 36,4% dos titulares domésticas.

### **3.1.2. Agregado familiar e situação habitacional**

No que se refere ao tipo de família, são as famílias nucleares com filhos que assumem maior expressão, representando 60,9%, seguindo a tendência dos outros estudos já referenciados (MSST, 2002; Guerra e Antunes, 2009). Os indivíduos em situação de isolamento são de realçar, dado que constituem 13% (7,6% referente ao sexo feminino e 5,4% relativo ao sexo masculino), o que demonstra a vulnerabilidade à pobreza dos indivíduos que vivem isolados. Este valor é mais significativo no caso do estudo do MSST (2002), na medida em que os indivíduos nesta situação representam 22,1% do total.

Importa também destacar que 10,9% dos processos analisados correspondem a famílias monoparentais femininas, não se registando nenhum caso de famílias monoparentais masculinas. Da análise destes processos sociais, e à semelhança do estudo levado a cabo pelo MSST (2002), segundo o qual 19% das famílias beneficiárias são monoparentais femininas, constatamos a “existência de três eixos de inteligibilidade biográfica” neste tipo de família (MSST, 2002: 48). Por um lado, as situações de ruptura conjugal, que poderão traduzir-se num processo de divórcio (um caso) ou de separação (quatro casos). Por outro lado, as situações de viuvez (quatro casos) e, por último, situações de gravidez precoce, na sequência da qual não se constitui uma relação conjugal com o progenitor (um caso). De referir que as famílias nucleares sem filhos representam 9,8%, ao passo que as famílias alargadas constituem 5,4% (ver quadro 3.5).

**Quadro 3.5 – Distribuição dos titulares por tipo de família**

	<b>Frequência</b>	<b>Percentagem</b>
<b>Alargada</b>	5	5,4
<b>Isolado feminino</b>	7	7,6
<b>Isolado masculino</b>	5	5,4
<b>Monoparental masculina</b>	0	0,0
<b>Monoparental feminina</b>	10	10,9
<b>Nuclear com filhos</b>	56	60,9
<b>Nuclear sem filhos</b>	9	9,8
<b>Total</b>	92	100,0

*Fonte: Análise dos Processos Sociais RSI, Maio 2009*

Quanto ao número de elementos do agregado familiar (cf. anexo VI), verifica-se que a maioria é composta por dois adultos (51,1%) e por um, dois ou três filhos, com 19,6%, cada. Constata-se que a percentagem de agregados familiares com quatro a sete filhos é de 16,3%, o que revela a expressão que as famílias numerosas assumem. Esta situação “pode revelar um reforço dos laços sociais primários (...) [mas] pode também traduzir situações de maior vulnerabilidade à pobreza pela eventual dificuldade em se fazer face à satisfação das necessidades básicas” (Guerra e Antunes, 2009).

No que diz respeito ao estado civil, os dados vão de encontro aos anteriormente apresentados, dado que 78,3% da população titular é casada, enquanto que 10,9% é solteira. Os titulares viúvos e divorciados são de 9,8% e 1,1%, respectivamente (ver quadro 3.6).

**Quadro 3.6 – Distribuição dos titulares por estado civil**

	<b>Frequência</b>	<b>Percentagem</b>
<b>Casado</b>	72	78,3
<b>Divorciado</b>	1	1,1
<b>Solteiro</b>	10	10,9
<b>Viúvo</b>	9	9,8
<b>Total</b>	92	100,0

*Fonte: Análise dos Processos Sociais RSI, Maio 2009*

Relativamente à situação habitacional (cf. anexo VI), designadamente o regime de ocupação, verifica-se que 41,3% dos agregados familiares residem em habitação própria e que 18,5% residem em habitação de familiares. De referir que não existem informações sobre o regime de ocupação em 16 processos. Dos 74 processos sociais com informações relativas ao tipo de habitação, constata-se que 73,9% residem em casa

unifamiliar. Quanto ao estado de conservação da habitação, 34,8% apresenta um bom estado de conservação, enquanto 25% dos 75 processos sociais fazem referência a um estado razoável de conservação da habitação.

### 3.1.3. O (re)ingresso no RSI: dos números aos motivos

Considera-se que a análise do número de requerimentos constitui um eixo de interpretação analítica de extrema pertinência, dado que pode constituir um elemento de avaliação dos impactes do RSI, nomeadamente, quanto ao percurso de inserção dos seus beneficiários. Assim, verifica-se que 38% dos processos analisados apresentam mais do que um requerimento<sup>5</sup> (27,2% efectuou dois requerimentos e 10,9% apresenta entre três a cinco requerimentos), enquanto os titulares com apenas um requerimento representam 62% (ver quadro 3.7).

*Fonte: Análise dos Processos Sociais RSI, Maio 2009*

**Quadro 3.7 – Distribuição dos titulares por número de requerimentos**

		Frequência	Percentagem
Pel a	<b>1 Requerimento</b>	56	60,9
	<b>2 Requerimentos</b>	25	27,2
	<b>3 Requerimentos</b>	4	4,3
	<b>4 Requerimentos</b>	3	3,3
	<b>5 Requerimentos</b>	4	4,3
	<b>Total</b>	92	100,0

distribuição de frequências constata-se que os titulares com idades até aos 34 anos representam 22,8%, valor este que merece especial destaque, sobretudo de for interpretado em relação com o número de requerimentos, visto que 52,4% do total dos titulares com idades até aos 34 anos já requereu RSI mais do que uma vez. Da consulta destes processos sociais, verifica-se que os problemas relacionados com o emprego, designadamente situações de desemprego e irregularidade/precariedade laboral, a fraca qualificação escolar e profissional, o facto de serem famílias numerosas e a monoparentalidade se afiguram como os principais factores da permanência na medida.

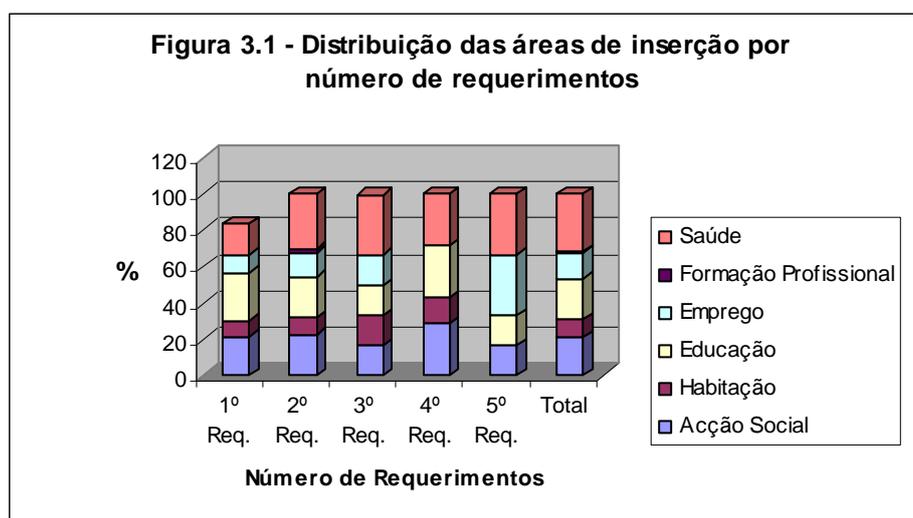
A análise dos motivos dos vários requerimentos encontra-se dificultada, visto esta ser uma informação que está apenas disponível em trinta e dois processos, no que se refere ao primeiro requerimento, em nove processos em relação ao segundo requerimento, em quatro processos no terceiro requerimento, em três processos

<sup>5</sup> De acordo com dados de Janeiro de 2009, nos Açores, 14,01% dos processos cessados na RAA voltaram a recorrer ao RSI (IAS, 2009).

relativamente ao quarto e quinto requerimentos. Contudo, verifica-se que, de um modo geral, é a vivência de uma situação de insuficiência de rendimentos (26,1% para o primeiro requerimento) que determina o acesso à medida (cf. anexo VI).

### 3.1.4. Os acordos de inserção: a saúde, educação e acção social como áreas predominantes.

No que concerne aos acordos de inserção<sup>6</sup>, verifica-se que foram assinados 77 acordos, correspondendo a 183 acções. Da análise dos processos sociais, e relativamente às áreas de inserção, destacam-se a saúde (31,9%), a educação (22,1%) e a acção social (21,2%). Com valores menos expressivos surgem o emprego (14,6%) e a habitação (9,9%) (ver figura 3.1. e cf. anexo VI).



Fonte: Análise dos Processos Sociais RSI, Maio 2009

O estudo coordenado por Guerra e Antunes (2009), apresenta resultados semelhantes, no que diz respeito às áreas de inserção, destacando-se a área da saúde (52,8%), seguida das áreas da acção social (17,2%) e educação (15,6%).

Assim, a aposta no combate e prevenção de problemas relacionados com a saúde é visível pelo peso que esta área assume nos acordos de inserção. O acesso a consultas de medicina familiar, ou de especialidade e o cumprimento do Plano Nacional de Vacinação são algumas das acções que são objecto de contratualização com os beneficiários. No que diz respeito à área da acção social, as acções mais frequentes

<sup>6</sup> O acordo de inserção é constituído por um conjunto de acções contratualizadas destinadas à gradual inserção social dos titulares e restantes elementos do agregado familiar.

prendem-se com o acompanhamento técnico/apoio psicossocial, bem como, a educação e cuidados aos filhos. A participação em actividades de reforço das competências pessoais e sociais, nomeadamente acções de sensibilização e cursos de formação pessoal e social são também frequentes nos acordos de inserção contratualizados.

De salientar a importância que a educação assume enquanto área dos acordos de inserção, sobretudo atendendo à fraca qualificação escolar que caracteriza a população beneficiária. A educação constitui-se, assim, como elemento chave na ruptura com trajectórias de exclusão e, conseqüentemente, na construção de percursos de autonomização dos beneficiários. Quanto à área da habitação, a manutenção e conservação da mesma, bem como, o pagamento de renda, no caso de habitações sociais, são algumas das acções mais frequentes, bem como, a inscrição em programas de realojamento junto das entidades competentes.

Tendo em conta que a autonomização da medida implica um acréscimo de rendimentos do agregado familiar, a fraca expressão da área do emprego parece suscitar, três questões: “será que estamos perante uma aposta numa dimensão mais social da inserção, de reforço das competências pessoais e sociais, aposta esta prévia à integração profissional? De que forma os parceiros com assento nos NLI’s, com competências nas áreas do emprego e formação profissional, se mobilizam efectivamente no sentido da inserção profissional dos beneficiários de RSI? Em que medida os Açores dispõem de recursos ao nível do emprego adequados às características dos beneficiários?” (Guerra e Antunes, 2009: 163)

Torna-se, então, pertinente questionar se “as estatísticas de inserção não reflectem sobretudo a cultura institucional do aparelho de acção social e as disponibilidades de actividades onde os beneficiários se podem enquadrar e não tanto as suas necessidades, particularmente em termos de emprego e de formação profissional” (Diogo, 2007: 137), havendo, assim, uma adaptação das necessidades dos beneficiários às ofertas de inserção. Parece, pois, que à lógica das acções à medida substitui-se a lógica das acções à medida do que existe (Branco, 2001).

### **3.1.5. Motivos de cessação da prestação de RSI: a almejada inserção?**

Ao analisar os motivos de cessação da prestação de RSI, constata-se que, para o primeiro requerimento, estes ocorrem, na sua maioria, por rendimentos superiores (28,3%), por falsas declarações (10,9%) e por incumprimento do acordo de inserção (9,8%). No entanto, a falta de informação disponível condiciona a análise dos dados, na medida em que, para 79,3% dos processos, não foi possível apurar o motivo da cessação da prestação (ver quadro 3.8).

	1º Req.	2º Req.	3º Req.	4º Req.	5º Req.	Total	Fonte:
<b>Detenção do titular</b>	1,1	0,0	0,0	0,0	0,0	0,2	Análise dos Processos
<b>Falsas declarações</b>	10,9	2,2	1,1	0,0	0,0	2,8	Sociologia
<b>Incumprimento do acordo de inserção</b>	9,8	1,1	0,0	0,0	0,0	2,2	RSI, Maio 2009
<b>Não celebração do acordo de inserção</b>	0,0	3,3	2,2	2,2	0,0	1,5	
<b>Morte do titular</b>	5,4	1,1	0,0	0,0	0,0	1,3	
<b>Pedido do titular</b>	2,2	0,0	0,0	0,0	0,0	0,4	
<b>Rendimentos superiores</b>	28,3	5,4	1,1	1,1	0,0	7,2	
<b>Outros motivos</b>	19,6	4,3	5,4	2,2	1,1	6,5	
<b>Sem dados</b>	22,8	89,8	90,2	94,6	98,9	79,3	

Ao reflectir sobre o impacto da medida de RSI na construção de trajectórias de autonomização e inserção dos cidadãos beneficiários verificamos que, segundo Diogo (2007), a alteração de rendimentos surge como o único indicador de sucesso de autonomização da medida, sendo este que apresenta maior número de ocorrências. No entanto, de forma a compreender a “real” inserção dos cidadãos beneficiários, analisaram-se os processos sociais com mais do que um requerimento, em relação com o motivo de cessação do primeiro requerimento.

Assim, dos processos sociais com mais do que um requerimento, em que é possível apurar o motivo de cancelamento do primeiro requerimento da prestação de RSI (25 processos) verifica-se que, segundo uma análise de frequências, para 28% (sete processos) dos cidadãos beneficiários que regressaram à medida, o incumprimento do acordo de inserção constituiu o motivo do cancelamento da prestação, enquanto que 20% (cinco processos) tiveram a alteração de rendimentos como fundamento da cessação. Neste caso, o trabalho *per se* poderá não ser uma garantia de autonomização e de independência do RSI ou de outros apoios sociais públicos, sobretudo quando assume contornos de irregularidade ou precariedade, pelo que a cessação do direito à

prestação poderá não ser, necessariamente, um indicador de uma melhoria estável da situação vivida pelos indivíduos.

Por outro lado, o peso que assume a cessação da medida por incumprimento do acordo de inserção poderá estar relacionado com o facto deste não se adequar, na sua totalidade, às características e necessidades individuais dos beneficiários, o que compromete o cumprimento por parte destes. Relativamente à cessação por falsas declarações, a ideia generalizada entre beneficiários de que o desempenho de actividade laboral constitui motivo de cessação da prestação poderá ser um factor de ocultação de rendimentos.

Em síntese, verifica-se que os titulares do RSI são relativamente jovens, visto 22,8% terem entre 18 a 34 anos e 50% terem idades compreendidas entre os 35 e os 54 anos. A baixa qualificação profissional e escolar que caracteriza os indivíduos titulares (50% possui até o 4º ano de escolaridade), bem como, a integração em ramos de actividade pouco diferenciados e de baixa remuneração, poderão constituir factores explicativos da vivência de uma situação de pobreza, determinando o acesso à medida de RSI. Além disso, a expressão que assumem indivíduos não integráveis no mercado de trabalho, como os pensionistas (26,1%), evidencia a insuficiência das políticas sociais no sentido de assegurar níveis mínimos de bem-estar, designadamente ao nível das pensões de reforma e viuvez. Também pessoas em idade activa, que não se encontram no mercado de trabalho, quer por factores estruturais ou conjunturais (desemprego), quer por factores culturais (não integração da mulher no mercado de trabalho) vêm reconhecido o direito ao RSI. Assim, a experiência de desemprego (16,3%), aliada à baixa qualificação (46% possui até ao 4º ano de escolaridade), por um lado, e a não integração da mulher no mercado de trabalho (14,1%), por outro, parecem comprometer a inserção social destes indivíduos.

Embora a maioria dos titulares apresente um requerimento (60,9%), o facto de 38% dos processos analisados apresentarem entre dois a cinco requerimentos, exige uma reflexão a este nível, sobretudo quando 52,4% dos titulares com idade até aos 34 anos já requereu RSI mais do que uma vez. Apesar da cessação do direito à medida ocorrer, maioritariamente, por rendimentos superiores (28,3%), questiona-se, assim, se este poderá constituir um indicador de uma melhoria estável das condições de vida destes indivíduos. Da análise dos processos sociais, depreende-se que os problemas relacionados com o emprego e a baixa escolaridade surgem como os principais

obstáculos a uma efectiva inserção social. A predominância destes problemas poderá ser um factor explicativo do peso que as áreas da saúde, educação e acção social assumem nos acordos de inserção assinados. Poderemos estar perante uma concepção mais ampla do conceito de inserção social, tendo por base uma aposta no reforço das competências pessoais e sociais, bem como, ao nível do combate e prevenção das vulnerabilidades relacionadas com a saúde. Por outro lado, a preponderância das áreas acima mencionadas poderá reflectir a tradicional cultura institucional, centrada nos serviços típicos do Estado-providência e não nas características e necessidades individuais dos beneficiários.

### **3.2. ABORDAGEM INTENSIVA: (RE)CONSTRUINDO TRAJECTÓRIAS DE VIDA**

Atendendo aos objectivos do presente trabalho, efectuaram-se 12 entrevistas de orientação biográfica a ex-titulares da prestação, de forma a compreender as suas trajectórias de vida antes, durante e depois do RSI (cf. anexo VII). Neste ponto, apresentam-se e analisam-se os dados recolhidos (cf. anexo VIII).

#### **3.2.1. Trajectória antes do RSI**

##### *3.2.1.1. Origem social*

A baixa escolaridade e o desempenho de profissões pouco diferenciadas pelos pais caracterizam a origem social de todos os entrevistados. A maioria dos progenitores são analfabetos (quatro casos), enquanto as progenitoras possuem o 3º ou 4º ano, com três casos respectivamente. Na maioria das situações, apenas o homem desempenhava uma actividade profissional remunerada, ligada ao sector primário.

##### *3.2.1.2. Representações do passado*

Para seis entrevistados, a infância e adolescência são recordadas de forma marcadamente negativa, associadas à vivência de privações materiais, prática de mendicidade, desempenho precoce de actividade profissional, ou prestação de apoio nas

tarefas domésticas e cuidados a irmãos, pela existência de conflitos familiares, ou, ainda, pela inexistência de contacto com os progenitores.

“Recordações é que eu comecei a trabalhar aos 7 anos. Estava na escola e a trabalhar. Ia para a escola e quando voltava o meu pai obrigava-me a ir para o terreno trabalhar.” (E9 – Alberto, 50 anos, casado, tratador de gado, 1 requerimento)

“Lembro-me de quando era pequenina ajudava a minha mãe (...) Às vezes eu ia para o lixo para procurar brinquedos para brincar.” (E10 – Verónica, 28 anos, casada, doméstica, 2 requerimentos)

Em quatro casos, predomina uma visão positiva da infância, associada aos momentos vividos no espaço escolar, ao trabalho ou às épocas festivas.

“Os momentos que me lembro, eu estava na escola, tinha as minhas amigas, curtíamos a vida de jovem, brincava. Se estou triste, lembro o passado e fico melhor.” (E1 – Filipa, 25 anos, casada, operária fabril, 2 requerimentos)

“O Natal traz saudades. Mesmo já na adolescência o Natal é uma altura que marca (...) Era diferente. Sempre acontecia algo de bom. Até é inexplicável, mas acontecia.” (E6 – Graça, 41 anos, união de facto, empregada de limpeza, 3 requerimentos)

Duas entrevistadas apresentam uma visão ambivalente da infância, relatando aspectos positivos como o namoro, a dedicação e empenho com que desempenhavam as actividades domésticas e aspectos negativos, nomeadamente a ausência de actividades lúdicas adequadas ao seu desenvolvimento psicossocial e existência de maus-tratos.

Recordo-me de muita coisa boa e muita coisa má (...) a gente levava, isso eu recordo-me (...) agora é uma infância muito bonita, não é daquelas coisas antigas, de ir para a ribeira lavar os tapetes, essas coisas assim (...) Penso eu que naquele tempo havia perante as coisas que a gente fazia, havia muito mais amor, agora é tudo através de máquinas, já não dá aquele interesse, a gente tinha que ir esfregar, até a gente ficava mais magras, com os braços todos cheios de músculo. (E8 – Isabel, 29 anos, separada, empregada de limpeza, 5 requerimentos)

A existência de dificuldades económicas caracteriza o passado de dez entrevistados, exceptuando dois casos em que a actividade profissional do progenitor garantia a satisfação das necessidades básicas da família. Assiste-se a uma vivência imediatista do dia-a-dia, de acordo com recursos económicos disponíveis. O trabalho, as redes de solidariedade informal, o cultivo de produtos alimentares são algumas das formas apontadas de superação das dificuldades.

“Sempre tinha aquelas vizinhas que a gente dava-se melhor e que eram boas pessoas, vinham aqui a casa, sempre vinham trazer um pãozinho para a gente comer, sempre vinham trazer um leite chocolateado quente, recordo-me tão bem disso, das cafeteiras de elas virem cá à porta trazer, eu era pequenina, devia ter uns cinco, seis anos.” (E8 - Isabel, 29 anos, separada, empregada de limpeza, 5 requerimentos)

“Os meus pais eram muito pobres. Não tinham com o que viver. Viviam de esmola numa casinha dos meus avós (...) Eu desde muito nova tive de trabalhar, infelizmente (...) Não havia ajudas nenhuma (...) Os antigos tinham de trabalhar muito para criar os seus filhos.” (E12 – Carmélia, 64 anos, viúva, doméstica, 3 requerimentos)

No entanto, enquanto para Graça a vivência de privações materiais não foi impeditiva de uma vivência feliz, para Maria parece ter sido determinante na experiência de sentimentos de angústia e incerteza face ao futuro.

“Não éramos uma família muito abonada (...) Passamos dificuldades mas éramos felizes.” (E6 - Graça, 41 anos, união de facto, empregada de limpeza, 3 requerimentos)

“Quando a gente cresce e traz uma adolescência destas ficamos com muito medo da vida e que nos vai acontecer daquilo para a frente.” (E11 – Maria, 43 anos, casada, doméstica, 2 requerimentos)

Todos os entrevistados referem, de um modo geral, a existência de uma boa relação familiar. Apenas duas entrevistadas referem a existência de alguns conflitos intra-familiares. No geral, os entrevistados recordam alguns momentos em família, nomeadamente, as épocas festivas, a partilha e entreaajuda existentes no desempenho das tarefas domésticas. Apesar das dificuldades sentidas, referem a união familiar característica do passado, em detrimento do afastamento hoje verificado. O passado e os momentos em família são revividos de forma saudosista.

### *3.2.1.3. Trajectória escolar*

A baixa escolaridade caracteriza a trajectória escolar dos entrevistados, dado a maioria (oito casos) possuir até ao 4º ano de escolaridade. Quanto aos motivos subjacentes à interrupção da escolaridade, a imposição parental, o início de actividade laboral e a prestação de apoio a familiares são os mais significativos (seis casos).

“O meu pai nunca me deu incentivo, como eu dou aos meus filhos (...) Eu lembro-me quando saí da escola com a 6ª classe, eu tinha uma irmã que estava no Canadá e ela disse ao meu pai ‘O Alberto já que chegou a esse ponto porque não continua?’ e ele disse ‘a caneta dele já está reservada’, que era o cabo de sacho.” (E9 - Alberto, 50 anos, casado, tratador de gado, 1 requerimento)

A conclusão da escolaridade obrigatória é referida por dois entrevistados como a razão subjacente à interrupção da escolaridade. Situações de gravidez na adolescência, discriminação social, insucesso escolar e inexistência de apoios sociais formais são outras das razões apontadas (quatro casos).

“Até ao 4º ano, a primária, eu passei sempre. Daí fui para o ciclo preparatório, mas uma coisa que me marcou é que as pessoas faziam troça de quem andava mais mal vestido e eu era uma das lesadas. E havia a professora de ciências, que eu nunca mais me esqueci, eu tinha 10 anos, e ela pediu que explicássemos a evolução do Homem. Eu via muitos documentários e eu disse que a evolução do Homem partia do macaco. Ela chamou-me de deficiente na aula e isso marcou-me para toda a vida. Mas passados onze anos, ela reconheceu-me e veio pedir-me desculpa. Isso marcou-me imenso. Deixei de frequentar a escola por causa desses motivos. Deixei de gostar da escola.” (E6 - Graça, 41 anos, união de facto, empregada de limpeza, 3 requerimentos)

Quanto à relação com a escola, a maioria (oito casos) refere que gostava de frequentar a escola. Quatro entrevistados referem, ainda, o seu bom desempenho escolar, no entanto, a existência de dificuldades de aprendizagem e a experiência de situações de discriminação social são alguns factores apontados como inviabilizadores da continuidade do percurso escolar e da existência de uma visão positiva da escola.

“Gostava e não gostava. O professor também não era muito bom porque o que ele queria era o estudo de plantas e flores e isso não dá para nada, por isso fui trabalhar. Gostava de aprender a ler, fazer contas, mas o professor nunca deu nada. Paciência, já que não dá nada também vou-me embora.” (E7 - Mariana, 39 anos, casada, desempregada, 2 requerimentos)

Em três casos é visível a importância atribuída à escola como factor determinante na melhoria das condições de vida.

“Gostava, ao menos para tirar o sexto ano, porque assim sabia que ia buscar um futuro, não é, mais tarde, um futuro para mim (...) Ao menos o sexto ano eu gostava de tirar, agora tem muitas mais propostas de trabalho e a escolaridade é muito importante.” (E8 - Isabel, 29 anos, separada, empregada de limpeza, 5 requerimentos)

“Gostava pouco... mas agora fiquei arrependida. Hoje recebi uma carta da luz, já podia tirar a carta para ler... fiquei arrependida.” (E10 - Verónica, 28 anos, casada, doméstica, 2 requerimentos)

#### *3.2.1.4. Trajectória familiar*

O início da vida familiar ocorre com o casamento (onze casos) e união de facto (um caso) após a maioridade, exceptuando duas entrevistadas que iniciaram a vida familiar com dezasseis anos. Onze dos entrevistados possuem filhos, sendo quatro o

número médio de filhos. Todos recordam de forma positiva o momento do casamento e nascimento dos filhos, exceptuando um caso em que se tratou de um casamento por pressão social.

#### *3.2.1.5. Trajectória profissional*

Verifica-se que os entrevistados iniciaram precocemente o desempenho de actividade profissional, sendo a média de idades de treze anos. As profissões desempenhadas estão distribuídas da seguinte forma: sector primário (seis respostas), secundário (cinco respostas) e terciário (dez respostas), caracterizadas pela baixa remuneração e fraca diferenciação a elas associadas. São, de um modo geral, actividades profissionais de curta duração, sem vínculo laboral ou com vínculo laboral precário. É de referir que apenas Verónica nunca desempenhou qualquer actividade laboral, apontando a inexistência de trabalho e a necessidade de assegurar as tarefas domésticas como motivos subjacente à não inserção no mercado de trabalho.

“Foi sempre a vida de casa. Ajudava a minha mãe e nunca tive serviço para trabalhar (...) Fiquei em casa sempre.”  
(E10 - Verónica, 28 anos, casada, doméstica, 2 requerimentos)

Em suma, a trajectória de vida dos beneficiários antes do RSI é marcada pela baixa escolaridade e desempenho de profissões pouco qualificadas pelos progenitores. O passado é marcado pela vivência de dificuldades económicas, em muitos casos mitigada pelo ingresso precoce dos entrevistados no mercado de trabalho, o que determinou a interrupção da sua escolaridade. Estamos, pois, perante uma espécie de determinismo social da pobreza, em que os mais novos herdaram os percursos de pobreza persistente característicos dos seus progenitores (MSST, 2002).

### **3.2.2. Trajectória enquanto beneficiário de RSI**

#### *3.2.2.1. O requerimento*

A maioria dos entrevistados teve conhecimento da medida através da comunidade (oito respostas), quer através de entidades como associações, Casa do Povo ou Câmara Municipal (três respostas), quer pelas pessoas em geral (cinco respostas). As notícias, a família e o SAS são apontados como outras fontes de conhecimento da

medida. A decisão de efectuar requerimento de RSI tem, maioritariamente, como motivo subjacente a vivência de uma situação de insuficiência de rendimentos, quer pelo facto dos rendimentos familiares provenientes de trabalho serem insuficientes para fazer face às despesas domésticas (cinco casos), quer por situação de desemprego (três casos), quer ainda pela não contribuição do cônjuge nas despesas domésticas (um caso). Viuvez (dois casos), problemas de saúde e desejo de integração em curso de formação (um caso) são outros dos motivos apontados.

“O meu marido ganhava 30 e tal contos por semana... não dava bem. Por isso eu meti-me a fazer os papéis do rendimento, vi que era bom (...) Ia nascer mais um e era uma ajudinha.” (E1 - Filipa, 25 anos, casada, operária fabril, 2 requerimentos)

Não tivemos outro remédio senão fazer, porque não tínhamos alternativa. Eu não arranjava emprego, ele não arranjava emprego e depois tínhamos de pensar nos filhos (...) Foi numa altura terrível, passávamos fome, inclusive.” (E6 - Graça, 41 anos, união de facto, empregada de limpeza, 3 requerimentos)

Excepto para três entrevistados, o requerimento de RSI marca o início do contacto com o SAS, dado que não existia uma relação prévia ao RSI. Aquando do requerimento, predominam sentimentos de vergonha, constrangimento, inutilidade, obrigação face às dificuldades sentidas e mal-estar pela burocracia inerente ao processo (sete casos).

“Quando ia fazer o requerimento custava-me. Custava-me falar em voz que os outros ouvissem, porque não queria fazer e via-me obrigada a isso (...) Tínhamos uma certa relutância em fazer porque é como se estivéssemos a pedir esmola.” (E6 - Graça, 41 anos, união de facto, empregada de limpeza, 3 requerimentos)

“Senti-me um bocadinho assim, um pouco inútil, dizer assim estou a pedir e não consigo trabalhar, mas pronto, era quando não arranjava trabalho, mas dizia assim ‘a todo o momento que eu arranje um trabalho, eu sou pessoa para vir cá e dizer que já estou a trabalhar’, como foi agora. Nada como a gente trabalhar pelo nosso dinheiro, nada como a gente trabalhar.” (E8 - Isabel, 29 anos, separada, empregada de limpeza, 5 requerimentos)

“Não me senti bem. Também pediam muitos papéis. Todos os meses tínhamos de entregar mais papéis” (E9 - Alberto, 50 anos, casado, tratador de gado, 1 requerimento)

No entanto, para cinco entrevistados, o momento do requerimento é vivido com alguma normalidade, ou até felicidade, atendendo à autenticidade das dificuldades sentidas.

“Senti-me normal. Se a gente precisa... (...) A gente tem de aproveitar. Se não pudessem dar, paciência, a gente havia de se amanhoar.” (E3 - Fernando, 51 anos, casado, carpinteiro, 1 requerimento)

“Senti-me feliz, porque precisava. Ninguém pede sem precisar.” (E12 - Carmélia, 64 anos, viúva, doméstica, 3 requerimentos)

Assim, o RSI marca o primeiro contacto com o SAS, ao qual, de um modo geral, estão associados sentimentos de mal-estar face à imperativa aceitação da condição de beneficiário. Para minorar a carga identitária associada, encontramos nos discursos dos entrevistados, a mobilização de diversos argumentos justificativos da legitimidade de beneficiarem da medida, nomeadamente pela descrição das dificuldades e necessidades sentidas, pela apresentação de si como trabalhador e não como assistido (Diogo, 2007). A vivência de uma situação de insuficiência de rendimentos familiares, quer sejam os rendimentos de trabalho, quer seja por desemprego, determinam o acesso à medida. Deste modo, o RSI é visto segundo 3 lógicas distintas: como mínimo de subsistência, garante dos recursos económicos indispensáveis ao bem-estar individual; como complemento dos rendimentos de trabalho, ou seja, face à baixa remuneração associada às profissões tradicionalmente desempenhadas pelos beneficiários, o RSI surge como um importante reforço dos rendimentos familiares, proporcionando uma melhoria das suas condições de vida ou como uma compensação de indemnização do desemprego, sobretudo nos casos em que não existe protecção social no desemprego, pelo que o RSI funciona como um mecanismo compensatório (Bouchoux *et al.*, 2004).

#### 3.2.2.2. *O acordo de inserção*

As pessoas entrevistadas com acordo de inserção assinado (nove casos) reconhecem tê-lo assinado, à excepção de um caso. No entanto, o próprio termo é desconhecido para algumas pessoas, carecendo de uma explicação e simplificação do termo para “contrato” aquando da realização das entrevistas. Assim, a maioria tem conhecimento da assinatura do acordo de inserção e, em cinco casos, identificam uma ou mais acções constantes no(s) acordo(s) de inserção assinado(s).

“Era disponibilizar-se para trabalhar e pouco mais e frequentar acções de formação.” (E6 - Graça, 41 anos, união de facto, empregada de limpeza, 3 requerimentos)

“A assistente social disse tudo o que eu tinha de fazer: pagar a água, pagar a luz, a renda da casa, não fazer dívidas, que os meus filhos não faltassem à escola, para ir uma vez por mês saber como os meus filhos estão na escola, as vacinas em dia, lá de vez em quando ir ao médico ver como os nossos filhos estão, com tudo isto eu concordei.” (E11 - Maria, 43 anos, casada, doméstica, 2 requerimentos)

Relativamente ao processo de elaboração e assinatura do acordo de inserção, é visível a preponderância do papel do técnico de acompanhamento na definição das acções a serem acordadas, assumindo o beneficiário um papel passivo e redutor neste processo, constituindo-se como ouvinte das acções que por ele deverão ser cumpridas.

“Eu ouvi o que ela dizia. Foi simplesmente “blablabla” e a gente assinou.” (E4 - José, 50 anos, casado, desempregado, 2 requerimentos)

“Lemos o acordo e não tinha assim nada. Foi ler o acordo e assinar porque estávamos dispostos a fazer o que estava lá escrito e foi isso.” (E6 - Graça, 41 anos, união de facto, empregada de limpeza, 3 requerimentos)

“Perguntaram pelas vacinas das pequenas, se as pequenas estão boas, coisas assim. Gostei de ouvir. (...) Eu ouvi o que elas disseram e assinei de boa vontade. Não há problema.” (E10 - Verónica, 28 anos, casada, doméstica, 2 requerimentos)

No entanto, alguns indivíduos salientam a importância da exigência de activação do beneficiário.

“Sim, porque se a segurança social, ou as assistentes sociais têm regras, os favorecidos do rendimento de inserção social também têm.” (E4 - José, 50 anos, casado, desempregado, 2 requerimentos)

“Não é só dizer assim o Governo ajuda, agente quer ser ajudados, a gente também tem que ajudar. Não é só dar o dinheiro. A pessoa dá para poder receber. É muito importante.” (E8 - Isabel, 29 anos, separada, empregada de limpeza, 5 requerimentos)

O momento da negociação e assinatura do acordo de inserção apresenta uma significação distinta para os vários entrevistados. Por um lado, é visto como um momento proporcionador de bem-estar ou tido como algo marcante, cuja importância e impacte são bem visíveis no discurso de Isabel e Maria.

“Senti que estava a fazer, por um lado, estava a fazer bem, senti que ia assinar qualquer coisa que me fosse dar mais tarde um bem na vida. Assinei, mas sabendo que ia ter um futuro mais para a frente na minha vida.” (E8 - Isabel, 29 anos, separada, empregada de limpeza, 5 requerimentos)

“Lembro-me como se fosse hoje. Quando eu chego lá e vejo a enfermeira e a coordenadora fiquei um pouco arrepiada quando vi a enfermeira, porque eu era um pouco descuidada para as vacinas, mas quando a enfermeira

explicou-me que as vacinas eram muito importantes para a saúde, eu quando vim para casa pensei que ela tinha razão. A partir daí responsabilizei-me muito e agora os meus filhos têm tudo em dia.” (E11 - Maria, 43 anos, casada, doméstica, 2 requerimentos)

Por outro lado, assiste-se a uma desvalorização deste processo, encarado como um momento de obrigatoriedade, com pouca relevância, ou como fonte de nervosismo e embaraço, dada a condição de beneficiário.

“Aquilo era como uma obrigação. Não me senti nem bem, nem mal. Por mim tanto faz porque é assim, eu sei o que é o mundo, só que há pessoas que não sabem! Aquilo até eram passos gastos porque devia fazer-se aquilo e deve fazer-se para pessoas menos compreendidas, pessoas como eu não se deve fazer porque dão mais do que aquilo que está lá escrito. Por exemplo, as vacinas do miúdo, não era preciso ela dizer isso porque a gente já faz sempre. Isto é uma família toda vacinada!” (E4 - José, 50 anos, casado, desempregado, 2 requerimentos)

“Senti-me um pouco nervosa, mas já era costume, sobretudo para uma pessoa que preferia estar a trabalhar, a ter que recorrer a esse serviço. Estava um bocadinho envergonhada.” (E6 - Graça, 41 anos, união de facto, empregada de limpeza, 3 requerimentos)

Verifica-se que os beneficiários avaliam positivamente o seu percurso no sentido do cumprimento das acções acordadas, sobretudo José, o qual refere fazer muito além daquilo que fora acordado.

“Mais do que aquilo, ou seja, eu acredito por mim próprio, eu dou mais do que aquilo que me pedem. Aquilo que o serviço social me pede para fazer eu faço mais. Faço muito mais, muito mais.” (E4 - José, 50 anos, casado, desempregado, 2 requerimentos)

“Estão todas cumpridas. Não me quero fazer mais do que ninguém, porque sou pequenina, não no tamanho, mas na vida, mas quando ela me falou em ter as coisas em dia, eu já sabia que tinha de andar na regra.” (E11 - Maria, 43 anos, casada, doméstica, 2 requerimentos)

Em suma, se para os actores sociais, responsáveis políticos e cidadãos em geral a inserção dos beneficiários de RSI é vista como uma necessidade, a materialização de um projecto de inserção social através da contratualização permanece uma noção vaga. (Zoyem, 1999). A própria palavra “inserção” não é facilmente compreendida no seu alcance, na medida em que constitui um conceito incomum na linguagem quotidiana dos entrevistados, embora estes reconheçam a existência de um “contrato”. Deste modo, é visível a “existência de uma ruptura ao nível da linguagem e da sua utilização para a classificação e definição dos indivíduos: a inserção apresenta-se como um processo institucionalizado, implicando por parte da acção social uma linguagem e rituais que são

estranhos aos beneficiários e não têm tradução na forma como se definem e como definem as suas experiências de vida através do discurso” (Diogo, 2007:193).

Por outro lado, é evidente a assimetria existente ao nível da participação do técnico e beneficiário na definição das acções de inserção, sendo que a este cabe um papel redutor e passivo. Contrariamente, os casos de Graça, Isabel e Maria constituem importantes excepções, dado que reconhecem os impactes que as acções acordadas significaram nas suas trajectórias de vida.

### *3.2.2.3. Impactes do RSI*

Da análise das entrevistas, constata-se a existência de diversificados impactes do RSI nos percursos de vida dos indivíduos. Onze dos doze entrevistados referem a existência de fortes impactes ao nível do consumo, nomeadamente no que diz respeito à aquisição de bens alimentares e peças de vestuário, pagamento das despesas domésticas mensais (água, luz, gás) e pagamento de dívidas.

“Veio aliviar a carga... Passámos a ter uma quantia certa todos os meses e tínhamos a possibilidade de pagar as contas normais mensais. Isso já veio aliviar e muito (...) Transmitiu-me segurança, em questões monetárias (...) Tudo melhorou. Os meus filhos passaram a vestir melhor, a alimentação, em primeiro lugar, melhorou muito, os iogurtes, a fruta. Aquilo que havia em pouca quantidade passou a haver em mais quantidade.” (E6 - Graça, 41 anos, união de facto, empregada de limpeza, 3 requerimentos)

“Enquanto recebemos, ajudou para pagar luz, água, alimentação. O que ajudou foi nisso. Em vez de comprarmos menos coisas para a alimentação, comprávamos mais qualquer coisa. A diferença foi nisso (...) Quando recebi esse dinheiro foi para sustentar os meus filhos, para ter uma ajuda para sustentar os meus filhos. Para viver um bocadinho mais folgado, para não ter que contar os cêntimos!” (E9 - Alberto, 50 anos, casado, tratador de gado, 1 requerimento)

Iva e Carmélia destacam os impactes ao nível da saúde, pelo acesso mais facilitado a consultas de especialidade, bem como, pela aquisição de medicação.

“Entrei em menopausa precoce aos 17 anos e depois quando regresssei tive de ir a um ginecologista, teve de ser tudo pago, por isso o dinheiro deu-me mesmo muito jeito (...) Devo muito a ele. Se não tivesse aquele dinheiro podia-me ter atrasado mais as coisas, não era tão bem atendida, porque se fosse através das consultas externas era muito mais complicado.” (E2 - Iva, 30 anos, casada, empregada de limpeza, 1 requerimento)

“Mudou-me tudo! Dava para comprar a minha medicação e ir vivendo o dia-a-dia. A primeira coisa que ia comprar era a minha medicação (...) as minhas consultas, porque é preciso ter dinheiro para ir para Ponta Delgada e vir para cima.” (E12 - Carmélia, 64 anos, viúva, doméstica, 3 requerimentos)

Em seis casos registam-se impactes na identidade pessoal, nomeadamente, ao nível da auto-estima, reforço do sentimento de independência e bem-estar pessoal.

“Mudou bastante! Comecei a ser ainda mais independente daquilo que já era, comecei a dar mais valor ao dinheiro em si porque também já tinha trabalhado. Naquela altura o dinheiro foi muito bem-vindo. Não sei, comecei a dar mais valor às coisas, já não pegava no dinheiro e gastava à toa. Dei muito valor àquele dinheiro.” (E2 - Iva, 30 anos, casada, empregada de limpeza, 1 requerimento)

“Para mim o rendimento foi bom porque pôs-me a trabalhar e aí já comecei a disfarçar melhor. Eu estava sempre aperreada, dava-me era para estar deitada, sempre a chorar (...) O trabalho para mim fez-me ir esquecendo certas coisas (...) Quando eu comecei a trabalhar, eu comecei a sentir-me outra.” (E5 - Lurdes, 51 anos, viúva, auxiliar, 1 requerimento)

“O que mudou muito na minha vida foi quando eu recebi o rendimento. Mudou completamente e a prova está à vista (...) Sinto-me feliz como nunca me senti antes. Comecei a cuidar mais de mim, porque não me cuidava antes (...) Aprendi a pôr muita coisa de lado. Já penso mais em mim, porque antes não me dava uma oportunidade a mim mesma. A psicóloga também me fez ver o lado bom da vida e agarrar-me mais à vida. Antes a minha vida estava a desfazer-se como a manteiga que a gente mete no pão quente. Mas à medida que eu tive ajuda, que começaram a vir à minha casa, que começaram a entender-me, a vida foi tomando outro rumo.” (E11 - Maria, 43 anos, casada, doméstica, 2 requerimentos)

Registam-se, ainda, impactes ao nível da dinâmica familiar, designadamente, a superação de problemas de alcoolismo (dois casos) e de violência doméstica (um caso).

“O meu homem não me bater mais, foi um alívio que saiu das minhas costas (...) O meu marido também já não bebe como bebia.” (E7 - Mariana, 39 anos, casada, desempregada, 2 requerimentos)

“Em relação ao meu marido a melhor coisa que me aconteceu é que ele largou a bebida (...) Desde 2005, quando ele foi a uma reunião com a Dr.<sup>a</sup> C. e ela soube falar com ele, soube compreendê-lo e ele não bebe. Foi a melhor coisa que me aconteceu. Ele já me arranja o jardim, já pergunta pelas coisas da casa, ele adora a casa! Antes não dava a mínima importância à casa, vinha bêbado, queria era deitar-se, não dava importância à vida. A vida mudou.” (E11 - Maria, 43 anos, casada, doméstica, 2 requerimentos)

No caso de Alberto, o afastamento da sua esposa do mercado de trabalho, aliado à condição de beneficiária é encarado de forma positiva. A esposa de Alberto salienta o facto do RSI ter proporcionado o acompanhamento permanente do crescimento e educação dos filhos, sendo este um factor determinante para o sucesso pessoal e escolar destes.

“O rendimento ajudou-me muito a criar as mais moças. Preferia criar os meus filhos em casa, porque foi por isso que eles hoje são o que são. Não digo que as creches são más, até porque trabalhei 3 anos numa creche, mas em casa é

outra coisa. Porque quando eu vou trabalhar, eles já não se alimentam como deve ser, com gente em casa é outra coisa. [esposa do entrevistado]” (E9 - Alberto, 50 anos, casado, tratador de gado, 1 requerimento)

Também nas áreas da educação/formação profissional se registam impactes, pela integração em cursos de formação profissional (um caso), integração em creche (um caso), ensino recorrente (dois casos), integração em cursos de formação pessoal e social (dois casos) e pela integração em formação em exercício (dois casos).

“O rendimento também teve outro aspecto muito positivo, que foi pôr os meus filhos na creche, desde pequenos e estão lá desde essa altura. Isso foi muito importante.” (...) A Dr.<sup>a</sup> I. colocou-me num curso de formação, que depois é que me deu o emprego no Royal Garden. (E6 - Graça, 41 anos, união de facto, empregada de limpeza, 3 requerimentos)

“Em 2005 tive uma em que a gente falava da educação dos filhos, a higiene da casa, sobre a nossa higiene com uma enfermeira, como dar uma alimentação saudável. A gente numa formação aprende muito. Agora estou a aprender a bordar, a fazer ponto cruz e tenho vendido muito! Nas formações estamos ali todas juntinhas, uma diz uma coisa, outra diz outra, os nossos problemas ali ficam, ali tudo se encerra. Quando chego a casa, nem me lembro do que tinha levado.” (E11 - Maria, 43 anos, casada, doméstica, 2 requerimentos)

Embora sejam reconhecidos os impactes na área da educação/formação profissional, verifica-se que em alguns casos estes são limitados, denotando-se que a integração de três beneficiárias no ensino recorrente e num curso de formação pessoal e social mais não significou do que uma forma de ocupação, não se registando um impacte significativo nas suas trajectórias de vida.

“Estive na escola a aprender umas coisas (...) Tinha lá professoras e enfermeiras, estavam lá a conversar com a gente. Como é que devíamos limpar a casa, essas coisas assim [esposa do entrevistado]” (E3 - Fernando, 51 anos, casado, carpinteiro, 1 requerimento)

“Depois fui para a escola, por conta do rendimento. Estive lá 3 anos (...) Eu já tinha a escola para a minha idade, mas estava lá pelo rendimento. Eu gostava muito. Pelo Natal as professoras convidavam a gente para irmos aos restaurantes. A gente festejava.” (E5 - Lurdes, 51 anos, viúva, auxiliar, 1 requerimento)

“Tirei um curso de costura, mas nunca dei nada, a gente ficava sempre para trás” (E7 - Mariana, 39 anos, casada, desempregada, 2 requerimentos)

Para quatro entrevistadas, o RSI teve importantes impactes ao nível do emprego, traduzindo-se, nos casos de Filipa, Lurdes e Graça, na autonomização da medida. No caso de Maria, o RSI tem proporcionado a aproximação gradual ao mercado de trabalho, mediante a realização de trabalhos manuais para posterior venda, embora não se tenha traduzido, ainda, na autonomização da medida. Para esta entrevistada, o

trabalho constitui uma forma de fazer face à crítica social que os beneficiários desta medida estão sujeitos.

“Para mim o rendimento foi bom porque pôs-me a trabalhar.” (E5 – Lurdes, 51 anos, viúva, auxiliar, 1 requerimento)

“Isso é completamente diferente de estar a receber rendimento mínimo. Eu sei que o que estou a receber é o meu trabalho, é meu. Sinto-me útil e sei que posso contar com aquilo que é apenas meu e isso deixa-me extremamente feliz. Tornei-me uma pessoa mais segura desde que trabalho (...) É uma mais valia ele [o companheiro] estar a trabalhar e ele está muito contente com o trabalho dele (...) O D. agora está um homem e antes eu considerava-o o meu terceiro filho (...) O aspecto mais positivo disso tudo foi ele arranjar trabalho.” (E6 - Graça, 41 anos, união de facto, empregada de limpeza, 3 requerimentos)

“Tenho feito umas pegas e ainda hoje me encomendaram! Gostei também muito do trabalho de escamas de peixe e da proposta da Dr.<sup>a</sup> B. em fazermos uma barraquinha. Essa ideia da barraquinha, para a gente que recebe o rendimento, é muito importante porque a gente gosta de mostrar os nossos trabalhos e para mostrar às pessoas que falam mal das pessoas que recebem o rendimento, que também somos alguém na vida, que também gostamos de apresentar aquilo que a gente faz. Porque hoje é uma barraca, mas amanhã passa a ser duas, três e depois já temos mais trabalho.” (E11- Maria, 43 anos, casada, doméstica, 2 requerimentos)

Também ao nível habitacional se registam impactes, ao nível da realização de obras de beneficiação da habitação (dois casos) e realojamento (quatro casos).

#### *3.2.2.4. Visão do RSI*

Quando questionados sobre a sua opinião face ao RSI, a maioria aponta virtualidades e limites da medida. Como aspectos positivos, referem o facto desta ser uma “ajuda”, ou uma “esmola”, de forma a assegurar as necessidades básicas, como a alimentação. No entanto, apontam criticamente a medida por incentivar ao ócio e afastamento do mercado de trabalho, sobretudo os mais jovens, bem como à má gestão da prestação por alguns beneficiários, pela aquisição de bens supérfluos. Apontam, ainda, para a existência de casos de atribuição indevida da prestação. Estamos, assim, perante uma concepção restrita da medida, entendida como garante de um mínimo de subsistência, não sendo expressivo o entendimento da medida enquanto suporte à inserção.

“Aquilo é um dinheiro que mata a fome a muita gente, desenrasca muita gente. É um dinheiro que faz muita falta pelo menos a 70% da população que o recebe. Dos outros 30%, 15% só está à espera do dinheiro para a bebida, eu falo de Portugal inteiro, desses milhões que estão a receber. Os outros 15% dividimos por duas partes: 7,5% é para dívidas, pessoas que precisam do dinheiro é para as dívidas, porque estão desenrascados para a alimentação e as outras coisas.

Os outros 7,5% são pessoas que recebem indevidamente.” (E4 - José, 50 anos, casado, desempregado, 2 requerimentos)

“O governo fez muito bem por um lado, mas há pessoas que não sabem aproveitar, não sabem agradecer (...) A gente devia agradecer, todos os dias, a Nosso Senhor, ao governo e às pessoas que nos ajudam, porque agora sinto muita falta (...) É muito importante para quem souber dirigir o dinheiro (...) Mas a mocidade nova, com tanto rendimento, podres de bêbados, elas é sapatos sobre sapatos, vestidos sobre vestidos, malas sobre malas. Se o rendimento é dado para os filhos comerem, como é que elas podem fazer aquilo? Não podem! E os velhinhos, com reformas pequeninas, como é o meu caso, a morrer de fome.” (E12 - Carmélia, 64 anos, viúva, doméstica, 3 requerimentos)

Constata-se uma ambivalência de sentimentos associados à condição de assistido, dado a maioria das pessoas apontar a experiência de sentimentos positivos e negativos. Por um lado, o reconhecimento das dificuldades sentidas, justificativas da condição de beneficiário e o garante de um mínimo de subsistência promovem sentimentos de bem-estar, felicidade e protecção.

“Senti-me bem porque precisava.” (E5 - Lurdes, 51 anos, viúva, auxiliar, 1 requerimento)

“Sentia-me protegida (...) Sentia-me feliz.” (E12 - Carmélia, 64 anos, viúva, doméstica, 3 requerimentos)

Por outro lado, o olhar crítico da comunidade, enquanto beneficiários de RSI, acarreta sentimentos de humilhação e mal-estar. Nestes casos, o desempenho de actividade laboral é visto como a única forma de recuperar a dignidade perdida pela condição de assistido.

“Para mim era humilhante. Sempre tentei arranjar um trabalho, um emprego, o que fosse, de modo a deixar de receber rendimento mínimo porque, para mim, era como se estivesse a receber uma esmola. Não encontro outra palavra para descrever melhor, mas para mim era isso.” (E6 - Graça, 41 anos, união de facto, empregada de limpeza, 3 requerimentos)

“Até tinha medo de ir buscar esse dinheiro, para as pessoas e os vizinhos não saberem. Não é que não tivéssemos necessidade mas estas pessoas... Quando uma vizinha dizia “aquele recebe o rendimento”, uma pessoa ficava assim mais estranha (...) Preferia trabalhar do que receber [esposa do entrevistado]” (E9 - Alberto, 50 anos, casado, tratador de gado, 1 requerimento)

Seis dos entrevistados tecem considerações relativamente ao acompanhamento técnico, designadamente o papel da assistente social e influência da mesma no seu percurso de inserção. Assim, Graça refere o acompanhamento sistemático por parte da assistente social, mediante a realização de visitas domiciliárias. Menciona, ainda, a sua

influência positiva na integração do marido no mercado de trabalho, o que determinou a autonomização da medida. A atitude que a assistente social manifestou de compreensão, incentivo, reforço e crença nas potencialidades e capacidades pessoais foi, segundo a entrevistada, determinante para o percurso de sucesso da sua família.

“Ele chamou-nos para nos conhecer e para se apresentar como o novo técnico. Depois, as visitas eram frequentes, ele também nos mandava chamar e era isso (...) Ele [o marido] tentou arranjar emprego a valer. Mas um dos aspectos que o influenciou mais foi a assistente social porque foi muito compreensiva e conseguiu influenciar o D. num aspecto positivo e incentivou-o a procurar emprego, não desprezando as suas capacidades e a essa assistente social eu também lhe devo em parte isso. É muito bom sentir que essa pessoa acredita em nós, que podemos ter uma vida melhor, isso é muito positivo. A pessoa sente-se estimulada por alguém que nem sequer conhece e que acredita nessa pessoa.” (E6 - Graça, 41 anos, união de facto, empregada de limpeza, 3 requerimentos)

A simpatia e disponibilidade da assistente social são também mencionadas por Isabel e Carmélia.

“A Dra. P. é muito boa psicóloga (...) A Dra. A. está ali e são belíssimas pessoas mesmo e são pessoas mesmo simpáticas e gostam de ajudar, vou ser sincera.” (E8 - Isabel, 29 anos, separada, empregada de limpeza, 5 requerimentos)

“A Dr.<sup>a</sup> F. foi uma segunda mãe dos meus filhos.” (E12 - Carmélia, 64 anos, viúva, doméstica, 3 requerimentos)

Noutro caso, o casal não avalia positivamente o acompanhamento técnico, dada a postura de controlo assumida, bem como pelo desenvolvimento de uma intervenção burocrática sem um acompanhamento sistemático.

“Andavam sempre em cima (...) Elas chamavam, mas era sempre para entregar documentos. (...) Elas só vieram cá uma vez, que foi quando vieram ver a casa. Foi só este dia. De resto, nunca vieram cá. Só de vez em quando mandavam uma carta para entregar os documentos, o ordenado dele e era isso [esposa do entrevistado] ” (E9 - Alberto, 50 anos, casado, tratador de gado, 1 requerimento)

São, ainda, tecidas críticas à forma como se procede ao cancelamento da prestação, sem um contacto ou aviso prévio, nomeadamente, nos casos de falta a convocatórias. Verónica salienta a importância de uma atitude empática e disponível por parte das assistentes sociais e o estabelecimento de um acompanhamento de proximidade. No entanto, reconhece a existência de alterações positivas a esse nível com a implementação do RMG/RSI.

“Se houver algum problema com algum papel ou alguma coisa não cortem, avisem, porque às vezes eu fico despercebida da cabeça. Alguma coisa, um seja que for, querem logo é cortar! É uma vacina, é uma consulta, é alguma coisa, não se corta, avisem! (...) Se eu não sei arranjar uma casa, arranjar uma criança, eu gostava que me ensinassem, isso é que é importante. Mas agora está melhor, há mais apoios. Está diferente de antigamente (...) O rendimento social, as meninas da assistência, uma conversa com uma e com outra, já aprendemos muita coisa. Antes não faziam isso. O apoio agora é esse. Também entraram muitas pessoas novas para ajudar e tudo. Eu gosto delas. Dizem ‘Verónica não se faz isso, faz-se é assim’. Eu gosto disso assim, avisar as pessoas.” (E10 - Verónica, 28 anos, casada, doméstica, 2 requerimentos)

Além da preocupação e interesse genuíno pelo outro, Maria destaca a garra e imaginação das assistentes sociais, o estímulo e reforço constantes das potencialidades e capacidades individuais. Neste caso, é visível a relação de dependência e proximidade com os técnicos, relação esta considerada como elemento chave do RSI, além da prestação económica. A entrevistada destaca, ainda, a importância de uma atitude de exigência para com o beneficiário.

“O que acho muito interessante no rendimento mínimo é que as assistentes sociais se preocupam com os nossos filhos (...) Para mim tem sido uma ajuda formidável (...) As assistentes sociais é como se fossem da família. Gosto delas. São pessoas em quem podemos confiar e é bom haver uma pessoa a quem a gente pode contar a nossa vida e ali fica. Muita ajuda tenho tido... mas a ajuda não vai só no dinheiro (...) Tive o apoio da assistente social, conheci assistentes sociais maravilhosas, nunca me vou esquecer do sorriso delas, da maneira de ser delas (...) O rendimento deve ter orgulho das pessoas que trabalham nele. A vontade com que os assistentes sociais trabalham! Aquela garra, aquela imaginação, sempre a querer ajudar-nos, sempre a querer dar-nos coisas novas, sempre a querer nos arrastar para as formações, isto para mim é maravilhoso. Nunca nos deixem de lado, ajudem-nos sempre. Façam de nós mais mulheres do que nós somos. Puxem pela gente! (...) Se não puxassem por nós, a gente também murchava muito. A flor também não gosta só do sol, ela também gosta de sombra.” (E11 - Maria, 43 anos, casada, doméstica, 2 requerimentos)

Assim, para a maioria dos entrevistados, é o carácter regular da prestação que constitui o aspecto fulcral da medida, por permitir às famílias suportar os encargos fixos e indispensáveis, garantindo um padrão mínimo de qualidade de vida, o que acarreta sentimentos de bem-estar, felicidade e protecção. Domina, assim, a significação do RSI enquanto prestação social, segundo uma lógica de complemento social de rendimentos, ou de salário social por trabalho familiar. Os impactes existentes ao nível da identidade, como por exemplo o aumento da auto-estima e dignidade pessoal, da dinâmica familiar, bem como, o desenvolvimento de capacidades pessoais, sociais e profissionais, são também evidentes.

Por outro lado, o papel do RSI enquanto promotor da inserção pelo trabalho tem pouca expressividade, dado que apenas em três casos se verifica uma integração no

mercado de trabalho por via do RSI. Domina, assim, uma concepção mais ampla do conceito de inserção, que não poderá ser estritamente interpretada à luz da integração no mercado de trabalho, mas sim pela melhoria das condições de vida e garantia da dignidade pessoal que a medida proporcionou (Astier, 2007).

Os entrevistados reagem negativamente à crítica social a que, enquanto beneficiários, estão sujeitos, fazendo a distinção entre “bons” e “maus” pobres (Paugam, 1993: 195), auto-avaliando-se como “bons pobres”, segundo uma lógica de merecimento. Criticam a medida por incentivar os mais jovens ao ócio e afastamento do mercado de trabalho, bem como pelos casos de má gestão da prestação. Estamos, pois, perante uma forma simbólica de resistência ao descrédito social que subjaz à condição de assistido.

Constata-se, ainda, a importância atribuída ao acompanhamento social e aos impactes deste na construção de trajectórias de autonomização. É valorizada a implicação e proximidade do assistente social com o beneficiário, num processo de personalização da intervenção social. O discurso dos entrevistados está de acordo com as palavras de Astier, segundo a qual “o trabalho com o outro é um trabalho em que o profissional deve expor-se, correr riscos, mostrar iniciativa e criatividade” (Astier, 2007: 125).

### **3.2.3. Trajectória após a cessação da prestação**

#### *3.2.3.1. A cessação da prestação*

Relativamente aos motivos da cessação da prestação, a maioria dos entrevistados consegue identificar a razão pela qual deixou de beneficiar do RSI, exceptuando dois casos. A cessação por rendimentos superiores é a mais frequente (cinco casos), seguida da falta a convocatória (dois casos). Ao momento da cessação da prestação estão associados sentimentos diversos. Por um lado, sentimentos de injustiça, raiva e revolta, pela vivência de maiores dificuldades económicas comparativamente a outros beneficiários, nomeadamente os mais jovens e com rendimentos de trabalho. Tristeza, desgosto, desânimo e vazio, são outros dos sentimentos referidos pelos entrevistados aquando do momento da cessação.

“Quando me tiram já foi menos um dedo ou dois (...) Foi uma grande baixa para a nossa casa (...) Para mim foi injusto, porque tenho cá para mim que há pessoas que ganham mais do que eu e que recebem o rendimento. Eu também merecia.” (E3 - Fernando, 51 anos, casado, carpinteiro, 1 requerimento)

“Vazia, por completo. Foi um vazio que caiu na minha alma. (...) Tiraram-me tudo! Sr.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup>, eu não sou um bicho, eu sou humana! Todo o ser humano tem direito à vida.” (E12 - Carmélia, 64 anos, viúva, doméstica, 3 requerimentos)

Por outro lado, registam-se quatro casos em que este momento é vivenciado de forma positiva, constituindo-se como fonte de bem-estar, por estar associado ao início de uma actividade laboral, ou ingresso num curso de formação profissional.

“Eu já me conhecia a mim própria e dizia nada como estar a trabalhar e receber o nosso ordenado. Gosto mesmo de trabalhar para aliviar o stress, para distrair e conhecer novas pessoas, por isso senti-me bem.” (E1 - Filipa, 25 anos, casada, operária fabril, 2 requerimentos)

“Já tinha avisado lá que estava no curso, por isso achava que era altura de... Não foi que me tirassem e eu ficasse sem o chão para andar.” (E2 - Iva, 30 anos, casada, empregada de limpeza, 1 requerimento)

De acordo com a esposa de Alberto, o momento da cessação traduziu-se num momento de alívio, atendendo aos sentimentos negativos associados à condição de beneficiário e à identificação pessoal como trabalhadora e não como assistida.

“Pronto, enquanto durou, foi bom (...) Quando cortaram esse dinheiro, eu fiquei aliviada. Foi um peso que me saiu de cima. Por isso quando eu comecei a trabalhar foi melhor. Pelo menos sabia que o que trabalhava, recebia [esposa do entrevistado]” (E9 - Alberto, 50 anos, casado, tratador de gado, 1 requerimento)

Para Isabel, este momento é vivido de forma ambivalente, na medida em que considera benéfico o início de actividade laboral, embora se sinta “desapoiada”, por considerar o RSI como um importante complemento aos rendimentos de trabalho.

“Senti-me, não é a mesma coisa, senti-me desapoiada, senti-me pronto, um bocado em baixo mas estava a trabalhar (...) Concordei, sabia que tinha sido cancelado porque comecei a trabalhar e tinha que desistir, mas pronto, é ótimo começar a trabalhar mas era uma ajuda que aquele dinheiro dava.” (E8 - Isabel, 29 anos, separada, empregada de limpeza, 5 requerimentos)

Aquando da cessação da prestação, as principais fontes de resiliência referidas pelos beneficiários, são a fé, o trabalho e a força interior.

“Á força que Deus nos deu. Um dia é um dia, dois são dois.” (E3 Fernando, 51 anos, casado, carpinteiro, 1 requerimento)

“Vou ficar feliz porque vou receber aquele dinheiro, aquele ordenado (...) O que dá força é a gente trabalhar no dia a dia e todos os dias a gente chegar ao fim do mês e a gente receber, a gente poder ter para dar aquilo que os nossos filhos precisam.” (E8 - Isabel, 29 anos, separada, empregada de limpeza, 5 requerimentos)

“Temos de deixar as nossas feridas cá dentro e ir para o caminho sempre alegres (...) E é esta força que vem de baixo para cima.” (E11 - Maria, 43 anos, casada, doméstica, 2 requerimentos)

Quanto às estratégias de reorganização de vida, o trabalho surge como a principal (sete casos), seguida de uma gestão eficiente e poupança dos recursos económicos.

“Eu fui trabalhando uns sábados, pelo menos para comer. Depois é que ele [marido] foi pedir a uma pessoa, porque precisava. Depois é que foi trabalhar para ganhar aqueles dias.” (E7 - Mariana, 39 anos, casada, desempregada, 2 requerimentos)

“Em vez de ir comprar umas coisinhas, cortava metade (...) A gente poupava nas coisas que comprava.” (E10 - Verónica, 28 anos, casada, doméstica, 2 requerimentos)

Em dois casos, a reclamação da decisão foi uma das estratégias adoptadas. O endividamento e a atribuição de apoio económico através da acção social surgem como outras estratégias de mobilização face à cessação da prestação. Apenas duas entrevistadas referem ter contado com o apoio de familiares. O recurso ao banco alimentar verificou-se em dois casos.

“Fui trabalhando e continuando a pagar as minhas coisas, mas depois meti-me na dívida do cartão de um banco particular para fazer face às despesas e para me desenrascar.” (E1 - Filipa, 25 anos, casada, operária fabril, 2 requerimentos)

“Eu fui à presidência do governo pedir uma ajudinha, mas não fui aceite. Fui à Dr.<sup>a</sup> I. e ela disse que não podia fazer nada (...) Tive de ir pedir esmola às minhas filhas para comer.” (E12 - Carmélia, 64 anos, viúva, doméstica, 3 requerimentos)

Quando questionados sobre a possibilidade e importância da autonomia dos indivíduos face aos apoios sociais, a maioria (sete casos) não encara essa possibilidade, embora façam referência à existência de “merecedores” e “não merecedores” desses mesmos apoios.

“Há certas pessoas que eu acho importante que se ajude, outras não mereciam, mas pronto, também há quem saiba falar melhor, sabem andar mais com as coisas, mas quem manda, manda.” (E3 - Fernando, 51 anos, casado, carpinteiro, 1 requerimento)

“Não é possível as pessoas viverem sem apoios. Só que há pessoas que não deviam receber porque só se fiam naquilo e não se importam de dizer que estão a receber. Não querem trabalhar e arranjam filhos para terem mais dinheiro.” (E6 - Graça, 41 anos, união de facto, empregada de limpeza, 3 requerimentos)

Reconhecem a importância da autonomia e responsabilização dos indivíduos, nomeadamente pelo trabalho, de forma a contrariar possíveis situações de dependência face aos mecanismos de apoio social existentes.

“Se a pessoa não tem meios de se desenrascar, aquilo é bom mas também não presta ficar dependente daquilo, um dia acaba e... bye bye. A gente sabe que chega ao dia e aquele dinheiro está ali, mas se a pessoa começar a procurar trabalho ou alguma maneira de resolver a vida, a pessoa já diz ‘não, eu sei que tenho aquilo para pagar, eu tenho que me esforçar para aquilo’. O dinheiro fácil nem toda a vida...” (E2 - Iva, 30 anos, casada, empregada de limpeza, 1 requerimento)

“Mas se estivéssemos noutro país, em que houvesse trabalho para todos, também já não precisavam disso, não é? A pessoa antes quer trabalhar e receber o seu dinheiro. Aquilo é como uma esmola (...) Devia era haver trabalho para todos.” (E9 - Alberto, 50 anos, casado, tratador de gado, 1 requerimento)

### *3.2.3.2. Trajectória escolar*

Após a cessação da prestação, apenas Iva continuou o seu percurso escolar, ao nível da formação profissional, tendo completado o 9º ano de escolaridade. Fernando e Alberto mencionam o percurso escolar dos filhos, atribuindo especial relevo à frequência ou conclusão de cursos de formação profissional e ensino superior.

### *3.2.3.3. Trajectória profissional*

É visível a existência de percursos cíclicos de emprego e desemprego em Iva, Fernando, Graça, Marina e Isabel, sendo nestes três últimos casos coincidentes com a (re)entrada na medida. A trajectória profissional é, assim, marcada pela instabilidade laboral e pelo desempenho de profissões pouco diferenciadas.

“Estou numa empresa de limpeza, a Iberlim, a trabalhar no aeroporto, a limpar os aviões (...) Em princípio estou até Agosto, mas estou confiante que depois é para assinar mais um contrato.” (E2 - Iva, 30 anos, casada, empregada de limpeza, 1 requerimento)

“Dou dias para um patrão, outros dias para outro, alguns meios-dias, outros três horas, é o que tem. É pena, se dessem um trabalho é que era porreirinho, mas a minha idade já não dá (...) É difícil, mais a mais para a minha idade. É muito mais difícil eles me pegarem para companhias.” (E3 - Fernando, 51 anos, casado, carpinteiro, 1 requerimento)

No que concerne à condição actual perante o trabalho e vínculo contratual, apenas Filipa e Alberto se encontram efectivos, enquanto Ivone, Graça e Isabel estão a contrato a tempo certo e, aparentemente, Lurdes e Fernando não apresentam qualquer contrato. Quatro dos entrevistados encontram-se indisponíveis para o trabalho: Mariana, Maria e Carmélia por motivos de saúde (Mariana sem comprovação médica) e Verónica por prestação de cuidados a filhos menores. Apenas José se encontra desempregado.

#### *3.2.3.4. Reingresso na medida*

Oito entrevistados apresentam percursos de re-entrada na medida. Da análise dos motivos do reingresso, é visível a preponderância de problemas relacionados com o emprego, designadamente, situações de instabilidade laboral e a existência de percursos cíclicos de emprego e desemprego, nos quais o RSI surge como mecanismo de compensação económica face à situação de desemprego. Alterações nos rendimentos por via do falecimento de um familiar, bem como, um acréscimo das despesas com a habitação são outros dos motivos que estão na base da realização de novo requerimento de RSI.

“Porque depois de receber o rendimento, a minha vida voltava ao mesmo. Passávamos dificuldades como nem um nem outro trabalhavam e eu via-me obrigada a fazer de novo o requerimento.” (E6 - Graça, 41 anos, união de facto, empregada de limpeza, 3 requerimentos)

Os sentimentos associados ao reingresso na medida oscilam entre a alegria, obrigatoriedade, inutilidade, dúvida e incerteza.

“Foi um milagre que Nosso Senhor me fez. Quando eu soube que ia receber, quando veio a carta à porta a dizer que tinha sido aprovada foi tão bom.” (E7 - Mariana, 39 anos, casada, desempregada, 2 requerimentos)

“Senti-me um bocadinho assim, um pouco inútil, dizer assim estou a pedir e não consigo trabalhar mas pronto era quando não arranjava trabalho.” (E8 - Isabel, 29 anos, separada, empregada de limpeza, 5 requerimentos)

“Eu pensei ‘vou tentar a minha sorte’. O que está passado está passado, não havia de ser tudo ruim. Se eu fui aceite das primeiras vezes, que foram fases tão custosas, esta ainda era a dobrar. Tentei e recebi.” (E12 - Carmélia, 64 anos, viúva, doméstica, 3 requerimentos)

Em suma, a cessação da prestação é, de um modo geral, vivenciada de forma marcadamente negativa. Face à imperativa necessidade de reorganização de vida, o trabalho, a gestão eficiente e poupança dos recursos económicos surgem como as estratégias mais adoptadas. De referir o caso de Mariana, em que a integração no mercado de trabalho ocorre sempre precedida da cessação do direito à prestação, embora se tenha considerado indisponível para o trabalho enquanto beneficiou da medida. Assim, poderemos estar face a uma situação em que o RSI acaba por afastar a beneficiária do mercado de trabalho.

Após a cessação, predomina um cenário de intermitência entre empregos precários e períodos de desemprego, sem que ocorra uma efectiva melhoria das condições de vida. De facto, oito dos entrevistados apresentam percursos de re-entrada na medida, pelo que, nestes casos, podemos falar de uma interrupção e não de uma verdadeira inserção (Zoyem, 1999). Actualmente, são beneficiários da prestação 5 dos 12 entrevistados.

### *3.2.3.5. Importância atribuída ao RSI*

A maioria dos entrevistados (9 casos) encara o RSI como factor de grande importância no desenvolvimento das suas vidas.

“Continua a ser muito importante mas o rendimento é na última expectativa mesmo que eu não arranje trabalho. Aquilo que eu puder tentar, eu vou tentar. Eu faço os papéis para receber mas durante aquele período, estou sempre a tentar arranjar trabalho. O rendimento é o último recurso mesmo.” (E8 - Isabel, 29 anos, separada, empregada de limpeza, 5 requerimentos)

Apenas em três casos é evidente a conotação atribuída ao RSI como suporte à inserção social, embora José refira a importância da medida como impeditiva da prática de crimes, mantendo, contudo, uma visão do RSI como mínimo de subsistência.

“Não é importante, é importantíssimo! Eu já consegui muita coisa boa, mas ainda tenho uma vida pela frente, ainda tenho os meus filhos a crescer (...) A minha filha está a estudar, eu posso dar os estudos a ela porque tenho aquele dinheirinho! (...) O dinheiro é muito importante, mas é muito importantes haver as assistentes sociais, a coordenadora, as consultas de psicologia que me têm ajudado muito, não há palavras para agradecer! Eu se tiver o dinheiro, mas se não tiver uma amizade com ninguém, não tiver com quem falar, isso também não vale de nada. Agora se eu tiver uma pessoa que venha à minha casa, converse comigo, faça-me entender a vida, faça-me eu saber gerir o dinheiro, isso para mim é importantíssimo.” (E11 - Maria, 43 anos, casada, doméstica, 2 requerimentos)

“Eu sou muito calmo, mas quando estou aflito, tenho de me virar de alguma forma, por isso se me falta este dinheiro eu estou desgraçado. É mais um que vai para a cadeia (...) No meu caso, se não é esse dinheiro, eu teria de voltar à vida do crime, como já lá estive uma vez por necessidade, por causa dessas dificuldades (...) É esse dinheiro do rendimento de inserção social que me impede de voltar ao crime, porque se não tiver esse dinheiro é muito provável! Eu não me importo!” (E4 - José, 50 anos, casado, desempregado, 2 requerimentos)

Para três entrevistados, o facto de se encontrarem a desempenhar actividade laboral, o distanciamento temporal da condição de beneficiário e a superação das dificuldades vivenciadas contribuem para a relativização, na actualidade, da importância do RSI.

“Agora, nesta altura, não é importante. Deus permita que nunca venha a ser preciso de novo.” (E6 - Graça, 41 anos, união de facto, empregada de limpeza, 3 requerimentos)

### **3.2.4. Perspectivas de futuro**

A preocupação em assegurar o bem-estar, a educação/escolarização dos filhos, marcam os sonhos/projectos futuros de oito entrevistados. Fazem, também, referência à “saúde” e “bem-estar” como fulcrais no futuro.

“Já me considero satisfeita por ter emprego e proporcionar aos meus filhos uma vida melhor daquela que eles estavam destinados a ter, se eu não tivesse emprego, ou o pai. Se não tivéssemos tomado outro rumo, eles também iam ser muito lesados. Eu quero construir uma vida melhor para eles, melhor do que aquilo que eu tive. Quero que os meus filhos tenham uma vida melhor” (E6 - Graça, 41 anos, união de facto, empregada de limpeza, 3 requerimentos)

O desejo de estabilidade económica, por via da poupança, pagamento de dívidas, reforma ou pela obtenção de riqueza inesperada, é também referenciado por quatro pessoas.

“Neste momento estou a trabalhar e estou a pensar fazer um esforço de poupar, ou melhor, já começamos! Temos um mealheiro e já tem sessenta e tal euros, mas tudo em pretinhos. Um dia mais tarde vamos encher... é um garrafão de 5 litros. Vamos acabar de encher e mais tarde abrir uma conta para cada um para terem um futuro mais tarde.” (E1 - Filipa, 25 anos, casada, operária fabril, 2 requerimentos)

Para Filipa e Graça, a aquisição de casa própria, de equipamento doméstico e sucesso profissional marcam os seus sonhos/projectos futuros.

“Espero ter a casinha melhor mobilada.” (E6 - Graça, 41 anos, união de facto, empregada de limpeza, 3 requerimentos)

Fernando, José e Carmélia não referem quaisquer sonhos ou projectos, dada a visão pessimista que têm em relação do futuro, quer por motivos de idade e saúde, quer por uma vivência imediatista do dia-a-dia.

“Já tenho 64 anos, qual é o futuro que vou ter? É cova para me enterrar.” (E12 - Carmélia, 64 anos, viúva, doméstica, 3 requerimentos)

O futuro é encarado sob duas perspectivas. Por um lado, uma visão resignada (seis casos), em que a ausência de projectos de vida, a idade e estado de saúde são alguns aspectos que parecem comprometer uma visão optimista, mesmo quando se trata de entrevistados novos e sem problemas de saúde de maior gravidade, como é o caso de Mariana.

“Sei lá... velhinha já. Já tenho cabelos brancos. Ai, não chego lá... [daqui a cinco anos]” (E7 - Mariana, 39 anos, casada, desempregada, 2 requerimentos)

Por outro lado, uma visão investida (seis entrevistados), encarando o futuro com optimismo e esperança, conducentes a uma melhoria das suas vidas. Apontam o trabalho, a fé e o acompanhamento das assistentes sociais no âmbito do RSI como factores determinantes no seu futuro.

“Já me achei mais velha, já me senti mais em baixo. Não sei se é pelas ajudas mas... sinto-me cada vez mais nova! Quero levar a vida de outra maneira. A vida miserável que levei fica para trás! (...) Vai continuar a melhorar e tem que melhorar! As coisas melhoram depois de querermos. Se a gente quiser e tiver vontade, nada na vida é impossível.” (E11 - Maria, 43 anos, casada, doméstica, 2 requerimentos)

### **3.2.5. Análise individual das trajectórias de vida: modos de vida e relação com os Serviços de Acção Social**

Da análise individual das trajectórias de vida dos entrevistados (cf. anexo VII) e retomando as perspectivas teóricas de construção de tipologias de pobreza verificamos que o investimento na mobilidade (casos de Filipa, Graça, Isabel, Alberto e Maria) e a restrição (casos de Fernando, José, Lurdes e Carmélia) são os modos de vida que mais caracterizam os entrevistados.

No que diz respeito ao investimento na mobilidade, é evidente a importância atribuída ao RSI ao permitir o acesso a recursos económicos e o desenvolvimento dos

capitais culturais/capital humano (educação e formação, designadamente), de forma a concretizar as aspirações futuras dos entrevistados. É através pelo RSI que conseguem assegurar um mínimo de subsistência, a educação aos filhos, como no caso de Alfredo, ou que a perspectiva de continuação da escolaridade dos filhos é possível, como nos refere Maria. Por outro lado, e face à vivência de períodos de desemprego, o RSI é encarado como uma compensação de indemnização pelo desemprego (Bouchoux *et al*, 2004), esperando-se que a medida promova uma alteração estável das condições de vida, possibilitando uma aproximação ao padrão de vida dominante, designadamente pela reintegração no mercado de trabalho, como ocorreu nas trajectórias de vida de Graça, Filipa e Isabel. Para estes beneficiários, o futuro é, de um modo geral, encarado de forma investida, sobretudo em relação aos filhos.

Relativamente ao modo de vida da restrição, predomina uma certa apatia e resignação face ao presente e ao futuro. Vivem o dia-a-dia de forma imediatista, sem projectos bem delineados, procurando a satisfação das suas necessidades básicas mediante os recursos disponíveis. Reagem negativamente à cessação do RSI, encarando-o como fulcral nas suas vidas, mesmo nos casos em que já não o auferem, relegando-se a uma vivência das dificuldades mitigada pelos esforços diários de superação das mesmas. Identificam os impactes positivos da medida ao nível da educação, consumo, habitação, emprego, embora estes, na sua maioria, não se tenham traduzido numa melhoria estável das suas condições de vida.

Das trajectórias de Mariana e Verónica é possível concluir que a convivialidade é o modo de vida adoptado. Vivem o presente de forma intensa e imediatista, encarando o RSI como imprescindível nas suas vidas, não concebendo as mesmas autonomamente em relação à medida. Verbalizam argumentos que validem a sua condição de beneficiária e que justifiquem o seu afastamento do mercado de trabalho. O futuro é encarado de forma resignada e despreocupada. Para Iva, a transitoriedade é o modo de vida que a caracteriza. O RSI surge aquando do surgimento de problemas de saúde, pelo que acarreta impactes a esse nível, bem como na educação/formação profissional, o que determinou a autonomização da medida.

Quanto ao tipo de relação com a acção social, verifica-se que a fragilidade é a mais frequente, caracterizando os casos de Filipa, Iva, Fernando, Lurdes, Graça, Isabel e Alberto. As dificuldades económicas sentidas, quer em virtude da situação de desemprego, quer pela situação de precariedade laboral, determinam o estabelecimento de uma relação com os serviços, relação esta considerada transitória, dada identificação

dos indivíduos como trabalhadores e não como assistidos. Contudo, esta relação é dotada de um certo pragmatismo, na medida em que aproveitam as mais-valias, nomeadamente económicas, que a relação com os serviços poderá acarretar (fragilidade negociada). Registam-se cinco casos que podem ser considerados de dependência, sendo que nos casos de José e Carmélia é uma experiência de assistência diferida, enquanto para Mariana, Verónica e Maria trata-se de uma experiência de assistência instalada. Nestes casos, o afastamento do mercado de trabalho, justificados pela idade, problemas de saúde ou cuidados a outros, determina a progressiva identificação com o estatuto de assistido. O RSI é valorizado pela sua componente prestação, sendo estes os principais impactes que identificam na medida. A relação com o assistente social é valorizada, pretendendo-se que o acompanhamento ocorra de forma sistemática.

O tempo de permanência na medida constitui outro importante eixo de interpretação analítica. De facto, longos períodos de permanência nos dispositivos de assistência poderão induzir a situações de dependência (Branco, 2009). A esse nível, verifica-se que os casos de maior permanência na medida são os de José (12 anos) e Maria (11 anos), que mantêm uma relação de dependência com os serviços de acção social. Nestes casos, os handicaps existentes ao nível dos recursos e capitais pessoais, que são requeridos para a construção da autonomia, determinam a permanência da condição de assistido.

Neste capítulo efectuou-se a apresentação e análise dos dados empíricos, obtidos mediante a consulta de processos sociais e entrevistas de orientação biográfica. Apresentam-se, de seguida, as principais conclusões deste estudo nas considerações finais.

## [CONSIDERAÇÕES FINAIS]

---

O processo de reconfiguração do Estado-providência, assente na personalização dos seus meios, activação dos seus recursos, segundo o princípio da contrapartida, numa lógica de individuação e responsabilização do sujeito é uma dinâmica relativamente generalizada nos países da Europa. As políticas sociais, denominadas de inserção, passam a oferecer aos indivíduos possibilidades de (re)construção das capacidades de subjectivação, num apelo à auto-realização e inserção social. Estas políticas de activação afastam-se, assim, da distribuição automática e impessoal das prestações sociais.

É neste contexto que surge, em Portugal, o RMG/RSI, procurando assegurar um mínimo de subsistência aos indivíduos em situação de pobreza e, concomitantemente, encorajá-los a desenvolver as acções necessárias para que requeiram a condição de assistido, num percurso de inserção adaptado às suas necessidades e capacidades individuais.

Tendo por objectivo geral compreender, de um ponto de vista longitudinal, o impacto da medida de RSI nas trajetórias de inserção social e autonomização dos beneficiários, desenvolveu-se um estudo com uma abordagem eminentemente intensiva-qualitativa, mediante a realização de 12 entrevistas de orientação biográfica ao antigo titular da prestação. Procurou-se, igualmente, desenvolver uma vertente extensiva-quantitativa neste estudo, mediante a análise dos processos sociais referentes a situações de cessação da prestação de RSI, no ano de 2004.

Da análise dos dados obtidos, é possível identificar três categorias de beneficiários, quanto à sua relação com o mercado de trabalho: os indivíduos integrados em ramos de actividade pouco diferenciados e de baixa remuneração, pelo que, nestes casos, a vivência de uma situação de pobreza se relaciona com o tipo de qualificação e ocupação, com repercussões ao nível salarial (Costa, 2008). Correspondem a um

contingente de *working poors* (Diogo, 2007: 140), na medida em que a fragilidade dos seus capitais e as debilidades do mercado de trabalho condicionam a sua inserção social; por outro lado, os indivíduos não integráveis no mercado de trabalho, designadamente por motivos de saúde, ou por serem pensionistas, colocando em evidência as insuficiências das políticas sociais em assegurar os níveis mínimos de bem-estar e, por último, os indivíduos em idade activa, não integrados no mercado de trabalho, pela vivência de uma situação de desemprego (agravada pela baixa qualificação escolar e profissional), ou, pela não integração da mulher no mercado de trabalho, sendo este um dos traços característicos da sociedade açoriana, fenómeno marcado por uma dimensão cultural muito acentuada.

A experiência de ser assistido é, de um modo geral, vivenciada de forma ambivalente. Por um lado, o reconhecimento das dificuldades sentidas, justificativas da condição de beneficiário, proporcionam sentimentos de bem-estar, felicidade e protecção. Por outro, o olhar crítico da comunidade, enquanto beneficiários de RSI, acarreta sentimentos de humilhação e mal-estar, pelo que o desempenho de actividade laboral é entendida como a única forma de recuperação da dignidade perdida pela condição de assistido. A distinção que efectuam entre “bons” e “maus” pobres (Paugam, 1993:195) e o entendimento de si como “bom” pobre poderá consistir numa forma simbólica de resistência ao descrédito social que subjaz à condição de assistido.

No que diz respeito à significação do RSI, constata-se que este possui duas significações distintas: por um lado, uma conotação como prestação económica (encarado como uma pré-reforma social, complemento social de rendimentos ou salário social por trabalho familiar), por outro lado, aliada à conotação como prestação, o reconhecimento da medida na sua vertente de inserção (considerado um suporte à trajectória de inserção ou subsídio de desemprego de substituição) (Branco, 2001).

Para a maioria dos beneficiários, é o carácter regular da prestação que constitui o aspecto fulcral da medida, pelo que domina a significação do RSI enquanto prestação social, segundo uma lógica de complemento social de rendimentos ou de salário social por trabalho familiar, não sendo expressivo o entendimento da medida enquanto suporte à inserção. Como tal, são evidentes os impactes ao nível do consumo, garantindo às famílias um padrão mínimo de qualidade de vida, o que acarreta sentimentos de bem-estar, felicidade e protecção.

São também significativos os impactes existentes ao nível identitário, designadamente o aumento da auto-estima e dignidade pessoal, o reforço do sentimento

de independência e bem-estar individual, sobretudo no caso das mulheres, que possuem, em muitos casos pela primeira vez, uma fonte de rendimentos não dependente do conjugue. A esse nível, destaca-se a importância atribuída ao acompanhamento social, numa lógica implicação e proximidade entre assistente social e beneficiário.

Registam-se, ainda, efeitos ao nível do desenvolvimento de capacidades pessoais, sociais e profissionais ao permitir, por exemplo, o acesso a cursos de formação pessoal e social, formação profissional ou ensino recorrente que, em alguns casos, foram determinantes na construção de percursos de autonomização, embora noutras situações, mais não tenham significado do que uma forma de ocupação dos beneficiários, não se registando um impacto significativo nas suas trajetórias de vida.

A fraca expressividade que a área do emprego assume, quer ao nível dos impactos da medida, quer ao nível dos acordos de inserção, em detrimento das áreas da saúde, educação e acção social poderá significar uma aposta numa dimensão mais social da inserção, de reforço de competências pessoais e sociais, prévias à integração profissional. Poderá, também, reflectir a tradicional cultura institucional, centrada nos serviços típicos do Estado-providência, e não nas características e necessidades individuais, existindo uma adaptação às ofertas de inserção existentes. Deste modo, a fraca dimensão generativa dos acordos de inserção parece comprometer os percursos de autonomização dos indivíduos.

Ao momento da cessação da prestação estão associados sentimentos marcadamente negativos. No entanto, face à imperativa necessidade de reorganização de vida, a gestão eficiente, a poupança dos recursos económicos e o trabalho surgem como as principais estratégias de mobilização. Embora a cessação por rendimentos superiores seja a mais frequente, questiona-se a eficácia do RSI enquanto promotor da inserção social pelo trabalho dado que, após a cessação, predomina um cenário de intermitência entre emprego e desemprego, sem que ocorra uma melhoria estável das condições de vida dos ex-beneficiários. A precariedade laboral, associada às baixas qualificações escolares e profissionais e às debilidades que actualmente caracterizam o mercado de trabalho condicionam a possibilidade de uma efectiva inserção social. Este poderá constituir factor explicativo dos processos de reentrada na medida, traduzindo as debilidades da inserção, sobretudo no que se refere ao emprego. Neste sentido, considera-se que a compreensão dos processos de interrupção da escolaridade e os seus efeitos na trajetória profissional dos indivíduos constitui uma possível linha de investigação futura.

O RSI apresenta, pois, impactes quanto aos modos de vida e relação com os serviços de acção social. De acordo com os indivíduos que desenvolvem o modo de vida de investimento na mobilidade, o facto desta medida permitir a acumulação de capitais económicos e escolares é determinante na concretização das suas aspirações futuras, que se encontram directamente relacionadas com o bem-estar dos filhos. Almejam alcançar um estatuto mais reconhecido socialmente, sobretudo através do trabalho. Quanto aos indivíduos com o modo de vida de restrição, identificam os impactes positivos da medida relativamente à educação, consumo, habitação, emprego, embora estes nem sempre se tenham constituído numa melhoria estável das suas condições de vida. As pessoas que adoptam este modo de vida, geralmente, cedem às dificuldades sentidas, embora as tentem mitigar mediante o desenvolvimento de estratégias quotidianas de superação das mesmas.

Relativamente à relação estabelecida com os serviços esta é, maioritariamente, de fragilidade, determinada pela experiência de desemprego ou precariedade laboral. Os indivíduos encaram esta relação como uma solução transitória, dada a sua identificação como trabalhadores e não como assistidos.

Embora domine em Portugal uma pobreza integrada e tradicional, os factores de ordem estrutural, relacionados com o tipo de sociedade e o sistema económico nacional, influenciam e afectam as condições de vida da população, atribuindo um novo cariz à questão social. Como tal, considera-se imperativa a necessidade do desenvolvimento de uma política social integral, que combine políticas económicas e sociais, bem como a promoção e reforço dos sistemas de educação e formação profissional.

Considerando a importância da investigação em Serviço Social para o conhecimento da realidade social, futuros estudos deverão aprofundar os factores de permanência no RSI, bem como a influência do *local welfare sistem* nos percursos de inserção dos beneficiários.

## [REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS]

---

- Almeida, João Ferreira de (1993), “Integração e exclusão social: algumas questões”, *Análise Social*, 18, pp.123-124.
- Almeida, João Ferreira de (1995), *Introdução à Sociologia*, Lisboa, Universidade Aberta.
- Andersen, Gosta Esping (2002), *Why we need a new Welfare State*, Oxford, University Press.
- Astier, Isabelle (2007), *Les nouvelles règles du social*, Paris, PUF.
- Autès, Michel (2005), “Travail social et principes de justice ”, em Jacques Ion (dir.), *Le Travail Social en Débat[s]*, Paris, La Découverte.
- Bardin, Laurence (1991), *Análise de Conteúdo*, Lisboa, Edições 70.
- Beaud, Jean-Pierre (2003), “A amostragem” em Benoît Gauthier (dir.), *Investigação social: da problemática à colheita de dados*, Loures, Lusociência, pp. 201-232.
- Bertaux, Daniel (2001), *Les récits de vie*, Paris, Nathan.
- Bouchoux, Jacques *et al* (2004), “Revenu minimum d’insertion et transitions : une analyse des inégalités territoriales”, *Revue française des affaires sociales*, 4, pp. 107-132.
- Branco, Francisco (2001), *A Face Lunar dos Direitos Sociais – Virtualidades e Limites do RMG como direito de cidadania em Portugal*, Dissertação de Doutoramento em Serviço Social, PUC, São Paulo.
- Branco, Francisco (2008), “Acção Social, Individuação e Cidadania”, *Cidades – Comunidades e Territórios*, 17, pp. 81-91.
- Branco, Francisco (2009), *Aprofundamento do perfil dos utentes do acolhimento social da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa*, s.l., s.n.
- Brannen, Julia (ed.) (1992), “Combining qualitative and quantitative approaches: an overview” em *Mixing methods: qualitative and quantitative research*, Aldershot, Gower, pp.3-37.
- Capucha, Luís (1998a), “Nós e eles cá dentro: sobre o mito de um Robinson Crusoe ao contrário”, *Debates da Presidência da República – Pobreza e Exclusão: Horizontes de Intervenção*, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, pp. 13-33.
- Capucha, Luís (1998b), “Pobreza, exclusão social e marginalidades”, em José Manuel Leite Viegas e António Firmino da Costa (orgs.) *Portugal, que Modernidade?*, Oeiras, Celta, pp. 209-240.

- Capucha, Luís (2002), “Introdução”, em DEPP e MTS, *Portugal 1995-2000 – perspectivas da evolução social*, Lisboa, Celta, pp. 1-9.
- Capucha, Luís (coord.) (1998c), *Rendimento Mínimo Garantido: avaliação da fase experimental*, Lisboa, CIES.
- Capucha, Luís *et al* (2002), “Vulnerabilidade à exclusão social”, em DEPP e MTS, *Portugal 1995-2000 – perspectivas da evolução social*, Lisboa, Celta, pp. 181-250.
- Capucha, Luís (2005), *Desafios da Pobreza*, Oeiras, Celta.
- Carmo, Hermano e Manuela Ferreira (2008), *Metodologia da Investigação – Guia para a auto-aprendizagem*, 2ª Edição, Lisboa, Universidade Aberta.
- Castel, Robert (1998), *As metamorfoses da Questão Social – uma crónica do salário*, Petrópolis, Editora Vozes, pp. 495-611.
- Castel, Robert (2005), “Devenir de l’État providence et travail social” em Jacques Ion (dir.), *Le Travail Social en Débat[s]*, Paris, La Découverte, pp. 27-49.
- Costa, Alfredo Bruto da (1998), *Exclusões Sociais*, Lisboa, Cadernos Democráticos.
- Costa, Alfredo Bruto da (coord.) (2008), *Um Olhar sobre a Pobreza – vulnerabilidade e exclusão social no Portugal contemporâneo*, Lisboa, Gradiva.
- Costa, António Firmino da (1999), *Sociedade de bairro: dinâmicas sociais da identidade cultural*, Oeiras, Celta.
- Digneffe, Françoise (1997), “Do individual ao social: a abordagem biográfica” em Luc Albarello *et al* (ed.), *Práticas e Métodos de Investigação em Ciências Sociais*, Lisboa, Gradiva, pp. 203-245.
- Diogo, Fernando (2007), *Pobreza, Trabalho, Identidade*, Oeiras, Celta.
- Dubar, Claude (1996), “Socialisation et processus” em Serge Paugam (dir.), *L’exclusion l’état des savoirs*, Paris, La Découverte, pp. 111-119.
- Faleiros, Vicente de Paula (2002), “La crítica a una política del sujeto”, *Trabajo Social*, 4, Universidade Nacional de Colombia, Bogotá, pp. 62-80.
- Ferrera, Maurizio *et al* (2000), “O futuro do Estado-Providência Europeu”, em *O Futuro da Europa Social*, Oeiras, Celta, pp. 99-109
- Flick, Uwe (2004), *Introducción a la investigación cualitativa*, Madrid, Morata.
- Fortin, Marie-Fabienne (2003), *O processo de investigação: da concepção à realização*, Loures, Lusociência.
- Fraser, Hugh (1993), “La acción voluntaria y los programas contra la pobreza” em Luis Moreno (coord.), *Intercambio Social y Desarrollo del Bienestar*, Espanha, Colección Politeya, pp. 165-195.
- Giddens, Anthony (1997), *Sociologia*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.
- Giddens, Anthony (2007), *A Europa na Era Global*, Lisboa, Editorial Presença.

- Gros, Marielle Christine (1998), “A política de luta contra a pobreza por programas – um meio eficaz para reequilibrar os interesses sociais divergentes e promover a integração social?”, *Debates da Presidência da República – Pobreza e Exclusão: Horizontes de Intervenção*, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 59-77.
- Guerra, Isabel (2006), *Pesquisa Qualitativa e Análise de Conteúdo – Sentidos e formas de uso*, Estoril, Principia.
- Guerra, Isabel e M<sup>a</sup> José Antunes (2009), *Vulnerabilidades e potencialidades da coesão social nos Açores – Análise de 10 anos de percursos de inclusão social (RMG/RSI)*, Lisboa, s.n.
- Houle, Gilles (2003), “A história de vida ou a narrativa da prática” em Benoît Gauthier (dir.), *Investigação social: da problemática à colheita de dados*, Loures, Lusociência, pp. 303-318.
- Ion, Jacques e Bertrand Ravon (2005), “Institutions et dispositifs” em Jacques Ion (dir.), *Le Travail Social en Débat[s]*, Paris, La Découverte.
- Landry, Réjean (2003), “A análise de conteúdo” em Benoît Gauthier (dir.), *Investigação social: da problemática à colheita de dados*, Loures, Lusociência, pp. 345-372.
- Maxwell, Joseph (1997), “Designing a qualitative study” em Leonard Bickman e Debra Rog, *The handbook of applied social research methods*, Newbury Park, Sage, pp.69-97.
- MSST (2002), *Avaliação de Impactes do Rendimento Mínimo Garantido – Os beneficiários RMG, síntese e recomendações*, s.l, s.n.
- Pais, José Machado (2001), *Ganchos, Tachos e Biscates*, Porto, Âmbar.
- Paugam Serge (2003), *A Desqualificação Social*, Porto, Porto Editora.
- Paugam, Serge (1993), *La société française et ses pauvres*, Paris, PUF.
- Paugam, Serge (2005), *Les formes élémentaires de la pauvreté*, Paris, PUF.
- Rodrigues, Eduardo Vítor *et al* (1999), “A pobreza e exclusão social: teorias, conceitos e políticas sociais em Portugal”, *Sociologia*, 9, pp. 63-101.
- Rodrigues, Fernanda (2003) (coord.), *Acção Social na área da exclusão social*, Lisboa, Universidade Aberta.
- Rodrigues, Fernanda (1996), “Pobreza e Exclusão Social: Configurações e Perspectivas, a Intervenção e Formação dos Profissionais Sociais” em Rudi Hoven e Maria Nunes (orgs.), *Desenvolvimento e Acção Local*, Lisboa, Fim de Século Edições, pp. 11-33.
- Rosanvallon, Pierre (1995), *La nouvelle question sociale*, Paris, Editions du Seuil.
- Sampieri, Roberto Hernández *et al* (2006), *Metodologia de Pesquisa*, 3<sup>a</sup> Edição, São Paulo, MacGrawHill.
- Soulet, Marc-Henry (2005), “Une solidarité de responsabilisation ?” em Jacques Ion (dir.), *Le Travail Social en Débat[s]*, Paris, La Découverte.

Sposati, Aldaíza (1998), “Mínimos Sociais e Seguridade Social: uma revolução da consciência da cidadania.”, *Intervenção Social*, 17/18, pp.197-225.

Xiberras, Martine (1993), *As Teorias da Exclusão: Para uma construção do imaginário do desvio*, Lisboa, Instituto Piaget.

Zoyem, Jean-Paul (1999) “Contrat d’insertion et sortie du RMI: Evaluation des effets d’une politique sociale”, *Economie et Statistique*, 346-47, INSEE.

## **[LEGISLAÇÃO REFERENCIADA]**

---

Lei 19-A/96 de 29 de Junho.

Lei 13/2003 de 21 de Maio.

## **[DOCUMENTOS CONSULTADOS]**

---

IAS (2009), Relatório mensal de Janeiro.

# **ANEXOS**

# **ANEXO I**

## **(Guião de entrevista)**

## GUIÃO DE ENTREVISTA

### **0. APRESENTAÇÃO E LEGITIMAÇÃO DA ENTREVISTA**

#### **I. ORIGEM SOCIAL**

- O que faziam os seus pais para ganhar a vida?
- Até que ano os seus pais estudaram?

#### **Representações do passado:**

- Como se recorda da sua infância e adolescência?
- Existiam dificuldades económicas?
- Como era a relação entre os elementos da família?

#### **II. TRAJECTÓRIA DE VIDA ANTES DO RSI**

- **Trajectória escolar:**
  - Qual foi o ano de escolaridade que atingiu?
  - Deixou de frequentar a escola com que idade? Porquê?
  - Gostava de estar na escola?
- **Trajectória profissional:**
  - Com que idade começou a trabalhar;
  - Que empregos teve?
  - Durante quanto tempo teve esses empregos?
  - Alguma vez esteve desempregado? Porquê e por quanto tempo?
  - Se nunca trabalhou: porque é que nunca trabalhou?
- **Trajectória familiar:**
  - Com que idade casou?
  - Quantos filhos teve?
  - Que memórias tem desses momentos?

- Casos de separação/divórcio: Quais os motivos que levaram à sua separação/divórcio?

### **III. TRAJECTÓRIA DE VIDA ENQUANTO BENEFICIÁRIO DE RSI**

- **O Requerimento:**

- Como soube da existência do RSI?
- Porque resolveu requerer o RSI?
- Quais os problemas/dificuldades pelas quais passava?
- Como se sentiu a requerer o RSI?

- **Relacionamento com os Serviços de Acção Social:**

- Antes de requerer o RSI já tinha solicitado outro apoio do Serviço de Acção Social?
- Quais os motivos que o levaram a procurar o Serviço de Acção Social?
- Com que frequência o fez?
- Os apoios que recebeu foram de encontro às suas necessidades/expectativas?

- **O Programa de Inserção:**

- Assinou o acordo de inserção?
- Como foi o processo de elaboração do programa de inserção?
- Quais as acções do seu programa de inserção? Na altura, que acções propôs?
- Considera importante os beneficiários terem um papel activo na construção do seu programa de inserção?
- Como se sentiu no momento da negociação e assinatura do acordo de inserção?
- As acções acordadas foram cumpridas?
- A sua vida melhorou na sequência da assinatura do acordo de inserção? Em que aspectos?

- **Alterações nas condições de vida por via do RSI:**
  - O que acha que mudou na sua vida com o RSI? (efeitos ao nível da identidade; consumo; saúde; dinâmica familiar; educação/formação profissional; emprego; habitação)
  
- **Visão do RSI:**
  - Que opinião tem sobre o RSI?
  - Como se sentiu enquanto beneficiário?

### **III. TRAJECTÓRIA DE VIDA APÓS A CESSAÇÃO DA PRESTAÇÃO**

- **A cessação:**
  - Porque motivo deixou de receber o RSI?
  - Como se sentiu quando isso aconteceu?
  - Onde foi buscar a sua força para ultrapassar essa situação?
  
- **Estratégias de reorganização de vida:**
  - De que forma reorganizou a sua vida quando deixou de contar com o RSI? (explorar diferentes aspectos)
  - Que estratégias adoptou?
  - Solicitou apoio a familiares/vizinhos?
  - Recebeu outros apoios? De que serviços?
  - Acha importante as pessoas viverem sem apoios do Estado ou da caridade? Acha que isso é possível?
  
- **Trajectória escolar:**
  - Depois da cessação da prestação ingressou em algum curso de formação profissional?
  - Completou mais anos de escolaridade?
  
- **Trajectória profissional:**
  - Que empregos teve?
  - Ficou desempregado? Porquê e por quanto tempo?

- Actualmente o que faz? (condição perante o trabalho e situação na profissão)
  
- **Trajectória familiar:**
  - Que alterações ocorreram na sua família? (casamento; nascimento de filhos; separação/divórcio);
  - O que melhorou na sua família?
  
- **Trajectória residencial:**
  - Que alterações ocorreram ao nível da habitação? (mudança de residência; melhorias ao nível das condições habitacionais);
  
- **Reingresso na medida:**
  - Porque voltou a requerer o RSI?
  - Quais os problemas/dificuldades pelas quais passava?
  - Como se sentiu a requerer novamente o RSI?
  - O RSI continua a ser importante para si? Porquê?
  - Se fosse hoje voltava a requerer o RSI?

#### **IV. PERSPECTIVAS DE FUTURO**

- **Expectativas:**
  - Que sonhos tem para o futuro?
  - O que já fez para alcançar/concretizar os seus sonhos?
  - Como se vê daqui a 5 anos?
  - Considera que a sua vida vai melhorar?

# **ANEXO II**

## **(Caracterização geral dos entrevistados)**

## CARACTERIZAÇÃO GERAL DOS ENTREVISTADOS

	<b>Idade</b>	<b>Estado Civil</b>	<b>Habilitações literárias</b>	<b>Profissão</b>	<b>Requerimento RSI</b>	<b>Cessação RSI</b>	<b>Reingresso na medida</b>
<b>Filipa</b>	25	Casada	7º ano	Operária fabril	Aos 16 anos, por insuficiência de rendimentos	Aos 20 anos por rendimentos superiores – integração mercado de trabalho	Sim (2 requerimentos)
<b>Iva</b>	30	Casada	9º ano	Empregada de limpeza	Aos 21 anos, pelo desejo de frequentar curso de formação	Aos 24 anos por falta a uma convocatória	Não
<b>Fernando</b>	51	Casado	4º ano	Carpinteiro	Aos 39 anos, por insuficiência de rendimentos (desemprego)	Aos 46 anos por rendimentos superiores – bolsa de formação de um filho	Não
<b>José</b>	50	Casado	6º ano	Desempregado	Aos 39 anos, por insuficiência de rendimentos (desemprego)	Aos 46 anos por detenção do titular (tráfico de estupefacientes)	Sim (2 requerimentos)
<b>Lurdes</b>	51	Viúva	5º ano	Empregada de limpeza	Aos 39 anos, por insuficiência de rendimentos (viuvez)	Aos 46 anos por rendimentos superiores – integração no mercado de trabalho	Não
<b>Graça</b>	41	Vive maritalmente	6º ano	Empregada de limpeza	Aos 29 anos, por desemprego do casal	Aos 36 anos por rendimentos superiores – integração no mercado de trabalho	Sim (3 requerimentos)
<b>Mariana</b>	39	Casada	3º ano	Doméstica	Aos 30 anos, por desemprego do casal e existência de problemas habitacionais	Aos 34 anos (desconhecimento do motivo)	Sim (2 requerimentos)
<b>Isabel</b>	29	Separada	4º ano	Empregada de limpeza	Aos 23 anos por insuficiência de rendimentos (desemprego)	Aos 24 anos por não comunicação de alteração de residência	Sim (5 requerimentos)
<b>Alberto</b>	50	Casado	6º ano	Tratador de gado	Aos 40 anos por insuficiência de rendimentos (desemprego esposa)	Aos 46 anos por rendimentos superiores	Não
<b>Verónica</b>	28	Casada	1º ano	Doméstica	Aos 21 por insuficiência de rendimentos	Aos 24 anos por não entrega de documentação	Sim (2 requerimentos)
<b>Maria</b>	43	Casada	6º ano	Doméstica	Aos 32 anos por insuficiência de rendimentos	Aos 38 anos por não entrega de documentação	Sim (2 requerimentos)
<b>Carmélia</b>	64	Viúva	4º ano	Doméstica	Aos 57 anos, por insuficiência de rendimentos (viuvez)	Aos 59 anos por rendimentos superiores – alteração no agregado familiar	Sim (3 requerimentos)

# **ANEXO III**

**(Grelha analítica das entrevistas)**

## GRELHA ANALÍTICA DAS ENTREVISTAS

Temas	Categorias	Sub-Categorias
Trajectória de vida antes do RSI	Origem Social	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Profissão dos pais;</li> <li>• Escolaridade dos pais</li> </ul>
	Representações do passado	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Visão da infância;</li> <li>• Existência de dificuldades económicas;</li> <li>• Relação familiar</li> </ul>
	Trajectória escolar	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Frequência escolar;</li> <li>• Razões da interrupção da escolaridade;</li> <li>• Relação com a escola</li> </ul>
	Trajectória profissional	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Início actividade profissional;</li> <li>• Actividades profissionais exercidas;</li> <li>• Duração das actividades profissionais;</li> <li>• Experiência de desemprego;</li> <li>• Razões da não inserção no mercado de trabalho</li> </ul>
	Trajectória familiar	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Início vida familiar;</li> <li>• Número de filhos;</li> <li>• Representações sobre o casamento e nascimento dos filhos;</li> <li>• Razões da separação/divórcio</li> </ul>

Trajectória de vida enquanto beneficiário do RSI	Requerimento	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Conhecimento da medida;</li> <li>• Motivos do requerimento;</li> <li>• Representações sobre o momento do requerimento</li> </ul>
	Relação com o Serviço de Acção Social	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Existência de relação com o Serviço de Acção Social prévia ao RSI;</li> <li>• Motivos e frequência dos pedidos de apoio;</li> <li>• Opinião sobre aos apoios auferidos</li> </ul>
	Acordo de Inserção	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Existência de acordo de inserção;</li> <li>• Processo de elaboração do programa de inserção;</li> <li>• Opinião sobre exigência de activação do beneficiário;</li> <li>• Significado da negociação e assinatura do acordo de inserção;</li> <li>• Cumprimento das acções acordadas;</li> <li>• Opinião sobre a importância das acções do acordo de inserção</li> </ul>

	Impactes do RSI	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Identidade;</li> <li>• Consumo;</li> <li>• Saúde;</li> <li>• Dinâmica familiar;</li> <li>• Educação/formação profissional;</li> <li>• Emprego;</li> <li>• Habitação;</li> </ul>
	Visão do RSI	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Opinião sobre o RSI;</li> <li>• Sentimentos associados à condição de assistido;</li> <li>• Opinião sobre o acompanhamento técnico/papel do assistente social;</li> </ul>
Trajectória de vida após a cessação da prestação	Cessação da presta�o	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Motivo da cessação;</li> <li>• Sentimentos associados;</li> <li>• Fontes de resili�ncia;</li> <li>• Estratégias de reorganiza�o de vida;</li> <li>• Recurso � rede familiar e de vizinhança;</li> <li>• Recurso a outros serviços;</li> <li>• Opinião sobre a autonomia dos indivíduos face aos apoios sociais;</li> </ul>
	Trajectória escolar	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Frequ�ncia de cursos de forma�o profissional</li> <li>• Melhoria das</li> </ul>

		habilitações literárias;
	Trajectória profissional	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Actividades profissionais exercidas;</li> <li>• Experiência de desemprego;</li> <li>• Condição actual perante o trabalho e situação na profissão;</li> </ul>
	Trajectória residencial	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Mudança de residência;</li> <li>• Melhorias ao nível das condições habitacionais;</li> </ul>
	Reingresso na medida	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Motivos do reingresso na medida;</li> <li>• Sentimentos associados ao reingresso na medida;</li> <li>• Importância atribuída ao RSI;</li> </ul>
Perspectivas de futuro	Expectativas	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Sonhos/projectos;</li> <li>• Visão sobre o futuro.</li> </ul>

# **ANEXO IV**

## **(Transcrição das entrevistas)**

## **E1 - Filipa**

*Vamos começar por falar um pouco da sua infância e adolescência. O que faziam os seus pais para ganhar a vida?*

Os meus pais trabalhavam na piscina da Lagoa em limpeza. Ganhavam mais ou menos, mas lutavam pela vida.

*E até que ano os seus pais estudaram?*

Até ao 4º ano.

*Como é que a Sr.ª se recorda da sua infância e adolescência?*

Os momentos que me lembro, eu estava na escola, tinha as minhas amigas, curtíamos a vida de jovem, brincava. Se estou triste, lembro o passado e fico melhor.

Estava na escola, namorei, depois passei para o 8º ano e já não continuei, porque estava para ter a minha filha. Tive-a com 16 anos. Depois deixei a escola, abandonei a casa dos meus pais, quando soube que estava para ser mãe. Fui para a casa da minha sogra, onde vivi 6 anos. A minha filha hoje já tem 9 anos, tenho a outra que vai fazer 7 anos e um bebé com 14 meses.

*Mas durante a sua infância, recorda-se de passarem por dificuldades económicas?*

Passamos um bocadinho. O meu pai fazia horas, a minha mãe era costureira em casa...

*E como era a relação entre vocês?*

A gente dava-se bem. Mas quando comecei a namorar o meu irmão mais velho implicava muito, mas era para o meu bem, eu só tinha 14 anos. Às vezes o meu irmão quase que me batia, dizia “eu vi-te a dar um beijo”, com ciúmes e dizia que ia contar aos pais. Às vezes era uma desunião entre irmãos por causa dessas arengas, por causa do meu namoro.

*Então, deixou de frequentar a escola com 14 anos...*

Saí com 15 anos, porque estava para ter a minha filha.

*Gostava de estar na escola?*

Gostava, com as minhas colegas e tudo. Até no serviço disseram para termos um curso à noite, uma hora, porque nunca sabemos quando o trabalho pode ir à falência, pode não haver peixe e aí não temos a matéria-prima para trabalhar. Ainda hoje em dia se vejo as minhas colegas a gente fala e relembra os tempos de escola, rir e brincar. É bom recordar os tempos de escola.

*Com que idade começou a trabalhar?*

Com 21 anos.

*E que empregos teve?*

Estive 3 meses no Liberal Creador, no supermercado dos aperitivos. Não deu muito certo porque o ordenado não era muito compensado. Depois trabalhei na Norlimpa mais 3 meses, outro serviço que não compensava. Pagava à ama 100€ Depois estive uns tempos parada, recebia o rendimento, mas nem chegou a um ano que eu recebi. Entretanto fui para a Cofaco, em 2004 e a vida ficou a melhorar. Nesse ano que entrei fiquei logo efectiva. Fiquei muito contente porque podia comprar casa, ter a minha casa própria, mas até hoje ainda não tenho, mas tudo se há-de resolver.

Quando comecei na Cofaco fui cortada no rendimento. Até hoje a vida tem melhorado um bocadinho. Tenho a casa de renda, mas já tentei comprar uma casa de 10000 contos, já que estava efectiva, mas era preciso uma fiança e lá ficou assim, perdemos essa oportunidade. Vimos outra casa por 5000 contos, mas depois o dono da casa encontrou outro casal que ofereceu mais dinheiro e lá perdemos essa hipótese.

Já estou inscrita na Secretaria há uns 11 anos, para ter uma casa, mas ainda não tive qualquer resposta. O ano passado deram apartamentos na Ribeirinha mas eu fui renegada. Até convidei pessoas da Câmara para virem ver a minha casa de renda, mas nunca vieram. Dois meses depois do meu filho nascer fui à Câmara, até me disseram “vêm à câmara com os bebés, para ver se têm uma casa mais depressa”, mas não era isso. Não tinha ninguém com quem deixar o meu filho. Mas ia lá sempre, aproveitando que estava de maternidade.

Tiveram para nos dar um terreno, mas era muito longe, era no Porto Formoso mas eu não tinha carta de condução, só agora há 2 anos que tenho.

Mas essa casa de renda tinha cheiro a esgoto, problemas com a fossa. Era uma casinha muito pequenina, um T1, com 3 filhos. Mas estou há um mês nesta casa de renda e é muito melhor. Tem mais higiene e boas condições.

*Falando agora um pouco no seu percurso....A Sr.ª com que idade casou?*

Casei com 16 anos.

*E teve três filhos...*

Sim, tive três filhos.

*E que memórias guarda desses momentos?*

É uma boa recordação. De vez em quando vejo as fotos da maternidade. Mesmo de quando namorava com o meu marido, da família...são boas recordações que tenho.

*Falando agora na altura em que a Sr.ª fez os papéis para o RSI...como soube da existência do RSI?*

Diziam que era uma ajuda, que ajudava à vida. Quando eu morava em casa da minha sogra o meu marido ganhava 30 e tal contos por semana...não dava bem. Por isso eu meti-me a fazer os papéis do rendimento, vi que era bom. A minha sogra disse que era bom eu fazer, que ia nascer mais um e era uma ajudinha.

*Então que problemas a Sr.ª tinha na altura para que fizesse os papéis para o RSI, que dificuldades sentia?*

De repente para pagar a luz, as compras do mês...se a gente via que não dava já cortávamos nas compras...não era duas, três quantidades era uma só de cada coisa.

*Como se sentiu quando requereu o RSI?*

Eu senti-me...depois comecei a comprar as minhas coisas no Benjamim, electrodomésticos, certas coisas que eu não tinha passei a comprar. Como fizemos outra cozinha, ainda em casa da minha sogra, pegamos a comprar outras coisas. Recebia por mês o rendimento e pagava a minha prestação da dívida e recompensava muito.

*Mas como se sentiu quando fez os papeis para o rendimento? Sentiu-me bem, ou sentiu alguma vergonha?*

O meu marido é que teve mais, mas eu não pensava assim. Ele dizia “vão dizer que são dinheiros dados, que estamos a viver às custas do rendimento. Tu vais é procurar trabalho”. Quando fui aceite o meu marido disse “agora vão dizer que a tua roupa é do rendimento” e eu não era de luxos, até hoje não sou. Penso no que tenho para pagar e aquela preocupação com os meus filhos. Primeiro são eles. Não quero que nada lhes falte, que nada os prejudique e também ao meu marido, que ele não tem culpa de me ter.

*Mas antes de receber o RSI, já alguma vez tinha ido ao Serviço de Acção Social pedir algum apoio?*

Não, foi o rendimento mesmo. Fiz agora outra vez, há duas semanas, para ajudar na renda. Teve que ser...estou nesta casa e a gente vê que falta sempre alguma coisa.

*Durante quanto tempo a Sr.<sup>a</sup> recebeu o rendimento?*

Não chegou a um ano.

*E durante esse período recorda-se de ter assinado o acordo de inserção?*

Agora não sei a certeza...Eu assinei algum papel, sei que li alguma coisa...

*Mas não se recorda muito bem...*

Não, não. Ainda uma pessoa agora está a trabalhar, ainda menos pensa no rendimento e já lá vão 4 anos.

*Pensando nas mudanças que o rendimento trouxe na sua vida...Há pouco a Sr.<sup>a</sup> falava-me das coisas que tinha comprado...*

O frigorífico, a máquina de lavar, o microondas. Depois comecei a trabalhar e cortaram-me, mas não quer dizer que eu subi mais alto, desci para baixo. Estou nesta casa de renda, pago 250€ o meu marido a ganhar mais ou menos 30 contos por semana...

*E enquanto pessoa, o que acha que mudou com o rendimento?*

Sentia-me bem por poder comprar as coisas para os meus filhos. Poder comprar toda a alimentação, os cereais próprios, as mochilas que eles queriam para a escola, o manual, coisas para ela escrever, para vestir.

*Ao nível da relação com o seu marido...alguma coisa mudou?*

Não... ele dizia “parece que estás a ganhar dinheiro dado para ficares em liberdade! Para te vestires, para saíres”. Ele sempre sabia que eu recebia, mas quando cortou não ficou muito contente...

*Mas ele gostava que a Sr.ª recebesse o rendimento?*

O gostar, gostava, por um lado, porque era para ajudar mais à renda. O outro lado era para as pessoas não pensarem que a gente comia às custas do rendimento, porque ele não se sente bem.

*Que opinião a Sr.ª tem sobre o RSI?*

Ajuda um bocadinho à vida, por exemplo, para quem ganha o ordenado mínimo. Ajudava-me na renda e nos pagamentos da casa, água, luz, gás. Se eu tinha um dinheirinho extra, sempre ajudava nos medicamentos, que o meu pequeno é dado a bronquiolite. Máquina de vapores é que eu não tenho... não tenho facilidade em comprar.

*E na altura que a Sr.ª deixou de contar com o rendimento... como se sentiu?*

Eu já me conhecia a mim própria e dizia nada como estar a trabalhar e receber o nosso ordenado. Gosto mesmo de trabalhar para aliviar o stress, para distrair e conhecer novas pessoas, por isso senti-me bem.

*E de que forma reorganizou a sua vida?*

Fui trabalhando e continuando a pagar as minhas coisas, mas depois meti-me na dívida do cartão de um banco particular. As coisas estão complicadas, já ligaram para o meu serviço para falarem comigo... fico cheia de nervos e já não consigo trabalhar bem o resto do dia

*A Sr.ª começou a trabalhar, mas para fazer face ao facto de deixar de contar com o RSI recorreu a esse banco...*

Sim, para fazer face às despesas e para me desenrascar.

*Mas nunca pediu apoio à família ou aos vizinhos?*

Não, nunca pedi apoio.

*E de outros serviços?*

Também não.

*Acha importante as pessoas viverem sem estes apoios?*

As pessoas viverem por sua conta... às vezes ajuda, mas está na pessoa, querer trabalhar e ver o seu lucro. Pobre da pessoa não querer trabalhar e vai atrás do rendimento. Por exemplo no meu caso... eu também gostava de estar em casa a cuidar dos meus filhos mas não posso. Conheço uma mulher que trabalhou só duas semanas na Cofaco. Não gostava do cheiro a peixe... e recebe o rendimento. A quem tem aquela coisa de vida, não dão o rendimento. As pessoas que não querem trabalhar e deixam os filhos têm ajuda.

*Depois de ter sido cancelada a prestação do rendimento, a Sr.<sup>a</sup> voltou a estudar, ou tirou algum curso?*

Não. Estive sempre a trabalhar na Cofaco.

*Pensando no futuro...que sonhos tem?*

Ter a minha casa própria, que os meus filhos tenham muita inteligência e muita saúde e que tudo corra bem até lá.

*E o que pode fazer para concretizar esses sonhos?*

Neste momento estou a trabalhar e estou a pensar fazer um esforço de poupar, ou melhor, já começamos! Temos um mealheiro e já tem sessenta e tal euros, mas tudo em pretinhos. Um dia mais tarde vamos encher...é um garrafão de 5 litros. Vamos acabar de encher e mais tarde abrir uma conta para cada um para terem um futuro mais tarde.

*E como se vê daqui a 5 anos?*

Nosso Senhor que me dê até lá saúde para nós, que corra tudo bem no trabalho, porque até hoje tem sido um bocadinho complicado porque o patrão sempre aperta connosco. Sempre optimista, sempre em frente. A gente quer que corra tudo bem até lá, com casa própria.

*Acha que a sua vida vai melhorar?*

Espero que sim. A esperança é a última a morrer. Espero subir mais do que aquilo que já subi.

*Onde vai buscar a sua força?*

Eu rezo, peço muita força e que Nosso Senhor me dê muita luz no meu caminho e que corra tudo bem na minha vida, no meu lar. Eu faço uma oração antes de dormir, com muita fé, fecho os olhos. Não falha uma vez só.

*E daqui a 5 anos...acha que vai estar a receber o RSI?*

Da maneira como as coisas estão...Eu estou a trabalhar, mas as coisas estão difíceis, mas espero que vão melhorando. Estou sempre optimista que vou conseguir, com a luz de Nosso Senhor. Sinto de dia para dia que tudo o que eu faço dá certo.

## **E2 - Iva**

*Sr.<sup>a</sup> Iva vamos começar por falar um pouco da sua infância e adolescência. O que faziam os seus pais para ganhar a vida?*

O meu pai esteve embarcado quase 20 anos, nas fábricas e a minha mãe era doméstica. A minha infância, por acaso, foi boa. O único senão que tive é que não conheci o meu pai, só o conheci aos 5 anos e depois só aos 15 é que estive com ele.

*Quantos filhos eram?*

Comigo, cinco. Quatro raparigas e um rapaz.

*E qual o ano da escola que os seus pais concluíram?*

A minha mãe a 4ª classe, o meu pai nem a segunda teve, mas sabe ler e escrever, graças a Deus.

*Mas lembra-se de existirem dificuldades económicas?*

Não, graças a Deus não. O meu pai sempre nos mandou o sustento e a gente sempre teve tudo.

*E davam-se bem? Eram uma família unida?*

Sim, até à parte de conhecer o meu pai. Não me dava muito bem com ele. Havia sempre uns conflitozinhos. Entretanto foi por isso que saí da escola. Aos 17 anos saí da escola, por causa do tabaco, porque ele descobriu que eu fumava e pronto, vim para casa. Levei a minha adolescência assim, mais ou menos, por causa do meu pai mas depois resolvi e saí de casa.

*Saiu da escola com 17 anos...que ano concluiu?*

Fiquei com o 7º incompleto.

*Mas gostava de estar na escola?*

Gostava. Era brincalhona, mas era boa aluna.

*Com que idade começou a trabalhar?*

A primeira vez que trabalhei foi fora daqui, no Canadá.

*Mas como foi o seu percurso a partir do momento que saiu da escola?*

Quando saí da escola fiquei em casa, ajudava o meu pai no quintal, na horta, em casa a ajudar a mãe, essas coisas assim.

*Durante quanto tempo esteve em casa, até ir para o Canadá?*

Até aos 19 e depois fui para o Canadá. No princípio era só nas férias, mas depois fui gostando, comecei a trabalhar, fiquei lá um bocado de tempo e depois regresssei para cá.

*Que trabalhos teve no Canadá?*

Trabalhei numa empresa de limpeza durante três meses, depois fui também para uma fábrica de costura e estive nos dois durante um ano.

*Entretanto regressa...*

Regresso e foi nessa altura que queria tirar o curso, mas não podia ir porque tinha de estar abrangida pelo rendimento mínimo.

*Qual era o curso que queria tirar?*

Não me recordo muito bem o nome, mas era de estufas.

*Era um curso do projecto Sementes de Mudança, mas era apenas para beneficiários de RSI...*

Sim. Mas isso foi antes de ir para fora. Entretanto estive lá fora e por causa de uns problemas de saúde tive de regressar e foi aí que disseram à minha mãe que tinha de ir à Sr.<sup>a</sup> para fazer os papéis. Foi nessa altura que o dinheiro me deu muito, muito jeito.

*É, então quando regressa do Canadá que resolve fazer o RSI...*

Eu já tinha feito o pedido antes, mas como fui para o Canadá ficou em banho maria. Depois quando cheguei fui lá para reabrir o processo e expliquei que estava com problemas de saúde. Na altura recebia 25 contos. Ajudei os meus pais naquilo que podia. Praticamente entreguei o dinheiro todo para a mão deles e, na altura, o dinheiro servia mesmo para os problemas de saúde.

*Que problemas de saúde tinha?*

Entrei em menopausa precoce aos 17 anos e depois quando regresssei tive de ir a um ginecologista, teve de ser tudo pago, por isso o dinheiro deu-me mesmo muito jeito. Também chegaram a ajudar-me na medicação, umas receitas que tive, porque tive de fazer logo e já um tratamento, um pouco bruto, para ver se conseguia alguma coisa, mas infelizmente não.

*Bem, então a Ivone regressa do Canadá e reabre o processo...mas antes disso, como soube da existência do RSI?*

É assim, através das pessoas, também na altura frequentava a associação Crescer em Confiança, estava num curso de corte e costura, e duas colegas recebiam o rendimento mínimo.

*Quando requer, antes de ir para o Canadá, fá-lo porque quer frequentar esse curso, mas o que a leva a reabrir o processo?*

O meu pai tinha os seus trocos, mas com os problemas que eu tinha, eu sabia que tinha de ser tratada. Na altura eu disse lá à Sr.<sup>a</sup> que precisava mais do dinheiro era para medicações, médicos. Ela disse tudo bem, um dia que já não precisas, que esteja tudo bem, avisas a gente. Entretanto entrei para o curso de empregada administrativa, fiquei só com 25€ porque recebia a bolsa da escola. Deixei de receber porque faltei a uma reunião, despercebi-me, mas também não me fez efeito porque estava a estudar ainda e isso sempre me ia ajudando.

*Como se sentiu ao pedir este apoio?*

A gente sente-se sempre um bocadinho constrangidas, não é? Se eu tivesse um pai 100%, eu não recorria a isso, mas sei que o meu pai de vez em quando pregava na cara, a dizer que eu estava sempre doente e eu estava naquela de querer ser mais independente e não estar tão dependente dele. Pensei “vou arriscar, se não conseguir, paciência”.

*E foi a primeira vez que pediu apoio ao Serviço de Acção Social, ou antes já tinha pedido?*

Não, não, foi a primeira vez.

*E lembra-se, enquanto recebeu o RSI, de assinar o acordo de inserção? É uma espécie de contrato que as pessoas que recebem o rendimento assinam...*

Eu acho que sim, mas a certeza também não tenho. Não sei, acho que não assinei nada.

*E o que acha que mudou na sua vida por receber o RSI?*

Mudou bastante! Comecei a ser ainda mais independente daquilo que já era, comecei a dar mais valor ao dinheiro em si porque também já tinha trabalhado. Naquela altura o dinheiro foi muito bem-vindo. Não sei, comecei a dar mais valor às coisas, já não pegava no dinheiro e gastava à toa. Dei muito valor àquele dinheiro.

*E enquanto pessoa, acha que mudou alguma coisa?*

A principio as pessoas diziam “ahh, o dinheiro é para a comida, para vestir” e eu dizia “não, o dinheiro é para isso, para medicações e só se crescer é que eu invisto em mim” Se não precisasse não requeria outra vez.

*Então o rendimento teve grande influência na sua situação de saúde...*

Sim, para estar a pagar o ginecologista e isso. Mas cheguei a ir ter com a Sr.<sup>a</sup> e dizer que já não precisava de tanto dinheiro, porque o meu médico me tinha passado para as consultas externas, por isso esse dinheiro já dava para ajudar outra pessoa. Mas ela disse “não, por enquanto continuas a receber o mesmo dinheiro que estás a receber, só mais para a frente, quando começares a sentir-te melhor, então aí a gente corta mais um bocado”

*Através do rendimento foi integrada em cursos de formação...o corte e costura e de empregada administrativa...*

Não, não, eu mesma de mim é que quis tirar esses cursos. Tirei o de empregada administrativa porque queria completar o 9º ano.

*E que opinião tem sobre o RSI?*

Tudo tem um lado bom e um lado negativo. Há pessoas que sabem pegar no dinheiro e aplicá-lo bem, mas infelizmente existem pessoas que não sabem fazê-lo bem. Infelizmente a gente desconta para isso, mas pronto, tem de ser.

*E como é que se sentiu enquanto beneficiária?*

Eu sentia-me mal, porque podia estar a tirar o dinheiro de outras pessoas porque, sinceramente, há pessoas com mais necessidade ainda mas, por outro lado, sentia-me protegida porque havia alguém que me desse a mão.

*Contava com o apoio dos seus pais mas o rendimento era um reforço...*

Sim, era o reforço que precisava na altura. Felizmente consegui.

*Há pouco disse-me que tinha deixado de contar com o RSI por faltar a uma reunião e que, altura, não ficou muito preocupada...*

Porque tinha a bolsa da escola.

*Não foi, então, um momento muito negativo...*

Não, já tinha avisado lá que estava no curso, por isso achava que era altura de... mas a Sr.<sup>a</sup> disse que continuava a receber não sei por mais quanto tempo os 25€ Não foi que me tirassem e eu ficasse sem o chão para andar...

*De que forma é que, então, reorganizou a sua vida?*

Tirei o meu curso e aí já era mais independente. Estive dois anos na Associação Crescer em Confiança. Aí fazia costura, o dinheiro era nosso e já o conseguia manejar bem.

*Tentou arranjar sempre formas de se organizar...*

Sempre, sempre.

*E recorreu a vizinhos, outros familiares ou outros serviços, que não o Serviço de Acção Social?*

Não, não. Resolvi-me sempre sozinha.

*Acha importante as pessoas viverem sem este tipo de apoios?*

Acho que é importante porque também é uma maneira da pessoa dar valor às coisas. Se a pessoa não tem meios de se desenrascar, aquilo é bom mas também não presta ficar dependente daquilo, um dia acaba e...bye bye. A gente sabe que chega ao dia e aquele dinheiro está ali, mas se a pessoa começar a procurar trabalho ou alguma maneira de resolver a vida, a pessoa já diz “não, eu sei que tenho aquilo para pagar, eu tenho que me esforçar para aquilo”. O dinheiro fácil nem toda a vida...

*E depois de ter sido cancelada, que empregos é que teve?*

Depois do curso fiquei em casa uns dois anos, só a trabalhar da costura, depois estive no Modelo durante seis meses, depois tive direito ao fundo de desemprego, fiquei em casa só quatro meses, através do fundo de desemprego estive no Lar da Mãe de Deus, quase dois anos, mas por causa de uns problemas com uma miúda tive de rescindir o meu contrato, infelizmente, mas pronto, é uma coisa que já passou. Fiquei em casa mais três meses, penso eu, e entretanto estou numa empresa de limpeza, a Iberlim, a trabalhar no aeroporto, a limpar os aviões.

*Sente-se satisfeita com esse trabalho?*

Sim eu gosto. Gosto de estar sempre em contacto com pessoas, em me dar bem e trabalhar.

*Está a contrato?*

Em princípio estou até Agosto, mas estou confiante que depois é para assinar mais um contrato

*A nível escolar completou o seu 9º ano... foi essa a grande alteração!*

Sim

*E ao nível familiar? Casou, teve filhos?*

Casei, mas infelizmente não posso ter filhos. Fiz ontem dois anos de casada e dou-me excelentemente com o meu marido que, primeiro do que tudo, é meu amigo, que é o mais importante. Dou-me bem com a minha família toda, só com o meu pai é que...

*Também mudou de casa...*

Sim, agora vivo nas Calhetas.

*Esta casa é sua?*

Sim, comprei e casa e estou a pagar ao banco.

*E o seu marido o que faz?*

Neste momento ele trabalha numa empresa de alumínios, faz distribuição de alumínios.

*Pensando agora no futuro... que sonhos é que tem?*

Um dos meus grandes sonhos, que queremos ver se é para o ano, é a adopção de uma criança.

*E como é que se vê daqui a cinco anos?*

Quero ver-me ainda melhor do que aquilo que estou! Igual, ou melhor. Neste momento eu estou bem, mas se conseguir melhor, melhor.

*Acha que a sua vida vai melhorar?*

Eu estou a fazer por isso!

*E o que é que tem feito para isso?*

Antes de tudo sonhar, que faz bem. Mas pronto, a nível financeiro no final do mês, se resta alguma coisa, põe-se de lado, sei lá, eu faço o melhor para que a vida seja melhor ainda.

*Olhando para trás, se fosse hoje voltava a requerer o RSI?*

Depende das condições. Se fosse a passar pelo mesmo, voltava a fazer os papéis.

*Foi importante na sua vida?*

Devo muito a ele. Se não tivesse aquele dinheiro podia-me ter atrasado mais as coisas, não era tão bem atendida, porque se fosse através das consultas externas era muito mais complicado.

*Foi um grande reforço ao nível da saúde...*

Principalmente.

### **E3 - Fernando**

*Sr. Fernando, vamos começar por falar um pouco da sua infância e adolescência. O que faziam os seus pais para ganhar a vida?*

Era só o meu pai que trabalhava. Ele era carpinteiro.

*A sua mãe era doméstica...*

A minha mãe era doméstica.

*Que ano da escola eles tinham?*

Eles não tinham escola. Não sabiam ler e escrever.

*Como é que se recorda da sua infância e adolescência?*

Recordo-me que éramos muito pobrinhos. Muita coisa não havia, os ganhos também eram poucos. Íamos vivendo, à medida que ia aparecendo.

*E quantos filhos eram?*

8.

*Foi então uma infância marcada por dificuldades...mas havia uma boa relação entre vocês?*

Sempre nos demos uns com os outros.

*Qual foi o ano da escola que fez?*

A 4ª classe.

*Com que idade deixou de frequentar a escola?*

Com 11 anos.

*Porque deixou a escola?*

Naquele tempo não havia mais.

*Gostava de estar na escola?*

Eu gostava e passei sempre!

*Era bom aluno, então?*

Sabia alguma coisa, claro.

*E com que idade começou a trabalhar?*

Comecei a distribuir gás com 9 anos.

*E que empregos teve?*

A distribuir gás, numa carrinha, ganhava-se 50 centavos por cada garrafa.

*E depois desse emprego, que outros teve?*

Distribui pão até aos 15, 16 anos. A partir daí, comecei a aprender alguma coisinha com o meu pai e o meu irmão mais velho, fui quando comecei na carpintaria.

*Alguma vez esteve desempregado?*

Já estive desempregado... não foi muito tempo, uns nove meses.

*Que idade tinha nessa altura?*

Uns 40 anos.

*Portanto, durante esse período, dos 15/16 anos, até aos 40 anos, esteve sempre a trabalhar na área da carpintaria...*

Sim, também estive na câmara 4 anos e meio como carpinteiro. Até esperava ter tido uma oportunidade para ficar, mas não me deram essa oportunidade porque pegaram noutros. Era para me porem no quadro, mas não me meterem... quem não tem sorte, que não puxe por ela.

*O Sr. estava a contrato?*

Estava pelos programas que havia antes. Depois quando fui para o fundo de desemprego, meteram-me na escola secundária, a pôr as balizas, as redes de volei. Estive ali um ano e meio. Depois acabou também os contratos, não me deram mais oportunidades e comecei a fazer uns servicinhos aqui e ali. Nem sempre se trabalha, nem todos os meses, é um pouco complicado.

*E porque não se trabalha todos os meses? É difícil para si encontrar trabalho?*

É difícil, mais a mais para a minha idade. É muito mais difícil eles me pegarem para companhias.

*Falando agora da família...com que idade casou?*

23.

*E quantos filhos teve?*

3.

*Que memórias tem desses momentos, do seu casamento, do nascimento dos seus filhos?*

Com o tempo já vou ficando esquecido...já não me recordo bem. Recordo-me da nossa casa, da nossa vivência e mais nada.

*Falando na altura em que fez os papéis para o RSI...como soube da existência deste apoio?*

A minha mulher é que sabe certo, certo. Ela é que andou por isso.

*Mas o processo ficou no seu nome...*

Sim, depois eu tive de ir assinar.

*E porque é que o processo ficou em seu nome?*

Geralmente os maridos são os cabeças de lista não é?

*Sim, eram os “chefes de família” ...E porque requereram o RSI?*

Porque a gente não tinha nada. Foi uma altura difícil. Não havia trabalhos...

*O Sr. não estava a trabalhar?*

Durante muito tempo não estava a trabalhar e a minha esposa também estava em casa. O meu João Paulo começou a trabalhar, mas era para si. As minhas filhas a estudarem. Essa está a ganhar uns troquinhos, mas o que ganha e para ela, também comprou um carrinho e está a pagá-lo.

*E a sua esposa, na altura, porque é que nunca trabalhou?*

A minha esposa trabalhou há coisa de uns 15 anos, ou 20, numa fábrica de costura na Ribeira Seca, só que acabou e pronto. A partir daí nunca mais trabalhou.

*Mas ela tentou procurar, ou optou por não o fazer?*

Tentou, mas não havia. Nem todos têm a mesma sorte.

*Como é que o Sr. se sentiu ao requerer o RSI?*

Senti-me normal. Se a gente precisa...

*Como estava a passar por algumas dificuldades achou normal pedir o rendimento...*

Exactamente. A gente tem de aproveitar. Se não pudessem dar, paciência, a gente havia de se amañhar.

*E antes de pedir o RSI, já alguma vez tinha ido ao Serviço de Acção Social pedir outro tipo de apoio?*

Não. O rendimento mínimo foi a primeira vez.

*Na altura que recebeu o rendimento, recorda-se de ter assinado o acordo de inserção?*

*É uma espécie de contrato que se faz com os beneficiários...*

Não Sr.<sup>a</sup>.

Hum...tinha de ir trabalhar, se fosse caso disso [esposa]

Pois, assinar eu assinei, mas já não sei o que era.

*Durante quanto tempo recebeu o RSI?*

Não sei bem, mas foram anos, uns 3, 4 anos.

*O que mudou nas vossas vidas com o rendimento?*

Ajudou-nos um bocadinho, mesmo para comer e tudo. Os rapazes eram todos novos, já se sabe que se não fosse aquilo era muito mais complicado. Ao nível da alimentação foi uma grande ajuda.

*E ao nível da educação, da formação, acha que foi um importante contributo? Sei que a sua esposa foi integrada num curso de formação...*

Estive na escola a aprender umas coisas... [esposa]

*Mas a Sr.<sup>a</sup> não completou nenhum ano de escolaridade?*

Não. Tinha lá professoras e enfermeiras...estavam lá a conversar com a gente. Como é que devíamos limpar a casa, essas coisas assim. [esposa]

*Acha que essa formação foi importante para si?*

Claro, sempre é importante. [esposa]

*E que mais o rendimento lhe trouxe?*

Queria que ele trouxesse mais dinheiro, mas não trouxe! (risos)

*Acha que os apoios que recebeu não foram suficientes?*

A gente agradecia se tivessem dado mais uma coisinha, porque a vida está muito complicada, mais a mais desde que entrou o euro.

*Acha que o rendimento teve alguma influência no facto do Sr. arranjar emprego?*

Não me ajudou nesse sentido.

*Mas o Sr. esteve integrado na Câmara Municipal...foi pelo rendimento?*

Não tenho a certeza.

*Então, para si, o grande impacto do rendimento foi o facto de ter proporcionado melhorias ao nível do consumo, ou seja, as coisas que o Sr. agora podia comprar...*

Sim, sobretudo mantimentos e para pagar água, luz, que o meu ordenado era muito pouco. Mesmo quando estive na Câmara, na escola, era sempre pouco dinheiro. Se me tivessem dado uma oportunidade de ficar lá, aí se calhar já estava mais garantido. Mesmo há semanas aí que eu só ganho 80/90€

*O que é insuficiente para fazer face às despesas...*

Claro, claro. Mas pronto, também com o rendimento comprei tijolo para a casa, na cozinha, sempre ajudou.

*Então o rendimento também foi importante para melhorar a sua casa...*

Não foi muito, mas já foi bom.

*Relativamente aos seus filhos, na altura foi proposto que tirassem algum curso de formação profissional, ou, os que eles tiraram foi mesmo escolha deles?*

Foi sempre por sua livre vontade, sempre foram bons alunos.

*Então e que opinião tem sobre o RSI?*

Eu acho bem o rendimento para as pessoas que necessitam. É muito importante.

*E como se sentiu, enquanto beneficiário?*

Bem, mas já se sabe que quando me tiram já foi menos um dedo ou dois.

*Porque motivo a prestação foi cancelada?*

Não sei. Foram reduzindo, reduzindo e depois acabou. O que é que a gente pode fazer?

*Mas nunca tentou saber o motivo?*

Não Sr.<sup>a</sup>. Eles é que sabem, quem manda, manda.

*Como é que se sentiu quando isso aconteceu, quando deixou de receber o rendimento?*

Foi uma grande baixa para a nossa casa.

*Mas sentiu que foi injusto?*

Para mim foi injusto, porque tenho cá para mim que há pessoas que ganham mais do que eu e que recebem o rendimento. Eu também merecia.

*E onde foi buscar a sua força para ultrapassar essa situação?*

Á força que Deus nos deu. Um dia é um dia, dois são dois.

*Mas de que forma reorganizou a sua vida?*

A gente vai-se amanhando da maneira que pode. Quando aparece trabalho, vou trabalhar.

*Nessa altura pediu apoio a familiares, vizinhos ou a outros serviços?*

Não, não.

*Acha importante as pessoas viverem sem os apoios do Estado, como o RSI?*

Há certas pessoas que eu acho importante que se ajude, outras não mereciam, mas pronto, também há quem saiba falar melhor, sabem andar mais com as coisas, mas quem manda, manda.

*Depois do RSI o Sr. ou a sua esposa voltaram a estudar, ou tiraram algum curso de formação?*

Não. Só os meus filhos continuaram a estudar. O meu filho mais velho tem o 12º ano e é polícia, a abaixo tirou um curso de animação de crianças, mas trabalha numa loja porque para aquele curso ainda não apareceu emprego e ela amanhou-se com aquilo que tem ali. A mais nova está num curso de secretariado.

*E ao nível do emprego...depois do RSI, que outros empregos teve?*

Foi sempre trabalhando aqui e ali. Dou dias para um patrão, outros dias para outro, alguns meios-dias, outros três horas, é o que tem. É pena, se dessem um trabalho é que era porreirinho, mas a minha idade já não dá.

*Quanto à sua família, que alterações houve?*

O meu João Paulo já não está aqui. A outra meteu-se na loja, sempre ganha uns troquinhos para si, mas quando a gente não tem ela ajuda.

*E se fosse hoje, voltava a requerer o RSI?*

Já se sabe que voltava, ia pedir na mesma.

*Pensando no futuro...que sonhos tem?*

Já tenho 60 anos...o nosso futuro é ir para lá.

*Já não tem muitos sonhos, daqui para a frente?*

Daqui para a frente não. Vou trabalhando à maneira que vai aparecendo...

*Vai vivendo o dia-a-dia...*

Isso mesmo.

*E como se vê daqui a 5 anos?*

Daqui a 5 anos acho que estou na mesma, ainda.

*Mas acha que a sua vida vai melhorar?*

O importante é que eu não fique doente, de resto tudo se faz.

#### **E4 - José**

*Sr. José vamos começar por falar um pouco da sua infância e adolescência. O que faziam os seus pais para ganhar a vida?*

Fui filho de pai natural. Antigamente chamava-se pai incógnito. Eu tinha dois anos de idade quando a minha mãe teve de me abandonar para poder casar porque, naquele tempo, há 50 anos, era assim. Quem me criou foi uma avó, até eu me casar e eu casei muito novo, por falta de experiência da vida.

*E não teve nenhum contacto com os seus pais?*

Nunca tive contacto com os meus pais. Quer dizer, só conheço o meu pai porque, ele está no Canadá há 40 anos, mas apareceu-me na frente e... somos muito parecidos, daí não haver dúvidas, mas nunca me registou em nome dele.

*E a sua mãe?*

Minha mãe também enveredou por outros caminhos, que eu não podia viver com ela. Eu já tenho oito ou nove anos quando ela aparece e, para mim, era uma estranha.

*Sabe qual o ano da escola que eles tinham?*

Não sei.

*Vivia sozinho com a sua avó?*

Sozinho com ela numa casa que, na altura, era da conferência, ou qualquer coisa assim, de São Vicente Paulo. Eles arranjavam umas casitas para dar às pessoas mais necessitadas e estamos a falar há 35 anos atrás. A dificuldade começa logo à nascença! Não é uma vida fácil...

*A sua avó o que fazia?*

Era doméstica. Tenho uma tia que era freira, madre superiora, no Colégio Infante D. Henrique na Madeira que depois trocou o hábito para ser governanta num hotel em Jersey, Inglaterra, que mandava o sustento para mim e para a minha avó.

*Foi uma infância marcada por dificuldades...*

Fome nunca passamos, mas havia sempre dificuldades. Aquilo era o dia-a-dia como o pão. O pão comprava-se todos os dias, o resto era o dia-a-dia, nunca se faziam compras para o mês. Todos os dias se dia à mercearia.

*E como era a relação com a sua avó?*

Sempre muito boa, foi uma mãe! Posso dizer que, até morrer, foi a pessoa que mais amei no mundo, porque foi quem eu tive. Quando dou razão de mim, mais tarde e actualmente, a gente reconhece que temos família, mulher e filhos, independente daquele outro amor que era o amor de avó.

*Falando um pouco da sua trajectória escolar... Até que ano o Sr. estudou?*

Até ao sexto ano e passei todos os anos. Inteligente por natureza, assim diziam os outros, porque comecei a trabalhar com 12 anos e não fui mais para a escola, mas tirei a 6ª classe. Ganhava 7 escudos e meio por dia.

*E o que é que fazia?*

Ajudante de canalizador.

*Mas gostava de estar na escola?*

Na escola... eu já sabia a mais do que eles...eu devia ir já para a 10ª classe! (risos) Eu andava sempre mais à frente. As pessoas, naquele tempo, não davam razão de si de que tinham de estudar porque era bom. As pessoas queriam era fazer-se homens depressa, para trabalhar e ter uma vida independente e foi esse o meu pensar também, porque aos 14 anos fiz a minha vida sozinho.

*Que empregos, então, é que teve?*

Doze anos... andei por aí fora, com 14 anos já era canalizador profissional e depois fui para a construção civil como pedreiro. Aos 18 anos já tinha pessoal por minha conta, veja lá. Já tinha pessoal por minha conta e quando tive o acidente já tinha 68 homens por minha conta.

*O Sr. foi atropelado por um automóvel, que o deixou paraplégico.*

Era peão numa passadeira e um automóvel...foi o que teve de acontecer.

*E depois o que aconteceu na sua vida, ao nível profissional?*

Depois do acidente, o centro de emprego fez-me um projecto, que foi entregue numa secretaria do Governo, não me recordo agora qual, para poder adquirir uma viatura para poder trabalhar por conta própria e foi adquirida. Na altura, 3500 contos. Foi um camião para prestar serviços à construção civil. Uma vez que a minha vida tinha sido sempre ligada à construção civil, eu não prescindia dessa vida. Eu não estou a ver um relógio à minha frente! Se um pedreiro deixa de ser pedreiro, para ir trabalhar de relojoeiro porque ficou paraplégico, eu não estou a ver... ia partir os relógios todos, não é? Bom, optei ainda por taxista. Comprar o táxi, a praça, mas o Eng. Lima, que ainda está de serviço, disse que não podia ser. Por exemplo, eu vou ao aeroporto. Como é que vou pôr as malas dos passageiros no porta-bagagem? Era impossível. Vou fazer uma volta à ilha com passageiros, rebenta-me o pneu, quem é que me muda o pneu? Os passageiros? Impossível. Então optámos pelo camião. Tive esse camião. Trabalhei até ao ano 2000, mas nesse ano fiz uma operação muito rigorosa e deixei de trabalhar até hoje. E tem sido assim até hoje. Não faço nada, estou cansado de não fazer nada e estou a pensar tirar férias!

*Falando do seu percurso familiar, com que idade casou?*

Casei com 18 anos e a minha ex-mulher, dado que sou casado a segunda vez, foi um casamento obrigado. Naquela altura, quando se mantinha relações sexuais com uma rapariga e que não se casasse com ela ia-se preso dois anos. Eu, com medo de ir preso, ser novo, casei e tinha uma pena suspensa de 5 anos em que não me podia separar dela. Durante esses 5 anos gerou-se 3 filhos, que são os meus filhos mais velhos. Mas acabou os 5 anos, acabou a mulher, acabou tudo! Parti para outra. Tenho esta agora, há mais de 20 anos, e é com quem espero ficar até morrer.

*Ao todo, quantos filhos tem?*

Três da primeira, entretanto conheci uma moça por fora da qual gerou um filho, está registado no meu nome, tenho uma filha com esta minha mulher e tenho um filho adoptivo. No total são cinco legítimos e um adoptivo.

*Como é que foi o processo de ter este filho adoptivo?*

Foi complicado porque durou 6 anos, muita burocracia, muita papelada, que faz com que as coisas se atrasem muito e muitos advogados ladrões, que querem é o dinheiro. Veja lá que me pediram 50 contos pelo boletim de nascimento da criança no meu nome e da minha mulher. Acontece que fui fazer o meu bilhete de identidade e disseram que bastavam 750 escudos pela cédula!

*Falando da altura em que requer o RMG pela primeira vez...como soube da existência deste apoio?*

Se não estou em erro, foi em 1997 ou em 1998. Na altura eu tinha o camião mas havia muito pouco trabalho. Eu trabalhava no Pico da Pedra e o Sr. que trabalhava na Casa do Povo era e é muito meu amigo e ele disse-me “Oh Sr. José, como tem muito pouco trabalho com o camião o Sr. podia fazer um pedido de rendimento mínimo, na altura era assim que se chamava. Eu, sem perceber muito bem da coisa, fiz o pedido. Levou uns meses, 7, 8, 9 meses, não me recordo e ele telefona-me e diz “olha, tu tens aqui dinheiro do rendimento para receberes”. Qual não foi o meu espanto. Na altura, não se podia receber tudo de uma vez porque era muito dinheiro, ele deu-me 180 contos. Fiquei feliz porque estava teso naquela altura. Fui ter ao serviço da minha mulher, ela trabalhava na altura, e fomos fazer umas compras. Bem, mas tinha 9 pessoas a meu cargo e só duas é que trabalhavam, eu e a minha mulher. Eram 4 miúdos, 3 tinham vindo do orfanato, sobrinhos legítimos da minha mulher, a sobrinha que vem do Bom Pastor, que vem a ser a mãe do Alexandre, desse meu filho adoptivo. Ora quatro miúdos, a minha avó faz cinco, dois irmãos meus, um que estava fora da mulher e outro solteiro, tudo a morar na minha casa e tudo a depender de mim e da minha mulher. Então tive o rendimento, com aqueles 180 contos enchemos a casa de compras. Ainda recebemos 180 contos uns meses, por causa dos atrasados, mas eram 20 e tal contos por mês. Ajudou muito, muito, muito.

*E como se sentiu a requerer este apoio?*

Senti-me bem. Já o digo há muitos anos e volto a repetir e até digo às pessoas aí às vezes, há muita pobreza escondida, porque se a pobreza aparecesse, até senhores de gravata! No meu caso, se não é esse dinheiro, eu teria de voltar à vida do crime, como já lá estive uma vez por necessidade, por causa dessas dificuldades.

*O Sr. esteve na vida do crime por passar por dificuldades...*

Exactamente, porque aconteceu-me o que me está a acontecer agora, já há três ou quatro anos para cá. Acontece que o dinheiro que recebo do rendimento de inserção social é muito pouco face aos custos de vida. Ora, é de compreender, àgua, luz, gás, televisão, sim porque se ainda fosse há uns anos atrás, mas hoje em dia qual é a criança que não diz “porque é que não tenho televisão?” e eu numa cadeira de rodas porque é que não tenho televisão?! Como o dinheiro era muito pouco, não chegava para as despesas da casa, nem para a alimentação... falava-se muito em droga, um dito italiano que em 2002 abandonou droga na costa de São Miguel e 1kg dessa droga veio parar-me às mãos. Eu sabia o que era, não sabia era o valor. Quando me começo a aperceber do valor, já tinha acabado de vender a droga, mas quando acabei de a vender a polícia pega-me. Tive proveito, mas se eu vendesse 1000 contos de droga, 900 contos eram para o dono e eu só ficava com 100. Portanto, era um grande risco e tanto é que quando vou preso, não tenho dinheiro! O proveito que tive foi melhorar a situação de casa porque tinha janelas velhas, portas velhas e a burocracia do governo arrasta-se por muito e muito tempo, não é o caso de agora, que as coisas até melhoraram ao nível da habitação. Tive de melhorar algumas coisas na casa, inclusive alguns acessos para a cadeira de rodas, substituir alguns degraus e hoje ninguém quer trabalhar de graça, eu tinha de pagar ao mestre para me fazer aquilo. Foram, então, esses pequenos dinheiros da droga, ficou comprovado em tribunal que fui condenado a 4 anos de prisão por aproveitamento de dinheiro, não por enriquecer.

*E antes de requerer o RSI já tinha ido alguma vez ao Serviço de Acção Social requerer outro tipo de apoio?*

Não, não. Nunca pedi apoio nenhum e se hoje não tenho tido nenhum acidente e estou trabalhando, não precisava do serviço social.

*E durante o seu percurso enquanto beneficiário do RSI recorda-se de ter assinado o acordo de inserção?*

Recordo-me. Já por duas ou três vezes.

*E que acções foram acordadas? Recorda-se?*

Não me recordo bem, mas sei que as coisas têm que se manter na linha.

*Mas sabe que existem dois momentos, o momento da negociação com o assistente social e o momento mais formal da assinatura...*

Sim, sim.

*Na negociação com a assistente social propôs alguma acção ou simplesmente aceitou o que a técnica propôs?*

Eu ouvi o que ela dizia. Foi simplesmente “blablabla” e a gente assinou, porque a assistente não está presente nem nada, até foi noutra edifício.

*Foi com a coordenadora...*

Sim, era uma pessoa que a gente não conhecia. Até penso que a função dela é só essa, o conhecimento daquele contrato e assinar.

*Acha que esse acordo tem algum impacto na sua vida? Acha que ajudou a melhorar a sua vida em algum aspecto?*

Sim, porque se a segurança social, ou as assistentes sociais têm regras, os favorecidos do rendimento de inserção social... aquilo é a abertura de uma janela que, para bom entendedor, não a precisa abrir porque ele sabe as regras que tem de ter, mas a gente sabe que há pessoas que não sabem ler nem escrever e uma parede branca a pessoa diz que é preta, portanto, para essa pessoa tem de se abrir uma janela, para ela ir espreitando para o caminho devagarinho. Eu entendo que aquele acordo faz parte das regras que temos de seguir com o instituto de reinserção social.

*Acha que é importante a pessoa que recebe ter este papel activo e de responsabilidade em todo este processo?*

Exacto, tem de ser.

*Acha que as suas acções foram cumpridas?*

Mais do que aquilo, ou seja, eu acredito por mim próprio, eu dou mais do que aquilo que me pedem. Aquilo que o serviço social me pede para fazer eu faço mais. Faço muito mais, muito mais.

*Mas recordando o momento da assinatura do acordo de inserção...como se sentiu?*

Aquilo era como uma obrigação. Não me senti nem bem, nem mal. Por mim tanto faz porque é assim, eu sei o que é o mundo, só que há pessoas que não sabem! Aquilo até eram passos gastos porque devia fazer-se aquilo, e deve fazer-se, para pessoas menos compreendidas, pessoas como eu não se deve fazer porque dão mais do que aquilo que está lá escrito. Por exemplo, as vacinas do miúdo, não era preciso ela dizer isso porque a gente já faz sempre. Isto é uma família toda vacinada!

*Sr. José, então que mudanças trouxe o RSI à sua vida?*

Mudar, não mudou muito, ou não mudou nada. O que penso do rendimento de inserção social é no dinheiro e é aquele dinheiro que espero receber no final de cada mês, porque se não recebo eu não sei! É que roubar não posso, porque não ando, sou paraplégico. Qual é o crime mais fácil de adquirir dinheiro? Outra vez a droga? Se fosse para estar lá, ainda lá estava, não é? Mas não é isso que eu quero.

*Acha que é o rendimento que o impede de voltar ao tráfico de droga?*

É sim Sr.<sup>a</sup>! É esse dinheiro do rendimento de inserção social que me impede de voltar ao crime, porque se não tiver esse dinheiro é muito provável! Eu não me importo! A cadeia, eu já lá estive, felizmente que foi só um ano, porque os outros três foram em casa, em domiciliária, mas conheci trifulhas da pior espécie, que a Sr.<sup>a</sup> nem imagina, bandidos, violadores, assassinos, eu conheci de tudo! Resumindo, se eu não tivesse esse dinheiro do rendimento, estava na vida do crime novamente. Das duas uma, ou me dava bem, ou me dava mal. É este dinheiro que espero que nunca me falte na data certa de cada mês. Todos os meses é a água, luz, gás que tenho de pagar. Já fiz as contas, este mês são 182€ que tenho para pagar, ora se eu recebo 181€ do rendimento como é que vai ser?

*Acha que o valor que recebe é insuficiente face às despesas que possui?*

É insuficiente. As pessoas têm que pensar nisso e se puderem ajudar, que ajudem. Claro que tenho os 340€ da minha mulher, do centro de emprego, mas supúnhamos que a minha mulher não tem nada? Bom, eu também penso que o rendimento subia, mas Sr.<sup>a</sup>, quero comprar uma cadeira nova, uma almofada nova e eu já fiz contas e só lá para Novembro ou Dezembro é que vou ter esse dinheiro, está a perceber? Só a almofada são 270€

*Então Sr. José, que opinião tem sobre o RSI?*

Aquilo é um dinheiro que mata a fome a muita gente, desenrasca muita gente. É um dinheiro que faz muita falta pelo menos a 70% da população que o recebe. Dos outros 30%, 15% só está à espera do dinheiro para a bebida, eu falo de Portugal inteiro, desses milhões que estão a receber. Os outros 15% dividimos por duas partes: 7,5% é para dívidas, pessoas que precisam do dinheiro é para as dívidas, porque estão desenrascados para a alimentação e as outras coisas. Os outros 7,5% são pessoas que recebem indevidamente. Essas pessoas deviam pegar nesse dinheiro e entregar numa instituição, já que não querem dizer que não o querem. Eu só sou contra injustiças, como alguém receber o rendimento sem ter necessidade nenhuma. Quanto ao resto, eu até vejo pessoas que não recebem e, interiormente, custa-me não ter pão a mais para dar àquela pessoa.

*E como se sente enquanto beneficiário, dado que ainda é beneficiário desta medida?*

Sinto-me bem, porque tenho o pão-nosso de cada dia, porque este dinheiro ajuda-me para este fim. Não sinto vergonha, vou a qualquer parte, porque se sentisse vergonha, como paraplégico, nem à praia eu ia.

*Falando agora na altura em que deixou de contar com o RSI pela primeira vez, na sequência da sua detenção, como se reorganizaram?*

Foi a assistente social que dava à minha mulher 30 contos por mês. Com aquele dinheiro a minha mulher pagava água, luz, padeiro e mais nada porque o restante era para me ir visitar à prisão três dias por semana e a alimentação, muito fraca, muito fraca. A minha mulher, com 65kg, veio para 52, 53 kg, durante aquele ano.

*Onde é que a Sr.<sup>a</sup> foi buscar a sua força?*

Eu fui buscá-la, veio de dentro, mas eu fui buscá-la! Mas passou-se muita fominha. [esposa]

*E contava com o apoio de outras pessoas, familiares ou vizinhos?*

Ninguém. [esposa]

*E recebeu apoios de outros serviços?*

Recebia era o banco alimentar da CEE, de seis, em seis meses. [esposa]

*Então tentou reorganizar a sua vida só com estes 150€...*

Só com estes 150€ [esposa]. Foi muito apertadinho.

*E isto durante um ano?*

Não, não. Durante 4 meses, porque ao 5º mês ela já recebeu o rendimento que, actualmente, está em nome dela porque é o processo que se mantém.

*Na altura em que esteve detido, o Sr. tirou um curso de formação...*

Não, não. Eu é que dei, de trabalhos manuais.

*Mas continua hoje em dia a fazer esse tipo de trabalhos?*

Não, não tenho condições. Ainda se eu tivesse uma garagem... estou a pensar escrever uma carta ao secretário da habitação, a ver se faço um negociozito de uma casa com 10m<sup>2</sup> de quintal. Eu preciso de fazer qualquer coisa e aqui no apartamento não faço nada, mas também não tenho meios para me deslocar.

*E ao nível familiar, o que acha que mudou, após a sua saída da prisão?*

Experiência. Costumo dizer que não se pode ensinar o bom caminho sem se conhecer o mau caminho. A pessoa que não conhece o mau caminho, como é que pode ensinar o bom? Pode dar conselhos, mas será que a outra pessoa vai

ouvir esses conselhos? É assim, há muita gente que se ri de mim por eu andar numa cadeira de rodas e eu, ao contrário, rio-me de vocês, de muita gente por andarem todos iguais. A vida é muito complexada. Eu estou bem, sinto-me bem, tenho muitas visitas familiares, dos meus filhos, dos meus netos, de vez em quando trazem-me alguma coisa de diferente, ao nível da alimentação, tenho um filho ou dois que, dentro dos possíveis, sempre me ajudam porque, muito sinceramente, aquilo que ganho não chega.

*Outra grande alteração na sua vida foi ao nível da habitação porque foi realojado...*

Não, eu já tinha sido realojado no ano 2000, só que foi numa freguesia que eu não conhecia nem a freguesia, nem o povo. Depois surgiu a oportunidade de fazer uma troca, através da Secretaria, de vir para a Ribeirinha para este apartamento.

*Pensando agora no futuro...que sonhos é que tem?*

O futuro a Deus pertence, não é? Estou bem comigo mesmo e não posso dizer nada ao nível do futuro. Não penso muito no futuro. Sei que daqui a 20 anos ainda cá estou!

*E como se vê daqui a 5 anos?*

Mais novo do que hoje, porque eu hoje estou mais novo do que ontem.

*Então acha que a sua vida vai melhorar...*

Penso que sim. Melhorava se recebesse mais 100€ em cima daqueles 180 que recebo. Aí nunca mais procurava a minha assistente social! Tal como existe a pobreza escondida, eu também tenho uma prestação escondida! (risos)

*O rendimento continua a ser importante para si?*

Oh Sr.<sup>a</sup>, por amor de Deus... Eu não estou a ver nada neste mundo mais fácil do que o negócio da droga e eu voltaria à vida do crime. Se esse dinheiro foge eu estou desgraçado, estou desgraçado! Eu fico sem comer, a mulher fica sem comer. Eu sou muito calmo, mas quando estou aflito, tenho de me virar de alguma forma, por isso se me falta este dinheiro eu estou desgraçado. É mais um que vai para a cadeia.

## **E5 - Lurdes**

*Vamos falar um pouco da sua Infância e da sua adolescência...O que faziam os seus pais para ganhar a vida?*

Coitadinhos, eu já os apanhei fraquinhos. Eu fui a última, era a mais nova.

*O que é que os seus pais faziam para ganhar a vida?*

A minha mãe trabalhava na apanha do chá, no Lameiro e o meu pai trabalhava nas estufas do Eduardo Ambroon, em Ponta Delgada. Saía à segunda e entrava ao sábado.

*Qual era o ano de escolaridade dos seus pais?*

Isso agora é que não sei...

*Que recordações tem da sua infância e da sua adolescência?*

Muita fome se passou...da minha infância o que eu me lembro é a partir dos meus dez anos quando fui com a minha mãe apanhar chá. Depois daí fui para a fábrica do linho da Ribeirinha e estive lá, gostei muito do trabalho. De lá, casei com 16 anos, depois fui trabalhar mais um ano. Casei à espera da Sónia. Depois tive de trabalhar mais um ano, para repor aquele tempo que estive em casa, depois estive em casa e nunca mais trabalhei, até o meu marido falecer.

*Quando era nova, (da idade do seu neto) o que se recorda?*

Não me recordo nada, o que recordo foi a minha infância que eu passei, que ficou enterrada quando a gente saiu. Foi a minha mocidade, a partir dos 13 anos, quando eu conheci o meu marido. Daí a minha alegria ficou enterrada lá em baixo e agora estou a viver porque estou a viver.

*Como era a relação da sua família, os seus pais, davam-se bem?*

Sim davam-se até muito bem.

*Quantos irmãos é que tem?*

Seis.

*Davam-se bem uns com os outros, havia uma boa relação?*

Sim. As recordações que levo já estavam todos casados, até que tenho uma sobrinha mais velha do que eu e se não morressem mais três, tinha era quatro mais velhas do que eu que eu. Eu já vim fora de prazo, não se esperava. O melhor que eu tive foi a partir dos 13 anos, com o meu casamento, até que meu Nosso Senhor pegou no meu marido. Agora é muito agressivo, vivo porque vivo.

*Relativamente à escola, até que ano estudou?*

5º ano.

*Com que idade saiu da escola?*

Ai menina isso agora... Naquele tempo, eu passei sempre, a gente saia muito novinhas.

*E porque saiu?*

Era só o 5º, antigamente era só assim e já era tão bom quem chegava aí.

*Gostava de estar na escola?*

Mais ou menos, não tinha outro remédio. A gente tinha que fazer o sacrifício...

*Com que idade começou a trabalhar?*

A trabalhar.... Eu sei que aos 10 anos estava no chá, mas foi só um ano e depois estive 10 anos na fábrica do linho e depois tive as minhas filhas. Não trabalhei mais porque casei e não trabalhei para ninguém.

*Quantos filhos teve?*

Cinco raparigas, uma morreu, quatro vivas.

*Que memórias tem do seu casamento, do nascimento dos seus filhos?*

Do meu casamento, memórias lindas. Da altura dos meus filhos, também lindas, já se sabe que naquela altura... se eu estivesse com os olhinhos abertos, como agora há... Não estou arrependida, tenho as minhas filhas. A mais velha tem 33 anos, a outra 32, a que morreu tinha agora 31, a Liliana que já fez 27 e essa com 17.

*Falando um pouco sobre o Rendimento Social de Inserção... como soube da existência deste apoio?*

Foi depois do meu marido ter falecido, ao cabo de uns tempos. Quando ele morreu, eu tinha 36 anos e ele 39.

*Foi na sequência da morte do seu marido que pediu o apoio?*

Disseram para eu ir assim, assado. Eu fui como me mandaram e fui aceite, eram oito contos.

*Que dificuldades sentia para pedir o RSI?*

Lá em baixo, na altura, era para a comidinha. A mais velha era casada, mas ainda tinha mais três.

*Como se sentiu ao pedir o RSI?*

Senti-me bem porque precisava. Tive que me obrigar! Não tive vergonha, antes pedir que roubar.

*Antes de pedir o RSI, já tinha ido ao SAS pedir outros apoios?*

Foi o apoio para a medicação.

*Já recebia apoio da medicação?*

Não sei se antes ou depois do RSI.

*Os apoios que recebeu foram de encontro às suas expectativas? Estava satisfeita com o valor?*

Não tinha outro remédio, dar não dava, mas o que podia fazer?

Depois fui para a escola, por conta do rendimento. Estive lá 3 anos.

*Mas a Sr.<sup>a</sup> completou algum ano de escolaridade?*

Não, eu já tinha a escola para a minha idade, mas estava lá pelo rendimento. Eu gostava muito. Pelo Natal as professoras convidavam a gente para irmos aos restaurantes. A gente festejava.

*Recorda-se de ter assinado o acordo de inserção? É uma espécie de contrato que os beneficiários do RSI assinam...*

Não me lembro menina...

*O que mudou na sua vida, pelo facto de receber o rendimento?*

O que mudou é que tenho que pagar isto tudo, agente passa uma crise enorme .

*Mas na altura que recebeu que mudou na sua vida?*

Na altura eu estava ainda na casa velha, que não tinha condições. O que tinha de melhor era o quarto de banho que eu fiz. A gente lavava-se era numa pana, mas nunca se viu esterco.

*Na altura trabalhava?*

Depois de estar na escola, o Dr. R. disse que minha mãe tinha que ir trabalhar, a tomar conta de uma senhora idosa, pesadíssima, pelos oito contos. Se a minha mãe não fosse, ele cortava os oito contos. A minha mãe coitadinha, como precisava daquele dinheirinho, foi, só que no fim das contas ele cortou os oito contos e a minha mãe só ficou a receber os 150€ que os filhos da velhinha pagavam. (filha)

Eu nunca recebi nada da Sr.<sup>a</sup> idosa. Fizemos os papéis e a filha disse “o dinheiro que vier é para si”, mas a Sr.<sup>a</sup> da Casa do Povo da Ribeira Grande disse que o dinheiro era da velhinha e não da Sr.<sup>a</sup> que tomava conta. Eu tive lá ano e meio e nunca ninguém me pagou.

*Resumindo, a Sr.<sup>a</sup> recebeu o RSI e, nessa altura, não trabalhava. Depois foi integrada na escola, em que esteve 3 anos. Depois esteve um ano e meio a tomar conta da idosa...*

Mesmo assim eu aguentei muito, um ano e meio. De 80 kg fiquei com 55kg. Ela tinha aquela doença da cabeça e depois os meus nervos... Quando fui ao meu médico, ele disse que eu não podia trabalhar com gente assim. Eu tive que dizer à menina dos serviços sociais, que eu pedi à filha mais dinheiro e a filha não quis dar, e então eu disse “também agora eu não posso mais”, porque eu é que sei. O dinheiro que eu recebia lá, não dava nem para o Dr. nem para remédios. A minha filha que vivia aqui, que foi embora para o Canadá, com o marido, ela é que me ajudava na medicação.

Depois estive aqui em casa, quase dois meses, muito fraca porque eu não podia andar e a menina dos serviços sociais, que eu já não sei o nome dela, disse se eu queria continuar a trabalhar, e eu disse “eu quero porque quando eu tiver forças, eu tenho de trabalhar porque isto está tudo em cima das minhas costas”.

Comecei a trabalhar no primeiro de Julho, faz agora seis anos, na casa Paroquial de São José.

*Então durante o período que recebeu o rendimento, nunca trabalhou, porquê?*

Nunca apareceu e a menina era pequenina, tinha 3 anos quando o meu marido morreu.

*Que problemas de Saúde tem?*

Estômago, vesícula, costas, tiróide, é tudo nervos, mas mexe tudo comigo. É o joelho, os ossos e as úlceras do duodeno estão muito finas. O Dr. diz que elas podem rebentar e que eu posso morrer afogada. Eu não aguento a medicação da farmácia e então estou a tomar medicação da erva-nária, fora a medicação dos nervos.

*O que lhe trouxe de bom o RSI para a sua vida?*

Ele amanhou-me enquanto eu estive a receber.

*Em que sentido?*

Na vida.

*Nas coisas de casa, para as compras?*

Sim, a gente ia devagarinho e ia comendo.

*Por outro lado, também foi através do rendimento que a Sr.<sup>a</sup> começou a trabalhar, embora tenha havido estes problemas mas foi uma forma de ter trabalhado, acha isso importante?*

Sim.

*Ao nível da Saúde, teve algum impacto?*

Para mim o rendimento foi bom porque pôs-me a trabalhar e aí já comecei a disfarçar melhor. Eu estava sempre aperreada, dava-me era para estar deitada, sempre a chorar, como ainda às vezes hoje em dia, mas eu tenho tomado a medicação do stress. O trabalho para mim fez-me ir esquecendo certas as coisas. Não se esquece, que eu estou a trabalhar a oito e não esquece, mas pronto.

*E enquanto pessoa, o que mudou?*

Isso eu não sei dizer à menina...mas quando eu comecei a trabalhar, eu comecei a sentir-me outra.

*Quanto à vinda para esta casa, foi na altura que recebia o rendimento?*

Estou nesta casa nova há seis anos. Eu vim para aqui e ainda recebia o rendimento. Só quando eu fui trabalhar é que me tiraram, quando eu fui trabalhar para Ponta Delgada, para o Centro Paroquial, deixei de receber o rendimento porque passei a receber o salário mínimo.

*Então a Sr.<sup>a</sup> deixou de receber o rendimento só quando foi trabalhar para o centro paroquial e não quando tomava conta da Sr.<sup>a</sup> idosa...*

Sim.

*Qual a sua opinião sobre o Rendimento Social de Inserção?*

Eu acho que muita gente merecia e muita gente não merecia, porque tem por aí mais novas do que eu, com mais saúde do que eu, com os seus maridos e recebem o rendimento. Eu, com o ordenado mínimo, venho estafadíssima, doente. Acabo como a menina vê, com um chá e dois panasorbes e venho para aqui descansar. Já tenho 51 anos.

*Como se sentiu quando deixou de contra com o RSI?*

Raiva, porque sou viúva. Depois a minha filha foi para a Ribeira Grande, sem ter apoio da escola, o NASE, por causa do IRS. Só fazem a conta só ao que se ganha, não fazem a conta a mais nada que se gasta. Continuo a sentir-me revoltada, porque algumas pessoas mais novas e com os maridos, estão a receber. Costuma dizer-se, trabalham cães para ladrões e eu descontar 68€ todos os meses.

*Onde foi buscar a força para ultrapassar essa situação?*

Muita força... eu peço ao meu marido e pedi muito a Deus para me dar muita força.

*Nessa altura, agarrou-se à sua fé...mas que estratégias usou para dar a volta à situação?*

À base da medicação e o trabalho.

*Pedi ajuda a familiares ou vizinhos quando foi cancelado o RSI?*

Não, a ninguém.

*Nem a outros serviços?*

Não.

*Acha que é importante as pessoas viverem sem este apoio do Estado?*

Eu não acho, porque também não tenho marido e se viesse um dinheirinho também era bom. Ainda hoje eu tive uma carta para pagar seiscentos e tal euros, mas 3ª feira eu vou ao médico porque estou-me a queixar muito da barriga e do estômago e vou ter com o advogado para ter um acordo para ir pagando, porque não tenho outras possibilidades.

*Então acha que há pessoas que devem receber e outras não?*

Eu para mim, como sou viúva, custa-me muito a nível da medicação e fecho os olhos a muito porque a medicação não tomo como devia tomar. Eu se estou boa não tomo, amanhã se já sinto o corpo a doer, já vou tomar porque, sem aquilo, sou sincera e digo a verdade, eu não faço nada.

*Depois do cancelamento, tirou mais algum curso ou voltou à escola?*

Não.

*Ao nível do emprego, mantém sempre o mesmo, está efectiva?*

Estou lá há já seis anos.

*Não sabe o tipo de contrato que tem?*

Eu recebo é como empregada de Auxiliar de limpeza. Eu penso que enquanto o velhinho for vivo, eu vou continuar lá.

*Assinou algum contrato?*

Não, não. Foi de boca para tomar conta de um padre, eu tomo conta de padres. Faço comida para os padres, quando vem padres de fora, quando não vem, estou com o velhinho.

*Falando um pouco do futuro, que sonhos tem?*

Muitos sonhos, mas é o que digo sempre a nosso senhor e ao meu homem, ajudai-me. Não me importo de morrer, mas deixai a minha filha amparada, já que ficou sem o pai, tão novinha, deixá-la amparadinha e com as minhas coisinhas todas pagas. De resto, eu não me importo com mais nada.

*Como é que se vê daqui a cinco anos?*

Daqui a cinco anos, se eu chegar para lá, as forças não são muitas, vou buscar forças é pedindo a Deus e ao meu homem que me dêem forças.

Quando amanhece eu digo sempre “ai meu Deus mais um dia de trabalho”, quando está a chegar a hora de ir embora eu digo “ai meu Deus que alegria”, é a hora mais sagrada do mundo.

*Acha que a sua vida vai melhorar?*

Ai menina, eu quanto mais peço a Nosso Senhor, mais vêm as coisas em cima umas das outras para pagar. Tudo em cima de mim, tudo em cima de mim.

*A Sr.<sup>a</sup> está aflita com as dívidas que tem?*

Tenho um colchão que foi uma espoleta bem metida, que estão a tirar do meu ordenado. Que eu até já fui pedir uma ajuda para pagar, mas as meninas não puderam dar... Agora esse aviso que chegou para pagar seiscientos e tal euros.

*Referente ao colchão?*

Não, o colchão estão a tirar do meu ordenado. Foi aqui do Maia Mendonça, daquela banquinha. Foi mais um descuido, porque eu estou a ficar esquecida. Eu paguei os primeiros três ou quatro meses e depois despercebi-me. Ela deitou para o advogado e eu já hoje estive a falar com ela e ela disse-me para eu dizer ao contabilista. Quando eu for ao médico, na 3<sup>a</sup> feira, vou falar com o Dr. Vieira para fazer um acordo, para pagar todos os meses.

*E se fosse hoje, voltava a requerer o Rendimento?*

Mesmo que fosse os oito contos, já era uma ajuda.

*Tem dificuldades com as dívidas que tem...*

Já me cortaram a água duas vezes, a TV cabo foi cortada não sei quantas vezes, porque não tinha possibilidades de pagar. Eu dizia “assim eu vou para baixo e já não venho para cima. Eu vou fazer uma asneira comigo”. Eu vim para esta casa sozinha e sem nada e já paguei ao banco cinco mil euros. Tudo o que a menina está a ver foi tudo comprado.

*As dívidas também são referentes às mobílias da casa, não é?*

Sim.

*Há quantos anos está aqui?*

Há 6 anos.

## **E6 - Graça**

*Vamos começar por falar um pouco da sua infância e adolescência. O que faziam os seus pais para ganhar a vida?*

O meu pai trabalhava na Estiva, mas acho que, com 42 anos, ele teve um acidente de trabalho e começou a receber uma pensão de invalidez. A minha mãe era doméstica.

*E até que ano os seus pais estudaram?*

A minha mãe tinha a 1ª classe, mas sabia ler e escrever. O meu pai acho que nem isso tinha.

*E vocês quantos filhos eram?*

Éramos 8.

*Como se recorda da sua infância e adolescência?*

A minha infância...era pobre mas não era infeliz.

*Que momentos recorda dessa altura?*

É mais o Natal. O Natal traz saudades. Mesmo já na adolescência o Natal é uma altura que marca.

*Porquê?*

Era diferente. Sempre acontecia algo de bom. Até é inexplicável, mas acontecia.

*Mas era o quê? Os momentos em família?*

Não éramos uma família muito abonada e depois vinha o cabaz de Natal, que era sempre mais fartura, mesmo que não houvesse árvore. Nunca mais me esqueço uma altura em que não tínhamos dinheiro para a árvore, o meu pai tinha deixado de receber o cabaz de Natal, eu ia pela levada acima, com o meu irmão mais novo e caiu-nos uma árvore de Natal aos pés, de um camião que ia para cima. Recordo-me do Natal e quando estávamos todos juntos no

quintal a regar as flores. Tenho umas saudades enormes dessas coisas. Cada uma lava a roupa, porque não tínhamos máquina...tenho muitas saudades desses tempos. Passamos dificuldades mas éramos felizes...Éramos muitos mas a gente dava-se uns com os outros. Havia muita briga mesmo, mas a gente dava-se bem. Tenho saudades daqueles momentos em família

*Qual foi o ano de escolaridade que completou?*

Até ao 4º ano, a primária, eu passei sempre. Daí fui para o ciclo preparatório, mas uma coisa que me marcou é que as pessoas faziam troça de quem andava mais mal vestido e eu era uma das lesadas. E havia a professora de ciências, que eu nunca mais me esqueci, eu tinha 10 anos, e ela pediu que explicássemos a evolução do Homem. Eu via muitos documentários, e eu disse que a evolução do Homem partia do macaco. Ela chamou-me de deficiente na aula e isso marcou-me para toda a vida. Mas passados onze anos, ela reconheceu-me e veio pedir-me desculpa. Isso marcou-me imenso. Até o director veio a minha casa, falar com a minha mãe, e naquela altura as pessoas não acreditavam nisso. Fiquei então com o 4º ano, mas passei com distinção! Podem ir lá ver. Tenho mesmo orgulho naquilo, porque está escrito “com distinção”.

*Porque deixou de frequentar a escola?*

Deixei de frequentar a escola por causa desses motivos. Deixei de gostar da escola.

*Não se sentia bem na escola?*

Não, não me sentia...

*Com que idade começou a trabalhar?*

Aos 15/16 anos.

*E que empregos teve?*

Fui empregada doméstica.

*Mas foi sempre empregada doméstica?*

Não. Eu sempre quis fazer algo melhor. Trabalhei também em snack-bares, na Coingra. Trabalhei no Centro Social de Portalegre, onde não fazia nada, era só ficar sentada numa cadeira. Era assim, tipo auxiliar. Levava documentação de uma secção para outra, para fora. Cheguei a levar uma mala com dinheiro, com uma algema, eu e uma outra. Mas não gostava de estar em Portalegre e vim-me embora. Aquilo era muito pequeno e atrasado, mesmo em comparação com São Miguel, apesar disto ser uma ilha e aquilo ser o Alentejo. A única coisa que eu gostava era o emprego, que eu podia ter tido uma carreira ali dentro, muito melhor do que aquilo que tenho agora.

*E que idade tinha quando foi para Portalegre?*

Tinha 20 anos e estive lá 6 meses e meio.

*E entretanto regressou...*

Sim, regressei passados 6 meses e meio.

*E com que idade iniciou o seu relacionamento com o Sr. D.?*

Deixe ver...acho que foi em 96. Conheci-o em casa de umas amigas em comum e depois pronto. Íamos passear de mota e uma coisa leva a outra!

*Que memórias guarda desses momentos?*

Eram bons. Eu adorava andar de mota e acelerar, dos passeios que dávamos. Depois fui viver com ele e passados 9 meses fiquei grávida do D.

*E depois nasceu o L...*

Nasceu o L. passados 3 anos.

*Como recorda o momento do nascimento dos seus filhos?*

É uma sensação completamente diferente de qualquer outra. Sabemos que um filho é algo nosso, que nasceu de nós próprios e não consigo descrever a emoção que senti naquela altura. É completamente diferente de tudo na vida.

*Falando agora na altura em que a Sr.<sup>a</sup> requereu o RSI? Como soube da existência do RSI?*

Tínhamos uma certa relutância em fazer porque é como se estivéssemos a pedir esmola. No meu caso e no dele tínhamos uma certa vergonha em assumir que recebíamos. Foi numa altura terrível, passávamos fome, inclusive. Ele trazia muito pouco para casa, as dívidas acumulavam-se, a água, a luz. Já estávamos há 2 meses sem luz.

*A Sr.<sup>a</sup> estava desempregada nessa altura?*

Eu nunca consegui arranjar emprego na Ribeira Grande, embora tentasse, nunca me deram emprego aqui. Por isso é que sempre tentei arranjar emprego em Ponta Delgada.

*Mas apesar de estarem um pouco relutantes...*

Não tivemos outro remédio senão fazer, porque não tínhamos alternativa. Eu não arranjava emprego, ele não arranjava emprego e depois tínhamos de pensar nos filhos. O D. já tinha 9 meses quando começamos a receber e tudo o que ele tinha era dos serviços que fazia para fora, a vender pneus, que ainda tinha alguns do negócio anterior que ele teve, que não deu certo. Era sempre para a criança. O D. sempre bebeu o S26, nunca foi leite de vaca, até 1 ano de idade.

*E como soube da existência do RSI?*

Através das notícias.

*E antes de receber o RSI já tinha pedido outro tipo de apoio no Serviço de Acção Social?*

A primeira vez que pedi qualquer tipo de apoio foi o RSI.

*Recorda-se de ter assinado o acordo de inserção?*

Recordo-me, passado uns tempos, mas recordo-me.

*E, na altura, como decorreu esse processo?*

Ele chamou-nos para conhecer-nos e para se apresentar como o novo técnico. Depois, as visitas eram frequentes, ele também nos mandava chamar e era isso.

*Mas do acordo de inserção, recorda-se das acções?*

Era disponibilizar-se para trabalhar e pouco mais. E frequentar acções de formação. Agora é que as coisas mudaram. Antes assinávamos uma declaração de honra e era só.

*Acha que a sua vida melhorou, na sequência de ter assinado o acordo de inserção? Que essas acções, ao nível do emprego e formação, tiveram algum impacte na sua vida?*

A dada altura melhorou. A Dr.<sup>a</sup> I. colocou-me num curso de formação, que depois é que me deu o emprego no Royal Garden.

*O que faz lá?*

Sou empregada de andares, mas estou lá sempre por contratos de seis meses.

*Mas então houve um impacte positivo...tirou um curso de formação que depois lhe proporcionou um emprego...*

Por acaso agradeço-lhe muito, foi uma das melhores pessoas que conheci da acção social, a Dr.<sup>a</sup> C. e o Dr. J. Foram essas acções que proporcionaram uma melhoria da minha vida e que devo o meu emprego agora.

*Antes da assinatura do acordo, existe a negociação, em que está presente o casal e o técnico. Lembra-se desse momento da negociação?*

Lemos o acordo e não tinha assim nada. Foi ler o acordo e assinar porque estávamos dispostos a fazer o que estava lá escrito e foi isso.

*Não propôs nenhuma acção?*

Não. Eu nem sequer sabia que havia acções de formação na altura.

*O que acha dos beneficiários terem um papel activo na delineação dessas acções? Acha que isso é importante?*

É. Muita gente devia ser ouvida, muita gente mesmo e outros nem tanto. Não concordo que os mais novos recebam o rendimento, a menos que a pessoa esteja em absoluta necessidade, porque a maioria está aí na rua e devia estar a trabalhar.

*Falando ainda sobre o acordo de inserção...como se sentiu no momento da negociação e da assinatura?*

Senti-me um pouco nervosa, mas já era costume, sobretudo para uma pessoa que preferia estar a trabalhar, a ter que recorrer a esse serviço. Estava um bocadinho envergonhada.

*As acções que foram acordadas foram cumpridas?*

Sim.

*Então o que acha que mudou na sua vida com o RSI? Pensando um pouco, a Sr.ª tem vários requerimentos, já passou pelo RSI por diversos momentos, o que é que ficou disto tudo? O que mudou na sua vida?*

Veio aliviar a carga...Passámos a ter uma quantia certa todos os meses e tínhamos a possibilidade de pagar as contas normais mensais. Isso já veio aliviar e muito.

*E a si, enquanto pessoa? Que alterações o RSI trouxe?*

Transmitiu-me segurança, em questões monetárias.

*E o facto de estar a trabalhar? Que mudanças lhe trouxe enquanto pessoa?*

Isso é completamente diferente de estar a receber rendimento mínimo. Eu sei que o que estou a receber é o meu trabalho, é meu. Sinto-me útil e sei que posso contar com aquilo que é apenas meu e isso deixa-me extremamente feliz. Tornei-me uma pessoa mais segura desde que trabalho.

*E ao nível da dinâmica familiar?*

Tudo melhorou. Os meus filhos passaram a vestir melhor, a alimentação, em primeiro lugar, melhorou muito, os iogurtes, a fruta. Aquilo que havia em pouca quantidade passou a haver em mais quantidade.

*E ao nível das relações?*

Melhorou.

*Quanto ao percurso dos seus filhos na escola...*

O meu mais velho vai passar de ano. Quanto ao mais novo ainda tenho as minhas dúvidas. O rendimento também teve outro aspecto muito positivo, que foi pôr os meus filhos na creche, desde pequenos e estão lá desde essa altura. Isso foi muito importante.

*O D., o seu filho mais velho, teve acompanhamento da psicóloga através do RSI...*

Penso que foi só duas vezes...nunca mais foi chamado. O problema do D. tem muito a ver com o ambiente escolar e não tem nada a ver com o ambiente familiar. O D. era uma criança segura, mas tornou-se muito insegura, devido aos problemas que tem tido na escola. Os outros não são como ele, não entendem a maneira dele ser.

*Um dos aspectos que marca o seu percurso enquanto beneficiária é também o facto do seu marido ter iniciado actividade profissional...Acha que isso foi importante?*

Isso então foi importantíssimo! É uma mais valia ele estar a trabalhar e ele está muito contente com o trabalho dele. Eu acho que ele até mudou muito. Tal como eu, ele sente-se mais seguro e tem o seu próprio ordenado no final do mês. Ele está muito diferente daquilo que era, mesmo em casa, ele está muito diferente. Antes o D. era muito irresponsável, mesmo imaturo em diversos aspectos e ele mudou muito. O D. agora está um homem e antes eu considerava-o o meu terceiro filho.

*O que aconteceu para haver essa mudança?*

O aspecto mais positivo disso tudo foi ele arranjar trabalho.

*Como é que ele arranjou trabalho?*

Por conhecimentos. Ele andava também a responder a anúncios, a falar com amigos.

*A procura activa de emprego e a inscrição na agência de emprego era também uma das acções do acordo de inserção...*

Sim, mas o que ele conseguiu foi por mérito próprio. Ele tentou arranjar emprego a valer. Mas um dos aspectos que o influenciou mais foi a assistente social porque foi muito compreensiva e conseguiu influenciar o D. num aspecto positivo e incentivou-o a procurar emprego, não desprezando as suas capacidades e a essa assistente social eu também lhe devo em parte isso.

*Então acha que os técnicos acreditarem nas pessoas...*

É muito bom! É muito bom sentir que essa pessoa acredita em nós, que podemos ter uma vida melhor, isso é muito positivo. A pessoa sente-se estimulada por alguém que nem sequer conhece e que acredita nessa pessoa.

*E ao nível da habitação, o que mudou?*

Ele comprou uma televisão e um frigorífico, o que seria muito difícil se ele não estivesse a trabalhar.

*Mas a Sr.<sup>a</sup> também foi realojada...*

Exactamente.

*Isso foi importante?*

Ser realojada foi importante e de que maneira! A casa velha não tinha condições nenhuma e se não viéssemos para aqui, ficávamos lá de baixo. Um tecto sobre a cabeça, onde não chova, onde não haja ratos e bichos de todas as espécies, isso então é uma coisa que eu agradeço, apesar das pessoas que vieram para aqui...

*Então e que opinião tem sobre o RSI?*

Eu acho que há pessoas que deviam receber e passam necessidades, apesar de ter trabalho e há pessoas que não deviam receber e que enganam os técnicos e trabalham às escondidas e que ainda se riem da cara dos técnicos. Para mim, essas pessoas e as que passam a vida na rua a provocar, sem ter o que fazer, a essas pessoas devia ser retirado o rendimento mínimo porque se estão a receber, deviam agradecer e não escarnecer.

*Como é que a Sr.<sup>a</sup> se sentiu como beneficiária?*

Para mim era humilhante.

*Sempre se sentiu humilhada, por receber?*

Sim. Sempre tentei arranjar um trabalho, um emprego, o que fosse, de modo a deixar de receber rendimento mínimo porque, para mim, era como se estivesse a receber uma esmola. Não encontro outra palavra para descrever melhor, mas para mim era isso.

*Então, porque motivo deixou de receber o RSI?*

Encontro-me a trabalhar e o D. também, por isso não há necessidade de receber mais rendimento mínimo.

*E como se sentiu quando isso aconteceu, quando soube que ia deixar de beneficiar do RSI?*

Acho correcto. Estamos a trabalhar e não há necessidade.

*E de que forma reorganizou a sua vida?*

O meu ordenado é o ordenado mínimo e ele ganha mais dinheiro e pronto, mesmo que o meu não dê, sempre tenho o dele para assegurar o resto do mês. Se ele não estivesse a trabalhar continuava praticamente na mesma.

*Acha importante as pessoas viverem sem apoios do Estado? Acha que isso é possível?*

Não é possível. Só que há pessoas que não deviam receber porque só se fiam naquilo e não se importam de dizer que estão a receber. Não querem trabalhar e arranjam filhos para terem mais dinheiro.

*Mas apesar de, na eventualidade desses casos existirem, acha importante existirem apoios...*

Para muitos casos é. Existem muitos casos que deviam ser apoiados. Eu não sou contra o rendimento mínimo, nunca fui, só que há casos e casos.

*A Sr.<sup>a</sup> apresenta vários requerimentos, ou seja, recorreu ao rendimento mais do que uma vez na sua vida. Porquê?*

Porque depois de receber o rendimento, a minha vida voltava ao mesmo. Passávamos dificuldades como nem um nem outro trabalhavam e eu via-me obrigada a fazer de novo o requerimento.

*Portanto, a Sr.ª deixava de beneficiar porque entretanto começava a trabalhar, no entanto, por nova situação de desemprego, tinha de recorrer à medida...*

Exactamente.

*E como se sentia quando tinha de voltar a fazer o requerimento?*

Pensava se devia ou não fazer, mas via-me obrigada a fazer porque não tinha outra alternativa.

*O rendimento surgia como a única alternativa possível...*

Exactamente.

*O rendimento continua a ser importante para si?*

Agora, nesta altura, não. Deus permita que nunca venha a ser preciso de novo.

*E se fosse hoje, voltava a requerer o rendimento?*

Agora não tenho necessidade.

*Mas hoje, olhando para trás, voltava a fazer?*

Sim, voltava. Foi a minha única alternativa porque embora procurasse trabalho nunca arranjei nada. Quando ia fazer o requerimento custava-me...custava-me falar em voz que os outros ouvissem, porque não queria fazer e via-me obrigada a isso.

*Pensando um pouco no futuro... que sonhos tem?*

Ser rica! (risos) Já me considero satisfeita por ter emprego e proporcionar aos meus filhos uma vida melhor daquela que eles estavam destinados a ter, se eu não tivesse emprego, ou o pai. Se não tivéssemos tomado outro rumo, eles também iam ser muito lesados. Eu quero construir uma vida melhor para eles, melhor do que aquilo que eu tive. Quero que os meus filhos tenham uma vida melhor.

*Como se vê daqui a 5 anos?*

Velha. Espero ter a casinha melhor mobilada, que os meus filhos tenham passado de ano sempre e ter saúde mental para levar com isso para a frente.

*Considera que a sua vida vai melhorar?*

Se se mantiver como está, acho que sim.

## **E7 - Mariana**

*Vamos começar por falar um pouco da sua infância e adolescência. O que faziam os seus pais para ganhar a vida?*

O meu pai trabalhava em terras, em milhos. A gente também ia lá ajudar quando era preciso. Aos sábados ele também ia trabalhar para ganhar a vida e para a gente ao Domingo ter fruta em casa. A minha mãe trabalhava a fazer limpezas.

*E até que ano os seus pais estudaram?*

Não sei.

*E como se recorda da sua infância e adolescência?*

Também fui trabalhar. Uma pessoa saía de casa para ir trabalhar até às 6, 7 horas da noite a arranjar casas, fazer comidas.

*Aquilo que se lembra é de estar a trabalhar...não se lembra de brincar?*

Isso a gente nunca brincava. A gente quando chegava a casa do serviço era fazer renda, para depois termos as nossas coisinhas. Ia aos Domingos a casa da minha avó buscar roupa para lavar, a gente lavava a roupa no tanque com a escova. Ai muito que já se passou...

*E quantos irmãos tem?*

Somos 4 raparigas.

*A Sr.<sup>a</sup> lembra-se de existirem dificuldades económicas?*

Isso não sei o que é...

*Se passavam fome...*

Às vezes passava-se fome. Minha mãe cozia pão no forno...era ratos grandes que iam para cima da mesa e a minha mãe enviava o vaso mas eles não morriam.

*A sua casa não tinha condições...*

Não tinha.

*E como é que vocês se davam uns com os outros? Davam-se bem?*

A gente dava-se bem. Às vezes até para a praia a gente ia às 7h da manhã.

*E qual foi o ano da escola que a Sr.<sup>a</sup> fez?*

A 3ª classe.

*Porque saiu da escola?*

Eu saí porque não dava nada de mim.

*Tinha algumas dificuldades?*

Não sei ler...Eu estava na escola mas metiam sempre a gente a lavar os copos e a minha mãe disse “já que estás aí a lavar copos, vens é para casa. Vais trabalhar para casa de uma pessoa e ganhas dinheiro”. Fui para casa e depois a minha irmã arranjou-me um serviço para eu trabalhar.

*Mas na escola a Sr.ª lavava os copos?*

As contínuas punham a gente a lavar os copos e elas ficavam na conversa. Na saída da escola mandavam a gente lavar. Uma lavava os copos, outra lavava o chão...

*Que idade tinha quando saiu da escola?*

12 anos.

*Mas gostava de estar na escola?*

Gostava e não gostava. O professor também não era muito bom porque o que ele queria era o estudo de plantas e flores e isso não dá para nada, por isso fui trabalhar. Gostava de aprender a ler, fazer contas, mas o professor nunca deu nada. Paciência, já que não dá nada também vou-me embora.

*Começou então a trabalhar com essa idade como empregada doméstica...*

10 anos que eu trabalhei em casa de uma Sr.ª.

*E depois aos 22 anos?*

Foi namorar. (risos)

*Mas deixou de trabalhar?*

Não. Foi namorar, casar e depois já não podia trabalhar mais.

*A Sr.ª casou com que idade?*

Com 23.

*E deixou logo de trabalhar?*

Não, foi quando tive o meu filho. Teve de ser, eu não tinha ninguém.

*Na altura nunca quis integrar o seu filho numa creche, ou numa ama?*

Não quis porque eu não tinha serviço para ir.

*Mas a Sr.<sup>a</sup> procurava trabalho?*

Sim. Estive só em casa de uma Sr.<sup>a</sup> aos sábados, que o meu homem estava em casa aos sábados. Foi só.

*Entretanto nasceu o seu filho mais novo...*

O João já tinha 5 anos e veio o outro.

*A partir daí nunca mais trabalhou. Porquê?*

Porque não tem serviço.

*E que memórias tem desses tempos? De quando namorou, quando nasceram os seus filhos...*

Naquele tempo quando namorava era só da missa para casa da minha patroa para dar comida ao cãozinho e o meu noivo vinha ter comigo. E depois a minha mãe dizia “oh rapariga, tanto tempo por aí” e eu dizia “minha mãe, fui a casa de uma amiga”. (risos) Ricos tempos, estava-me consolando. Agora pronto, acabou.

*E quando teve os seus filhos?*

É uma alegria. Tive o meu filho como se fosse uma roqueira, saiu num instante e o outro também foi a mesma coisa, teve quase nascendo em casa.

*Vamos agora falar na altura que a Sr.<sup>a</sup> fez os papéis para o RSI. Como é que a Sr.<sup>a</sup> soube da existência deste apoio?*

Foi da boca de uma Sr.<sup>a</sup> que estava a receber o rendimento mínimo e eu disse que também ia fazer e vamos lá ver, porque eu preciso de uma ajuda.

*Estava em dificuldades?*

Sim. Não tinha dinheiro, o meu marido não trabalhava, eu também não tinha serviço, uma pessoa também precisava de uma casinha.

*Como se sentiu a pedir o RSI?*

Foi tão bom. Fiquei tão contente. Pelo menos com esse apoio dá para mim e os meus filhos comerem, calçarem e tudo.

*Mas na altura que fez os papéis, sentiu-me bem?*

Sim. Precisava de ajuda.

*E antes do RSI já tinha ido ao Serviço de Acção Social pedir outros apoios?*

Sim. Foi por causa de um fogão e umas caminhas, que eu não tinha. Eles dormiam, coitadinhos, num colchão velho. Mesmo assim deram as barrinhas, agradei à pessoa.

*Ficou contente, com o apoio que recebeu?*

Fiquei imenso.

*Entretanto começa a receber o RSI. Lembra-se de ter assinado o acordo de inserção?*

Sim Sr.<sup>a</sup>.

*E que acções tinha nesse acordo?*

Isso agora é que não me lembro. Não sei o que é que assinei.

*Pensando nas mudanças que o RSI trouxe à sua vida...o que mudou?*

O meu homem não me bater mais, foi um alívio que saiu das minhas costas e estou muito contente com esta ajuda, pelo menos tenho dinheiro para comprar comidinha para os meus filhos e estou descansada. O meu marido também já não bebe como bebia

*E que mais mudou? Em si, enquanto pessoa?*

Ai não sei o que hei-de dizer mais...

*Sente-se mais feliz, mais forte?*

Sinto-me mais feliz, estou-me consolando agora aqui.

*Também teve esta casa nova...*

Foi uma coisa que saiu do meu corpo. Estava antes naquela casa velha, cheia de ratos e tudo. Mas muita gente não sabe agradecer às pessoas, não gostam de limpeza nem nada, mas eu gosto.

*A Sr.<sup>a</sup> alguma vez foi integrada em algum curso ou na escola para completar o seu 4º ano?*

Não...Tirei um curso de costura, mas nunca dei nada, a gente ficava sempre para trás. A gente precisava de ajuda e ela nunca quis saber de nós, era sempre para as outras. Fomos embora porque elas não faziam caso.

*E que opinião tem sobre o RSI? Acha que este apoio é importante?*

Acho que sim, para toda a gente.

*Acha que este apoio devia ser para toda a gente? Porquê?*

Acho que sim, para aqueles que mais precisam. Ajuda as pessoas a terem dinheirinho para comerem, para pagar a água, luz, o gás, o que é mais preciso. Mas as que podem trabalhar devem ir

*A Sr.ª em 2004 deixou de contar com o RSI. Lembra-se porque motivo?*

Não sei.

*Mas lembra-se como se sentiu na altura?*

Fiquei muito triste, porque eu não estava trabalhando, o meu homem não estava trabalhando e uma pessoa às vezes passava fome, não tinha o que era para comer. Fui pedir ajuda à minha mãe, foi ela que me ajudou.

*Então foi pedir ajuda à sua mãe... e que mais fez para ultrapassar a situação?*

Fui trabalhando uns sábados, pelo menos para comer.

*E o seu marido começou a trabalhar?*

Depois é que ele foi pedir a uma pessoa, porque precisava. Depois é que foi trabalhar para ganhar aqueles dias.

*Mas quando recebiam o RSI nem a Sr.ª nem o seu marido estavam a trabalhar. Foi quando deixaram de contar com RSI que foram procurar trabalho...*

Foi sim Sr.ª.

*Quando deixou de ter o RSI, pediu apoio a outros serviços?*

Fui pedir o Banco Alimentar à Santa Casa.

*E teve outros empregos, ou trabalhou sempre como empregada doméstica?*

Estive na Norlimpa, um ano, mas depois fiquei muito doente e vim-me embora para casa. Ainda trabalhei em casa de uma velhinha uns tempos, mas depois deu-me um princípio de trombose e ela não quis saber mais de mim. Também em primeiro estou eu.

*Mas que problemas tem a Sr.ª, que fazem com que não possa trabalhar?*

Fui escaldada no peito. Queimei-me com uma panela de sopa. Depois fui à Dr.ª e ela disse que eu não podia apanhar pós nem nada, porque depois eu fico cheia de bexigas e dá-me comichão.

*E a Sr.ª tem algum papel do médico a comprovar que não pode trabalhar?*

A minha Dr.ª I. é que tem.

*Mas a Sr.<sup>a</sup> não tem?*

Não tenho.

*E o seu marido? Ele está desempregado há quanto tempo?*

Há quase dois anos.

*Qual é a profissão dele?*

É pedreiro.

*Ele está a ter dificuldades em encontrar emprego...*

Ele vai aos patrões, mas não há nada. Estão a pôr gente para fora e tudo. Não têm dinheiro para dar.

*Ele está inscrito no centro de emprego?*

Está sim Sr.<sup>a</sup>, mas ele agora está num curso, nas praias, a tomar conta, a limpar as praias.

*Está a frequentar um projecto de formação em exercício pela Câmara Municipal...Acha que isso é importante?*

É bom, enquanto ele não arranja um serviço. Ele quer trabalhar, mas não aparece serviço.

*A Sr.<sup>a</sup> Mariana deixou de contar com o RSI em 2004, mas uns anos depois, volta a fazer os papéis para o rendimento. Porquê?*

Eu precisava muito. Eu não trabalhava e o meu marido dava uns dias em terras, de uns amigos dele.

*E foi depois da Sr.<sup>a</sup> ter sofrido a sua queimadura...*

Sim.

*Como se sentiu a fazer novamente os papéis para o RSI?*

Foi um milagre que Nosso Senhor me fez. Quando eu soube que ia receber, quando veio a carta à porta a dizer que tinha sido aprovada foi tão bom. Assim já tinha ajuda para a renda da casa, a luz, a água.

*O rendimento continua a ser importante para si?*

Sim, porque me ajuda muito. Se não fosse isso...

*E se fosse hoje voltava a requerer o RSI. Não se arrepende...*

Não Sr.<sup>a</sup>.

*Pensando no futuro....que sonhos tem?*

Que os meus filhos tenham um bocadinho de juízo, que às vezes não têm, têm que trabalhar, que eu não fico sempre viva, Nosso Senhor vai levar-me e vocês ficam todos para aí. Que arranjem uma mulher, das boas, que não sejam maldosas

*E o que é que a Sr.ª faz para que eles tenham um bom futuro? Como é que os educa para isso?*

É falando com a boca, para ver se as cabeças endireitam. Só que só têm um parafuso lá dentro, dentro da cabeça.

*Como é que a Sr.ª se vê, daqui a 5 anos?*

Sei lá...velhinha já. Já tenho cabelos brancos. Ai, não chego lá...

*A Sr.ª que idade tem?*

39.

*E acha que não chega aos 44?*

Não chego lá...O que me mata é que tenho muitos nervos, qualquer coisa me enerva. Se o meu homem briga com os meus filhos eu logo meto-me na frente...antes ele dê em mim do que dê neles.

*Mas acha que a sua vida vai melhorar?*

Vamos lá ver...mas eu quero que seja melhor.

*E o que pode fazer para a sua vida ser melhor?*

É endireitar a cabeça do meu filho. Às vezes eu fico nervosa por causa dele. Vamos lá ver.

## **E8 - Isabel**

*Isabel, vamos começar por falar um bocadinho da sua infância, da sua adolescência, o que é que faziam os seus pais para ganhar a vida?*

A minha mãe nunca trabalhou, foi sempre em casa, o meu pai é que trabalhava, para sustentar a gente e era bastante, não era pouco.

*O que é que ele fazia, o seu pai?*

Ele pronto conduz máquinas, camionista e maquinista mas mais, mais era máquinas, Quando era novinha, com uns quatro ou cinco anos, recordo-me que ele fazia blocos, numa fábrica de blocos mas depois foi para máquinas e até hoje foi sempre essa profissão.

*E qual é o ano da escola que eles têm?*

Pronto, a minha mãe eu penso que tem a terceira classe e o meu pai penso que tem a quarta classe, se não me engano, eu também tenho a quarta classe mas pronto. Portanto são pessoas muito antigas e com pouca escolaridade.

*Como é que se recorda da sua infância? Lembra-se desses momentos?*

Eu recordo-me sim, recordo-me de muita coisa boa e muita coisa má também muito mal que a gente fazia, a gente levava, isso eu recordo-me, mas pronto, mas recordo-me de momentos bons.

*Foi uma infância boa?*

Foi.

*Lembra-se dos momentos em família?*

Recordo-me sim senhora, a gente era pobre mas era uma casa muito farta, agente tinha de tudo e não faltava nada à gente. O meu pai trabalhava, sempre trabalhou, mas naquele tempo ele bebia um bocadinho, mas nunca chegou assim, nunca fomos para instituições nem nada, nunca vieram pessoas aqui a casa por ele ser alcoólico nem nada, ele bebia ao fim de semana, ele vinha podre a cair, mas na Segunda-feira esta ali firme pronto....

*Pronto para o trabalho...*

Pronto para trabalhar, ele sabia que tinha oito filhos para sustentar, oito bocas, quatro rapazes e quatro raparigas, não era fácil, minha mãe nunca trabalhou na sua vida, era sempre ele, ele é que tinha que sustentar esta casa e até hoje.

*Mas não se lembra de passar por dificuldades, de passar fome?*

Pronto, tinha momentos, uns mais do que outros, eu vou ser sincera com a sr.<sup>a</sup>, não vou dizer assim: “Ah, passei fome”, pronto naquele tempo a gente passava muito, a gente passava, minha mãe teve a gente atrás um do outro, mas sempre tinha aquelas vizinhas que a gente dava-se melhor e que eram boas pessoas, vinham aqui a casa, sempre vinham trazer um pãozinho para a gente comer, sempre vinham trazer um leite chocolateado quente, recordo-me tão bem disso, das cafeteiras de elas virem cá à porta trazer, eu era pequenina, devia ter uns cinco, seis anos, recordo-me disso perfeitamente e os meus irmãos, os meus irmãos, estavam todos aqui, elas vinham cá trazer, como era tudo pequenino, as vizinhas diziam: “ Eu vim trazer, para dares aos pequenos”mas pronto, havia momentos mais baixos e momentos mais coisa mas tudo se criou, estamos aqui até que estão os filhos todos, tudo se fez.

*E davam-se bem, uns com os outros?*

Davam.

*Havia uma boa relação entre vocês?*

Sim Senhora, a gente sempre se deu bem uns com os outros, sempre.

*Há pouco, a Isabel estava a dizer-me que tem o quarto ano, não é? Tem a quarta classe?*

Tenho a quarta classe.

*E deixou de frequentar a escola com que idade?*

Com treze anos.

*E porque é que de deixou de frequentar a escola?*

Deixei de frequentar porque as minhas irmãs, as mais velhas, já davam dias em casas, patroas, menos uma irmã minha chegou a tirar o nono ano, ela sempre estudou, pronto e aqui em casa para ajudar e tudo e as Sras., que conheciam minha mãe, diziam “ai não gostavas que a tua filha fosse para minha casa dar um dia”? Minha mãe dizia sempre “Ah, isso é com ela” depois naquele tempo, com treze anos, a senhora sabe que isso começa os namoricos, as coisas da escola, meu pai soube, “não vais namorar, vais é para casa trabalhar”, tirou-me da escola com treze anos. Eu estava aqui no quinto ano, já com treze anos estava perto a passar o ano, “vais para casa, não vais ficar na escola para perdes” e tirou-me para casa e desde aí, nunca mais fui para a escola. Como eu não acabei não tive o diploma do quinto ano, eu tenho a equivalência à quarta classe portanto é a quarta classe também que eu tenho. A minha escolaridade obrigatória é o sexto ano mas eu gostava muito de estudar à noite e tudo, ao menos o sexto ano eu gostava de tirar, agora tem muitas mais propostas de trabalho e a escolaridade é muito importante.

*Sem dúvida...*

Até a Dr.<sup>a</sup> A. disse-me há tempos, numa coisa da escola, se chamarem D. Isabel quer, eu disse quero sim senhor, eu vou sem problema nenhum, só que nunca me chamaram.

*Desde que haja essa oportunidade, a Isabel está interessada em tirar o sexto ano?*

Ai, vou logo sim senhora, vou logo à noite.

*Mas gostava de estar na escola?*

Gostava, ao menos para tirar o sexto ano, porque assim sabia que ia buscar um futuro, não é, mais tarde, um futuro para mim, e podia dar um futuro aos meus filhos porque então eles estão na escola e não os tiro, nunca na vida, nem pensar nisso. Tenho o meu filho mais velho que tem nove anos, já está no quinto ano e penso eu que vai passar ou já passou para o sexto ano e tem nove anos, ele é muito esperto. Eu também nunca faltei nenhum ano, eu passava todos os anos, mas pronto pela cabeça do meu pai...

*Era assim..*

A gente com porrada e tudo, a gente levava alguma tapona, alguma rabada, a gente tinha que vir, a gente tinha que obedecer, eu era muito novinha, treze anos, uma criança.

*E começou logo a trabalhar com treze anos?*

Comecei logo a trabalhar, eu dava dias, trabalhava numa Sra., depois, como era muito criança pronto, elas sempre tinham aquelas birras, “Ai quero aquilo mais limpo ou melhor limpo”, eu sempre fui muito arrematada desde pequenina, minha mãe tinha, teve quatro filhas mas para lavar as peúgas era eu, eu é que sabia esfregar mais naquele tanque, aquelas peúgas tinham que sair era branco e era sempre a Isabel que ia para aquelas peúgas e eu tinha que ir para a ribeira, a gente ia lavar tapetes e tudo, foi uma infância, pronto agora neste tempo, agora é uma infância muito bonita, não é daquelas coisas antigas, de ir para a ribeira lavar os tapetes, essas coisas assim.

*Gostava de fazer isso?*

Agora ao ponto, pronto, com a coisa de vida que a gente tem hoje, que agora tudo tem máquinas, máquina de secar, máquina de lavar, tudo, penso eu que naquele tempo havia perante as coisas que a gente fazia, havia muito mais amor, muito mais coisa, era tudo, a gente podia dizer, não é, é natural, a gente fazia aquilo tudo, agora é tudo através de máquinas, já não dá aquele interesse, a gente tinha que ir esfregar, até a gente ficava mais magras, com os braços todos cheios de músculo...

*Actividade física!*

Exactamente, agora não, agora é só obesidade.

*E que empregos então é que teve? Começou a trabalhar aos treze anos a limpar casas e até que idade é que trabalhou como empregada doméstica?*

Pronto, foi limpar casas, até me casar foi limpar casas. Depois casei, tive em firmas de limpeza, tive na MBA que depois passou para IBERLIM e depois de estar lá a trabalhar, nesta companhia de limpeza, acabou o contrato, estive aqui no BPI também, na Ribeira Grande trabalhando, depois acabei o contrato e eles tramaram-me também, não foi coisa de fazerem-me assim uma carta de despedimento, pensando que era férias e não era, fui para casa com uma mão à frente e uma mão atrás, pronto e com dificuldades também, porque não estava recebendo rendimento, não estava a receber nada. A minha mãe, Deus lhe dê o céu, é que ajudava muito, agora já não tenho essa coisa para ela poder-me ajudar, também tem-me custado agora um bocado, foi assim mas trabalhei, depois trabalhei nuns dois ou três cafés, fui empregada de balcão mas não dava muito certo, porque um tinha um feitio depois pronto, muita gente bêbada, não dava muito certo para mim e eu desisti. Fiquei parada um tempo em casa, um bom tempo, uns bons mesinhos a receber o rendimento pronto, agora estou no hospital de Ponta Delgada 3 meses, até acabar o contrato, para férias, sei que venho para casa que elas já disseram que eu venho para casa. Elas já disseram que vão dar o meu nome lá em baixo para outra vez mesmo para o hospital, estava na Santa Casa tirando formação agora, por acaso eu gostava de acabar aquela formação porque...

*Qual era a Formação que estava a tirar?*

Pronto, ajudar assim os idosos, ir levar os idosos a casa, eu gostava muito de estar lá.

*Mas que formação era essa?*

O projecto Agir, a gente estava no projecto Agir, eu até que tenho a documentação dentro do carro, a Dra. P, é muito boa psicóloga, gostava imenso de estar lá só que surgiu-me estes três meses...

*Surgiram estes três meses e aproveitou...*

Eu aproveitei mas falei com a Dra. A. sobre isto, a Dra. A. falou com ela e ela disse que passa a declaração, que podia regressar àquela coisa. No fim daquela formação a gente tem uma carta de recomendação e aquela carta é muito bom, já me servia muito para dentro do Hospital. Se eu desse o nome, mesmo que fosse lá, mesmo lá, aqui na Santa Casa, pronto mesmo que não fosse no Lar dos Idosos ou para ir levar refeições a casa ou para a limpeza ao menos eu sabia que era um serviço seguro e eu não gosto de estar em casa a receber o rendimento, não gosto, eu gosto de estar a trabalhar, trabalhar por aquilo, pronto a gente sabe que quando estamos aflitas o Governo ajuda e acho muito bem, quem tem crianças que as crianças não têm culpa de vir para este mundo pronto, acho muito bem, a força é para ele, a força é para ele, é para escolas, a comida, é pouco mas é pago, é a outra escola, o ATL também pago, isso é tudo com dinheiro, a gente sabe pronto e os problemas e a crise que está aí ...

*Claro...*

Não tem sido nada fácil não tem ajudado nada.

*Então D. Isabel, a senhora começou a trabalhar e entretanto com que idade é que casou?*

Eu casei com 19 anos. Casei com 19 anos e tive o meu primeiro filho com 19 anos.

*E quantos filhos teve?*

Tenho dois filhos, tenho um pequeno de nove anos e um de sete anos.

*E são os dois do portanto... a Senhora quantas vezes casou?*

Casei duas vezes, casei aqui com esse pai desse meu filho mais velho, não vivi um ano casada, não deu certo, ele tinha muitos problemas graves mesmo de saúde, de cabeça pronto e a partir do momento que era muito nova, tinha 19 anos e dava-lhe muita crise, estava sempre internado na Casa de Saúde pronto dava-lhe aquelas crises e eu disse-lhe a ele, escolhe a gente tão juntos, foi só civilmente que eu casei, tanto faz com um como com o outro, a gente estamos aqui para o bem e para o mal, escolhe ou a tua família ou eu e ele como dava-lhe aquelas coisas, é a família pronto depois fui-me desimportando, já não sentia a mesma coisa por ele, a doença Nosso Senhor é que dá, já se sabe mas era porradas e tudo, uma coisa sempre discussões, não dava certo.

*E acabaram por se separar...*

Não corri os papéis logo e já porque não tinha dinheiro mas fui para um advogado e estava nessa papelada do divórcio quando eu conheci o pai do meu filho, ele veio cá correr o divórcio com a ex-mulher, a gente se conheceu, começamos a namorar, já estava seis meses fora deste pai do meu filho mais velho, pronto ele foi-se embora para a América, mandou-me o dinheiro para a passagem e eu fui-me embora para lá. Não levei o meu filho, o meu filho tinha, ao fim de um tempo tinha, isso tudo aconteceu ele foi-se embora, esteve lá a tirar carta de pesados, camiões e tudo lá fora e eu tive que esperar um tempinho. O meu filho tinha um ano e um mês, não pude levar porque não tinha o divórcio ainda, ele ficou com a minha mãe, a criança.

*Durante quanto tempo é que o seu filho ficou cá?*

Ficou cá 2 anos, eu estive lá e ele ficou cá com a minha mãe dois anos pronto ele já tinha 2 aninhos, quase três anos, quando eu vim para cá para trás, quando eu vim de vez com o meu outro filho. Eu estive lá fora 3 meses e vim-me embora para trás, vim em busca de um pai para o meu filho mais velho, ao fim e ao cabo, fui arranjar mais um menino para lá, fiquei grávida, cheguei cá estava grávida já, minha mãe “Não vais ficar com mais um filho nos braços e não tens ninguém” vais voltar para trás e casar, então eu casei lá fora que eu sou divorciada, ele é solteiro o pai desse meu filho mais mocinho, eu sou divorciada aqui, ele é solteiro, eu sou casada lá fora e pronto, o mais velho vou busca-lo aos fins-de-semana em Rabo de Peixe vou busca-lo lá.

*O seu filho mais velho vive em Rabo de Peixe?*

Vive com o pai, como eu não tinha coisas nenhuma para estar com a criança ele pronto minha mãe como o criou, ele não me obedecia, estava sempre pela rua, fazia muito mal.

*Não tem muita ligação consigo.*

Não tinha muita ligação, pegaram na criança e tiraram, eu estava aqui a viver, vivia aqui muita gente, não tinha condições, o pai tinha melhores condições porque o pai...

*O P. é o seu primeiro marido?*

O meu outro filho mais mocinho, o meu primeiro marido, ele chamava-se D., o segundo é que é P., tem o nome do filho pronto mas eu estou-me a referir ao meu filho ele aqui estava sempre no quarto, o mais pequeno, têm diferença de 2 anos, um tem sete e outro tem nove estava sempre assim aqui com a gente e então eu também estava sempre em cima dele e ele como não apetecia, vivia muita gente aqui nessa casa pronto pegaram nele e puseram-no numa instituição para ver se a criança ficava mais, respeitava-me mais e então eles disseram a senhora que escolha, quer que ele fique com o pai ou então fique lá em baixo nos Gaiatos, pronto ele não tem uma mãe que tem vícios, se dissesse assim, tua mãe tem vícios ou que não coisa, a gente não dá a criança à Sra., não é pela Sra., é pela casa, não tem coisa, não tem possibilidades de estar com a criança, porque eu já tinha um quatinho, que a gente dormia lá em cima, então eu preferi que eles o dessem ao pai do que ficar nos Gaiatos.

*Numa instituição.*

Do que ficar nos Gaiatos, eu acho muito bem porque desde que eu criei aquela criança o Pai nunca deu sustento, nunca fez caso daquela criança, era raríssimo quando ele vinha, nunca fez caso dele portanto eu achei bem ele ficar um tempo com o pai, também para ver o que é ele agora é uma criança totalmente diferente. Já me chama mãe, antes era Isabel, já me chama mãe, se é para pedir alguma coisa é posso mãe e essas coisas assim, quer vir para mim, ele já disse que quando for para ir para tribunal que quer vir para mim, sabe quem é seu pai mas gostava de estar comigo, é normal.

*Claro.*

Ele saiu de dentro de mim, é lógico que queira estar com a sua mãe, talvez não lhe desse muita atenção, não era eu que eu dava-lhe atenção, só quando não me obedecia, talvez não lhe desse aquela atenção, como ficou assim um bocado confuso, ficou com os avós, não via a mãe, aquilo mexeu com a cabeça do pequeno mas ele agora está muito

melhor e já vê bem as coisas e quer voltar, espero que um dia o Tribunal me dê o meu filho porque pronto não digo que não vá para o pai, vai aos fins-de-semana, como ele está comigo mas eu espero ficar com as duas crianças, não só com uma., com o mais mocinho.

*Tem dois filhos, não apenas um, tem o M. e tem o P.*

Exactamente, tenho dois. Eu espero um dia ficar com ele, ficar com o M. Espero que ele que venha para mim e que fique comigo, é normal penso eu que qualquer mãe dizia isso. Mas pronto já trabalhei um bocado e quando tive o M. pronto penei um bocado também naquele tempo porque quando eu deixei o Pai, eu estava a dizer a eles e o M. era muito pequeno, um bebé necessita muita coisa, de leite era leite de farmácia porque leite de peito eu deixei de dar porque eu estava sempre por fora a trabalhar, não podia estar de pouco a pouco em casa para dar leite de peito que eu tive, por acaso eu tive, desse meu segundo filho eu também dei quase até um ano, então se pudesse dar até eu secar eu dava, só que não podia, a vida não nos permitia....

*Tinha que trabalhar...*

Tinha que trabalhar, portanto esse pai desse meu segundo filho ele mesmo diz, ele conheceu-me com uma sapatilhas rotas, andava com umas sapatilhas rotas andava mesmo...mas o meu filho tinha tudo de bom, isso é verdade, as verdades são para se dizer, ele tinha tudo, ia buscar, está ali o rapaz da farmácia que é testemunha, era tudo CHICO, os sabonetes, tudo, foi criado com tudo do bom e do melhor, não lhe faltava nada tinha as vacinas em dia, tudo direitinho, isso então, eu posso ter mil e um defeitos não chega para mim mas os meus filhos têm tudo direitinho. Tudo direitinho, têm as suas vacinas, têm tudo direitinho e assim é que deve ser que as crianças não têm culpa de vir para esse mundo, não têm.

*Então, portanto só para recapitular, a Isabel casou com 19 anos, entretanto não correu muito bem o seu primeiro casamento, entretanto conhece o P., vai viver para os Estados Unidos, fica grávida e depois regressa com o...*

Eu regresssei para cá, eu estive lá três meses e regresssei, não sabia que estava grávida mas era para ficar de vez cá, não ia mais lá, disse hei-de arranjar um homem por aqui e pronto.

*Porque as coisas não correram muito bem lá...*

Não correram muito bem lá, mas à base assim, não foi de maus-tratos nem nada, ciúmes, aquela coisa assim e eu disse, fogo, eu já sofri tanto com um com ciúmes e com tantos maus-tratos também não era de bater por bater mas quando lhe dava aquelas crises ele batia, eu disse vou ficar. pronto não me veio o período e tudo minha mãe disse, vai fazer um teste, estava grávida e fui para trás, foi na altura que fiquei lá dois anos. Quando regresssei de vez e até hoje, nunca mais fui, já vim com o meu filho.

*E com ele.*

E com ele. Ele teve aqui um tempo, depois ele voltou para lá e depois não conseguia ficar lá, depois tornou a regressar, veio para cá outra vez, teve aí uns meses, veio até que ele ficou até hoje. Está aqui a fazer a sua vida, ele diz que quer ir para lá outra vez que então a gente não dá, só que ele não tem o dinheiro para a passagem.

*Era aquilo que dizia há pouco, vai sair agora de casa não é e vai tentar...*

Ele diz que... ele já teve assim uns meses, a gente morando num quarto, ele diz que quer ir para o seu país, eu lá fora não vou, porque eu estava muito com a mãe dele, que é a minha ex-sogra que também já faleceu e aquilo era uma santa, eu dava-me muito bem com ela, ela faleceu e eu disse a ele, no dia que tua mãe morra, vou-me embora para Portugal, que era muita coisa que ela ajudava e a gente quando tinha alguma discussão ela apoiava-me e eu ia ficar lá ao “Deus-dará” e eu disse vou-me embora para a minha mãe. Chego aqui, pouco tempo depois a minha mãe faleceu, eu vou ficar por aqui agora, o que é que eu vou fazer mais para lá mas o meu filho é americano, um dia que ele queira....

*Há quanto tempo é que está cá?*

Estou cá já há bastante tempo senhora, eu estou cá, o meu filho tinha um aninho, penso que tinha um ano, tinha pouco tempo, já estou cá há mais ou menos uns seis anos, ele era novinho, trouxe-o naqueles saquinhos que a gente traz assim ao colo, o pequeno ainda veio ali, estava perto a fazer um aninho, já tem sete anos, já vai a caminho de oito anos, este ano já fez sete portanto já estou aqui já há uns bons anos.

*E na altura como é que soube da existência do Rendimento social de Inserção?*

Pronto aquilo, as pessoas comentam, a gente vê na televisão nas notícias, as pessoas que estão desempregadas e têm crianças o Governo ajuda depois pessoas que já têm feito, disse, olha, porque é que não vais fazer, vais pedir ajuda à Segurança Social, eu disse, vou tentar a minha sorte.

*E porque é que resolveu pedir, que dificuldades é que sentia?*

Não ter dinheiro para comer nem nada, não ter dinheiro para dizer assim, eu quero comprar um pacote de leite, não tinha, mesmo dizer para a alimentação eu tive que me socorrer também do banco alimentar.

*Também já recebeu do banco alimentar?*

Já recebi do banco alimentar mesmo, foi mesmo por causa de coisas que precisava mais porque a gente sempre amanhava-se também agora eu posso dizer à Sra. que a gente agora passa mais fome do que aquilo que a gente passava antigamente, agora está mesmo difícil, meu pai é assim isso tudo da maneira que está, sou sincera, não vou estar a dizer que não porque eu sou sincera e a Dr.<sup>a</sup> A. está ali que ela pode dizer, se tem uma coisa que eu gosto de ser é curta, direita e ser muito sincera de dizer a realidade porque é realidade, não vou estar escondendo e agora neste momento a gente passa mais dificuldades, eu socorri-me do rendimento porque com dificuldades que temos, quero dar ao meu filho e não ter, ele a pedir-me um iogurte, pedir-me comida e não ter para dar era um bocado de pão que a gente se amanhava, muita coisa minha mãe Deus lhe dê o céu dava, era minha irmã, de repente uma irmã ou outra dava-me uns iogurtes, minha mãe, minha mãe sempre dava aos netos, essa coisas assim, foi mesmo por causa disso, mesmo para sobreviver que recorri ao rendimento.

*E como é que se sentiu quando pediu?*

Pronto senti-me um bocadinho assim, um pouco inútil, dizer assim estou a pedir e não consigo trabalhar mas pronto era quando não arranjava trabalho. Mas dizia assim, a todo o momento que eu arranje um trabalho, eu sou pessoa para vir cá e dizer que já estou a trabalhar, como foi agora, surgiu isso agora e não quero esse rendimento, é só mesmo por

causa de uns tempos eu poder sobreviver, eu e o meu filho, agente também tem que viver, se não viver também fica para aí a criança e pronto uma pessoa sente-se um pouco assim, dizer assim está a pedir, com tanta pessoa para aí, a gente também precisava mas pronto Deus Nosso Senhor dê a todos um pouco mas a realidade é que senti-me um pouco inútil, dizia assim estou a pedir dinheiro e será que não consigo trabalhar? Mas nada como a gente trabalhar pelo nosso dinheiro, nada como a gente trabalhar.

*Mas a Isabel já por 5 vezes que pediu o rendimento...*

Já pedi 5 vezes.

*Já tem 5 processos.*

Aquelas vezes todas arranjava sempre trabalho...

*Arranjava trabalho e era cancelado, depois o que é que acontecia?*

Pronto nunca foi dizer assim agora eles cancelaram por assim dizer a pessoa não comparece ou não foi uma carta e foi cortada, ou seja, aconteceu qualquer coisa, ou por falta de não ter as vacinas ou alguma coisa assim, nunca foi por isso. Foi só mesmo por causa de cortar, a última vez, pouco antes de ir para a América eu estava cá e fui-me embora para a América, disse a elas que ia para a América e elas então foi cortado, até aí neste ponto foi cortado, quando eu vim para cá, ainda estivemos um tempinho bem aqui na casa dos meus pais, fomos morar para uma casa alugada, ele também trouxe uns troquinhos lá de fora porque ele trabalhou, partiu uma perna lá fora, também trouxe uns troquinhos do seguro, pronto claro que acabou esse dinheiro, ele sem poder trabalhar aqui, eu parada sem fazer nada, tive que me socorrer outra vez do rendimento que era coisa que a gente socorre é isso, para a gente viver é isso, é a única maneira, é isto e o banco alimentar, se não fosse isso, a gente morria todos à míngua. Eu sou sincera com a Senhora, esta vez foi mais uma vez cancelado porque aproveitei estes três meses está bem que foi por pouco tempo mas prefiro trabalhar esses três meses que sei que vai-me dar mais uns troquinhos e vai dar uma outra oportunidade a outra pessoa que precise de receber e pronto quando acabar estes três meses de contrato, sei que tenho ali o meu dinheiro garantido, sei que fui sincera e sei que mais uma vez vão-me ajudar porque se a pessoa joga limpo e se é sincera, o Governo está aqui para ajudar e a Dra. A. está ali e são belíssimas pessoas mesmo e são pessoas mesmo simpáticas e gostam de ajudar, vou ser sincera.

*E antes de pedir o Rendimento, já tinha pedido outros apoios no Serviço de Acção Social ou o Rendimento foi o primeiro apoio que pediu?*

Foi o primeiro apoio que eu pedi, já tinha pedido foi para o meu divórcio, já tinha pedido lá para o meu divórcio, até que não tive muito sucesso com isso até que tive que pagar mesmo o advogado, tive que trabalhar e pagar, isso era coisas que levavam muito tempo e depois como eu conheci esse pai do meu filho, o divórcio, o divórcio, eu disse, eu vou dar metade e foi o dinheiro do nosso casamento. A gente se casou, o pai ofereceu, ele tinha dinheiro, o pai ofereceu dinheiro, a mãe ofereceu dinheiro, a irmã ofereceu dinheiro, a gente juntou e foi o resto do meu divórcio que a gente pagou de lá de fora. Mas foi mesmo por causa disso, foi o banco alimentar, agora o governo já se pediu para me darem uma casa, até hoje também sem sucesso, estou aqui, não tenho o meu filho por causa disso, o meu filho mais velho eles não mo dão...

*Mas tem um processo para ter uma casa.*

Tenho um processo para ter uma casa, sei lá onde é que esse processo está Sra., ou já está extraviado, eles disseram que era agora em Abril, não tive a sorte, muita pessoa teve a sorte isso é assim, Nosso Senhor não dá para todos, deu para alguns, uns tiveram eu não mas uma casa era mesmo necessário porque a psicóloga R., que é da criança, está a par do ponto de vista que é da criança e com brigas e isso, não é nada bom para a criança.

*Mas qual dos seus filhos?*

O mais novo, o mais novo, o M. já mo tiraram por causa disso, deram ao pai, o que é que vão fazer a esse, se o pai está aqui? Vão-me tirar a criança? Isso é muita coisa junta e a gente fica sem saber....

*E é muita gente a viver cá em casa, na casa do seu pai.*

Agora tem menos.

*Quantos são aqui a viver?*

De qualquer das maneiras, portanto agora neste momento sou eu, o pai do meu filho, que ele já saiu mas Sexta-feira agora vai para um quarto, vai mesmo sair, já não devia estar cá, quer dizer, não está cá morando, ainda ontem levou uma tenda debaixo do braço mas eu penso que vai ficar hoje cá porque ninguém gosta de dormir na rua, pelo menos até Sexta-feira, depois vai para um quartinho, também não se faz pouco de ninguém, ele não tem cá, não tem família cá, pronto também recebe é do fundo de desemprego.

*Ela não está a trabalhar?*

Não está a trabalhar também portanto então é ele, eu, o meu filho, que a gente vive naquele quartinho, o meu pai, tenho uma irmã solteira que tem dois filhos, meu irmão P. que é viúvo, tenho um outro irmão mais moço, é contar, tem, tem um bocadinho ainda de pessoas, tem.

*Isabel, das vezes que recebeu o Rendimento, lembra-se de ter assinado o Acordo de Inserção?*

Lembro-me sim senhora.

*Está a ver o que é, aquele contrato que é assinado com todas as pessoas que recebem o Rendimento?*

Pois, estou a ver qual é.

*Lembra-se que acções é que estavam nesse acordo, o que é que estava lá escrito?*

Eu agora já não me recordo mas eu penso, eu penso, aquilo que eu me recordo agora mais recente, penso eu que era essa tal escola.

*Era frequentar...*

Era, a senhora depois quando chamarem a Sra., a senhora vai? Vou sim senhora só que nunca me chamaram, era o acordo que estava. Este último agora, isso era, isso foi o mais coisa, aqui há um tempinho. O mais recente foi este, foi daquela formação na Santa Casa, também assinei esse acordo, a senhora vai aceitar? Vou sim senhora, fui lá assinei, até que fui para a Santa casa e estava adorando estar lá.

*E a senhora propôs alguma coisa ou simplesmente aceitou aquilo que elas disseram?*

Só aceitei aquilo que elas disseram.

*Não propôs nada?*

Não propus nada, disse aquilo que vier é isso mesmo que eu faço, elas disseram a senhora tem preferência, como vai agora para esse coisa, alguns serviços, tem escolas, pronto tem creches...Eu disse oh senhora, eu adoro crianças mas se me pusessem para ajudar pessoas que precisam, como a Santa Casa, ajudar a dar banho, dar refeição, poder, aquele acto assim de poder ajudar pessoas, eu prefiro este do que ir para a cozinha, coisas de fazer limpeza, preferia mesmo ajudar pessoas, ir levar os idosos a casa, ajudar a levantar, ir à casa de banho, D. Isabel tem, tenho sim senhora, é isso que eu que e até que era essa função que eu fazia lá.

*Então isso foi importante para si, ter assinado foi importante para si.*

Foi sim senhora.

*O que é que mudou na sua vida ou em si desde que está a frequentar aquele projecto?*

Pronto, é assim, vou ser sincera com a senhora aprendi muita coisa, eu aprendi muita coisa lá e a gente aquilo é tudo, é como um convívio, são pessoas muito meigas e nós somos duas vezes crianças na vida, é quando nascemos e quando somos idosos, aprendem muita coisa, aprendem sei lá, aquela coisa de mais afecto, carinho, aquilo tudo ao redor, não é que não tivesse aquilo, tive mas pronto a gente tem mais convivência com aquelas pessoas, a gente aprende, a gente sai de lá, pronto a gente costuma dizer assim, a gente sai de lá sabendo o que é que se passa e a vida, cada qual tem a sua e depois as pessoas antigas, pronto eu gostava de estar lá e fazia muita coisa lá, fazia aquelas bandeirinhas para o Espírito Santo, fazia aquelas bijutarias todas e também ajudava até que eu já sei dar uns pontinhos mas a gente lá aprende muita coisa, eu gostei muito de estar lá.

*Lembra-se na altura que assinou o acordo, como é que se sentiu nesse momento?*

Senti que estava a fazer, por um lado, estava a fazer bem, senti que ia assinar qualquer coisa que fosse-me dar mais tarde um bem na vida, foi isso que eu senti por isso vou pronto é para a Santa Casa, se eu quero ajudar, tinha aquela fé e embora mais tarde ia ter aquela cartinha de recomendação, vou ter um futuro, assinei mas sabendo que ia ter um futuro mais para a frente na minha vida.

*Aquilo era importante?*

Eu achei que aquilo era muito importante e assinei.

*E as acções que foram acordadas, foram cumpridas?*

Foram sim senhora, foram muito bem cumpridas.

*Tem sempre essa preocupação de cumprir com aquilo que está acordado?*

Eu fiquei, fiquei de parabéns, está ali a Dra. P. que me deu os parabéns lá e a Dra. A. também pode dizer isso muito bem, assinei e assinava mais uma vez se fosse preciso que nunca fui assim de dizer contra, a gente sabe, a gente pronto para a Acção social nos ajudar, a gente também tem que lhes ajudar e a melhor maneira de a gente lhes ajudar, é fazendo isso tipo “part-time”, aquelas horinhas, a gente também está a ajudar as pessoas e a gente está a aprender.

*Acha que é importante essa contrapartida, as pessoas também terem que devolver alguma coisa?*

É sim senhora, não é só dizer assim o governo ajuda, agente quer ser ajudados, a gente também tem que ajudar. Não é só dar dinheiro e não, depois a gente, eu acho muito bem, isso foi a melhor coisa que puseram aí agora, foi a pessoa ter aquelas três horas, a pessoa também poder ajudar, também tira a pessoa um bocado de casa, a pessoa aprende, não faz mal, a pessoa distrai e a pessoa dá para poder receber. É muito importante, eu acho que sim.

*A pessoa tem que dar para poder receber.*

Exactamente, a pessoa tem que dar para poder receber.

*Então o que é que acha que mudou na sua vida, desde que recebe o rendimento, já recebeu várias vezes, o que é que acha, dessas vezes, o que lhe trouxe o Rendimento para a sua vida?*

Trouxe-me um bocado de felicidade. Estava naquela coisa de muito pessimista, pronto como é que vai ser e sempre muito nervosa, dizer assim como é que eu vou dar um prato de comida ao meu filho, pronto isso facilitou muito a minha vida, já seguimos dias, dia a dia mais descansadinha....

*Tornou-se uma pessoa mais calma?*

Mais calma, é assim, posso dizer que vou ficar em casa, sei que estou desempregada mas sei que posso contar, ao menos sei que o meu filho não morre de fome nem vai passar fome porque tem aquele dinheirinho ali, que não seja para mim, cresça pouco para mim mas sei que a criança tem, ao menos isso, pronto a pessoa vive mais descansada porque está-se fiando naquele dinheiro, é verdade, é. Agora tem muitas pessoas que se fiam naquele dinheiro e não querem arranjar trabalho mas não, nunca foi o meu caso e não espero ser, até porque estou trabalhando. Se não quisesse trabalhar dizia assim, eu não vou.

*E alguma vez arranjou emprego pelo Rendimento, ou foi sempre por si?*

Não senhora, foi sempre por mim, elas mandavam-me, a senhora que vá perguntar, fui perguntar, nunca tive sucesso, nunca me arranjaram trabalho através de...

*Foi sempre a senhora?*

Fui sempre eu, eu é que dizia, Sra. Dra. Já fui, Dra. A. dizia mas não estão a precisar, D. Isabel que vá a tal sítio, eu já fui senhora, não tenho sorte pronto, até que Nosso Senhor, pronto, não fecha uma janela que não abra um portão, agora surgiram-me estes 3 mesinhos que eu aproveitei, eu botei-me logo de cabeça, eu fui pedir num Domingo e na Segunda-feira já entrei. Falei com a senhora, pedi muito à senhora, disse a ela que tinha uma criança para sustentar,

disse a ela que estava a receber rendimento mas que não era receber aquele dinheiro assim, eu podia estar a trabalhar, recebia mais qualquer coisinha e facilitava mais a vida, pagava as minhas dividazinhas e a minha vida ficava mais um pouco mais estabilizada, com as dívidas pagas, já era menos uma coisa fora da cabeça e dava oportunidade a outra pessoa de receber aquele dinheiro que eu estava desistindo.

*Claro, claro.*

Tinha que desistir, a gente tem que desistir quando começa a trabalhar portanto ela aceitou, concordou, foi muito boa a senhora também, fui lá no Domingo pedir a ela e na Segunda-feira já comecei lá, gostam imenso de mim, o serviço está correndo com sucesso, todas elas gostam, eu sou uma pessoa sociável, dou-me bem com toda a gente, graças a Deus e esperava, bom, bom mesmo, eu esperava no fim desse contrato era ficar e dizer assim, vais assinar mais três ou vais ficar mas pronto, infelizmente a gente sabe que não é assim, ela já nos disse, já me disse que não pensasse nisso.

*E que opinião é que tem sobre o Rendimento, Isabel?*

Portanto, a opinião que eu tenho, foi um bem que pronto, quem teve essa ideia foi o governo, penso eu foi um bem, ajudar as famílias, ajudar as pessoas mais carenciadas.

*E como é que se sentiu a receber este apoio?*

Senti-me bem. Senti-me bem, senti-me feliz, não é, senti-me feliz, senti-me bem porque eu sabia que ia-me ajudar e muito mais descansada e contente, claro, a gente fica contente, a gente sabe, a gente fica contente só de saber que amanhã tem uma fatia de pão para dar a um filho nosso, a gente fica muito contente, apesar de não ser do nosso suor mas sabendo que há alguém que possa nos ajudar a gente fica muito, ao menos eu falo por mim, eu senti-me foi assim, senti-me muito contente, um dia mais tarde não que dizer que não vá trabalhar mas pronto, agora neste momento não tenho, o governo vai-me ajudar, fiquei muito contente. Elas quando disseram que foi aprovado e tudo, fiquei muito contente, ao menos foi um alívio, ao menos sei que o meu filho não vai passar fome, foi isso que veio à minha cabeça.

*E pensando precisamente no oposto, na altura em que foi cancelado, nas alturas em que foi cancelado, como é que se sentiu, nos momentos em que deixou de contar com o Rendimento?*

Senti-me, não é a mesma coisa, senti-me despojada, senti-me pronto, um bocado em baixo mas estava a trabalhar, sentia-me assim...

*Mas concordou, percebeu porque é que tinha sido cancelado?*

Concordei, sabia que tinha sido cancelado porque comecei a trabalhar e tinha que desistir mas pronto, é ótimo começar a trabalhar mas era uma ajuda que aquele dinheiro dava, está bem que eu tenho o meu ordenada agora, temporariamente, por pouco tempo mas sempre tinha aquele dinheirinho, já dava para outra coisa ou dava para o pequeno ou uma coisa e outra, pronto a gente sente como a gente perde um pouco de nós, a gente perde, não é aquela coisa de dizer assim a gente perde de vez, não mas a gente perde mas a gente vai mais tarde quando a gente precisar, a gente sabe que a gente pode pedir e vamos ter apoio.

*E de que forma é que reorganizou a sua vida, na altura em que foi cancelado? Como é que deu a volta à situação?*

Pronto dei a volta, normalmente eles cortam e a gente fica com o dinheirinho ainda naquele mês, a gente tenta equilibrar mais as coisas naquele mês para a gente poder trabalhar e pronto, no mês a seguir a gente já tem aquele dinheirinho que é do ordenado mas é sempre mais qualquer coisinha e claro dá mais jeito, cresce sempre mais qualquer coisinha, sempre pode comprar mais qualquer coisa, pronto, hoje a gente compra e sabe que não tem grandes coisas, grandes dinheiros para a gente comprar tudo aquilo que a gente vê mas pronto hoje compra-se um pacote de leite, claro que com o ordenado não vou comprar um pacote de leite, vou comprar uma embalagem de leite ou pronto, a gente, sempre facilitava mais a vida e a pessoa quando está bem, é a tal coisa, a pessoa quando sabe que tem, por exemplo, eu regulo-me por mim, quando não tenho dinheiro, quando não tenho dinheiro nenhum na minha carteira sinto-me um bocado triste porque sei que não tenho, apesar de fazer compras para o mês e ter compras para o mês, que não o caso de agora, agora estou passando um bocado mais difícil, comecei a trabalhar e o dinheiro que foi posto no mês que passou, foi para gasolinas e comprei comida para a criança e tudo, agora estou passando mais um bocadinho assim mas pronto sinto-me mais um pouco em baixo porque se a criança me pedir uma coisa diferente, se disser oh mãe, eu hoje quero comer aquilo, oh mãe, eu amanhã quero dar um passeio eu digo assim, a mãe não tem, a mãe tem que poupar gasolina para poder ir trabalhar, pronto, esse mês teve um bocadinho assim mais em baixo porque sei que não tenho um cêntimo na minha carteira mas para esse mês que entra, sei que vou ter mais qualquer coisinha mas como uma pessoa está toda entaladíssima pronto, vou ficar feliz porque vou receber aquele dinheiro, aquele ordenado.

*Está a pensar nisso, vai buscar a sua força também nisso.*

É nisso, o que dá força é a gente trabalhar no dia a dia e todos os dias a gente chegar ao fim do mês e a gente receber, a gente poder ter para dar aquilo que os nossos filhos precisam, neste caso o meu filho, aquilo que a gente dá. O meu filho mais velho, tenho que dar o sustento a ele, que é 120€ todos os meses, não dou porque não tenho, também estou um bocado triste por causa disso, também gostaria muito de ajudar e se desse ao pai, o pai também compraria qualquer coisa para a criança e a criança mal a vejo, ainda ontem vinha com as sapatilhas todas rotas, também está a precisar, ele também recebe Rendimento, essas coisas assim, aquilo que a gente puder ajudar, pronto, só eu saber que não posso ajudar o meu sangue, que é os meus filhos, claro uma pessoa fica triste, não é, fica em baixo e este mês que entra, a gente já sabe para onde vai o dinheiro, eu estou com a conta descoberta, o mês que eu vou estar mais assim um bocadinho coisa, vai ser no último mês que eu estiver lá, que as contas já vão estar mais regularizadas e assim, automaticamente, aquele dinheiro quando entrar para a minha conta, eu deposito lá no banco perto de 200€ para aquela prestação, vai-me crescer só 50 ou 60, aí à beira dos 100€ pronto vai-me pôr outra vez em dificuldades, mas eu sei que as dívidas já estão fora da cabeça e com aquele pouco dinheirinho, hei-de ir comprando qualquer coisa para a criança porque a pessoa que recebe o rendimento não pode ter o banco alimentar é só mesmo para a criança, até surgir um outro trabalho. Quando surgir um outro trabalho, eu vou outra vez falar para lá e vou aproveitar porque a gente para viver, a gente não vive do rendimento, o rendimento é uma ajuda, para ajudar a gente não passar fome e não morrer à fome, é isso, para viver do rendimento, ninguém vive do rendimento.

*Ninguém pode viver...*

Ninguém pode viver.

*Mas acha que é importante as pessoas viverem sem estes apoios?*

Pronto, tem pessoas com mais é a tal coisa, de escolaridades com possibilidades melhores de viverem, vivem bem sem isto.

*Sem isto.*

Vivem bem mas também têm coisas, lucros para isso e têm a tal coisa da escolaridade e profissões para isso, pronto, passam bem sem isso. As outras que não têm, como são famílias mais modestas e tiveram uma infância assim um bocadinho coisa, não, não passam sem isso. Tudo é dali que vive, essas pessoas mais carenciadas são tudo dali que vivem, tudo do Rendimento.

*É a primeira alternativa que têm, é realmente pedir esta ajuda.*

É, é logo. O que vem à cabeça logo é vou pedir Rendimento, vou pedir ajuda.

*É a primeira coisa que lhe vem à cabeça?*

È a primeira coisa.

*Não pensa noutras formas de se calhar vou pedir ajuda a algum familiar?*

Não, se eu tivesse assim família, se eu dissesse assim olha tenho uma família mais desviada e que tem, vou-lhes pedir ajuda, eu optaria por isto mas como eu não tenho, é tudo famílias, é tudo uns piores do que os outros, a gente não pode de maneira nenhuma se socorrer de banda nenhuma, o que é que a gente pode fazer, a gente tenta falar ou explicar a algum familiar, se eu tivesse ajudava mas eu também não tenho, também estou à rasca, pagando carro, pagando casa, para onde é que me vou virar, eu não vou morrer à fome, o meu filho não vai morrer à fome, é o Governo, é para o rendimento que a gente vai, não tem outra alternativa, é esta.

*O rendimento continua a ser importante para si?*

Continua a ser muito mas isso é o rendimento, só se for o rendimento na última expectativa mesmo que eu não arranje trabalho. Aquilo que eu puder tentar, eu vou tentar. Eu faço os papéis para receber mas durante aquele período, estou sempre a tentar arranjar trabalho embora diga assim hoje começa a trabalhar, amanhã não recebes rendimento, eu prefiro trabalhar, pronto eu já sei que vou receber este mês mas eu prefiro disponibilizar, não quero receber, como já vou começar a trabalhar, só mesmo em último recurso porque a gente, eu tento sempre e esse tempo todo que eu estou recebendo, sempre estou atrás de trabalho e perguntar, eu até perguntei, esse por acaso de Ponta delgada surgiu eu estava na casa de uma colega minha e ela recebeu um telefonema de uma outra colega a dizer que uma colega que estava lá, portou-se mal ou não sei quê, foi despedida e eu ouvi isso e disse oh Isabel, será, se ela foi despedida, será que elas vão ter vaga para mim? Oh Isabel, vai lá abaixo, fala com elas, fui falar e tive essa sorte mas pronto, sempre assim, sempre a estar atenta, sempre a ver no Modelo, sempre a procurar, pronto é mesmo o último recurso, o rendimento. Não vale a pena a gente pedir assim, olha vou estar descansada, quando arranjar trabalho eu arranjo, vou receber pelo rendimento e estou em casa, não, no meu caso não sou assim. Não digo que outras pessoas não sejam mas na minha situação, o rendimento é o último recurso mesmo, que eu veja que não posso fazer nada e tenho um filho... tenho dois para sustentar, agora o caso de ser só um e ele não vai morrer à fome, eu tenho de fazer alguma coisa.

*E que sonhos é que tem para o futuro?*

Pronto, sonhos que eu tenho, é ter uma vida tranquila, descansada, porque é assim com o problema que eu tenho até morrer, de tiróide, a vida stressada, não é muito bom para mim, é como a minha mãe e depois morre disso. Uma vida descansada, trabalhar o dia a dia, viver a vida, saber dar uma boa educação aos nossos filhos, não é? Saber dar uma boa educação e um bom ensino, apoiá-los naquilo que eles precisarem, pronto, não tenho, tem pessoas que dizem, olha o meu sonho era ir viajar, o meu sonho era viver uma vida calma, sem stress, sem nada, o dia a dia com os meus filhos, é isso.

*E como é que se vê daqui a cinco anos?*

Daqui a cinco anos, da maneira que isso está agora, daqui a cinco anos, eu sou sincera, não imagino daqui a cinco anos, que eu não sei se chego lá, não me imagino mas espero, espero chegar lá e espero que os meus filhos já estejam e maiores e com uma boa educação, na escola e espero daqui a uns seis, sete anos ser a vida que eu quero.

*Então acha que a sua vida vai melhorar.*

Penso que sim, penso que sim.

*Obrigada Isabel.*

## **E9 - Aberto**

*Vamos começar por falar um pouco da sua infância e adolescência. O que faziam os seus pais para ganhar a vida?*

Eram camponeses.

*E até que ano os seus pais estudaram?*

O meu pai não tinha escola e a minha mãe tinha a 3ª classe.

*Como é que o Sr. se recorda da sua infância e adolescência?*

Recordações, é que eu comecei a trabalhar aos 7 anos. Estava na escola e a trabalhar. Eu pelo menos tirei a 6ª classe. Ia para a escola e quando voltava o meu pai obrigava-me a ir para o terreno trabalhar.

*Mas durante a sua infância, recorda-se de passarem por dificuldades económicas?*

Muitas...éramos 5 irmãos. Não era sempre, mas havia alturas em que faltava o dinheiro.

*Faltava o dinheiro, logo, faltava a comida...*

A comida nem tanto, era mais o dinheiro para pagar certas coisas. Íamos tirando a comida das terras, mas nem sempre a produção dos terrenos dá bem. Umás vezes passava-se bem, outras passava-se mal.

*Existia uma boa relação na sua família? Eram uma família unida?*

Sim, por acaso sim.

*Lembra-se de alguns dos momentos em que estiverem juntos?*

Antigamente éramos mais unidos do que é agora. Agora tenho os meus irmãos todos emigrados para o Canadá. Eles foram à procura de melhor vida. Eu é que não, trabalhei sempre aqui e fiquei por aqui.

*Até que idade frequentou a escola?*

Comecei na escola com 7 anos e acabei com 13, com a sexta classe, mas trabalhando. Quando acabei a 4ª classe, o meu pai não queria que eu continuasse para ir trabalhar para os terrenos e eu fui com uma sebenta e um lápis na algibeira porque o meu pai não quis comprar-me livros e o governo na altura também não ajudava. Mas passei sempre de classe.

*Era um bom aluno...*

Acho que sim.

*E gostava de estar na escola?*

O gostar, gostava, mas o meu pai nunca me deu incentivo, como eu dou aos meus filhos.

*Nota uma grande diferença entre o que era no seu tempo e como as coisas são agora...*

Eu lembro-me quando saí da escola com a 6ª classe, eu tinha uma irmã que estava no Canadá e ela disse ao meu pai “O Alberto já que chegou a esse ponto porque não continua?” e ele disse “a caneta dele já está reservada”, que era o cabo de sacho.

*Trabalhou sempre nas terras ou teve outros empregos?*

Foi na agricultura e lavoura. Foi só isso.

*Alguma vez, durante esse percurso, esteve desempregado?*

Estive, mas nunca foi por muito tempo, nem podia ser! Como é que ia sustentar os meus filhos? Tinha de procurar de qualquer maneira. O máximo de tempo que estive sem trabalhar foi, de repente, uma semana ou duas. Nunca estive em fundos de desemprego nem nada.

*O Sr. trabalha ao dia?*

Agora com este patrão, que estou há 12 anos, estou efectivo. Quando comecei trabalhava com o meu pai e trabalhei com ele durante 24 anos.

*Com que idade se casou?*

24 anos.

*E quantos filhos teve?*

Cinco.

*Que recordações guarda desses momentos, do casamento e nascimento dos seus filhos?*

Altos e baixos. Uns bons e outros maus. Ela também já passou maus momentos (*olhando para a esposa*)

Criar 5 filhos não é brincadeira! (*esposa*)

Por isso que havia esse programa do rendimento e a gente fez para ver se ajudavam a gente.

*Como souberam da existência do RSI?*

Soubemos pela televisão, pelas vizinhas, e eu fiz. Pronto, enquanto durou, foi bom. (*esposa*)

*Mas na altura, quando fizeram os papéis, porque decidiram recorrer ao RSI?*

Eles estavam os 5 na escola e só o Alberto é que trabalhava. Depois arranjámos a casa, estávamos devendo ao banco, por isso é que concorremos a isso (*esposa*)

A minha esposa não podia trabalhar com 5 filhos, não é? Só quando a minha filha mais velha foi para fora para ser engenheira é que a minha esposa se obrigou a trabalhar. Foi trabalhar para a Norlimpa, durante um ano, a limpar casas de banho...ela nunca tinha feito isso, mas viu-se obrigada, para dar um incentivo aos filhos.

*Quando começou a trabalhar, ainda recebia o RSI?*

Não, não. Quando os meus filhos começaram a ir para a universidade já não recebia. (*esposa*)

*Na altura que requereram o RSI como se sentiram?*

Não me senti bem. Também pediam muitos papéis. Todos os meses tínhamos de entregar mais papéis. (*esposa*)

*Que papéis é que lhe pediam?*

O ordenado dele, se a gente tinha dinheiro no banco, essas coisas assim. Andavam sempre em cima. (*esposa*)

Ela até tinha medo de ir buscar esse dinheiro, para as pessoas e os vizinhos não saberem. Não é que não tivéssemos necessidade mas estas pessoas...

Quando cortaram esse dinheiro, eu fiquei aliviada. Foi um peso que me saiu de cima. (*esposa*)

Muitas vezes ela dizia para eu ir buscar esse dinheiro porque ela não queria ir. Ela tinha um receio.

Ele também não queria ir receber e estava no nome dele! Por isso quando eu comecei a trabalhar foi melhor. Mas quando eu pedi o rendimento, eu não sabia que ia receber porque estivemos ali um ano à espera e nunca veio resposta. Eu até já nem me lembrava disso. Depois é que uma Sr.<sup>a</sup> veio cá à porta, ver as condições que eu morava, para ver se eu tinha condições para receber e foi aí que ela disse que eu depois recebia uma carta para ver se era aprovada ou não. Depois ao fim de 15 dias/um mês recebi a carta como tinha sido aprovada. Recebi durante um ano e tal, dois anos. Quando o meu filho saiu da escola elas cortaram-me logo. (*esposa*)

*E antes de requerer o RSI, já tinham ido ao Serviço de Acção Social pedir outro tipo de apoio?*

Não. O rendimento foi o primeiro apoio. (esposa)

Pedimos foi para as obras na casa.

*Á Secretaria da Habitação?*

Sim. Tivemos uma ajuda assim em blocos.

Como toda a gente pediu naquela altura. (esposa)

*Na altura que receberam o rendimento, recordam-se de terem assinado o acordo de inserção?*

Não...(esposa)

*Uma espécie de contrato, que todos os beneficiários de RSI assinam...*

Entregamos os papéis e recebemos o dinheiro. Foi só. Nunca nos chamaram para assinar nada. (esposa)

*Durante os 2 anos que receberam a prestação nunca foram chamados por uma assistente social?*

Sim, mas só para entregar documentos. (esposa)

*Que alterações notam na vossa vida, na sequência de terem recebido o RSI?*

Nada. Enquanto recebemos, ajudou para pagar luz, água, alimentação. O que ajudou foi nisso. Em vez de comprarmos menos coisas para a alimentação, comprávamos mais qualquer coisa. A diferença foi nisso. (esposa)

*E enquanto pessoas? Acham que o RSI mudou a vossa maneira de ser, de alguma forma?*

É o que digo....quando deixei de receber fiquei aliviada. (esposa)

Mudou foi quando ela começou a trabalhar. Pelo menos sabia que o que trabalhava, recebia. Quando uma vizinha dizia “aquele recebe o rendimento”, uma pessoa ficava assim mais estranha.

Preferia trabalhar do que receber. (esposa)

Mas se estivéssemos noutra país, em que houvesse trabalho para todos, também já não precisavam disso, não é? A pessoa antes quer trabalhar e receber o seu dinheiro. Aquilo é como uma esmola.

*Acha que o rendimento é uma esmola?*

Já se sabe.

*Mas na altura que a Sr.ª recebeu o RSI, nunca pôde trabalhar?*

As minhas filhas mais novas eram muito miúdas ainda e eu não ia pô-las numa creche porque o dinheiro ficava pelo caminho. Era a mesma coisa. O rendimento ajudou-me muito a criar as mais moças. Preferia criar os meus filhos em

casa, porque foi por isso que eles hoje são o que são. Não digo que as creches são más, até porque trabalhei 3 anos numa creche, mas em casa é outra coisa. (esposa)

*Acha que a educação dos seus filhos foi melhor, por eles terem sido criados consigo em casa...*

Isso mesmo. Porque quando eu vou trabalhar, eles já não se alimentam como deve ser, com gente em casa é outra coisa. (esposa)

Agora esses casais novos planeiam os filhos que vão ter, a gente não planeou. Hoje em dia um casal para ter 5 filhos nunca mais dá...ainda se for um ou dois. Acho que agora a juventude já tem mais mentalidade.

*Portanto, ao nível dos impactes do RSI na vossa vida, destacam apenas o consumo, ou seja, o que puderam comprar por receberem a prestação...*

Isso mesmo.

*De resto, não verifica mais nenhum impacto, mesmo na sequência do acompanhamento com as assistentes sociais...*

Nunca tive. Elas só vieram cá uma vez, que foi quando vieram ver a casa. Foi só este dia. De resto, nunca vieram cá. Só de vez em quando mandavam uma carta para entregar os documentos, o ordenado dele e era isso. (esposa)

*Que opinião têm sobre o RSI?*

Para quem precisa já se sabe que é bom. É uma esmola que estão fazendo, mas há muitos aí que podem trabalhar e não trabalham e isso é uma coisa diferente. Muita gente que conheço com saúde para trabalhar e como têm esses dinheiros já não querem trabalhar.

*E porque acha que isso acontece?*

O governo é que deve olhar por isso.

*Mas acha importante as pessoas viverem sem estes apoios?*

Devia era haver trabalho para todos, porque assim a gente sabe que está a trabalhar e recebo o nosso dinheiro. Estamos trabalhando por ele. (esposa)

E outros que não querem ter casa, nem carro para ter esses apoios e depois recebem aquele dinheiro e dão cabo dele num instante, nas tabernas.

Se não trabalham por ele... (esposa)

Já eu não! Quando recebi esse dinheiro foi para sustentar os meus filhos, para ter uma ajuda para sustentar os meus filhos.

Não era para sustentar porque ele trabalhava mas era mais um extra. (esposa)

Para viver um bocadinho mais folgado, para não ter que contar os cêntimos!

*E porque motivo deixaram de receber o rendimento?*

Não me lembro muito bem, mas acho que foi quando o meu filho ficou em casa, quando acabou de estudar, e foi desde aí que cortaram. (esposa)

*Mas ele começou logo a trabalhar?*

Começou, foi para a tropa. (esposa)

Foi logo menos um elemento em casa.

Mas se ele começou a trabalhar foi para ele, não foi para a gente. (esposa)

Nenhum deles! Nunca deram nada em casa. Eles vão trabalhando para si e a gente é que dá ainda! Mas eu não me interessa, quero é que eles estejam bem na vida. Tenho outra mentalidade, diferente do meu pai.

*Há pouco a Sr.<sup>a</sup> disse que se sentiu bem quando deixou de receber o RSI...e o Sr. Alberto?*

Foi um alívio e depois a minha mulher foi trabalhar...

Fui para o centro de saúde e depois fui para o Ferreira Cabido como costureira. (esposa)

*Então, uma das formas de reorganizarem as suas vidas, já que já não contavam com o RSI, foi a Sr.<sup>a</sup> ir trabalhar...*

Sim, fui trabalhar. (esposa)

*Mas se enquanto recebiam o RSI a Sr.<sup>a</sup> não podia trabalhar porque cuidava dos seus filhos, como resolveu a questão dos seus filhos?*

Enquanto eu criei os meus filhos, eles estavam aqui na escola, a gente ia sempre remediando, mas quando a minha mais velha foi para a universidade é que foi tudo abaixo. Passagens, alimentação...ela recebia a bolsa, mas ela entrou em Setembro e só recebeu a bolsa em Janeiro. Livros, casa, para sustentar uma filha lá fora é muito difícil, só que passa é que sabe...eu tive de ir trabalhar! (esposa)

*Portanto, 2004, o ano em que deixam de receber, é também o ano em que a sua filha vai estudar para fora...*

Sim. Quando ela foi para a universidade a gente já não recebia e eu tive de ir trabalhar porque estava a ver que não dava. Também para levantar dinheiro para ela ir estudar, o meu marido nunca concordou com isso. Tivemos a mais velha na universidade, temos agora a abaixo dela e nunca levantamos dinheiro (esposa).

*Mas como resolveu o problema das suas filhas mais novas? Foram integradas num ATL?*

Não, saíam da escola e vinham para casa. (esposa)

*Nesta altura em que a prestação foi cancelada, pediram apoio a alguém ou a outros serviços?*

Não. Embora ganhasse pouco, porque só trabalhava algumas horas, aquele bocadinho ajudava. (esposa)

*Depois do RSI, algum de vocês tirou algum curso de formação, ou completou mais anos de escola?*

Não. Estive foi a trabalhar no centro de saúde durante um ano, depois estive no Ferreira Cabido mais ano e meio, mas nunca fiquei sempre, elas mandavam-me sempre para casa. (esposa)

*Pois, a Sr.ª só fazia substituições de pessoal...*

Sim, era. Agora estou desempregada, a receber o subsídio, mas há lá uma costureira que vai sair e eles querem ver se me mandam chamar outra vez, estou nessa esperança. (esposa)

*O Sr. Alberto continua a trabalhar nesta empresa onde já trabalha há 12 anos...está efectivo?*

Sim.

Ele sempre trabalhou com o pai. Depois tentou montar-se por sua conta, mas não deu certo e depois é que foi para esse patrão. (esposa)

*Durante quanto tempo trabalhou por sua conta?*

Um ano.

*Portanto, trabalha com o seu pai 24 anos, 3 anos com o Sr. João Vieira, depois trabalha por sua conta durante um ano e então, a partir daí, trabalha com o Sr. Alfredo Vieira...*

Sim.

*E ao nível da vossa família...o que melhorou, o que conseguiram?*

O que conseguimos foi com a ajuda do meu trabalho. O facto de ter começado a trabalhar mudou muito. (esposa)  
É para ver que tenho os meus 3 filhos mais velhos tudo com o ensino superior! E as duas que ainda estão em casa estão a seguir o mesmo caminho.

*Vejo que, de facto, o trabalho teve grande impacto na melhoria da nossa vida...pergunto, e se a Sr.ª tivesse começado a trabalhar quando ainda recebia o RSI? Acha que ainda teria mais ganhos do que aqueles que teve?*

Não sei. Se começasse a trabalhar não tinha de receber o rendimento mínimo. (esposa)

Mas se ela trabalhasse na altura, já os meus filhos iam andar um bocadinho trambolhados... Eram menores ainda...

*Então acham que este foi o percurso certo. A Sr.ª ficou em casa, assegurando de forma conveniente a educação dos seus filhos porque, como diziam há pouco, eles são o que são pela educação que tiveram em casa...*

Isso mesmo. (esposa)

Já se sabe. A educação parte é de casa, não é? Não pode partir de outro lado. Se ela estivesse a trabalhar, se calhar eles faltavam à escola, podiam andar mal encaminhados.

*Mas se fosse hoje, voltavam a requerer o RSI?*

Nós pedimos na altura certa. (esposa)

Por hoje não. Não temos grandes faturas, mas dá para ir vivendo e os filhos estão todos encaminhados nas idades. Isso até era um abuso. O rendimento não é para luxos, é para educar os nossos filhos. Pedimos essa ajuda para educarmos os nossos filhos, para que eles nunca venham a precisar dessa ajuda, para serem instruídos. Eles com

estudos, a ganhar bem, acho que não vão precisar disso... Por isso que eu digo que o governo deve ver as pessoas que necessitam e as que não necessitam.

*E como acha que se pode contornar essa situação?*

As assistentes sociais é que devem estar de olho nisso. Deviam ajudar era quem está a estudar, nos abonos, nas escolas. Por exemplo, a minha está estudando para enfermeira e não tem bolsa porque cortaram a bolsa quando eu comecei a trabalhar e isso não é justo. E ainda disseram a ela que se eu não a conseguia aguentar lá fora, ela que viesse para os Açores (esposa)

Isso são incentivos para que a pequena não continue os seus estudos...mas eu disse sempre para ela ir para a frente e a irmã também disse que ajudava a Filipa.

*Pensando agora no futuro...que sonhos têm?*

O meu futuro já está feito. (risos) Não tenho muitos sonhos daqui para a frente. O meu futuro é ir caminhando para a reforma, já vou a caminho dos 51 anos. Já se sabe, com um bocadinho de saúde...A reforma também quando chega, não dura muito tempo. Já tenho 25 anos de caixa, acho que não vou usufruir muito dessa reforma.

O nosso futuro é os nossos filhos. O que eu faço é sempre pensando neles. (esposa)

O nosso orgulho são os nossos filhos. Sinto-me contente por aquilo que eles conseguiram. Não é qualquer pessoa que tem os seus filhos todos instruídos como eu tenho. Eles no emprego dizem “não sei como é que consegues”.

*E como é que o Sr. consegue?*

Fazendo muito sacrifício e com muito trabalho!

Com muita ginástica, sabendo gerir. (esposa)

*Como se vêem daqui a 5 anos?*

Mais velhinhos estamos... (esposa)

Nunca sei o dia de amanhã. Vivo o dia a dia porque onde está o homem, está o perigo. A gente não pode fazer assim uma estatística daquilo que vai suceder, nunca se sabe.

## **E10 - Verónica**

*Sr.<sup>a</sup> Verónica vamos começar por falar um pouco da sua infância e adolescência. O que faziam os seus pais para ganhar a vida?*

O meu pai vendia peixe. Ao vento, à chuva, sempre vendia sempre peixe. Mesmo doente vendia peixe, para não faltar nada à gente.

*E a sua mãe?*

A minha mãe era a vida de casa. Fazer comidas, arranjar a casa, a vida de casa.

*E qual era o ano da escola que tinham?*

A minha mãe a 4ª classe, o meu pai a 1ª classe.

*Que memórias tem da altura em que era pequenina?*

Já não me lembro... Mas lembro-me de quando era pequenina ajudava a minha mãe. A minha mãe fazia comida e eu estava vendo, a lavar roupas na pia...eu via a minha mãe e depois lavava na pia. A minha mãe dizia “Verónica, vai aprendendo, vai aprendendo”. Agora, seja o que for que eu faço, eu lembro-me da minha mãe. Foi como hoje. Eu fiz uma sopa e lembrei-me da minha mãe, que eu gostava muito quando ela fazia.

*E que mais se lembra da sua infância?*

Era arear tachos....eu ajudava muito a minha mãe.

*Lembra-se de brincar com os seus irmãos?*

Lembro-me de quando as minhas irmãs tinham uma roupa eu dava porrada nelas. A minha mãe dizia “devagarinho, cada um vai ter o que é seu”. Mas a gente brincava com brinquedos. Às vezes eu ia para o lixo para procurar brinquedos para brincar.

*Quantos irmãos é que eram?*

Doze.

*Como é que se davam uns com os outros?*

Como irmãos.

*Davam-se bem?*

Davam-se como irmãos.

*E qual foi o ano da escola que a Verónica tirou?*

A 1ª classe. Eu ajudava muito à minha mãe e faltava às aulas.

*E porque tinha de ajudar a sua mãe?*

Eram muitos pequenos e a havia muito serviço para fazer. A minha mãe não podia cuidar de 12 filhos e arranjar a casa e a roupa. Eu queria era ficar em casa para ajudar a minha mãe.

*A Verónica era a filha mais velha?*

Não, mas era a mais espertinha para das lides da casa, por isso para ajudar era eu.

*Mas com que idade deixou a escola?*

Com 12 anos.

*Gostava de estar na escola?*

Pouco... mas agora fiquei arrependida. Hoje recebi uma carta da luz, já podia tirar a carta para ler...fiquei arrependida.

*Então se fosse hoje, se calhar voltava a estudar...*

Agora não posso ir, que estou a trabalhar por conta do rendimento.

*Mas a Verónica alguma vez trabalhou, ou foi sempre a vida de casa?*

Foi sempre a vida de casa. Agora estou é na creche, por conta do rendimento, a fazer limpezas.

*Porque é que nunca trabalhou?*

Ajudava a minha mãe e nunca tive serviço para trabalhar.

*Mas alguma procurou?*

Não. Fiquei em casa sempre.

*E depois saiu de casa quando casou...*

Eu fugi, nova, com 16 anos.

*E foi com essa idade que casou?*

Foi. Eu fugi com ele 3 meses, depois fiquei grávida e foi na altura que começamos a ir às reuniões para casar.

*Durante essa altura onde viveu?*

Sempre numa garagem. Casamos e continuamos na garagem.

*E quantos filhos teve?*

Quatro. Quatro meninas.

*Que memórias tem desses tempos?*

Eu não sabia o que era um filho. Quando fiquei grávida é que soube. Fiz o que a minha mãe fazia com a gente, a lutar para elas.

*E do seu casamento? O que se recorda?*

Foi casar na igreja e ir comer para o restaurante.

*Mas gostou?*

Eu gostei, nos princípios.

*Falando agora na altura em que a Sr.<sup>a</sup> fez os papéis para o rendimento... como soube da existência deste apoio?*

A minha mãe também recebia. Eu estive casada 5 anos sem o rendimento, mas como vivia numa garagem pensei “eu tenho de ter uma ajuda”. Pedi para ajudar à família.

*Mas vivia com dificuldades?*

Não. Foi mais para ajudar para as pequenas para se vestirem, para irem para a escola bem terminadinhas, para não faltar nada às pequenas. Coisas de precisão.

*O que fazia o seu marido?*

Vendilhão de peixe.

*Na altura, como se sentiu a pedir o rendimento?*

Senti-me feliz, porque é uma ajuda muito boa. Com o rendimento já paguei umas coisinhas que estava devendo.

*E antes do rendimento já tinha pedido outros apoios no serviço de acção social?*

Não. O rendimento foi a primeira vez.

*Recorda-se de ter assinado o acordo de inserção?*

O que é isso?

*É uma espécie de contrato que as pessoas que recebem o RSI assinam...*

Ah, já me lembro. Assinei por duas vezes.

*Então já assinou por duas vezes o acordo de inserção...*

Já, o processo dos papéis. Fui chamada às meninas da assistência.

*E depois, o que aconteceu lá?*

Elas diziam o que a gente fazia com o rendimento e eu dizia que era muito bom para a gente, para ajudar a família. Perguntaram pelas vacinas das pequenas, se as pequenas estão boas, coisas assim. Gostei de ouvir.

*Gostou de ouvir...sentiu-se bem nessas reuniões?*

Sim.

*E propôs alguma acção, alguma coisa que se compromettesse a fazer?*

Eu ouvi o que elas disseram e assinei de boa vontade. Não há problema.

*Concordou com tudo...*

Foi.

*O que acha de mudou na sua vida com o rendimento?*

Ficou melhor. Comprei as barras para as pequenas dormirem, comprei um par de sapatinhos para a escola, as mochilas. Quando eu vi que as coisas estavam muito mal eu fiz o rendimento, porque as pequenas chegaram a levar as coisas da escola num saco de plástico. Agora compro mochilas para elas. O rendimento é muito bom. Dá mais limpeza às crianças. A gente sempre compra uma coisa mais melhor para elas vestirem.

*E em si, enquanto pessoa, enquanto mulher, o que mudou?*

É a mesma pessoa, mas estou mais feliz com o rendimento.

*Tem o primeiro ano...alguma vez desde que recebe o rendimento voltou a estudar ou tirou algum curso de formação?*

Não.

*Agora é que está integrada no projecto AGIR, numa creche não é?*

Sim, nas limpezas.

*E está a gostar dessa experiência?*

Sim, já estou acostumada com as limpezas de casa e lá é igual. Eu gosto de estar lá.

*Outra grande mudança que houve na sua vida foi esta casa...*

Sim. Mas antes dessa tive outra. Saí da garagem e fui viver para uma loja de um cunhado do meu marido. Fizemos uns quatinhos lá. Há um ano que agora estou aqui.

*Como se sente na casa nova?*

Feliz.

*Verónica, que opinião tem sobre o rendimento? Acha que é importante existir o rendimento?*

É importante.

*Porquê?*

Para ajudar a viver a família, para os pequenos, para não irem rotos para a escola. É muito bom. Não haviam era de cortar!

*Não haviam de cortar?*

Não haviam de cortar porque todos precisam para as comidinhas e tudo.

*Mas porquê?*

Os maridos andam no peixe e ás vezes o peixe não dá nada. Com esse rendimento, ao fim do mês, vamos buscar as coisas ao Modelo, para encher a casinha. É muito bom para ajudar a viver.

*E porque é que nunca trabalhou?*

Porque tenho as pequenas pequeninas.

*E quando elas forem maiores pensa trabalhar?*

Eu vou trabalhar.

*Gostava?*

Gostava.

*E o que gostava de fazer?*

É limpezas.

Como é que a Vera se sente por receber este apoio?

Sinto-me bem. Não tenho problemas com isso.

*Já recebeu o rendimento por duas vezes. Recorda-se porque deixou de contar o rendimento da primeira vez?*

Eu não entreguei uns papéis que era preciso e fui cortada.

*E como se sentiu nessa altura?*

Fiquei cheia de desgosto.

*Porquê?*

Já faltava às pequenas umas coisinhas.

*Então e de que forma deu a volta à sua vida?*

Em vez de ir comprar umas coisinhas, cortava metade.

*Mas nunca trabalhou nessa altura...*

Não, não.

*Nessa altura, alguma vez pediu ajuda a vizinhos ou à família?*

Não. Resolvi sempre sozinha. Não fui eu, foi ele.

*O seu marido...*

Sim. Era ele que trabalhava. Eu ficava sempre com as pequenas em casa.

*Então na altura em que a prestação foi cancelada conseguiram reorganizar a vossa vida...*

Sim. A gente poupava nas coisas que comprava.

*Mas passaram por dificuldades?*

Não.

*Nessa altura recebeu outros apoios do Serviço de Acção Social ou de outros serviços?*

Não.

*Acha importante as pessoas viverem sem estes apoios?*

É importante as pessoas receberem isso. Haviam de receber todos. Não sou só eu, todos precisam. Devia ser para todos.

*Mas se a Sr.<sup>a</sup> até estava a fazer a sua vida, porque voltou a requerer o RSI?*

A primeira vez que fomos cortados ficamos cheios de desgosto. Depois eu disse eu meu marido “se tivéssemos a receber o rendimento, já dava para comprar isto assim, isto assado”, coisas de precisão. Ele fez outra vez o rendimento porque a gente precisava, para comprar umas coisinhas para a casinha nova.

*Está a pagar o que comprou para a casa nova?*

Sim. O fogão, os tachinhos, a loicinha...

*E o rendimento continua a ser importante para si?*

Continua. É muito importante para as coisas da vida.

*Até quando é que acha que vai precisar do rendimento?*

Não sei... É até Nosso Senhor querer. Sei lá se vão cortar ou se não vão cortar...

*Mas acha que era importante receber sempre...*

Era importante receber sempre! Não quero que me cortem! Se houver algum problema com algum papel ou alguma coisa não cortem, avisem, porque às vezes eu fico despercebida da cabeça. Alguma coisa, um seja que for, querem logo é cortar! É uma vacina, é uma consulta, é alguma coisa, não se corta, avisem! Isso é muito importante. Não é cortar logo e já.

*Acha que as assistentes sociais devem avisar e não cortar logo...*

É. A primeira vez eu fui cortada logo e já. Têm de avisar. Isso é que é o apoio! Não é receber uma carta à porta...Têm que trabalhar, têm que avisar e pensar “a mulher despercebeu-se”. Uma pessoa, se tem consciência, avisa a pessoa. Esse é que é o apoio. Telefonar, ou assim, e dizer “Oh Verónica tens de fazer isso”. Eu na reunião vou falar disso...

*Vai dar a sua opinião?*

Vou dizer isso lá... E algum problema com os pequenos, não é tirar logo os pequenos. Não podiam tirar os filhos da mãe e do pai...podiam avisar! É outro apoio! Andar em cima da casa, em cima dos pequenos, em cima do pai e da mãe. E as mães? Ficam a chorar lágrimas de sangue pelos pequenos todos os dias. Uma mulher ainda morre com o desgosto! Quem é que quer um amor os filhos? É o pai e a mãe, não é mais ninguém. Esse é que é o apoio que podiam dar. Nosso Senhor não quer isso...quer é falar, ajudar a pessoa. Se eu não sei arranjar uma casa, arranjar uma criança, eu gostava que me ensinassem, isso é que é importante. Mas agora está melhor, há mais apoios. Está diferente de antigamente.

*Que apoios é que existem hoje?*

Aqui está igual à cidade. Está igual à América ou o Canadá. Antigamente diziam “O Canadá é melhor do que Rabo de Peixe”, agora cá está melhor do que lá, porque entraram muitos apoios. O rendimento social, as meninas da assistência, uma conversa com uma e com outra, já aprendemos muita coisa. Antes não faziam isso. O apoio agora é esse. Também entraram muitas pessoas novas para ajudar e tudo. Eu gosto delas. Dizem “Verónica não se faz isso, faz-se é assim”. Eu gosto disso assim, avisar as pessoas.

*Muito bem...e que sonhos tem para o futuro?*

É criar as minhas filhas sempre, até casar. Mas primeiro que tudo é não morrer até lá!

*Mas a Verónica é nova, só tem 28 anos...*

Não interessa! Pode dar-me algum ataque!

*Como é que se imagina daqui a 5 anos?*

5 anos?

*Sim, com 33 anos...*

As minhas filhas já são moças!

*E a vida vai estar melhor?*

Vai. É lutar sempre para a vida.

*Acha que vai continuar a receber o rendimento?*

Não sei, mas eu acho que sim!

## **E11 - Maria**

*Sr.<sup>a</sup> Maria vamos começar por falar um pouco da sua infância e adolescência. O que faziam os seus pais para ganhar a vida?*

Fui criada só com a minha mãe e uma avó. Eu não tive pai porque ele abandonou a minha mãe aos 14 anos e a minha avó é que tomava conta da vida, como só tinha a minha mãe, tomou conta da minha mãe e onze filhos, mas morreram dois e só ficaram nove.

*E qual era o ano que ela tinha?*

A minha mãe?

*Sim, a sua mãe.*

A minha mãe e o meu pai tinham a 4<sup>o</sup> classe, mas nunca conheci pai durante a vida.

Levamos uma vida muito dura porque a minha avó não tinha nada na vida. Não tenho vergonha de dizer, a minha avó pedia esmola por todas as freguesias e dizia que a filha tinha casado e que o casamento deu no que deu e as pessoas sempre nos apoiaram quando nós éramos pequeninas. Nunca nos faltou nada porque nas pessoas nos davam roupa, calçado e essas coisinhas assim.

*A sua mãe e avó não trabalhavam?*

Era nas terras.

*Mas a Sr.<sup>a</sup> recorda-se de passar por dificuldades...*

Sempre passei por dificuldades. Desde a minha infância até agora (*pausa*), até casar passei muito.

*Mas como se recorda dessa altura? Quando era menina e depois em adolescente?*

Quando a gente cresce e traz uma adolescência destas ficamos com muito medo da vida e que nos vai acontecer daquilo para a frente. O meu medo era casar mal como a minha mãe casou, ter filhos, como os criar.

A minha vontade sempre foi estudar e ser alguém na vida. Eu era muito boa aluna, mas como a minha mãe não tinha marido e eu era das mais velhinhas da casa tive de abandonar a escola muito cedo, aos treze anos e fui trabalhar para as terras, para ajudar a minha avó que já era uma pessoa idosa e a criar os meus irmãozinhos.

*E com que ano da escola ficou?*

Eu tenho o 6º ano, mas larguei a escola com muita pena.

*A Sr.ª gostava de estar na escola?*

Eu adoro a escola. Eu adorava a escola. Estou farta de dizer às minhas filhas, já que tenho o apoio do rendimento e do abono eu quero que as minhas filhas estudem porque são muito bons alunos e que eles sejam aquilo que a mãe não foi, porque quero ver as minhas filhas crescer e que elas sejam alguém na vida. A escola para mim, mesmo que eu não recebesse o rendimento mínimo não era caso de eu tirar as crianças da escola, porque eu acho que é muito cruel quando as mães são cortadas do rendimento e retiram as crianças de vingança. Mas a vingança fica com a gente, porque as crianças mais tarde dão-nos as culpas e é isso que eu hoje digo à minha mãe. Eu não estudei porque a minha mãe não deixou e eu podia ter sido alguém na vida. Mas também naquele tempo não havia o rendimento, não havia o abono que há hoje, porque o governo, numa parte, está a ajudar-nos muito. Temos é que saber receber e saber gerir esse dinheirinho que a gente recebe. Se a pessoa souber receber e gerir a vida as coisas controlam-se bem, porque na minha casa é assim.

*Recorda-se de bons momentos dessa altura? De momentos em família...*

Quando a gente se criou, a família era muito unida. A minha mãe à noite contava-nos histórias, a minha avó contava as histórias do seu tempo, daquilo que lhe aconteceu, era uma família muito unida. Mas os meus irmãos quando começaram a crescer e quando casaram, a gente achou muita falta uns dos outros, porque cada um parece que não conhece os irmãos, vão mais pelas esposas e pelos filhos, já é uma coisa muito diferente. Eu gostava que a família fosse aquilo que era antes. Criamo-nos com muita dificuldade, isto é verdade, mas se houver harmonia, amor uns pelos outros, a gente ultrapassa isso. E agora as famílias, hoje em dias, já não são aquilo que eram antes. Cada um cuida da sua vida, podem ver os irmãos a sofrer, podem ver os irmãos a precisar de ajuda e já não se chegam. Mas ainda me lembro das noites quentinhas do Natal, havia aqueles biscoitinhos feitos em casa, até muito mal feitos, mas aquilo era uma alegria. As nossas ofertas não eram como é hoje, mas sempre havia ali um mimozinho, sempre havia uma coisinha. Agora já não se conta alegrias, é só tristezas.

*E cada um faz a sua vida...*

Cada um faz a sua vida e está nas suas casas. A gente embora que convide para uma festa, eles dizem “o que é que eu vou fazer à tua se eu tenho na minha?” mas acho uma resposta um bocadinho difícil, porque eles podem ter o que eu tenho mas as comidas são diferentes, essas coisas são diferentes. Mas cada um gosta de estar na sua casa e eu tenho de respeitar a opinião deles.

*Há pouco a Sr.<sup>a</sup> disse-me que deixou a escola para ir trabalhar para as terras. Que idade tinha?*

Eu tinha 13 anos. Ainda me lembro que a professora de ciências, que era a directora de turma, chegou a ir pedir à minha mãe, que era uma pena a minha mãe me tirar da escola. Eu lembro-me disso perfeitamente. Recordo-me de ir dar um passeio com a professora de ciências e nesse dia a minha mãe não queria que eu fosse e eu, não levei lanche, não levei nada, para ser sincera, porque a minha mãe não tinha nada para me dar, mas eu, como gostava muito da escola e tentei sair sem a minha mãe ver para ir para aquela aula, porque íamos estudar as árvores e como isso ia sair num teste, eu tinha de saber o nome das árvores. Como a escola era muito importante para mim tive de fazer isto à minha mãe. E uma colega, que era a Dr.<sup>a</sup> I, que hoje é coordenadora, viu que eu não estava a comer e perguntou porquê e eu disse o que se passava. Ela foi ter com os outros colegas e tive comida que nunca mais venci! Isso foi tão lindo, tão lindo. Esse momento marcou-me para o resto da vida.

*Nunca mais se esquece desse momento...*

Nunca mais me esqueço. Porque quando eu a vejo, quando fui lá assinar o acordo, aquilo veio-me logo à memória.

*Mas voltando a falar de quando a Sr.<sup>a</sup> trabalhou nas terras. Durante quanto tempo trabalhou?*

Trabalhei dos 13 aos 35 anos. Trabalhei porque, mesmo recebendo o rendimento, lá ia amarrar milho, moer pimenta, dois, três dias, porque miolinhos é pão! Ajudou-me porque eu tinha duas filhas e os problemas que elas trouxeram, o leite era tão caro, e eu contava muito era só comigo.

*Então e com que idade é que casou?*

Casei com 27 anos.

*E teve 3 filhos...*

E tive 3 filhos. Já quando casei já levei a Sara com um mês e meio.

*E que recordações guarda desses momentos? Do seu casamento e nascimento dos seus filhos?*

Sinceramente a coisa mais linda que pode acontecer num casamento é o dia do casamento pela igreja e o nascimento dos nossos filhos. Para mim, o dia do meu casamento, o nascimento dos meus filhos e o dia que recebi a chave da minha casa e o dia que fui aprovada do rendimento, essas coisas entraram na memória e não dá para esquecer.

*Porquê?*

Porque se eu não tivesse uma casa, se eu não tivesse o rendimento, o que é que seria de mim na vida? Quando a gente casa e tem filhos a primeira coisa que a gente deseja é ter uma casa e uma boa alimentação, a gente deseja tudo de bom quando temos filhos. Quando somos sozinhas, qualquer coisa como, qualquer coisa visto, qualquer coisa calço. Mas quando temos filhos vem-me logo à cabeça como é que vou dar um futuro aos meus filhos? Eu tenho de fazer qualquer coisa por eles. E eu quando soube que havia rendimento mínimo, quando fui dar o nome para as casas e a Dr.<sup>a</sup> C. me disse para eu fazer, fiquei logo com esperança de receber porque eu precisava. A partir daí, quando fui aprovada, a minha vida mudou completamente. Mudou muito.

*Mas porque é que a Sr.<sup>a</sup> resolveu fazer os papéis para o RSI? Que dificuldades sentia?*

O meu marido trabalhava e sempre trabalhou mas ele bebia a maior parte do dinheiro. Eu quando reclamava ele dizia “o dinheiro não é teu, quem trabalhou pelo dinheiro fui eu” e custa muito a gente comer pelas mãos de um marido. É muito importante para uma mulher ter o seu próprio emprego, porque eles assim não nos atiram nada à cara. A gente quando não trabalha obriga-se a levar uma vida desgraçada. Mas a vida é essa, tenho de me obrigar a padecer para criar os meus filhos. Muitas vezes dizem assim “vocês casam mal porque querem”, mas ninguém quer casar mal, todos querem ser feliz na vida, mas se não temos outra parte para onde ir, não temos ajuda da família, a gente obriga-se a ficar com os maridos. O que mudou muito na minha vida foi quando eu recebi o rendimento. Mudou completamente e a prova está à vista. Não estou a pegar no dinheiro e a estarreça-lo, de maneira nenhuma, os meus filhos vão à escola, têm as vacinas em dia, têm as suas consultas. O que acho muito interessante no rendimento mínimo é que as assistentes sociais se preocupam com os nossos filhos. Se eles estão doentes perguntam “a Maria já foi com eles ao médico?”. Às vezes se eu me esqueço e vou ao contrato vejo as vacinas! Elas estão sempre a alertar para pagar as rendas da casa, não fazer dívidas e isso para mim é muito importante. É importante termos quem nos ajude porque sozinhas não vamos a lado nenhum. Se temos alguém que nos ajude, que nos empurre, alguém que diga “a Maria faça isso!” porque duas cabeças a pensar pensam melhor do que uma! Para mim tem sido uma ajuda formidável.

*Mas voltando um pouco mais atrás, à altura em que a Sr.<sup>a</sup> fez os papéis para o rendimento, como é que se sentiu?*

Fiquei com receio sem saber se ia ser aprovada ou não, mas a esperança era sempre de receber, porque quando a gente precisa, a aflição ainda é maior, a gente sofre com a espera. Mas quando recebi a carta, a dizer que tinha sido aprovada, fui logo agradecer à Dr.<sup>a</sup> C. Temos de compreender as pessoas que nos ajudam e ela ajudou-me muito. Se eu tenho uma casa é graças ao rendimento mínimo, porque quando a gente não tem padrinhos, a gente não se baptiza e eu com a ajuda das assistentes sociais só esperei um ano por esta casa. Se não fossem elas ainda vivia onde estava.

*Então acha que o acompanhamento das assistentes sociais ajudou...*

Muito, muito! A assistente social ajuda muito e é muito bom que haja uma assistente social no rendimento mínimo porque ela vê a maneira como andam os nossos filhos, as nossas casas, como utilizamos o dinheiro (é muito importante que elas vejam isto) e não me canso de repetir: é graças ao rendimento mínimo que tenho uma casa mobilada, que tenho os meus filhos a crescer (e é tão bom vê-los a crescer) É tão bom quando eles chegam a casa e pedem pão com doce ou um prato de comida e a gente tem para dar. Custa muito quando a gente quer dar e não tem. Ai se não fosse o rendimento...a gente é que o recebe e quando é dos nossos maridos a gente não pode exigir nada porque ele é que trabalhou por ele. O trabalho não mata ninguém, mas no meu caso...

*A Sr.<sup>a</sup> tem um problema de saúde que a impede de trabalhar...*

Exactamente. O pior é que eu quero trabalhar e não consigo, mas pelo amor que tenho à minha casa e aos meus filhos, obrigo-me a trabalhar, mas chego à noite cansada, mais ainda estou viva, estou falando e estou aqui. Amor para a vida!

*E antes de requerer o RSI já tinha pedido outro apoio ao serviço de acção social?*

Antes do rendimento, não sabia que o serviço de ação social dava apoios, mas muita vez pedi esmola para as minhas filhas comerem, porque eu não tinha! O meu marido bebia muito e eu alguma coisa tinha de fazer. Fui pedir e fui sempre aceite.

*E com que frequência ia pedir esmola?*

Com muita frequência, mas com muita vergonha porque era nova. Mas quando a gente precisa, temos de enfrentar a vida e pôr a vergonha para trás das costas. E muitas vezes, quando o meu marido vinha bêbado, eu esperava que ele adormecesse para lhe tirar o dinheiro da carteira e não tenho vergonha de lhe dizer! Ele no dia seguinte quando perguntava pelo dinheiro já eu tinha comida para os filhos comerem. Ele batia-me e punha-me para o caminho, mas eu preferia que ele me batesse para eu dar comida aos meus filhos, porque os meus filhos são muito importantes para a minha vida.

*E a Sr.ª sempre lutou para lhes dar o que eles precisavam...*

Eu lutei antes de adoecer e luto por eles até ao fim porque uma mãe não é mãe só durante 9 meses, é mãe toda a vida. Mesmo que eles casem, continuo sempre disponível para aquilo os eles precisarem. Enquanto for viva vou sempre lutar, enquanto há vida há esperança.

*Falando agora sobre o acordo de inserção...a Sr.ª já assinou este documento?*

Já, por duas vezes.

*Recorda-se das acções que foram acordadas?*

Antes de eu receber o rendimento a assistente social disse tudo o que eu tinha de fazer: pagar a água, pagar a luz, a renda da casa, não fazer dívidas, que os meus filhos não faltassem à escola, para ir uma vez por mês saber como os meus filhos estão na escola, as vacinas em dia, lá de vez em quando ir ao médico ver como os nossos filhos estão, com tudo isto eu concordei. Eu concordei porque isto é um direito nosso como mãe. O que me admira muito nas assistentes sociais é a preocupação delas com as famílias. Quando as assistentes sociais vêm às nossas casas e perguntam “está tudo bem?” e se as coisas não estão elas também sofrem. O olhar delas muda, vê-se ali um sofrimento. As assistentes sociais é como se fossem da família. Gosto delas. São pessoas em quem podemos confiar e é bom haver uma pessoa a quem a gente pode contar a nossa vida e ali fica. Muita ajuda tenho tido... mas a ajuda não vai só no dinheiro.

*E então?*

Vai na amizade, na forma como falam. O dinheiro é muito importante, mas é muito importantes haver as assistentes sociais, a coordenadora, as consultas de psicologia que me têm ajudado muito, não há palavras para agradecer!

*Então o rendimento vai além do dinheiro...*

Vai sim Sr.ª! Eu se tiver o dinheiro, mas se não tiver uma amizade com ninguém, não tiver com quem falar, isso também não vale de nada. Agora se eu tiver uma pessoa que venha à minha casa, converse comigo, faça-me entender a vida, faça-me eu saber gerir o dinheiro, isso para mim é importantíssimo.

*Falando ainda sobre o acordo de inserção. Lembra-se do momento em que o assinou?*

Lembro-me como se fosse hoje. Quando eu chego lá e vejo a enfermeira e a coordenadora fiquei um pouco arrepiada quando vi a enfermeira, porque eu era um pouco descuidada para as vacinas. Não era bem um descuido...eu tinha aquele medo dos meus filhos serem picados, poderem adoecer, coitado de quem é mãe! Às vezes eu pensava “quem me dera levar esta vacina no lugar do meu filho”. Mas quando fui assinar o acordo e a enfermeira explicou-me que as vacinas eram muito importantes para a saúde, eu quando vim para casa pensei que ela tinha razão. A partir daí responsabilizei-me muito e agora os meus filhos têm tudo em dia.

*Então esse momento foi importante, porque a Sr.<sup>a</sup> tomou consciência disso...*

Exactamente, porque eles iam ao médico, mas quando chegava o dia das vacinas eu mentia e inventava alguma coisa. Achei muito importante que estivesse lá a enfermeira com a coordenadora porque me explicou a importância das vacinas e a partir daí nunca mais falhei.

*Alguma das acções do acordo de inserção a Sr.<sup>a</sup> é que propôs?*

Quando eu fui à assistente social eu não sabia como é que isto funcionava. Porque a gente quando recebe o rendimento mínimo pela primeira vez, a gente vai às cegas, a gente não sabe o que elas vão dizer, o que nos vão propor. Mas quando ela me falou em ter as coisas em dia, eu já sabia que tinha de andar na regra porque antes de vir para a casa nova tivemos uma formação e ela explicou-nos. Mas eu sou uma pessoa muito responsável e tenho tudo em dia. Quando recebo o rendimento a primeira coisa é pagar a água, luz e a renda da casa, o resto é para o padeiro e mercearia. Se me resta algum, coloco num cantinho na gaveta. Os meus filhos podem ficar doentes e eu não vou andar de porta em porta a pedir. Quem não poupa não tem e quem come e guarda, duas vezes põe a mesa. Muitas vezes minto ao meu marido, dizendo que falta pagar a este e aquele, mas depois pego no dinheiro e guardo. Tenho de saber viver na vida! Costuma-se dizer que as abelhas prendem-se ao mel.

*Então as acções do seu acordo de inserção estão todas cumpridas...*

Estão todas cumpridas. Não me quero fazer mais do que ninguém, porque sou pequenina, não no tamanho, mas na vida. Eu não faço dívidas porque sei que o rendimento não é para a vida. A primeira coisa que a assistente social diz quando a gente faz o rendimento é “Sras., o rendimento é uma ajuda!”, não é um ordenado. E eu fiquei com medo, porque se a assistente social me está a avisar é porque me quer bem.

*Então, o que mudou na sua vida com RSI?*

Mudou tudo. Sinto-me feliz como nunca me senti antes. Tive a minha casinha, e aos poucos, com o rendimento, fui construindo o meu ninho. O que acho muito importante no rendimento é que sou eu que recebo o dinheiro, sei geri-lo e as coisas dão sempre certas. A melhor coisa foi haver o rendimento mínimo. Se eu não tivesse o rendimento não sei como é que ia criar os meus filhos e eu não tinha casa. Muitas pessoas falam mal do rendimento mínimo, mas essas pessoas falam de boca cheia. Se elas passassem o que a gente passou, não falavam assim. Mas não podemos falar mal porque todos podemos precisar do rendimento. As pessoas que recebem o rendimento são muito desprezadas. Somos provocadas quando passamos, se compramos alguma coisa “é do rendimento”. Eu não sei porquê, mas as pessoas do rendimento são faladas em todo o lado.

*Acha que as pessoas que recebem o rendimento não são respeitadas?*

Não são de maneira nenhuma. As pessoas são respeitadas pelo lado das pessoas que trabalham com a gente, que nos compreendem, que sabem que a gente precisa, que sabem parte das nossas dificuldades. Mas quanto às outras pessoas, por elas a gente já não tinha o rendimento. As pessoas fazem o rendimento porque precisam e acho muito importante essa ajuda.

*E enquanto pessoa? O que mudou em si?*

Comecei a cuidar mais de mim, porque não me cuidava antes. Hoje já me apetece comprar uma peça de roupa ou um sapatinho, dar uma pintura no cabelo ou despontá-lo, porque antes a vida não tinha sentido nenhum. Porque antes onde estava o dinheiro? Ou comprava para os meus filhos, ou comprava para mim. Como agora tenho esse dinheirinho penso: este também é para mim, eu é que lutei por ele. Sinto-me feliz com o rendimento. Embora o meu marido seja a pessoa que é, aprendi a pôr muita coisa de lado. Já penso mais em mim, porque antes não me dava uma oportunidade a mim mesma. A psicóloga também me fez ver o lado bom da vida e agarrar-me mais à vida. Antes a minha vida estava a desfazer-se como a manteiga que a gente mete no pão quente. Mas à medida que eu tive ajuda, que começaram a vir à minha casa, que começaram a entender-me, a vida foi tomando outro rumo.

*E ao nível da sua família, alguma coisa melhorou?*

Em relação ao meu marido a melhor coisa que me aconteceu é que ele largou a bebida. Ele não bebe uma gota desde 2005. Desde 2005, quando ele foi a uma reunião com a Dr.<sup>a</sup> C. e ela soube falar com ele, soube compreendê-lo e ele não bebe. Foi a melhor coisa que me aconteceu. Porque embora ele me dê pouco, se a gente vive bem numa casa, daquele pouco faz-se muito. Ele já me arranja o jardim, já pergunta pelas coisas da casa, ele adora a casa! Antes não dava a mínima importância à casa, vinha bêbado, queria era deitar-se, não dava importância à vida. A vida mudou.

*Durante o seu percurso no RSI, a Sr.<sup>a</sup> frequentou diversos cursos de formação...*

Em 2005 tive uma em que a gente falava da educação dos filhos, a higiene da casa, sobre a nossa higiene com uma enfermeira, como dar uma alimentação saudável. A gente numa formação aprende muito. Agora estou a aprender a bordar, a fazer ponto cruz e tenho vendido muito! Tenho feito umas pegas e ainda hoje me encomendaram! Gostei também muito do trabalho de escamas de peixe e da proposta da Dr.<sup>a</sup> B. em fazermos uma barraquinha. Essa ideia da barraquinha, para a gente que recebe o rendimento, é muito importante porque a gente gosta de mostrar os nossos trabalhos e para mostrar às pessoas que falam mal das pessoas que recebem o rendimento, que também somos alguém na vida, que também gostamos de apresentar aquilo que a gente faz. Porque hoje é uma barraca, mas amanhã passa a ser duas, três e depois já temos mais trabalho.

*Falando agora do momento em que a Sr.<sup>a</sup> deixou de contar com o RSI. Porque é que deixou de receber?*

Recebi uma carta da assistente social a pedir que o meu marido preenchesse uma declaração a dizer quanto ganhava, mas como o meu marido era uma pessoa que bebia muito, não obedecia a nada. Disse à Dr.<sup>a</sup> T que o meu marido não queria fazer a declaração, mas ela disse que a ordem era para todos, mas que ia mandar o meu marido falar com ela. Mas avisei-lhe que o meu marido ia portar-se mal porque ele bebia muito.

No dia, ela foi educadíssima com o meu marido, mas ele foi uma besta. Quando ela perguntou quanto ele ganhou ele respondeu mal, disse “a Sr.<sup>a</sup> há-de perguntar quanto eu ganho, as mesmas vezes que eu lhe pergunto a si”. Eu queria enterrar a cara pelo chão dentro...coitadas de nós quando a gente sofre por causa dos nossos maridos. O que eu acho mal é isso. Muitas vezes a gente paga por causa deles.

*A Sr.<sup>a</sup> sente que nesse momento foi prejudicada por causa do seu marido...*

Exactamente, porque tudo o que ela me pedia, tudo eu fazia e quando o meu marido foi lá e portou-se mal, eu fui cortada sem dó nem piedade. Quem foi prejudicado não foi ele, fui eu e os meus filhos. As crianças não têm culpa, nem as esposas! A gente é que cuida da vida, os nossos maridos estão-se nas tintas para isso. Ninguém tem culpa de termos filhos, ninguém nos manda fazer filhos, mas quando somos cortadas o mundo cai-nos em cima da cabeça.

*E onde foi buscar a sua força para ultrapassar esse momento difícil?*

Muita vez a minha vida era chorar, mas voltei a ir ter com a assistente social, para ver se ela fazia uma alteração no processo, mas ela já não quis aceitar. Então informei-me com pessoas sobre o que havia de fazer, e fui a Ponta Delgada para falar com a Dr.<sup>a</sup> M., a chefe de divisão. Penei os olhos da cara para falar com ela, mas contei-lhe a situação e ela disse para voltar a fazer os papéis, o quanto antes. Ao fim de três meses tive o meu dinheirinho de volta e ainda tive mais uma coisinha do que tinha antes. Mas também se não fosse o dinheirinho que tinha posto de lado tinha água e luz cortadas...

*Então, uma das estratégias que utilizou foi falar com a chefe de divisão, outra foi utilizar o dinheiro que, até então, tinha vindo a poupar...*

O ganho está no poupar! Eu sou uma pessoa que poupo muito.

*E nesses três meses em que não recebeu o rendimento, pediu apoio a vizinhos ou familiares?*

Pedi às minhas irmãs e, muitas vezes, à minha mãe. Mas a minha mãe dizia “o teu marido é novo, ele que vá trabalhar! Casaste mal porque quiseste”. A minha família não me apoiou em nada, não conto em nada com ela. Com a graça de Deus tudo se resolveu, mas aqueles 3 meses pareceram 3 anos.

Custa muito! Custa ver na televisão, aquele Paulo Portas “as pessoas do rendimento deviam ser cortadas para se dar aos idosos”. Verdade que os idosos precisam, mas que se lembrem de nós, a gente também precisa para criar os nossos filhos.

*Mas acha importante as pessoas viverem sem estes apoios?*

Não acho. Mesmo quando os nossos filhos crescerem, muitas vezes eles não olham pelos pais. Acho muito importante que haja essas ajudas.

*E o RSI continua a ser importante para si?*

Não é importante! É importantíssimo. Eu já consegui muita coisa boa, mas ainda tenho uma vida pela frente, ainda tenho os meus filhos a crescer. Que pena tinha eu de dizer à minha mãe “Sara, a mamã já não tem o rendimento, tens de ir trabalhar para ajudar à vida”. Isso era o mesmo de chegar ao pé de uma planta, que está a florir, e cortá-la pela toca. A minha filha está a estudar, eu posso dar os estudos a ela porque tenho aquele dinheirinho! Mas se eu não tivesse, a minha filha ia ter que ficar em casa para me ajudar, porque o pai não dá para tudo, eu não tenho quem me apoie e além disso eu não posso trabalhar. Ainda se eu trabalhasse e o meu marido, eu ia ter com a assistente social e dizia “venho agradecer-lhe o tempo que recebi o rendimento, mas já não preciso porque estou a trabalhar”. Mas eu olho para mim e penso, como vou trabalhar? Mas quando fui cortada eu fui pedir emprego, eu fui

à fábrica do leite mas o sr. disse “pegar eu pagava, mas e o resto? Se lhe acontece alguma coisa de quem é a responsabilidade?” para ser sincera, as pessoas até acharam estranho eu ter sido cortada do rendimento como tenho este problema, mas regras são regras. Muitas vezes tenho pena das assistentes sociais porque elas estão cumprindo o seu trabalho. Uma vez uma assistente social me disse que quando corta que lhe custava a dormir de noite e eu nunca mais me esqueci disso. Elas sofrem quando nós somos cortadas, agora imagine a gente!

*Então se fosse hoje, voltava a requerer o rendimento...*

Nunca me arrependi porque além do apoio do rendimento eu tenho outros apoios.

*Que apoios?*

Tive o apoio da assistente social, conheci assistentes sociais maravilhosas, nunca me vou esquecer do sorriso delas, da maneira de ser delas. Tenho o apoio das consultas de psicologia. Foi muito importante também haver uma psicóloga porque a gente tem muitos problemas e não sabemos lidar com eles sozinhas. Quantas vezes eu sofri por não ter com quem desabafar. Quando eu tive a psicóloga, sei que ela ficou cansada, mas pus tudo para fora! Foi o mesmo que ir a uma igreja e confessar-me! Eu adoro a Dr.<sup>a</sup> P. Ela mostrou logo interesse, ela ouviu-me, ela respondeu-me, dá-me elogios, ela sabe dar a resposta certa na hora certa. Quando eu tive muito doente, quem é que eu vi à minha porta? A Dr.<sup>a</sup> C. e a Dr.<sup>a</sup> P.! Eu não vi a minha mãe, eu não vi os meus irmãos. Está tudo gravado cá dentro...Se eu não tivesse uma assistente social? Quem é que se importou comigo? “A Maria que vá ao médico!”, quem é que me veio buscar para levar ao hospital? A Dr.<sup>a</sup> C. Quem é que me veio ver quando cheguei do continente? A Dr.<sup>a</sup> P. Até a coordenadora veio a minha casa! Eu senti-me uma pessoa importantíssima. Se eu não tivesse o rendimento, não tinha este apoio todo! Quem é que foi pedir a comida à Sta Casa quando fiquei doente? Eu não esqueço essas coisas...Isso até choca só de falar nisso. As pessoas que recebem o rendimento não têm boca que agradeça. Não há palavras para agradecer. E eu já recebo há 11 anos...

*E durante mais quanto tempo acha que vai precisar de receber o RSI?*

Até as minhas filhas serem grandes. Deus permita que não me tirem o rendimento porque eu dependo muito dele.

*Mas onde é que vai buscar essa sua garra, essa sua energia?*

Temos de deixar as nossas feridas cá dentro e ir para o caminho sempre alegres. Mas muitas vezes não há alegrias, por estar como estou, mas tenho de levar a vida. Sei que não tenho mais cura, por isso tenho de enfrentar. Depois penso, se ou outros pensam bem de mim, como a Dr.<sup>a</sup> P., eu também tenho de pensar! Se os de fora me acham uma pessoa formidável, porque é que eu não me hei-de achar? E é esta força que vem de baixo para cima.

O rendimento deve ter orgulho das pessoas que trabalham nele. A vontade com que os assistentes sociais trabalham! Aquela garra, aquela imaginação, sempre a querer ajudar-nos, sempre a querer dar-nos coisas novas, sempre a querer nos arrastar para as formações, isto para mim é maravilhoso. E nas formações estamos ali todas juntinhas, uma diz uma coisa, outra diz outra, os nossos problemas ali ficam, ali tudo se encerra. Quando chego a casa, nem me lembro do que tinha levado. Nunca nos deixem de lado, ajudem-nos sempre. Façam de nós mais mulheres do que nós somos. Puxem pela gente!

*Acha importante os assistentes sociais puxarem pelos beneficiários?*

Acho muito importante! Se não puxassem por nós, a gente também murchava muito. A flor também não gosta só do sol, ela também gosta de sombra. Puxem também pelos nossos maridos, os nossos filhos, fazer uma formação para as crianças, que eles também gostam. Quando vêm as assistentes sociais eles vêm a correr para casa, com aquela alegria. Até os nossos filhos já reconhecem isso!

*Pensando agora no futuro...que sonhos tem?*

O sonho que tenho é ver os meus filhos crescerem, estudarem, tirarem um curso, para quando eu for mais idosa dizer “o que eu lutei, eu estou vendo”. Vê-los com saúde, com garra, mas eles têm, eles vêm a mãe. Um pai e uma mãe quando não têm amor à vida, as crianças ficam muito tristes.

*E como se vê daqui a 5 anos?*

Já me vejo com 47, mas sinceramente, já me achei mais velha, já me senti mais em baixo. Não sei se é pelas ajudas mas...sinto-me cada vez mais nova! Quero levar a vida de outra maneira. A vida miserável que levei fica para trás!

*Então acha que a sua vida vai continuar a melhorar...*

Vai continuar a melhorar e tem que melhorar! As coisas melhoram depois de querermos. Se a gente quiser e tiver vontade, nada na vida é impossível.

## **E12 - Carmélia**

*Sr.<sup>a</sup> Carmélia vamos começar por falar um pouco da sua infância e adolescência. O que faziam os seus pais para ganhar a vida?*

Os meus pais eram muito pobres. Não tinham com o que viver. Viviam de esmola numa casinha dos meus avós. O meu pai não tinha 3 dedinhos e, já se sabe, eu desde muito nova tive de trabalhar, infelizmente. Éramos uma casa de 8 irmãos. Os mais velhos foram à vida e os mais novos, eu era uma delas, puseram-se a trabalhar. Comecei aos 12 anos na fábrica. Trabalhava de fugida, porque não podia fazer descontos para a caixa. De lá para cá casei, aos 22 anos, comecei a ter filhos, uns em cima dos outros, não tive mais hipóteses de ir trabalhar. Foi o que estava destinado, não estou arrependida.

*Mas então o que faziam os seus pais?*

O meu pai era camponês e a minha mãe era doméstica porque tinha 8 filhos para criar. Não havia ajudas nenhuma. O governo fez muito bem por um lado, mas há pessoas que não sabem aproveitar, não sabem agradecer, e os antigos tinham de trabalhar muito para criar os seus filhos.

*E que ano da escola eles tinham?*

A minha mãe sabia ler, mas não sei qual o ano da escola que ela tinha. O meu pai não sabia ler. Não é que não viesse de um bom pai e de uma boa mãe, mas não havia tanta experiência de escola. Mas era uma pessoa muito digna, um bom pai, uma boa mãe, uns bons pais de família. Nunca soube o que era os meus pais me baterem. Nem com uma

ponta do dedo. A minha mãe era um bocadinho rígida, mas era no falar. Eu fiz igual com os meus filhos, pela criação que tive, porque os pais são os professores dos filhos. As minhas filhas às vezes diziam “a minha mãe é uma antiga” e eu dizia “foi da maneira que tua avó me criou”. Mãe, para ser mãe tem de respeitar os filhos e os filhos respeitar a mãe.

*Mas como se recorda desses momentos da sua infância?*

As minhas recordações foram muito bonitas. A gente éramos 8 irmãos mas dávamos todos bem. Não havia uma ofensa, nada. Brincávamos, comíamos o que Nosso Senhor reparava, tínhamos a nossa hora de tudo e éramos obedientes aos nossos pais. Recordo-me da escola, da catequese, o trabalho, o casamento, criar os meus filhos. Daí para a frente, há momentos bons e momentos maus. Depois dos meus 8 filhos estarem todos grandes, nunca tive a ajuda de ninguém, se não a partir da Márcia. Aí é que eu soube o que era uma coisinha de ajuda. Trabalhei aqui no posto agrícola, duas, três horas, para ajudar a criar os meus filhos, que só o meu marido a trabalhar não dava. Depois o meu marido passou a ser funcionário da Câmara, trabalhava na pedra de lavoura, aí o ordenado já era outro, já era uma coisinha que dava para a gente viver, mas eu continuava a trabalhar. Nosso senhor deu a doença à Márcia e aí já não pude ir trabalhar mais, tinha de acompanhar a minha filha 24h por dia. Comecei a ir a Lisboa duas vezes, hospitais. A minha filha adoece em 1994, em 1995 adoece o meu marido com um tumor da garganta e a minha filha com um tumor na cabeça. A minha filha, ceguinha nesta cama, tinha de me ter a mim. Eu tratava da minha filha e depois ia tratar do meu marido. Quando o meu marido partiu, a minha vida partiu. A minha vida ficou destruída, fiquei sem pernas para andar.

Aí fui pedir à Dr.<sup>a</sup> F. porque só fiquei a receber do meu marido 9 contos e assim não podia viver. Aí a Dr.<sup>a</sup> mandou a Márcia fazer uma pensão e eu fiz. Vivia da pensão dela, mas primeiro era ela e o que crescia era para mim, para a Juliana, para a gente viver o pão-nosso de cada dia. Depois a Márcia faleceu e eu nem tinha dinheiro para o funeral. Por isso, admito. Peguei no dinheiro da pensão que ela ainda recebeu dois meses depois de ter morrido para pagar o funeral. Tive a infelicidade de ser obrigada a dar para trás. Depois fiz o rendimento mínimo.

*Como soube da existência do rendimento?*

Fiquei por 2 anos a pagar a pensão da Márcia, faltam-se só 6 meses. Do rendimento foi assim: uma vez encontrei-me com a Dr.<sup>a</sup> A. para contar-lhe a minha situação e ela disse-me para fazer o rendimento mínimo e eu fiz. Fiquei recebendo quase 200€ o que já era uma ajuda muito boa. Não é muito dinheiro para quem tem muito, mas é oiro para quem tem pouco. A Juliana como casou teve de sair do agregado. Fiquei recebendo só 45€ para ajuda do pagamento da dívida da pensão da Márcia, não tenho ajuda para medicação. Sou diabética e passo crises.

*Há pouco disse-me que saiu da escola com 12 anos para ir trabalhar. Foram os seus pais que o pediram?*

Foi a necessidade que nos obrigou a ir trabalhar. Os meus irmãos mais velhos estavam a fazer as suas vidas e nós, mais novas, é que apanhamos com a crise. Também não era obrigatório ir mais do que a 4ª classe, não é como esses estudos que há hoje em dia e decidi ir trabalhar. Era muito nova, muito pequenina mas fui trabalhar a fazer limpezas. Lavava o galinheiro, dava comida às galinhas, lavava o quintal, areava tachos e tratava da roupa. Depois, com 13 anos, fui para a fábrica do leite, com a minha irmã para dar o sustento aos meus pais e para agente também. Trabalhei lá uns três, quatro anos, porque o meu marido também afogou-me logo, que queria casar.

*E quantos filhos teve?*

Sou mãe de 10, mas morreram-me 3, fiquei com 7. Trabalhei no posto agrícola 18 anos, tinha 20 e poucos quando fui para lá, mas nunca me fizeram descontos para a caixa, porque não tinha ordenado para isso, mas eu dizia ao patrão para, desse pouco, ele tirar um bocadinho para a caixa e o resto ficava para eu ir vivendo, mas ele dizia “o que tu ganhas não dá para nada, o que vou fazer daqui?”. Devia-me ter descontado. Eu também não podia trabalhar a tempo inteiro, porque tinha 8 filhos para ir para a escola, tinha de vir a horas para tratar deles. Era o meu dever de mãe. Mas pronto, depois tive de sair para tomar conta da Márcia. Se não fosse por ela e hoje, por causa dos meus problemas de saúde, acho que estava lá para ganhar qualquer coisinha. É muito triste querermos dinheiro para viver e não ter. O pão-nosso de cada dia é o que não deve faltar, mas é o que nos está a faltar.

*Antes da Sr.<sup>a</sup> beneficiar do RSI, alguma vez teve outros apoios do Serviço de Acção Social?*

Eu tive quando a Márcia era viva. A Dr.<sup>a</sup> F. dava-me 200€ por mês, para mim e para as minhas filhas comerem, que ainda tinha 3 filhos menores. Quando a Márcia teve a sua pensão, fui cortada. Foi direito, era o normal.

*Achou bem?*

Achei, porque não podia estar a receber dos dois lados e a Dr.<sup>a</sup> F. foi uma segunda mãe dos meus filhos, porque com aquele dinheiro é que eles comiam, água, luz, porque eles eram todos pequeninos. A Márcia morreu, fiquei sem nada, só a receber 100€ do meu marido.

*Foi aí que pediu o RSI... como se sentiu quando fez os papéis?*

Senti-me feliz, porque precisava. Ninguém pede sem precisar.

*Nesta altura, quando recebia o rendimento, lembra-se de ter assinado o acordo de inserção?*

Lembro-me sim Sr.<sup>a</sup>.

*Lembra-se das acções que estavam no acordo?*

Ah Sr.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup>, não sei. Na altura eu não estava a ver bem porque me faltavam os óculos. Eu assinar assinei, com a Dr.<sup>a</sup> I., mas de resto não me lembro. Lembro-me de assinar com todas as letras um papel amarelo, que estava na secretária da Dr.<sup>a</sup> I., mas o que estava ali eu não li porque não tinha os óculos.

*Mas não lhe explicaram?*

Se explicaram... não vai lá. Se ela explicou não me apercebi, mas assinar assinei.

*O que acha que mudou na sua vida com o rendimento?*

Mudou a minha alimentação, a minha medicação, coisas que hoje em dias me faltam. Mudou-me tudo! Eu tenho uma consulta sexta-feira e não tenho dinheiro para ir para Ponta Delgada porque o que eu recebo do meu marido não dá. Ainda pago ao banco 150€ por mês das obras que fiz na casa. A comida? Não há... O rendimento faz-me muita falta. Dava para comprar a minha medicação e ir vivendo o dia-a-dia.

*E enquanto pessoa, acha que mudou?*

Muito, porque a primeira coisa que ia comprar era a minha medicação, a segunda coisa comprava o meu leitinho e ficava com dinheiro para me ir mantendo, as minhas consultas, porque é preciso ter dinheiro para ir para Ponta Delgada e vir para cima. Mudou tudo!

*Como se sentia por receber o RSI?*

Protegida. Quem sabe viver com o dinheiro, o dinheiro é abençoado. A gente devia agradecer, todos os dias, a Nosso Senhor, ao governo e às pessoas que nos ajudam, porque agora sinto muita falta.

*Então e que opinião tem sobre o RSI?*

É muito importante para quem souber dirigir o dinheiro. É pouco, mas mais vale pouco do que nada, porque com o pouco a gente conta.

*A Sr.<sup>a</sup> sentia-se bem ao receber o rendimento...*

Sentia-me feliz!

*A Sr.<sup>a</sup> já recebeu o rendimento por três vezes. Porque motivos deixou de receber?*

Não tenho explicação. O primeiro foi cancelado porque na altura o meu marido recebia 60 contos. Depois foi por causa da pensão da Márcia. Quando ela morreu, tornei a recorrer ao rendimento. Agora foi porque a Juliana casou. Chorei muito quando me tiraram, porque ainda não tenho idade para fazer a minha pensão. Também já tenho 64 anos, não tenho saúde para trabalhar. Fez-me muita falta.

*Como se sentiu nesses momentos em que foi cancelada?*

Vazia, por completo. Foi um vazio que caiu na minha alma

*Mas acha que foi injusto?*

Injusto... não sei Sr.<sup>a</sup>, as pessoas também fazem o que mandam. Eu andei tanto para ver se me davam, mas pronto, quem manda, manda. Eu fui à presidência do governo pedir uma ajudinha, mas não fui aceite. Fui à Dr.<sup>a</sup> I. e ela disse que não podia fazer nada. Mas pelo menos que me dessem uma coisinha para eu viver, até eu fazer os meus 65 anos.

*E onde foi buscar a sua força para ultrapassar a situação?*

Não muito bem... já não tinha força! Eu não morri, mas pronto...

*Mas de que forma deu a volta à situação?*

De maneira nenhuma. Tive de ir pedir esmola às minhas filhas para comer, mas elas também não têm.

*Mas agora está a receber um apoio para o pagamento da dívida da pensão da Márcia...*

Sim, tenho até Novembro.

*Acha importante as pessoas viverem sem estes apoios?*

Não. Não acho certo as pessoas tão pobres, com tanta dificuldade, como eu passo, tirarem o apoio. Mas a mocidade nova, com tanto rendimento, podres de bêbados, elas é sapatos sobre sapatos, vestidos sobre vestidos, malas sobre malas. Se o rendimento é dado para os filhos comerem, como é que elas podem fazer aquilo? Não podem! E os velhinhos, com reformas pequeninas, como é o meu caso, a morrer de fome. Eu morro de fome porque as minhas filhas não têm para me dar! Deviam fazer assim: aquele que tem 50, passa a ter 20, aquela tem 60, passa a ter metade. Se somos todos humanos porque é que todos não temos uma coisinha para viver? Tiraram-me tudo! Sr.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup>, eu não sou um bicho, eu sou humana! Todo o ser humano tem direito à vida.

*Das vezes que deixou de contar com o rendimento, como se sentiu quando voltou a fazer os papéis?*

Eu pensei “vou tentar a minha sorte”. O que está passado, está passado, não havia de ser tudo ruim. Se eu fui aceite das primeiras vezes, que foram fases tão custosas, esta ainda era a dobrar. Tentei e recebi. Fiquei muito feliz e fui agradecer à Dr.<sup>a</sup> A. e à Dr.<sup>a</sup> I. Depois quando me tiraram eu não tinha nada para dizer, o que havia de dizer? As pessoas são mandadas, também têm os seus deveres, as suas obrigações e elas é que estão na frente.

*Agora a Sr.<sup>a</sup> está um pouco na expectativa, à espera dos 65 anos para ter a sua reforma...*

Não sei se chego lá... sem alimentação, sem medicação, já me estão faltando as pernas.

*Pensando um pouco no futuro, que sonhos tem?*

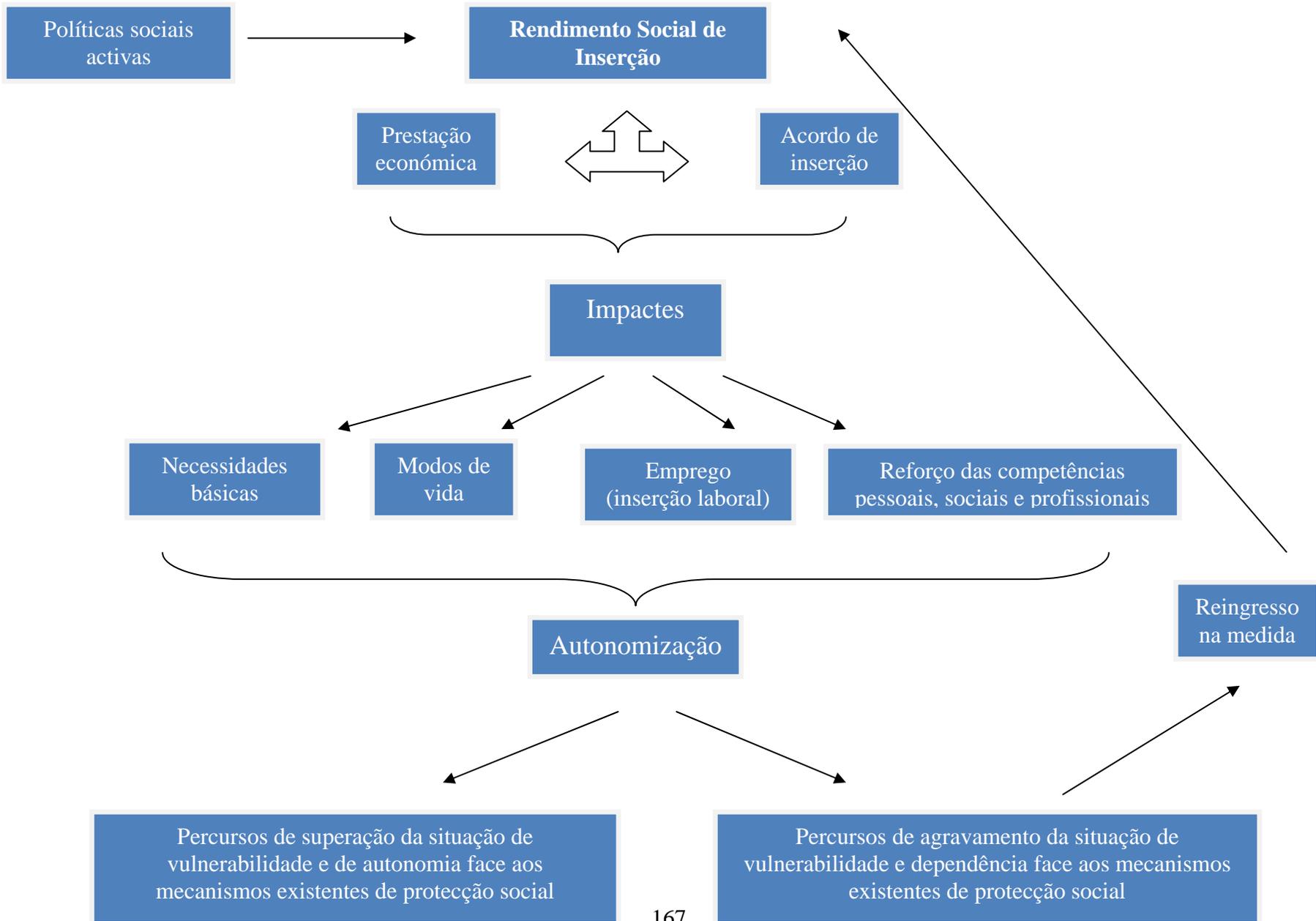
Não sei. Já tenho 64 anos, qual é o futuro que vou ter? É cova para me enterrar.

*Mas acha que a sua vida vai melhorar?*

A minha vida não pode melhorar, porque não tenho possibilidades nenhuma.

# **ANEXO V**

## **(Esquema do argumento da tese)**



**ANEXO VI**  
**(Quadros referentes à abordagem  
extensiva)**

### 1. Distribuição dos titulares por ramo de actividade

	Frequência	Percentagem
<b>Valid</b>		
Sem dados	2	5,5
Agricultura	2	5,5
Comércio	1	2,8
Construção e Obras Públicas	13	36,1
Indústrias	3	8,3
Lavoura	3	8,3
Pesca	2	5,2
Serviços de Saúde	1	2,8
Serviços Pessoais e Domésticos	10	27,8
<b>Total</b>	<b>36</b>	<b>100,0</b>

### 2. Distribuição dos titulares por natureza do trabalho e tipo de vínculo

	Frequência	Percentagem
<b>Valid</b>		
Sem dados	77	83,7
Contrato termo certo	4	4,3
Efectivo	3	3,3
Sem vínculo contratual	2	2,2
Trab. conta outrem	4	4,3
Trab. conta própria	3	3,3
<b>Total</b>	<b>92</b>	<b>100,0</b>

### 3. Distribuição do nº de adultos por agregado familiar

	Frequência	Percentagem
<b>Valid</b>		
Sem dados	1	1,1
1	20	21,7
2	47	51,1
3	12	13,0
4	9	9,8
5	3	3,3
<b>Total</b>	<b>92</b>	<b>100,0</b>

#### 4. Distribuição do nº de filhos por agregado familiar

	Frequência	Percentagem
<b>0</b>	23	25,0
<b>1</b>	18	19,6
<b>2</b>	18	19,6
<b>3</b>	18	19,6
<b>Valid 4</b>	8	8,7
<b>5</b>	4	4,3
<b>6</b>	2	2,2
<b>7</b>	1	1,1
<b>Total</b>	92	100,0

#### 5. Regime de ocupação da habitação

	Frequência	Percentagem
<b>Sem dados</b>	16	17,4
<b>Amigos</b>	1	1,1
<b>Arrendada</b>	6	6,5
<b>Arrendada (Habitação Social)</b>	9	9,8
<b>Valid Cedida</b>	2	2,2
<b>Familiares</b>	17	18,5
<b>Herdeiros</b>	1	1,1
<b>Ocupada</b>	2	2,2
<b>Própria</b>	38	41,3
<b>Total</b>	92	100,0

#### 6. Tipo de habitação

	Frequência	Percentagem
<b>Sem dados</b>	18	19,6
<b>Anexo de casa</b>	1	1,1
<b>Barraca</b>	1	1,1
<b>Valid Casa unifamiliar</b>	68	73,9
<b>Parte de casa</b>	2	2,2
<b>Quarto</b>	2	2,2
<b>Total</b>	92	100,0

### 7. Estado de conservação da habitação

		<b>Frequência</b>	<b>Percentagem</b>
	<b>Sem dados</b>	17	18,5
	<b>Bom</b>	32	34,8
<b>Valid</b>	<b>Degradada</b>	20	21,7
	<b>Razoável</b>	23	25,0
	<b>Total</b>	92	100,0

### 8. Motivos do requerimento

		<b>Frequência</b>	<b>Percentagem</b>
	<b>Sem dados</b>	58	63,0
	<b>Ausência Rendimentos</b>	7	7,6
<b>Valid</b>	<b>Endividamento</b>	2	2,2
	<b>Insuficiência rendimentos</b>	24	26,1
	<b>Problemas de saúde</b>	1	1,1
	<b>Total</b>	92	100,0

### 9. Distribuição das áreas de inserção por número de requerimentos

	<b>1º Req.</b>	<b>2º Req.</b>	<b>3º Req.</b>	<b>4º Req.</b>	<b>5º Req.</b>	<b>Total</b>
<b>Ação Social</b>	21,6	22,6	16,6	28,6	16,6	21,2
<b>Habitação</b>	9,0	9,4	16,6	14,3	0,0	9,9
<b>Educação</b>	26,1	22,6	16,6	28,6	16,6	22,1
<b>Emprego</b>	9,9	13,2	16,6	0,0	33,3	14,6
<b>Formação profissional</b>	0,0	1,9	0,0	0,0	0,0	0,4
<b>Saúde</b>	17,11	30,2	33,3	28,6	33,3	31,9
<b>Nº de acções</b>	111	53	6	7	6	100,0

**ANEXO VII**  
**(Descrição individual das trajetórias  
de vida dos entrevistados)**

## DESCRIÇÃO INDIVIDUAL DAS TRAJECTÓRIAS DE VIDA DOS ENTREVISTADOS

### - Filipa (E1) -

Possui, actualmente, 25 anos, é casada há 9 anos e tem três filhos. As dificuldades económicas, por um lado, os momentos vividos na escola e a existência de uma boa relação familiar, por outro, marcam as suas representações do passado. Relativamente à sua trajectória escolar, interrompeu a escolaridade aos 15 anos por gravidez, tendo completado o 7º ano.

O requerimento de RSI marca o primeiro contacto com o SAS. Ocorre aos 16 anos, após ter casado, dada a insuficiência de rendimentos de trabalho do marido face às despesas domésticas. Enquanto beneficiária, reconhece ter assinado o acordo de inserção, embora desconheça que acções o compõem. Refere, no entanto, os impactes que o RSI teve na sua vida ao nível da identidade e consumo. O RSI tem, para Filipa, a conotação de prestação, funcionando como complemento dos rendimentos familiares. O estatuto de beneficiária acarretou a experiência de sentimentos ambivalentes: sentimento de bem-estar face à autenticidade das necessidades sentidas e sentimento de mal-estar face à crítica social existente.

Quatro anos após o requerimento, ocorre a cessação da prestação por rendimentos superiores, na sequência da integração de Filipa no mercado de trabalho. Este momento é vivenciado de forma positiva, sendo o trabalho, a fé e o endividamento as estratégias adoptadas para reorganização de vida. Apresenta uma trajectória profissional marcada por um percurso de emprego-desemprego, tendo trabalhado como repositora e empregada doméstica. Trabalha, actualmente, como operária fabril, estando efectiva.

No entanto, a manutenção das dificuldades económicas, nomeadamente pelo elevado encargo com a habitação (pagamento de renda), apesar do desempenho de actividade laboral pelo casal, determinou a realização de novo requerimento de RSI em Junho de 2009, aguardando despacho do mesmo.

O futuro é encarado de forma investida, com optimismo e esperança.

### - Iva (E2) -

Possui, actualmente, 30 anos, é casada há 2 anos, sem filhos. Recorda de forma positiva a infância, embora existissem alguns conflitos com o pai. Menciona que nunca passou por dificuldades económicas. Relativamente à sua trajectória escolar, interrompeu a escolaridade aos 17 anos por imposição parental, tendo completado o 6º ano.

O requerimento de RSI marca o primeiro contacto com o SAS. Ocorre aos 21 anos, aquando do seu regresso do Canadá, local onde permaneceu dois anos, trabalhando como costureira e empregada de limpeza. Iva efectua o requerimento pelo desejo em frequentar um curso de formação destinado, apenas, a beneficiários de RSI (conotação inserção – suporte à trajectória de inserção) e devido a problemas de saúde (conotação prestação – complemento de rendimentos).

Embora não tenha assinado acordo de inserção, refere os impactes do RSI ao nível da identidade, saúde, educação/formação profissional. O estatuto de beneficiária acarretou a experiência de sentimentos ambivalentes: sentimento de protecção, por um lado, sentimento de injustiça e constrangimento face à

existência de outros indivíduos com mais dificuldades do que a própria, por outro. Iva faz, ainda, a distinção entre os “bons” e “maus” pobres, caracterizando estes últimos pela má gestão que fazem da prestação.

Enquanto beneficiária de RSI, completa curso de corte e costura e ingressa em curso de formação profissional de empregada administrativa, aos 24 anos, tendo completado o 9º ano. A cessação da prestação ocorre pouco tempo depois, por falta a uma convocatória. Iva sente-se bem, na medida em que iria beneficiar de bolsa de formação, além dos rendimentos que já possuía como costureira.

A intermitência entre emprego e desemprego marca a sua trajectória profissional após a cessação da prestação. Verifica-se que Iva trabalhou como repositora durante 6 meses, ficou desempregada 4 meses, posteriormente trabalhou como ajudante de lar durante 2 anos, tendo ficado desempregada mais 3 meses. Actualmente trabalha numa empresa de limpeza, com contrato a termo certo por três meses.

O futuro é encarado de forma investida, com optimismo e esperança.

### **- Fernando (E3) -**

Possui, actualmente, 51 anos, é casado há 28 anos e tem 3 filhos. As dificuldades económicas e a existência de uma boa relação familiar marcam as suas representações do passado. Relativamente à sua trajectória escolar, concluiu a escolaridade obrigatória (4º ano) aos 11 anos. Inicia a sua trajectória profissional aos 9 anos como distribuidor de gás. Dos 11 aos 15/16 anos trabalha como distribuidor de pão e depois inicia actividade profissional como carpinteiro, ofício que mantém até hoje, sob a forma de trabalhos pontuais e sem vínculo contratual. A idade é apontada como o motivo subjacente à situação de precariedade laboral em que se encontra.

O requerimento de RSI marca o primeiro contacto com o SAS. Ocorre aos 39 anos por insuficiência de rendimentos, face à situação de desemprego de Fernando. O RSI tem a conotação de prestação, entendido como um complemento de rendimentos, que deverá ser atribuído apenas aos considerados “merecedores”, face às dificuldades sentidas. À condição de assistido está associado um sentimento de bem-estar face à visão de si como “merecedor”.

Embora não tenha assinado acordo de inserção, refere os impactes do RSI ao nível do consumo, educação/formação profissional (integração da esposa no ensino recorrente; escolarização dos filhos) e habitação (obras de beneficiação).

A cessação ocorre aos 46 anos por rendimentos superiores (bolsa de formação profissional do filho), embora Fernando desconheça o motivo pelo qual deixou de beneficiar de RSI, o que originou sentimentos de injustiça e mal-estar face à situação. A fé, o apoio do banco alimentar e o trabalho são apontadas como as principais fontes de resiliência e estratégias de reorganização de vida.

O futuro é encarado de forma desesperançada e resignada.

### **- José (E4) -**

Possui, actualmente, 50 anos, é casado há cerca de 20 anos e tem 5 filhos: 3 de um primeiro casamento; 1 filho fruto de um relacionamento fugaz e 2 filhos deste segundo casamento, sendo um deles

adoptivo. As dificuldades económicas e o facto de não viver com os pais (vivia com uma avó) marcam as suas representações do passado. Relativamente à sua trajectória escolar, interrompeu a escolaridade aos 12 anos para ingressar no mercado de trabalho, tendo completado o 6º ano. Inicia, assim, a sua trajectória profissional como ajudante de canalizador. Posteriormente, trabalhou 18 anos como pedreiro. Refere que aos 31 anos já trabalhava por conta própria. No entanto, na sequência de um acidente, fica paraplégico aos 36 anos. A partir do acidente, trabalhou como condutor até ao ano 2000, altura em que, na sequência de uma intervenção cirúrgica muito delicada, deixou de exercer actividade profissional.

O requerimento de RSI marca o primeiro contacto com o SAS. Ocorre aos 39 anos, dada a situação de insuficiência de rendimentos em que se encontrava, na medida em que os rendimentos de trabalho do casal eram insuficientes para fazer face às despesas domésticas. O RSI tem, assim, a conotação de prestação, funcionando como complemento dos rendimentos familiares. À condição de assistido está associado um sentimento de bem-estar, embora José manifeste a sua insatisfação pelo montante auferido. Quanto aos impactes da medida, destaca apenas a influência do RSI ao nível do consumo.

A cessação da prestação ocorre aos 45 anos, na medida em José é detido, durante um ano, por tráfico de estupefacientes. A esposa efectua novo requerimento de RSI e, durante os três meses em que aguardam despacho do processo, beneficiam de apoio ao nível da Acção Social. Desde então, continuam a beneficiar da medida.

O futuro é encarado de forma resignada, embora optimista quanto à manutenção da condição de beneficiário.

#### **- Lurdes (E5) -**

Possui, actualmente, 51 anos, enviuvou há 15 anos (casamento de 15 anos) e foi mãe de 5 filhos, tendo uma filha já falecido.

As dificuldades económicas e o ingresso precoce no mercado de trabalho marcam as suas representações do passado. Relativamente à sua trajectória escolar, completou a escolaridade aos 11 anos (5º ano), referindo que não gostava muito da escola. Iniciou a sua trajectória profissional aos 10 anos como apanhadeira de chá, actividade que desempenhou um ano. Posteriormente, trabalhou 10 anos na fábrica do linho. Interrompe o seu percurso profissional aquando do casamento e nascimento dos filhos, retomando aquando do falecimento do marido.

Antes de requerer RSI já beneficiava de apoio ao nível da medicação pela Acção Social. O ingresso na medida ocorre aos 39 anos pela situação de monoparentalidade, na sequência de viuvez. Predomina um sentimento de bem-estar face à condição de beneficiária, dada a autenticidade das dificuldades sentidas. O RSI assume a conotação de prestação, como complemento dos rendimentos familiares.

Lurdes desconhece ter assinado o acordo de inserção, embora o tenha feito. Quanto aos impactes do RSI, destaca a existência de efeitos ao nível da identidade, consumo, educação/formação profissional (integração ensino recorrente); emprego e habitação (obras de beneficiação/realojamento). Lurdes faz,

ainda, a distinção entre os “bons” e “maus” pobres, caracterizando estes últimos pela má gestão que fazem da prestação.

A cessação ocorre aos 46 anos, por rendimentos superiores, na sequência da integração no mercado de trabalho como cuidadora de um idoso. A este momento estão associados sentimentos de raiva e revolta. O trabalho e a fé constituem-se como fontes de resiliência e estratégias de reorganização de vida. Após a cessação, Lurdes trabalhou como cuidadora de um idoso durante um ano e desde 2005 que trabalha como auxiliar de limpeza, desconhecendo a existência e/ou termo do seu contrato.

Embora não tenha reingressado na medida, Lurdes refere que seria importante continuar a receber o RSI na actualidade.

O futuro é encarado de forma desesperançada e resignada.

### **- Graça (E6) -**

Possui, actualmente, 41 anos, vive em união de facto há 13 anos e tem 2 filhos. Apesar das dificuldades económicas, recorda de forma positiva da infância, nomeadamente os momentos em família. Relativamente à sua trajectória escolar, completou o 4º ano, interrompendo a escolaridade por se sentir discriminada socialmente, apesar do bom aproveitamento escolar.

Inicia a sua trajectória profissional pelos 16 anos, como empregada doméstica e como empregada de mesa. Aos 20 anos vai para Portalegre, onde trabalha como auxiliar durante seis meses e meio. A partir daí, possui experiências sucessivas de emprego e desemprego como empregada de limpeza.

O requerimento de RSI marca o primeiro contacto com o SAS. Efectua o 1º requerimento aos 29 anos, dada a situação de desemprego do casal. Atribuem ao RSI uma conotação de inserção, encarando a medida como substituto de subsídio de desemprego. Aos 34 anos vê cessada a prestação, por incumprimento do acordo de inserção. Reingressa à medida um ano depois, por estar desempregada. À condição de beneficiário está associada a vivência de sentimentos de humilhação e mal-estar, na medida em que o RSI é encarado como “uma esmola” e uma obrigação, face à situação de desemprego. Critica a medida por incentivar ao ócio e afastamento do mercado de trabalho os mais jovens.

A cessação do requerimento em análise (2º) ocorre aos 36 anos por rendimentos superiores, dado que Graça iniciou actividade profissional. Aos 39 anos volta a requerer a medida por nova situação de desemprego do casal, tendo a prestação sido cessada um ano depois, em 2008, por nova reintegração do casal no mercado de trabalho.

Face às três cessações da prestação, identifica o trabalho como única fonte de resiliência e estratégia de reorganização de vida.

Graça relembra a assinatura do acordo de inserção e identifica as acções do mesmo, referindo a importância que algumas delas tiveram no seu percurso de inserção. Assim, refere os impactes que o RSI trouxe ao nível do consumo, dinâmica familiar (melhorias ao nível do relacionamento conjugal); educação e formação profissional (integração em curso profissional de empregada de andares, com equivalência ao 6º ano); emprego (iniciou actividade profissional como empregada de andares, na sequência do curso); habitação (reajustamento), destacando a importância do acompanhamento social em todo o processo.

O futuro é encarado de forma investida, embora desesperançada.

**- Mariana (E7) -**

Possui, actualmente, 39 anos, está casada há 16 anos, com 2 filhos. Recorda a infância de forma dual: por um lado, a vivência de dificuldades económicas, o ingresso precoce no mercado de trabalho e ausência de actividades lúdicas, por outro lado, o namoro e os momentos em família. Relativamente à sua trajectória escolar, completou o 3º ano, interrompendo a escolaridade aos 12 anos por insucesso escolar. Inicia, assim, a sua trajectória profissional como empregada doméstica, actividade que desempenhou durante 10 anos, interrompendo-a aquando do casamento e nascimento dos filhos.

Antes de beneficiar de RSI já tinha contado com apoio ao nível da Acção Social para aquisição de mobiliário. O requerimento de RSI ocorre aos 30 anos, pela situação de desemprego do marido de Mariana e pelo facto desta assegurar os cuidados aos filhos. O RSI tem, portanto, uma conotação como prestação, encarado como um subsídio social por trabalho familiar. À condição de beneficiário está associado um sentimento de bem-estar e felicidade. Embora reconheça a existência de acordo de inserção, desconhece as acções acordadas.

A cessação da prestação ocorre aos 34 anos, desconhecendo o motivo da mesma. A este momento estão associados sentimentos de tristeza. O ingresso do casal no mercado de trabalho, o apoio familiar e a atribuição de banco alimentar foram as estratégias utilizadas para reorganização de vida. Assim, após a cessação, Mariana trabalhou um ano como empregada doméstica e como cuidadora de uma idosa e o marido iniciou actividade por conta de outrem como camponês.

Reingressa na medida 2 anos depois, na sequência de desemprego do marido e da indisponibilidade de Mariana para o trabalho (não comprovada clinicamente), na sequência de um acidente doméstico que provocou lesões cutâneas. Actualmente, o marido continua desempregado e a frequentar projecto de formação em exercício.

Mariana destaca a importância do RSI como uma “ajuda” para os indivíduos afastados do mercado de trabalho por motivos de saúde, comparando com o seu caso pessoal. Salienta os impactes do RSI ao nível da identidade, consumo, dinâmica familiar, educação/formação profissional e habitação.

O futuro é encarado de forma desesperançada e resignada.

**- Isabel (E8) -**

Possui, actualmente, 29 anos, separada, com dois filhos. Recorda a infância de forma dual: por um lado, a vivência de dificuldades económicas e a existência de alguns episódios de maus-tratos por parte do pai, por outro lado, o desempenho das actividades domésticas com dedicação e empenho, bem como os momentos em família. Relativamente à sua trajectória escolar, completou o 4º ano, interrompendo a escolaridade aos 13 anos por imposição parental. Inicia, logo, actividade profissional como empregada doméstica até aos 19 anos, tendo posteriormente trabalhado como empregada de limpeza e de mesa-bar.

Ao nível familiar, casou pela primeira vez aos 19 anos, relação que durou 2 anos. Aos 21 casa pela segunda vez, separando-se aos 26 anos. Possui dois filhos, um de cada casamento.

O requerimento de RSI marca o primeiro contacto com o SAS, que ocorre aos 20 anos pela vivência de uma situação de insuficiência de rendimentos, dado que Isabel trabalhava como empregada doméstica e o marido (1º casamento) encontrava-se internado por problemas do foro mental. A cessação deste 1º requerimento ocorre dois anos depois, por não terem sido fornecidos todos os meios legais de prova.

O 2º requerimento (requerimento em análise) acontece em 2003, dada a insuficiência de rendimentos familiares pela situação de desemprego do marido de Isabel (2º casamento), tendo a prestação sido cessada em 2004 por não comunicação de alteração de residência, embora Isabel faça referência que deixou sempre de beneficiar da prestação por estar a trabalhar.

Efectua, ainda, mais três requerimentos em 2005, 2006 e 2008. O requerimento de RSI surge, nestes momentos, como substituto de subsídio de desemprego, pelo que assume a conotação de inserção. À condição de beneficiária está associados sentimentos de inutilidade e mal-estar, na medida em que se identifica como trabalhadora e não como assistida, embora fique satisfeita ter um mínimo de subsistência nos períodos de desemprego.

Isabel reconhece ter assinado o acordo de inserção, identificando as acções que o compõem. Destaca a importância do RSI, nomeadamente por ter proporcionado a sua integração em projecto de formação em exercício enquanto esteve desempregada. Refere os impactes do RSI ao nível da identidade, consumo, educação/formação profissional.

Os momentos de cessação da prestação caracterizam-se por uma ambivalência de sentimentos: satisfação, por um lado, por ter iniciado actividade profissional, desprotecção, por outro. O trabalho e gestão eficiente dos recursos económicos surgem como as estratégias de reorganização de vida utilizadas.

Actualmente, Isabel ainda beneficia de RSI, mas como iniciou actividade profissional como empregada de limpeza por três meses, aguarda que a prestação seja cessada.

O futuro é encarado de forma investida, com optimismo e esperança.

### **- Alberto (E9) -**

Possui, actualmente, 50 anos, é casado há 26 anos e possui cinco filhos. Do passado, recorda que, embora existissem dificuldades económicas, não passavam por privações ao nível da alimentação. O ingresso precoce no mercado de trabalho marca a sua visão da infância. Relativamente à sua trajectória escolar, completou o 6º ano, interrompendo a escolaridade aos 13 anos por imposição parental (ingresso no mercado de trabalho). No entanto, iniciou a sua trajectória profissional aos 7 anos na agricultura e lavoura, embora continuasse na escola até aos 13 anos, tendo trabalhado com o pai durante 24 anos. Posteriormente, trabalhou 3 anos por conta de outrem como tratador de gado. Findo este período, estabelece-se por conta própria durante 4 anos. No entanto, acaba por voltar a trabalhar por conta de outrem, estando na firma em que actualmente trabalha há 12 anos, encontrando-se efectivo.

O requerimento de RSI marca o 1º contacto com o SAS e ocorre aos 40 anos para fazer face à insuficiência de rendimentos com que se deparavam, pois apenas Alberto desempenhava actividade

profissional remunerada. O RSI assume a conotação de prestação, de salário social por trabalho familiar (esposa). A medida é encarada como uma “esmola” e como um incentivo ao ócio e afastamento do mercado de trabalho. À condição de beneficiário estão associados sentimentos de humilhação e mal-estar.

Embora não tenha assinado acordo de inserção, o RSI acarretou impactes ao nível do consumo e dinâmica familiar, por ter proporcionado uma melhor educação dos filhos, na medida em que a esposa de Alberto podia assegurar os seus cuidados e educação, sem ter de trabalhar.

A cessação da prestação ocorre aos 46 anos, por rendimentos superiores (bolsa de formação do filho). A este momento estão associados sentimentos de bem-estar e alívio. O trabalho, a poupança e a gestão eficiente dos recursos económicos foram as estratégias adoptadas de reorganização de vida. Por outro lado, aquando da entrada da filha no ensino superior (logo após a cessação da prestação) a esposa de Alberto iniciou actividade profissional como auxiliar no centro de saúde (1 ano) e como costureira (1 ano). Actualmente recebe subsídio de desemprego. No entanto, deixa bem claro que a entrada no mercado de trabalho nada teve a ver com a cessação da prestação, mas sim com o aumento das despesas domésticas em virtude da entrada das filhas no ensino superior.

O futuro é unicamente vivido de forma investida em relação aos filhos. Alfredo encara o seu próprio futuro de forma desesperançada.

#### **- Verónica (E10) -**

Possui, actualmente, 28 anos, é casada há 12 anos e possui 4 filhos. Do passado, recorda que não existiam dificuldades económicas, embora frequentasse a lixeira em busca de brinquedos, o que marcou a visão da sua infância, bem como a prestação de apoio à mãe nas tarefas domésticas e cuidados a irmãos, o que esteve na origem da sua interrupção da escolaridade aos 12 anos, tendo concluído o 1º ano (insucesso escolar). Verónica nunca ingressou no mercado de trabalho, em virtude da prestação de cuidados, quer aos irmãos, quer, posteriormente, aos filhos.

O requerimento marca o 1º contacto com o SAS e ocorre aos 20 anos por insuficiência de rendimentos, dado que o marido é o único a desempenhar actividade profissional remunerada. O RSI assume, assim, a conotação de prestação, considerado salário social por trabalho familiar, sendo importante para a educação das crianças. À condição de beneficiária está associado um sentimento de bem-estar.

A cessação da prestação ocorre aos 24 anos, por não entrega de documentação. A este momento estão associados sentimentos de mal-estar e desânimo. A gestão eficiente e poupança dos recursos económicos disponíveis foram as estratégias utilizadas para fazer face à situação. No entanto, logo após a cessação efectua novo requerimento, beneficiando de RSI até à data.

Verónica reconhece a existência de acordo de inserção, embora consiga identificar apenas uma acção (vacinação). Destaca os impactes do RSI ao nível do consumo, educação e formação profissional (integração em formação em exercício) e habitação (realojamento).

O futuro é encarado de forma desesperançada e resignada, sendo bastante evidente a dependência em relação aos serviços.

### **- Maria (E11) -**

Possui, actualmente, 43 anos, casada há 16 anos, com 3 filhos. Do passado, recorda de forma positiva os momentos em família, embora destaque as dificuldades económicas associadas à prática de mendicidade como determinantes na experiência de sentimentos de angústia e incerteza face ao futuro. Relativamente à trajectória escolar, interrompeu a escolaridade aos 13 anos para ingresso no mercado de trabalho, tendo completado o 6º ano. Iniciou, assim, actividade profissional como camponesa, actividade que desempenhou até aos 35 anos, altura em que ficou indisponível para o trabalho por motivos de saúde.

O requerimento de RSI marca o primeiro contacto com o SAS e ocorre aos 32 anos pela vivência de uma situação de insuficiência de rendimentos, uma vez que o marido não contribuía para as despesas domésticas (problemas de alcoolismo e violência doméstica).

A cessação da prestação ocorre aos 38 anos, na sequência do marido se ter recusado a declarar rendimentos de trabalho. A este momento estão associados sentimentos de tristeza e desânimo, pelo que efectuaram novo requerimento e três meses depois beneficiaram, novamente, do RSI. Durante estes três meses, a poupança e gestão eficiente dos recursos económicos e a reclamação da decisão foram as estratégias de reorganização de vida adoptadas.

Maria reconhece a existência de acordo de inserção e identifica todas as acções do mesmo, destacando a importância das mesmas no seu percurso de vida. Destaca os impactes do RSI ao nível da identidade (melhoria auto-estima), consumo, educação/formação profissional (frequência de formações de competências pessoais e sociais); dinâmica familiar (superação problema de alcoolismo do marido e violência doméstica), emprego (venda de alguns trabalhos manuais) e habitação (realojamento).

O RSI é, para Maria, encarado com a conotação de inserção, como suporte à trajectória de inserção. À condição de beneficiária estão associados sentimentos de bem-estar, pelo acompanhamento social subjacente ao RSI e sentimentos de mal-estar pela crítica social de que os beneficiários desta medida são alvo.

O futuro é encarado de forma investida, com optimismo e esperança.

### **- Carmélia (E12) -**

Possui, actualmente, 64 anos, viúva há 10 anos, após um casamento de 32 anos. É mãe de 10 filhos, embora 3 já tenham falecido. Recorda a infância de forma positiva, apesar da vivência de dificuldades económicas. Relativamente à trajectória escolar, interrompeu a escolaridade aos 12 anos para ingresso no mercado de trabalho, tendo completado o 4º ano. Iniciou, assim, actividade profissional como empregada doméstica, durante 1 ano, tendo trabalhado, posteriormente, como operária fabril até ao momento do casamento. Após uma interrupção de 9 anos, Carmélia reingressa no mercado trabalho, trabalhando 18 anos no posto agrícola. Deixou de trabalhar em 1994 para prestação de cuidados a filha e marido, por motivo de doença.

O 1º requerimento de RSI ocorre em 1997, aos 52 anos, por insuficiência de rendimentos, dado que dispunham apenas dos rendimentos de trabalho do marido de Carmélia. A cessação da prestação ocorre pelo falecimento do marido, em 1999. Beneficia de apoio económico pela Acção Social neste

período. Em 2002, efectua novo requerimento face à situação de monoparentalidade, por viuvez. No entanto, a prestação é cessada dois anos depois por rendimentos superiores, aquando do falecimento da filha. A insuficiência de rendimentos com que se depara origina a realização do 3º requerimento em 2007, cuja cessação ocorre em 2009 por rendimentos superiores, na sequência da exclusão de uma filha do agregado familiar. Os momentos da cessação são vividos de forma negativa, com um sentimento de injustiça face à existência de casos de beneficiários mais jovens que não gerem de forma adequada a prestação.

Carmélia reconhece a existência de acordo de inserção, embora não consiga identificar as acções acordadas. Quanto aos impactes do RSI destaca ao nível da saúde e consumo. A condição de beneficiária esteve sempre associado um sentimento de bem-estar, felicidade e protecção face à autenticidade das dificuldades sentidas. O RSI assume a conotação de prestação, encarado como uma pré-reforma social. A manutenção das dificuldades sentidas, faz com que o RSI continue a ser importante para Carmélia, embora não veja reconhecido o direito à prestação.

O futuro é encarado de forma desesperançada e resignada.

# **ANEXO VIII**

**(Dados da análise de conteúdo das entrevistas)**

## OUTPUTS MAXQDA – ANÁLISE DE CONTEÚDO

Trajectória de vida antes do RSI – Origem social: Profissão dos pais				
Text	Code	Segment	Author	
Entrevista 1	Trajectória de vida antes do RSI\Origem social\Profissão dos pais	Os meus pais trabalhavam na piscina da Lagoa em limpeza.	Dutra	
Entrevista 2	Trajectória de vida antes do RSI\Origem social\Profissão dos pais	O meu pai esteve embarcado quase 20 anos, nas fábricas e a minha mãe era doméstica.	Dutra	
Entrevista 3	Trajectória de vida antes do RSI\Origem social\Profissão dos pais	Era só o meu pai que trabalhava. Ele era carpinteiro (...) A minha mãe era doméstica.	Dutra	
Entrevista 4	Trajectória de vida antes do RSI\Origem social\Profissão dos pais	Quem me criou foi uma avó, até eu me casar (...) Era doméstica.	Dutra	
Entrevista 5	Trajectória de vida antes do RSI\Origem social\Profissão dos pais	A minha mãe trabalhava na apanha do chá (...) e o meu pai trabalhava nas estufas.	Dutra	
Entrevista 6	Trajectória de vida antes do RSI\Origem social\Profissão dos pais	O meu pai trabalhava na Estiva, mas acho que, com 42 anos, ele teve um acidente de trabalho e começou a receber uma pensão de invalidez. A minha mãe era doméstica.	Dutra	
Entrevista 7	Trajectória de vida antes do RSI\Origem social\Profissão dos pais	O meu pai trabalhava em terras (...) A minha mãe trabalhava a fazer limpezas.	Dutra	
Entrevista 8	Trajectória de vida antes do RSI\Origem social\Profissão dos pais	A minha mãe nunca trabalhou, foi sempre em casa (...) Ele pronto conduz máquinas, camionista e maquinista mas mais, mais era máquinas.	Dutra	
Entrevista 9	Trajectória de vida antes do RSI\Origem social\Profissão dos pais	Eram camponeses.	Dutra	
Entrevista 10	Trajectória de vida antes do RSI\Origem social\Profissão dos pais	O meu pai vendia peixe (...) A minha mãe era a vida de casa.	Dutra	
Entrevista 11	Trajectória de vida antes do RSI\Origem social\Profissão dos pais	Era nas terras.	Dutra	
Entrevista 12	Trajectória de vida antes do RSI\Origem social\Profissão dos pais	O meu pai era camponês e a minha mãe era doméstica.	Dutra	

**Trajectória de vida antes do RSI – Origem social: Escolaridade dos pais**

<b>Text</b>	<b>Code</b>	<b>Segment</b>	<b>Author</b>
Entrevista 1	Trajectória de vida antes do RSI\Origem social\Escolaridade dos pais	Até ao 4º ano.	Dutra
Entrevista 2	Trajectória de vida antes do RSI\Origem social\Escolaridade dos pais	A minha mãe a 4ª classe, o meu pai nem a segunda teve, mas sabe ler e escrever, graças a Deus.	Dutra
Entrevista 3	Trajectória de vida antes do RSI\Origem social\Escolaridade dos pais	Eles não tinham escola. Não sabiam ler e escrever.	Dutra
Entrevista 4	Trajectória de vida antes do RSI\Origem social\Escolaridade dos pais	Não sei.	Dutra
Entrevista 5	Trajectória de vida antes do RSI\Origem social\Escolaridade dos pais	Isso agora é que não sei.	Dutra
Entrevista 6	Trajectória de vida antes do RSI\Origem social\Escolaridade dos pais	A minha mãe tinha a 1ª classe, mas sabia ler e escrever. O meu pai acho que nem isso tinha.	Dutra
Entrevista 7	Trajectória de vida antes do RSI\Origem social\Escolaridade dos pais	Não sei.	Dutra
Entrevista 8	Trajectória de vida antes do RSI\Origem social\Escolaridade dos pais	A minha mãe eu penso que tem a terceira classe e o meu pai penso que tem a quarta classe, se não me engano, portanto são pessoas muito antigas e com pouca escolaridade.	Dutra
Entrevista 9	Trajectória de vida antes do RSI\Origem social\Escolaridade dos pais	O meu pai não tinha escola e a minha mãe tinha a 3ª classe.	Dutra
Entrevista 10	Trajectória de vida antes do RSI\Origem social\Escolaridade dos pais	A minha mãe a 4ª classe, o meu pai a 1ª classe.	Dutra
Entrevista 11	Trajectória de vida antes do RSI\Origem social\Escolaridade dos pais	A minha mãe e o meu pai tinham a 4ª classe.	Dutra
Entrevista 12	Trajectória de vida antes do RSI\Origem social\Escolaridade dos pais	A minha mãe sabia ler, mas não sei qual o ano da escola que ela tinha. O meu pai não sabia ler.	Dutra

**Trajectória de vida antes do RSI – Representações do Passado: Visão da infância**

<b>Text</b>	<b>Code</b>	<b>Segment</b>	<b>Author</b>
Entrevista 1	Trajectória de vida antes do RSI\Representações do passado\Visão da infância	Os momentos que me lembro, eu estava na escola, tinha as minhas amigas, curtíamos a vida de jovem, brincava. Se estou triste, lembro o passado e fico melhor.	Dutra
Entrevista 2	Trajectória de vida antes do RSI\Representações do passado\Visão da infância	A minha infância, por acaso, foi boa. O único senão que tive é que não conheci o meu pai, só o conheci aos 5 anos e depois só aos 15 é que estive com ele (...) Levei a minha adolescência assim, mais ou menos, por causa do meu pai mas depois resolvi e saí de casa.	Dutra
Entrevista 3	Trajectória de vida antes do RSI\Representações do passado\Visão da infância	Recordo-me que éramos muito pobrinhos. Muita coisa não havia, os ganhos também eram poucos. Íamos vivendo, à medida que ia aparecendo.	Dutra
Entrevista 4	Trajectória de vida antes do RSI\Representações do passado\Visão da infância	Fui filho de pai natural. Antigamente chamava-se pai incógnito. Eu tinha dois anos de idade quando a minha mãe teve de me abandonar para poder casar porque, naquele tempo, há 50 anos, era assim (...) Nunca tive contacto com os meus pais... Quer dizer, só conheço o meu pai porque, ele está no Canadá há 40 anos, mas apareceu-me na frente e somos muito parecidos, daí não haver dúvidas, mas nunca me registou em nome dele (...) Minha mãe também enveredou por outros caminhos, que eu não podia viver com ela. Eu já tenho oito ou nove anos quando ela aparece e, para mim, era uma estranha.	Dutra
Entrevista 5	Trajectória de vida antes do RSI\Representações do passado\Visão da infância	Da minha infância o que eu me lembro é a partir dos meus dez anos quando fui com a minha mãe apanhar chá.	Dutra
Entrevista 6	Trajectória de vida antes do RSI\Representações do passado\Visão da infância	A minha infância... era pobre mas não era infeliz (...) O Natal traz saudades. Mesmo já na adolescência o Natal é uma altura que marca (...) Era diferente. Sempre acontecia algo de bom. Até é inexplicável, mas acontecia.	Dutra
Entrevista 7	Trajectória de vida antes do RSI\Representações do passado\Visão da infância	Também fui trabalhar. Uma pessoa saía de casa para ir trabalhar até às 6, 7 horas da noite a arranjar casas, fazer comidas (...) a gente nunca brincava. A gente quando chegava a casa do serviço era fazer renda, para depois termos as nossas coisinhas. Ia aos Domingos a casa da minha avó buscar roupa para lavar, a gente lavava a roupa no tanque com a escova. Ai muito que já se passou (...) Naquele tempo quando namorava era só da missa para casa da minha patroa para dar comida ao cãozinho e o meu noivo vinha ter comigo. E depois a minha mãe dizia “oh rapariga, tanto tempo por aí” e eu dizia “minha mãe, fui a casa de uma amiga” . Ricos tempos, estava-me consolando. Agora pronto, acabou.	Dutra
Entrevista 8	Trajectória de vida antes do RSI\Representações do passado\Visão da infância	Recordo-me de muita coisa boa e muita coisa má também muito mal que a gente fazia, a gente levava, isso eu recordo-me, mas pronto, mas recordo-me de momentos bons (...) Eu sempre fui muito arrematada desde pequenina, minha mãe tinha, teve quatro filhas mas para lavar as	Dutra

Entrevista 9	Trajectória de vida antes do RSI\Representações do passado\Visão da infância	peúgas era eu, eu é que sabia esfregar mais naquele tanque, aquelas peúgas tinham que sair era branco e era sempre a M. que ia para aquelas peúgas e eu tinha que ir para a ribeira, a gente ia lavar tapetes e tudo, foi uma infância, pronto agora neste tempo, agora é uma infância muito bonita, não é daquelas coisas antigas, de ir para a ribeira lavar os tapetes, essas coisas assim (...) Penso eu que naquele tempo havia perante as coisas que a gente fazia, havia muito mais amor, agora é tudo através de máquinas, já não dá aquele interesse, a gente tinha que ir esfregar, até a gente ficava mais magras, com os braços todos cheios de músculo.	Dutra
Entrevista 10	Trajectória de vida antes do RSI\Representações do passado\Visão da infância	Já não me lembro... mas lembro-me de quando era pequenina ajudava a minha mãe. A minha mãe fazia comida e eu estava vendo, a lavar roupas na pia. Eu via a minha mãe e depois lavava na pia. A minha mãe dizia “ V. vai aprendendo, vai aprendendo”. Agora, seja o que for que eu faço, eu lembro-me da minha mãe (...) Lembro-me de quando as minhas irmãs tinham uma roupa eu dava porrada nelas. A minha mãe dizia “devagarinho, cada um vai ter o que é seu”. Mas a gente brincava com brinquedos. Às vezes eu ia para o lixo para procurar brinquedos para brincar.	Dutra
Entrevista 11	Trajectória de vida antes do RSI\Representações do passado\Visão da infância	Levamos uma vida muito dura porque a minha avó não tinha nada na vida. Não tenho vergonha de dizer, a minha avó pedia esmola por todas as freguesias e as pessoas sempre nos apoiaram quando nós éramos pequeninas. Nunca nos faltou nada porque nas pessoas nos davam roupa, calçado e essas coisinhas assim (...) Quando a gente cresce e traz uma adolescência destas ficamos com muito medo da vida e que nos vai acontecer daquilo para a frente. O meu medo era casar mal como a minha mãe casou, ter filhos, como os criar.	Dutra
Entrevista 12	Trajectória de vida antes do RSI\Representações do passado\Visão da infância	As minhas recordações foram muito bonitas (...) Recordo-me da escola, da catequese, o trabalho.	Dutra

**Trajectória de vida antes do RSI – Representações do Passado: Existência de dificuldades económicas**

<b>Text</b>	<b>Code</b>	<b>Segment</b>	<b>Author</b>
Entrevista 1	Trajectória de vida antes do RSI\Representações do passado\Existência de dificuldades económicas	Ganhavam mais ou menos, mas lutavam pela vida (...) Passamos um bocadinho. O meu pai fazia horas, a minha mãe era costureira em casa.	Dutra
Entrevista 2	Trajectória de vida antes do RSI\Representações do passado\Existência de dificuldades económicas	Não, graças a Deus não. O meu pai sempre nos mandou o sustento e a gente sempre teve tudo.	Dutra
Entrevista 3	Trajectória de vida antes do RSI\Representações do passado\Existência de dificuldades económicas	Recordo-me que éramos muito pobrinhos. Muita coisa não havia, os ganhos também eram poucos. Íamos vivendo, à medida que ia aparecendo.	Dutra
Entrevista 4	Trajectória de vida antes do RSI\Representações do passado\Existência de dificuldades económicas	Era uma tia que era freira que mandava o sustento para mim e para a minha avó (...) A dificuldade começa logo à nascença! Não é uma vida fácil (...) Fome nunca passamos, mas havia sempre dificuldades. Aquilo era o dia-a-dia como o pão. O pão comprava-se todos os dias, o resto era o dia-a-dia, nunca se faziam compras para o mês. Todos os dias se dia à mercearia.	Dutra
Entrevista 5	Trajectória de vida antes do RSI\Representações do passado\Existência de dificuldades económicas	Muita fome se passou.	Dutra
Entrevista 6	Trajectória de vida antes do RSI\Representações do passado\Existência de dificuldades económicas	Não éramos uma família muito abonada (...) Passamos dificuldades mas éramos felizes.	Dutra
Entrevista 7	Trajectória de vida antes do RSI\Representações do passado\Existência de dificuldades económicas	Às vezes passava-se fome. Minha mãe cozia pão no forno... Era ratos grandes que iam para cima da mesa e a minha mãe enviava o vaso mas eles não morriam (...) Aos sábados o meu pai também ia trabalhar para ganhar a vida e para a gente ao Domingo ter fruta em casa.	Dutra
Entrevista 8	Trajectória de vida antes do RSI\Representações do passado\Existência de dificuldades económicas	A gente era pobre mas era uma casa muito farta, agente tinha de tudo e não faltava nada à gente. O meu pai trabalhava, sempre trabalhou, mas naquele tempo ele bebia um bocadinho (...) Ele sabia que tinha oito filhos para sustentar, oito bocas, quatro rapazes e quatro raparigas, não era fácil (...) Sempre tinha aquelas vizinhas que a gente dava-se melhor e que eram boas pessoas, vinham aqui a casa, sempre vinham trazer um pãozinho para a gente comer, sempre vinham trazer um leite chocolateado quente, recordo-me tão bem disso, das cafeteiras de elas virem cá à porta trazer, eu era pequenina, devia ter uns cinco, seis anos.	Dutra
Entrevista 9	Trajectória de vida antes do RSI\Representações do passado\Existência de dificuldades económicas	Não era sempre, mas havia alturas em que faltava o dinheiro. A comida nem tanto, era mais o dinheiro para pagar certas coisas. Íamos tirando a comida das terras, mas nem sempre a produção dos terrenos dá bem. Uma vez passava-se bem, outras passava-se mal.	Dutra
Entrevista 10	Trajectória de vida antes do RSI\Representações do passado\Existência de dificuldades económicas	Mesmo doente, ao vento, à chuva, vendia peixe, para não faltar nada à gente.	Dutra

Entrevista 11	Trajectória de vida antes do RSI\Representações do passado\Existência de dificuldades económicas	Sempre passei por dificuldades. Desde a minha infância até casar passei muito. Levamos uma vida muito dura porque a minha avó não tinha nada na vida. Não tenho vergonha de dizer, a minha avó pedia esmola por todas as freguesias e as pessoas sempre nos apoiaram quando nós éramos pequeninas. Nunca nos faltou nada porque nas pessoas nos davam roupa, calçado e essas coisinhas assim (...) Quando a gente cresce e traz uma adolescência destas ficamos com muito medo da vida e que nos vai acontecer daquilo para a frente. O meu medo era casar mal como a minha mãe casou, ter filhos, como os criar.	Dutra
Entrevista 12	Trajectória de vida antes do RSI\Representações do passado\Existência de dificuldades económicas	Os meus pais eram muito pobres. Não tinham com o que viver. Viviam de esmola numa casinha dos meus avós (...) Eu desde muito nova tive de trabalhar, infelizmente (...) Não havia ajudas nenhuma (...) Os antigos tinham de trabalhar muito para criar os seus filhos.	Dutra

### Trajectória de vida antes do RSI – Representações do Passado: Relação familiar

Text	Code	Segment	Author
Entrevista 1	Trajectória de vida antes do RSI\Representações do passado\Relação familiar	A gente dava-se bem. Mas quando comecei a namorar o meu irmão mais velho implicava muito, mas era para o meu bem, eu só tinha 14 anos (...) Às vezes era uma desunião entre irmãos por causa dessas arengas, por causa do meu namoro.	Dutra
Entrevista 2	Trajectória de vida antes do RSI\Representações do passado\Relação familiar	Sim, até à parte de conhecer o meu pai. Não me dava muito bem com ele. Havia sempre uns conflitozinhos (...) Levei a minha adolescência assim, mais ou menos, por causa do meu pai mas depois resolvi e saí de casa.	Dutra
Entrevista 3	Trajectória de vida antes do RSI\Representações do passado\Relação familiar	Sempre nos demos uns com os outros.	Dutra
Entrevista 4	Trajectória de vida antes do RSI\Representações do passado\Relação familiar	Sempre muito boa, foi uma mãe! Posso dizer que, até morrer, foi a pessoa que mais amei no mundo, porque foi quem eu tive.	Dutra
Entrevista 5	Trajectória de vida antes do RSI\Representações do passado\Relação familiar	Davam-se até muito bem.	Dutra
Entrevista 6	Trajectória de vida antes do RSI\Representações do passado\Relação familiar	Recordo-me do Natal e quando estávamos todos juntos no quintal a regar as flores. Tenho umas saudades enormes dessas coisas. Cada uma lava a roupa, porque não tínhamos máquina... tenho muitas saudades desses tempos. Passamos dificuldades mas éramos felizes... Éramos muitos mas a gente dava-se uns com os outros. Havia muita briga mesmo, mas a gente dava-se bem. Tenho saudades daqueles momentos em família.	Dutra
Entrevista 7	Trajectória de vida antes do RSI\Representações do passado\Relação familiar	A gente dava-se bem. Às vezes até para a praia a gente ia às 7h da manhã.	Dutra
Entrevista 8	Trajectória de vida antes do RSI\Representações do passado\Relação familiar	A gente sempre se deu bem uns com os outros, sempre.	Dutra
Entrevista 9	Trajectória de vida antes do RSI\Representações do passado\Relação familiar	Antigamente éramos mais unidos do que é agora. Agora tenho os meus irmãos todos emigrados para o Canadá. Eles foram à procura de melhor vida. Eu é que não, trabalhei sempre aqui e fiquei por aqui.	Dutra
Entrevista 10	Trajectória de vida antes do RSI\Representações do passado\Relação familiar	Davam-se bem como irmãos.	Dutra
Entrevista 11	Trajectória de vida antes do RSI\Representações do passado\Relação familiar	Quando a gente se criou, a família era muito unida. A minha mãe à noite contava-nos histórias, a minha avó contava as histórias do seu tempo, daquilo que lhe aconteceu, era uma família muito unida. Mas os meus irmãos quando começaram a crescer e quando casaram, a gente achou muita falta uns dos outros, porque cada um parece que não conhece os irmãos, vão mais pelas esposas e pelos filhos, já é uma coisa muito diferente. Eu gostava que a família fosse aquilo que era antes. Criamo-nos com muita dificuldade, isto é verdade, mas se houver harmonia, amor uns pelos outros, a gente ultrapassa isso (...) Mas ainda me lembro das noites quentinhas do Natal, havia aqueles biscoitinhos feitos em casa, até muito mal feitos, mas aquilo era uma alegria. As nossas ofertas não eram como é hoje, mas sempre havia ali um mimosinho, sempre havia uma coisinha. Agora já não se conta alegrias, é só tristezas.	Dutra
Entrevista 12	Trajectória de vida antes do RSI\Representações do passado\Relação familiar	Mas era uma pessoa muito digna, um bom pai, uma boa mãe, uns bons pais de família. Nunca soube o que era os meus pais me baterem. Nem com uma ponta do dedo. A minha mãe era um bocadinho rígida, mas era no falar (...) A gente éramos 8 irmãos mas dávamos todos bem. Não havia uma ofensa, nada. Brincávamos, comíamos o que Nosso Senhor reparava, tínhamos a nossa hora de tudo e éramos obedientes aos nossos pais.	Dutra

**Trajectória de vida antes do RSI – Trajectória escolar: Frequência escolar**

<b>Text</b>	<b>Code</b>	<b>Segment</b>	<b>Author</b>
Entrevista 1	Trajectória de vida antes do RSI\Trajectória escolar\Frequência escolar	Depois passei para o 8º ano e já não continuei.	Dutra
Entrevista 2	Trajectória de vida antes do RSI\Trajectória escolar\Frequência escolar	Fiquei com o 7º incompleto.	Dutra
Entrevista 3	Trajectória de vida antes do RSI\Trajectória escolar\Frequência escolar	A 4ª classe.	Dutra
Entrevista 4	Trajectória de vida antes do RSI\Trajectória escolar\Frequência escolar	Até ao sexto ano e passei todos os anos. Inteligente por natureza, assim diziam os outros.	Dutra
Entrevista 5	Trajectória de vida antes do RSI\Trajectória escolar\Frequência escolar	5º ano.	Dutra
Entrevista 6	Trajectória de vida antes do RSI\Trajectória escolar\Frequência escolar	Até ao 4º ano, a primária, eu passei sempre. (...) Fiquei então com o 4º ano, mas passei com distinção! Podem ir lá ver. Tenho mesmo orgulho naquilo, porque está escrito “com distinção”.	Dutra
Entrevista 7	Trajectória de vida antes do RSI\Trajectória escolar\Frequência escolar	A 3ª classe.	Dutra
Entrevista 8	Trajectória de vida antes do RSI\Trajectória escolar\Frequência escolar	Tenho a quarta classe.	Dutra
Entrevista 9	Trajectória de vida antes do RSI\Trajectória escolar\Frequência escolar	Comecei na escola com 7 anos e acabei com 13, com a sexta classe, mas trabalhando. Quando acabei a 4ª classe, o meu pai não queria que eu continuasse para ir trabalhar para os terrenos e eu fui com uma sebenta e um lápis na algibeira porque o meu pai não quis comprar-me livros e o governo na altura também não ajudava. Mas passei sempre de classe.	Dutra
Entrevista 10	Trajectória de vida antes do RSI\Trajectória escolar\Frequência escolar	1ª classe.	Dutra
Entrevista 11	Trajectória de vida antes do RSI\Trajectória escolar\Frequência escolar	Eu tenho o 6º ano.	Dutra
Entrevista 12	Trajectória de vida antes do RSI\Trajectória escolar\Frequência escolar	Não era obrigatório ir mais do que a 4ª classe.	Dutra

**Trajectória de vida antes do RSI – Trajetória escolar: Razões da interrupção da escolaridade**

<b>Text</b>	<b>Code</b>	<b>Segment</b>	<b>Author</b>
Entrevista 1	Trajectória de vida antes do RSI\Trajetória escolar\Razões da interrupção da escolaridade	Estava na escola, namorei, depois passei para o 8º ano e já não continuei, porque estava para ter a minha filha. Tive-a com 16 anos. Depois deixei a escola, abandonei a casa dos meus pais, quando soube que estava para ser mãe (...) Saí com 15 anos, porque estava para ter a minha filha.	Dutra
Entrevista 2	Trajectória de vida antes do RSI\Trajetória escolar\Razões da interrupção da escolaridade	Aos 17 anos saí da escola, por causa do tabaco, porque ele descobriu que eu fumava e pronto, vim para casa.	Dutra
Entrevista 3	Trajectória de vida antes do RSI\Trajetória escolar\Razões da interrupção da escolaridade	Saí com 11 anos (...) Naquele tempo não havia mais.	Dutra
Entrevista 4	Trajectória de vida antes do RSI\Trajetória escolar\Razões da interrupção da escolaridade	Comecei a trabalhar com 12 anos e não fui mais para a escola, mas tirei a 6ª classe (...) As pessoas queriam era fazer-se homens depressa, para trabalhar e ter uma vida independente e foi esse o meu pensar também, porque aos 14 anos fiz a minha vida sozinho.	Dutra
Entrevista 5	Trajectória de vida antes do RSI\Trajetória escolar\Razões da interrupção da escolaridade	Naquele tempo, eu passei sempre, a gente saía muito novinhas (...) Era só o 5º, antigamente era só assim e já era tão bom quem chegava aí.	Dutra
Entrevista 6	Trajectória de vida antes do RSI\Trajetória escolar\Razões da interrupção da escolaridade	Até ao 4º ano, a primária, eu passei sempre. Daí fui para o ciclo preparatório, mas uma coisa que me marcou é que as pessoas faziam troça de quem andava mais mal vestido e eu era uma das lesadas. E havia a prof. de ciências, que eu nunca mais me esqueci, eu tinha 10 anos, e ela pediu que explicássemos a evolução do Homem. Eu via muitos documentários, e eu disse que a evolução do Homem partia do macaco. Ela chamou-me de deficiente na aula e isso marcou-me para toda a vida. Mas passados onze anos, ela reconheceu-me e veio pedir-me desculpa. Isso marcou-me imenso. Deixei de frequentar a escola por causa desses motivos. Deixei de gostar da escola.	Dutra
Entrevista 7	Trajectória de vida antes do RSI\Trajetória escolar\Razões da interrupção da escolaridade	Doze anos (...) Eu saí porque não dava nada de mim (...) Não sei ler... Eu estava na escola mas metiam sempre a gente a lavar os copos e a minha mãe disse “já que estás aí a lavar copos, vens é para casa. Vais trabalhar para casa de uma pessoa e ganhas dinheiro”. Fui para casa e depois a minha irmã arranjou-me um serviço para eu trabalhar.	Dutra
Entrevista 8	Trajectória de vida antes do RSI\Trajetória escolar\Razões da interrupção da escolaridade	Deixei de frequentar porque as minhas irmãs, as mais velhas, já davam dias em casas (...) depois naquele tempo, com treze anos, a senhora sabe que isso começam os namoricos, as coisas da escola, meu pai soube, “não vais namorar, vais é para casa trabalhar”, tirou-me da escola com treze anos. Eu estava aqui no quinto ano, já com treze anos estava perto a passar o ano, “vais para casa, não vais ficar na escola para perdes” e tirou-me para casa e desde aí, nunca mais fui para a escola. (...) Eu também nunca faltei nenhum ano, eu passava todos os anos, mas pronto pela cabeça do meu pai.	Dutra
Entrevista 9	Trajectória de vida antes do RSI\Trajetória escolar\Razões da interrupção da escolaridade	O meu pai nunca me deu incentivo, como eu dou aos meus filhos (...) Eu lembro-me quando saí da escola com a 6ª classe, eu tinha uma irmã que estava no Canadá e ela disse ao meu pai “O Alberto já que chegou a esse ponto porque não continua?” e ele disse “a caneta dele já está reservada”, que era o cabo de	Dutra

sacho.

Entrevista 10	Trajectória de vida antes do RSI\Trajectória escolar\Razões da interrupção da escolaridade	Com 12 anos (...) Eu ajudava muito à minha mãe e faltava às aulas (...) Eram muitos pequenos e havia muito serviço para fazer. A minha mãe não podia cuidar de 12 filhos e arranjar a casa e a roupa. Eu queria era ficar em casa para ajudar a minha mãe (...) Eu era a mais espertinha para das lides da casa, por isso para ajudar era eu.	Dutra
Entrevista 11	Trajectória de vida antes do RSI\Trajectória escolar\Razões da interrupção da escolaridade	Eu era muito boa aluna, mas como a minha mãe não tinha marido e eu era das mais velhinhas da casa tive de abandonar a escola muito cedo, aos treze anos e fui trabalhar para as terras, para ajudar a minha avó que já era uma pessoa idosa e a criar os meus irmãozinhos (...) Eu não estudei porque a minha mãe não deixou e eu podia ter sido alguém na vida. Mas também naquele tempo não havia o rendimento, não havia o abono que há hoje, porque o governo, numa parte, está a ajudar-nos muito (...) Ainda me lembro que a professora de ciências, que era a directora de turma, chegou a ir pedir à minha mãe, que era uma pena a minha mãe me tirar da escola.	Dutra
Entrevista 12	Trajectória de vida antes do RSI\Trajectória escolar\Razões da interrupção da escolaridade	Comecei aos doze anos na fábrica (...) Foi a necessidade que nos obrigou a ir trabalhar.	Dutra

**Trajectória de vida antes do RSI – Trajectória escolar: Relação com a escola**

<b>Text</b>	<b>Code</b>	<b>Segment</b>	<b>Author</b>
Entrevista 1	Trajectória de vida antes do RSI\Trajectória escolar\Relação com a escola	Gostava, com as minhas colegas e tudo (...) Ainda hoje em dia se vejo as minhas colegas a gente fala e relembra os tempos de escola, rir e brincar. É bom recordar os tempos de escola.	Dutra
Entrevista 2	Trajectória de vida antes do RSI\Trajectória escolar\Relação com a escola	Gostava. Era brincalhona, mas era boa aluna.	Dutra
Entrevista 3	Trajectória de vida antes do RSI\Trajectória escolar\Relação com a escola	Eu gostava e passei sempre! Sabia alguma coisa, claro.	Dutra
Entrevista 4	Trajectória de vida antes do RSI\Trajectória escolar\Relação com a escola	Na escola...eu já sabia a mais do que eles... eu devia ir já para a 10ª classe! Eu andava sempre mais à frente.	Dutra
Entrevista 5	Trajectória de vida antes do RSI\Trajectória escolar\Relação com a escola	Gostava mais ou menos, não tinha outro remédio. A gente tinha que fazer o sacrifício...	Dutra
Entrevista 6	Trajectória de vida antes do RSI\Trajectória escolar\Relação com a escola	Não, não me sentia bem na escola.	Dutra
Entrevista 7	Trajectória de vida antes do RSI\Trajectória escolar\Relação com a escola	Gostava e não gostava. O professor também não era muito bom porque o que ele queria era o estudo de plantas e flores e isso não dá para nada, por isso fui trabalhar. Gostava de aprender a ler, fazer contas, mas o professor nunca deu nada. Paciência, já que não dá nada também vou-me embora.	Dutra
Entrevista 8	Trajectória de vida antes do RSI\Trajectória escolar\Relação com a escola	Gostava, ao menos para tirar o sexto ano, porque assim sabia que ia buscar um futuro, não é, mais tarde, um futuro para mim. (...) Ao menos o sexto ano eu gostava de tirar, agora tem muitas mais propostas de trabalho e a escolaridade é muito importante.	Dutra
Entrevista 9	Trajectória de vida antes do RSI\Trajectória escolar\Relação com a escola	O gostar, gostava, mas o meu pai nunca me deu incentivo, como eu dou aos meus filhos.	Dutra
Entrevista 10	Trajectória de vida antes do RSI\Trajectória escolar\Relação com a escola	Gostava pouco... mas agora fiquei arrependida. Hoje recebi uma carta da luz, já podia tirar a carta para ler... fiquei arrependida.	Dutra
Entrevista 11	Trajectória de vida antes do RSI\Trajectória escolar\Relação com a escola	A minha vontade sempre foi estudar e ser alguém na vida. Eu era muito boa aluna. Eu adoro a escola. Eu adorava a escola. Estou farta de dizer às minhas filhas, já que tenho o apoio do rendimento e do abono eu quero que as minhas filhas estudem porque são muito bons alunos e que eles sejam aquilo que a mãe não foi, porque quero ver as minhas filhas crescer e que elas sejam alguém na vida.	Dutra
Entrevista 12	Trajectória de vida antes do RSI\Trajectória escolar\Relação com a escola	Gostava muito mas tive de ir trabalhar.	Dutra

**Trajectória de vida antes do RSI – Trajectória Familiar: Início da vida familiar**

<b>Text</b>	<b>Code</b>	<b>Segment</b>	<b>Author</b>
Entrevista 1	Trajectória de vida antes do RSI\Trajectória familiar\Início da vida familiar	Casei com 16 anos.	Dutra
Entrevista 2	Trajectória de vida antes do RSI\Trajectória familiar\Início da vida familiar	Casei. Fiz ontem dois anos de casada. [27]	Dutra
Entrevista 3	Trajectória de vida antes do RSI\Trajectória familiar\Início da vida familiar	23 anos.	Dutra
Entrevista 4	Trajectória de vida antes do RSI\Trajectória familiar\Início da vida familiar	Casei com 18 anos e a minha ex-mulher, dado que sou casado a segunda vez, foi um casamento obrigado. Tenho esta agora, há mais de 20 anos, e é com quem espero ficar até morrer.	Dutra
Entrevista 5	Trajectória de vida antes do RSI\Trajectória familiar\Início da vida familiar	21.	Dutra
Entrevista 6	Trajectória de vida antes do RSI\Trajectória familiar\Início da vida familiar	Acho que foi em 96. Conheci-o em casa de umas amigas em comum e depois pronto. Íamos passear de mota e uma coisa leva a outra! [28]	Dutra
Entrevista 7	Trajectória de vida antes do RSI\Trajectória familiar\Início da vida familiar	Com vinte e três.	Dutra
Entrevista 8	Trajectória de vida antes do RSI\Trajectória familiar\Início da vida familiar	Eu casei com 19 anos (...) Casei duas vezes (...) Estava nessa papelada do divórcio quando eu conheci o pai do meu segundo filho, ele veio cá correr o divórcio com a ex-mulher, a gente se conheceu, começamos a namorar, já estava seis meses fora deste pai do meu filho mais velho, pronto ele foi-se embora para a América, mandou-me o dinheiro para a passagem e eu fui-me embora para lá (...) Cheguei cá estava grávida já, minha mãe “Não vais ficar com mais um filho nos braços e não tens ninguém... vais voltar para trás e casar”, então eu casei lá fora.	Dutra
Entrevista 9	Trajectória de vida antes do RSI\Trajectória familiar\Início da vida familiar	24 anos.	Dutra
Entrevista 10	Trajectória de vida antes do RSI\Trajectória familiar\Início da vida familiar	Eu fugi, nova, com 16 anos. Eu fugi com ele 3 meses, depois fiquei grávida e foi na altura que começamos a ir às reuniões para casar.	Dutra
Entrevista 11	Trajectória de vida antes do RSI\Trajectória familiar\Início da vida familiar	Casei com 27 anos.	Dutra
Entrevista 12	Trajectória de vida antes do RSI\Trajectória familiar\Início da vida familiar	22 anos.	Dutra

**Trajectória de vida antes do RSI – Trajectória Familiar: Número de filhos**

<b>Text</b>	<b>Code</b>	<b>Segment</b>	<b>Author</b>
Entrevista 1	Trajectória de vida antes do RSI\Trajectória familiar\Número de filhos	Tive três filhos.	Dutra
Entrevista 2	Trajectória de vida antes do RSI\Trajectória familiar\Número de filhos	Infelizmente não posso ter filhos.	Dutra
Entrevista 3	Trajectória de vida antes do RSI\Trajectória familiar\Número de filhos	Três filhos.	Dutra
Entrevista 4	Trajectória de vida antes do RSI\Trajectória familiar\Número de filhos	Três da primeira, entretanto conheci uma moça por fora da qual gerou um filho, está registado no meu nome, tenho uma filha com esta minha mulher e tenho um filho adoptivo. No total são cinco legítimos e um adoptivo.	Dutra
Entrevista 5	Trajectória de vida antes do RSI\Trajectória familiar\Número de filhos	Cinco raparigas, uma morreu, quatro vivas.	Dutra
Entrevista 6	Trajectória de vida antes do RSI\Trajectória familiar\Número de filhos	Dois.	Dutra
Entrevista 7	Trajectória de vida antes do RSI\Trajectória familiar\Número de filhos	Dois.	Dutra
Entrevista 8	Trajectória de vida antes do RSI\Trajectória familiar\Número de filhos	Tive o meu primeiro filho com 19 anos. Tenho dois filhos, tenho um pequeno de nove anos e um de sete anos. Eu estive lá fora 3 meses e vim-me embora para trás, vim em busca de um pai para o meu filho mais velho, ao fim e ao cabo, fui arranjar mais um menino para lá, fiquei grávida.	Dutra
Entrevista 9	Trajectória de vida antes do RSI\Trajectória familiar\Número de filhos	Cinco.	Dutra
Entrevista 10	Trajectória de vida antes do RSI\Trajectória familiar\Número de filhos	Quatro. Quatro meninas.	Dutra
Entrevista 11	Trajectória de vida antes do RSI\Trajectória familiar\Número de filhos	Tive três filhos. Já quando casei já levei a S. com um mês e meio.	Dutra
Entrevista 12	Trajectória de vida antes do RSI\Trajectória familiar\Número de filhos	Sou mãe de dez, mas morreram-me três, fiquei com sete.	Dutra

**Trajectória de vida antes do RSI – Trajectória Familiar: Representações sobre o casamento e nascimento dos filhos**

<b>Text</b>	<b>Code</b>	<b>Segment</b>	<b>Author</b>
Entrevista 1	Trajectória de vida antes do RSI\Trajectória familiar\Representações sobre o casamento e nascimento dos filhos	É uma boa recordação. De vez em quando vejo as fotos da maternidade. Mesmo de quando namorava com o meu marido, da família, são boas recordações que tenho.	Dutra
Entrevista 2	Trajectória de vida antes do RSI\Trajectória familiar\Representações sobre o casamento e nascimento dos filhos	Dou-me excelentemente com o meu marido que, primeiro do que tudo, é meu amigo, que é o mais importante.	Dutra
Entrevista 3	Trajectória de vida antes do RSI\Trajectória familiar\Representações sobre o casamento e nascimento dos filhos	Com o tempo já vou ficando esquecido, já não me recordo bem. Recordo-me da nossa casa, da nossa vivência e mais nada.	Dutra
Entrevista 4	Trajectória de vida antes do RSI\Trajectória familiar\Representações sobre o casamento e nascimento dos filhos	Foi um casamento obrigado. Naquela altura, quando se mantinha relações sexuais com uma rapariga e que não se casasse com ela ia-se preso dois anos. Eu, com medo de ir preso, ser novo, casei e tinha uma pena suspensa de 5 anos em que não me podia separar dela, mas acabou os 5 anos, acabou a mulher, acabou tudo! Parti para outra.	Dutra
Entrevista 5	Trajectória de vida antes do RSI\Trajectória familiar\Representações sobre o casamento e nascimento dos filhos	O melhor que eu tive foi a partir dos 13 anos, o meu casamento (...) Do meu casamento, memórias lindas. Da altura dos meus filhos, também lindas.	Dutra
Entrevista 6	Trajectória de vida antes do RSI\Trajectória familiar\Representações sobre o casamento e nascimento dos filhos	Eram bons momentos. Eu adorava andar de mota e acelerar, dos passeios que dávamos. Depois fui viver com ele e passados 9 meses fiquei grávida do D. O nascimento de um filho é uma sensação completamente diferente de qualquer outra. Sabemos que um filho é algo nosso, que nasceu de nós próprios e não consigo descrever a emoção que senti naquela altura. É completamente diferente de tudo na vida.	Dutra
Entrevista 7	Trajectória de vida antes do RSI\Trajectória familiar\Representações sobre o casamento e nascimento dos filhos	É uma alegria. Tive o meu filho como se fosse uma roqueira, saiu num instante e o outro também foi a mesma coisa, teve quase nascendo em casa.	Dutra
Entrevista 9	Trajectória de vida antes do RSI\Trajectória familiar\Representações sobre o casamento e nascimento dos filhos	Altos e baixos. Uns bons e outros maus. Criar 5 filhos não é brincadeira!	Dutra
Entrevista 10	Trajectória de vida antes do RSI\Trajectória familiar\Representações sobre o casamento e nascimento dos filhos	Foi casar na igreja e ir comer para o restaurante (...)Eu não sabia o que era um filho. Quando fiquei grávida é que soube. Fiz o que a minha mãe fazia com a gente, a lutar para elas.	Dutra
Entrevista 11	Trajectória de vida antes do RSI\Trajectória familiar\Representações sobre o casamento e nascimento dos filhos	Sinceramente a coisa mais linda que pode acontecer num casamento é o dia do casamento pela igreja e o nascimento dos nossos filhos. Para mim, o dia do meu casamento, o nascimento dos meus filhos (...) essas coisas entraram na memória e não dá para esquecer.	Dutra
Entrevista 12	Trajectória de vida antes do RSI\Trajectória familiar\Representações sobre o casamento e nascimento dos filhos	Recordo-me do casamento, criar os meus filhos. Daí para a frente, há momentos bons e momentos maus.	Dutra

**Trajectória de vida antes do RSI – Trajectória Familiar: Razões da separação/divórcio**

<b>Text</b>	<b>Code</b>	<b>Segment</b>	<b>Author</b>
Entrevista 4	Trajectória de vida antes do RSI\Trajectória familiar\Razões da separação/divórcio	Eu, com medo de ir preso, ser novo, casei e tinha uma pena suspensa de 5 anos em que não me podia separar dela. Mas acabou os 5 anos, acabou a mulher, acabou tudo! Parti para outra.	Dutra
Entrevista 8	Trajectória de vida antes do RSI\Trajectória familiar\Razões da separação/divórcio	Casei aqui com esse pai desse meu filho mais velho, não vivi um ano casada, não deu certo, ele tinha muitos problemas graves mesmo de saúde, de cabeça. Depois fui-me desimportando, já não sentia a mesma coisa por ele, a doença Nosso Senhor é que dá, já se sabe mas era porradas e tudo, uma coisa sempre discussões, não dava certo (...) As coisas com o segundo também não correram muito bem lá, mas à base assim, não foi de maus-tratos nem nada, ciúmes, aquela coisa assim e eu disse, fogo, eu já sofri tanto com um com ciúmes e com tantos maus-tratos também não era de bater por bater mas quando lhe dava aquelas crises ele batia, eu disse vou ficar (...) Ele diz que quer ir para o seu país, eu lá fora não vou.	Dutra

**Trajectória de vida antes do RSI – Trajectória profissional: Início actividade profissional**

<b>Text</b>	<b>Code</b>	<b>Segment</b>	<b>Author</b>
Entrevista 1	Trajectória de vida antes do RSI\Trajectória profissional\Início da actividade profissional	Com 21 anos.	Dutra
Entrevista 2	Trajectória de vida antes do RSI\Trajectória profissional\Início da actividade profissional	Quando saí da escola fiquei em casa, ajudava o meu pai no quintal, na horta, em casa a ajudar a mãe, essas coisas assim, até aos 19 e depois fui para o Canadá (...) A primeira vez que trabalhei foi fora daqui, no Canadá.	Dutra
Entrevista 3	Trajectória de vida antes do RSI\Trajectória profissional\Início da actividade profissional	Comecei a distribuir gás com 9 anos.	Dutra
Entrevista 4	Trajectória de vida antes do RSI\Trajectória profissional\Início da actividade profissional	Comecei a trabalhar com 12 anos. Ganhava 7 escudos e meio por dia.	Dutra
Entrevista 5	Trajectória de vida antes do RSI\Trajectória profissional\Início da actividade profissional	A partir dos meus dez anos.	Dutra
Entrevista 6	Trajectória de vida antes do RSI\Trajectória profissional\Início da actividade profissional	Aos 15/16 anos.	Dutra
Entrevista 7	Trajectória de vida antes do RSI\Trajectória profissional\Início da actividade profissional	Doze anos	Dutra
Entrevista 8	Trajectória de vida antes do RSI\Trajectória profissional\Início da actividade profissional	13 anos.	Dutra
Entrevista 9	Trajectória de vida antes do RSI\Trajectória profissional\Início da actividade profissional	Comecei a trabalhar aos 7 anos.	Dutra
Entrevista 11	Trajectória de vida antes do RSI\Trajectória profissional\Início da actividade profissional	Eu tinha 13 anos.	Dutra
Entrevista 12	Trajectória de vida antes do RSI\Trajectória profissional\Início da actividade profissional	Comecei aos 12 anos.	Dutra

**Trajectória de vida antes do RSI – Trajectória profissional: Actividades profissionais exercidas**

<b>Text</b>	<b>Code</b>	<b>Segment</b>	<b>Author</b>
Entrevista 1	Trajectória de vida antes do RSI\Trajectória profissional\Actividades profissionais exercidas	Estive 3 meses no Liberal Creador, no supermercado dos aperitivos. Não deu muito certo porque o ordenado não era muito compensado. Depois trabalhei na Norlimpa mais 3 meses, outro serviço que não compensava. Pagava à ama 100€ Depois estive uns tempos parada, recebia o rendimento, mas nem chegou a um ano que eu recebi. Entretanto fui para a Cofaco, em 2004 e a vida ficou a melhorar. Nesse ano que entrei fiquei logo efectiva.	Dutra
Entrevista 2	Trajectória de vida antes do RSI\Trajectória profissional\Actividades profissionais exercidas	Quando saí da escola fiquei em casa, ajudava o meu pai no quintal, na horta, em casa a ajudar a mãe, essas coisas assim (...) até aos 19 e depois fui para o Canadá. (...) Trabalhei numa empresa de limpeza durante três meses, depois fui também para uma fábrica de costura e estive nos dois durante um ano.	Dutra
Entrevista 3	Trajectória de vida antes do RSI\Trajectória profissional\Actividades profissionais exercidas	A distribuir gás, numa carrinha, ganhava-se 50 centavos por cada garrafa (...) Distribui pão até aos 15, 16 anos. A partir daí, comecei a aprender alguma coisinha com o meu pai e o meu irmão mais velho, foi quando comecei na carpintaria.	Dutra
Entrevista 4	Trajectória de vida antes do RSI\Trajectória profissional\Actividades profissionais exercidas	Ajudante de canalizador.	Dutra
Entrevista 5	Trajectória de vida antes do RSI\Trajectória profissional\Actividades profissionais exercidas	A partir dos meus dez anos quando fui com a minha mãe apanhar chá. Depois daí fui para a fábrica do linho da Ribeirinha e estive lá, gostei muito do trabalho	Dutra
Entrevista 6	Trajectória de vida antes do RSI\Trajectória profissional\Actividades profissionais exercidas	Fui empregada doméstica (...) eu sempre quis fazer algo melhor. Trabalhei também em snack-bares, na Coingra. Trabalhei no Centro Social de Portalegre (...) era assim, tipo auxiliar.	Dutra
Entrevista 7	Trajectória de vida antes do RSI\Trajectória profissional\Actividades profissionais exercidas	A arranjar casas, fazer comidas.	Dutra
Entrevista 8	Trajectória de vida antes do RSI\Trajectória profissional\Actividades profissionais exercidas	Comecei logo a trabalhar, eu dava dias (...) Até me casar foi limpar casas. Estive em firmas de limpeza, tive na MBA que depois passou para IBERLIM e depois de estar lá a trabalhar, nesta companhia de limpeza, acabou o contrato, estive aqui no BPI também, na Ribeira Grande trabalhando, depois acabei o contrato. Depois trabalhei nuns dois ou três cafés, fui empregada de balcão mas não dava muito certo, porque um tinha um feitio depois pronto, muita gente bêbada, não dava muito certo para mim e eu desisti. Agora estou no hospital de Ponta Delgada 3 meses, até acabar o contrato, para férias, sei que venho para casa que elas já disseram que eu venho para casa.	Dutra
Entrevista 9	Trajectória de vida antes do RSI\Trajectória profissional\Actividades profissionais exercidas	Foi na agricultura e lavoura. Foi só isso.	Dutra

Entrevista 11	Trajectória de vida antes do RSI\Trajectória profissional\Actividades profissionais exercidas	Fui trabalhar para as terras.	Dutra
Entrevista 12	Trajectória de vida antes do RSI\Trajectória profissional\Actividades profissionais exercidas	Era muito nova, muito pequenina mas fui trabalhar a fazer limpezas. Lavava o galinheiro, dava comida às galinhas, lavava o quintal, areava tachos e tratava da roupa. Depois, com 13 anos, fui para a fábrica do leite, com a minha irmã para dar o sustento aos meus pais e para agente também (...) Trabalhei aqui no posto agrícola 18 anos, duas, três horas, para ajudar a criar os meus filhos.	Dutra

**Trajectoria de vida antes do RSI – Trajectoria profissional: Duração das actividades profissionais**

<b>Text</b>	<b>Code</b>	<b>Segment</b>	<b>Author</b>
Entrevista 1	Trajectoria de vida antes do RSI\Trajectoria profissional\Duração das actividades profissionais	Estive 3 meses no Liberal Creador, no supermercado dos aperitivos. Não deu muito certo porque o ordenado não era muito compensado. Depois trabalhei na Norlimpa mais 3 meses, outro serviço que não compensava. Pagava à ama 100€ Depois estive uns tempos parada, recebia o rendimento, mas nem chegou a um ano que eu recebi. Entretanto fui para a Cofaco, em 2004 e a vida ficou a melhorar. Nesse ano que entrei fiquei logo efectiva.	Dutra
Entrevista 2	Trajectoria de vida antes do RSI\Trajectoria profissional\Duração das actividades profissionais	Trabalhei numa empresa de limpeza durante três meses, depois fui também para uma fábrica de costura e estive nos dois durante um ano. (...) Estive lá fora e por causa de uns problemas de saúde tive de regressar.	Dutra
Entrevista 3	Trajectoria de vida antes do RSI\Trajectoria profissional\Duração das actividades profissionais	Também estive na câmara 4 anos e meio como carpinteiro. Até esperava ter tido uma oportunidade para ficar, mas não me deram essa oportunidade porque pegaram noutros. Era para me porem no quadro, mas não me meteram. Quem não tem sorte, que não puxe por ela (...) Estava pelos programas da mefa, que havia antes. Depois quando fui para o fundo de desemprego, meteram-me na escola secundária, a pôr as balizas, as redes de volei. Estive ali um ano e meio. Depois acabou também os contratos, não me deram mais oportunidades e comecei a fazer uns servicinhos aqui e ali. Nem sempre se trabalha, nem todos os meses, é um pouco complicado.	Dutra
Entrevista 4	Trajectoria de vida antes do RSI\Trajectoria profissional\Duração das actividades profissionais	Com 14 anos já era canalizador profissional e depois fui para a construção civil como pedreiro. Aos 18 anos já tinha pessoal por minha conta, veja lá. Quando tive o acidente já tinha 68 homens por minha conta (...) Depois do acidente o centro de emprego fez-me um projecto, que foi entregue numa secretaria do Governo, não me recordo agora qual, para poder adquirir uma viatura para poder trabalhar por conta própria e foi adquirida (...) Uma vez que a minha vida tinha sido sempre ligada à construção civil, eu não prescindia dessa vida (...) Trabalhei até ao ano 2000, mas nesse ano fiz uma operação muito rigorosa e deixei de trabalhar até hoje.	Dutra
Entrevista 5	Trajectoria de vida antes do RSI\Trajectoria profissional\Duração das actividades profissionais	Eu sei que aos 10 anos estava no chá, mas foi só um ano e depois estive 10 anos na fábrica do linho e depois tive as minhas filhas. Não trabalhei mais porque casei e não trabalhei para ninguém .	Dutra
Entrevista 6	Trajectoria de vida antes do RSI\Trajectoria profissional\Duração das actividades profissionais	Tinha 20 anos quando fui para Portalegre e estive lá 6 meses e meio.	Dutra
Entrevista 7	Trajectoria de vida antes do RSI\Trajectoria profissional\Duração das actividades profissionais	Dez anos que eu trabalhei em casa de uma Sr. <sup>a</sup> .	Dutra
Entrevista 8	Trajectoria de vida antes do RSI\Trajectoria profissional\Duração das actividades profissionais	Comecei logo a trabalhar, eu dava dias (...) Até me casar foi limpar casas. Estive em firmas de limpeza, tive na MBA que depois passou para IBERLIM e depois de estar lá a trabalhar, nesta companhia de limpeza, acabou o contrato, estive aqui no BPI também, na Ribeira Grande trabalhando, depois acabei o contrato. Depois trabalhei nuns dois ou três cafés, fui empregada de balcão mas não dava muito certo, porque um tinha um feito depois	Dutra

Entrevista 9	Trajectória de vida antes do RSI\Trajectória profissional\Duração das actividades profissionais	pronto, muita gente bêbada, não dava muito certo para mim e eu desisti. Agora estou no hospital de Ponta Delgada 3 meses, até acabar o contrato, para férias, sei que venho para casa que elas já disseram que eu venho para casa.	Dutra
Entrevista 11	Trajectória de vida antes do RSI\Trajectória profissional\Duração das actividades profissionais	Agora com este patrão, que estou há 12 anos, estou efectivo. Quando comecei trabalhava com o meu pai e trabalhei com ele durante 24 anos.	Dutra
Entrevista 12	Trajectória de vida antes do RSI\Trajectória profissional\Duração das actividades profissionais	Trabalhei dos 13 aos 35 anos. Mesmo recebendo o rendimento, lá ia amarrar milho, moer pimenta, dois, três dias, porque miolinhos é pão! Comecei aos 12 anos em limpezas (...) Depois, com 13 anos, fui para a fábrica do leite, com a minha irmã para dar o sustento aos meus pais e para agente também. Trabalhei lá uns três, quatro anos, porque o meu marido também afogou-me logo, que queria casar. (...) De lá para cá casei, aos 22 anos, comecei a ter filhos, uns em cima dos outros, não tive mais hipóteses de ir trabalhar (...) Trabalhei aqui no posto agrícola (...) 18 anos (...) duas, três horas, para ajudar a criar os meus filhos, que só o meu marido a trabalhar não dava. Depois o meu marido passou a ser funcionário da Câmara, trabalhava na pedra de lavoura, aí o ordenado já era outro, já era uma coisinha que dava para a gente viver, mas eu continuava a trabalhar.	Dutra

**Trajectória de vida antes do RSI – Trajectória profissional: Experiência de desemprego**

<b>Text</b>	<b>Code</b>	<b>Segment</b>	<b>Author</b>
Entrevista 1	Trajectória de vida antes do RSI\Trajectória profissional\Experiência de desemprego	Estive uns tempos parada, recebia o rendimento, mas nem chegou a um ano.	
Entrevista 2	Trajectória de vida antes do RSI\Trajectória profissional\Experiência de desemprego	Tive direito ao fundo de desemprego, fiquei em casa só quatro meses (...) fiquei em casa mais três meses.	
Entrevista 3	Trajectória de vida antes do RSI\Trajectória profissional\Experiência de desemprego	Já estive desempregado. Não foi muito tempo, uns nove meses (...) [Tinha] uns 40 anos.	Dutra
Entrevista 6	Trajectória de vida antes do RSI\Trajectória profissional\Experiência de desemprego	Passávamos dificuldades como nem um nem outro trabalhavam.	
Entrevista 8	Trajectória de vida antes do RSI\Trajectória profissional\Experiência de desemprego	Fiquei parada um tempo em casa, um bom tempo, uns bons mesinhos a receber o rendimento.	Dutra
Entrevista 9	Trajectória de vida antes do RSI\Trajectória profissional\Experiência de desemprego	Estive, mas nunca foi por muito tempo, nem podia ser! Como é que ia sustentar os meus filhos? Tinha de procurar de qualquer maneira. O máximo de tempo que estive sem trabalhar foi, de repente, uma semana ou duas. Nunca estive em fundos de desemprego nem nada.	Dutra

**Trajectória de vida antes do RSI – Trajectória profissional: Razões da não inserção no mercado de trabalho**

<b>Text</b>	<b>Code</b>	<b>Segment</b>	<b>Author</b>
Entrevista 4	Trajectória de vida antes do RSI\Trajectória profissional\Razões da não inserção no mercado de trabalho	Trabalhei até ao ano 2000, mas nesse ano fiz uma operação muito rigorosa e deixei de trabalhar até hoje.	
Entrevista 5	Trajectória de vida antes do RSI\Trajectória profissional\Razões da não inserção no mercado de trabalho	Nunca apareceu e a menina era pequenina, tinha 3 anos quando o meu marido morreu.	
Entrevista 7	Trajectória de vida antes do RSI\Trajectória profissional\Razões da não inserção no mercado de trabalho	Quando tive o meu filho deixei de trabalhar. Teve de ser, eu não tinha ninguém. Não quis que ele fosse para a creche porque eu não tinha serviço para ir (...) Nunca mais trabalhei porque não tem serviço.	Dutra
Entrevista 10	Trajectória de vida antes do RSI\Trajectória profissional\Razões da não inserção no mercado de trabalho	Foi sempre a vida de casa. Ajudava a minha mãe e nunca tive serviço para trabalhar (...) Fiquei em casa sempre.	Dutra
Entrevista 11	Trajectória de vida antes do RSI\Trajectória profissional\Razões da não inserção no mercado de trabalho	O trabalho não mata ninguém, mas no meu caso... (...) O pior é que eu quero trabalhar e não consigo.	
Entrevista 12	Trajectória de vida antes do RSI\Trajectória profissional\Razões da não inserção no mercado de trabalho	Nosso senhor deu a doença à Márcia e aí já não pude ir trabalhar mais, tinha de acompanhar a minha filha 24h por dia (...) A minha filha adoece em 1994, em 1995 adoece o meu marido com um tumor da garganta e a minha filha com um tumor na cabeça. A minha filha, ceguinha nesta cama, tinha de me ter a mim. Eu tratava da minha filha e depois ia tratar do meu marido (...) Eu também não podia trabalhar a tempo inteiro, porque tinha 8 filhos para ir para a escola, tinha de vir a horas para tratar deles. Era o meu dever de mãe. Mas pronto, depois tive de sair para tomar conta da Márcia. Se não fosse por ela e hoje, por causa dos meus problemas de saúde, acho que estava lá para ganhar qualquer coisinha. É muito triste querermos dinheiro para viver e não ter.	Dutra

**Trajectória de vida enquanto beneficiário de RSI – Acordo de inserção: Existência de acordo de inserção**

<b>Text</b>	<b>Code</b>	<b>Segment</b>	<b>Author</b>
Entrevista 1	Trajectória de vida enquanto beneficiário de RSI\Acordo de inserção\Existência de acordo de inserção	Agora não sei a certeza... Eu assinei algum papel, sei que li alguma coisa...	Dutra
Entrevista 2	Trajectória de vida enquanto beneficiário de RSI\Acordo de inserção\Existência de acordo de inserção	Não sei, acho que não assinei nada.	Dutra
Entrevista 3	Trajectória de vida enquanto beneficiário de RSI\Acordo de inserção\Existência de acordo de inserção	Assinar eu assinei, mas já não sei o que era.	Dutra
Entrevista 4	Trajectória de vida enquanto beneficiário de RSI\Acordo de inserção\Existência de acordo de inserção	Recordo-me. Já por duas ou três vezes.	Dutra
Entrevista 5	Trajectória de vida enquanto beneficiário de RSI\Acordo de inserção\Existência de acordo de inserção	Não me lembro menina.	Dutra
Entrevista 6	Trajectória de vida enquanto beneficiário de RSI\Acordo de inserção\Existência de acordo de inserção	Recordo-me, passados uns tempos, de ter assinado o acordo de inserção.	Dutra
Entrevista 7	Trajectória de vida enquanto beneficiário de RSI\Acordo de inserção\Existência de acordo de inserção	Sim Sr. <sup>a</sup> .	Dutra
Entrevista 8	Trajectória de vida enquanto beneficiário de RSI\Acordo de inserção\Existência de acordo de inserção	Lembro-me sim Sr. <sup>a</sup> .	Dutra
Entrevista 9	Trajectória de vida enquanto beneficiário de RSI\Acordo de inserção\Existência de acordo de inserção	Entregamos os papéis e recebemos o dinheiro. Foi só. Nunca nos chamaram para assinar nada.	Dutra
Entrevista 10	Trajectória de vida enquanto beneficiário de RSI\Acordo de inserção\Existência de acordo de inserção	O que é isso? (...) Ah, já me lembro. Assinei por duas vezes.	Dutra
Entrevista 11	Trajectória de vida enquanto beneficiário de RSI\Acordo de inserção\Existência de acordo de inserção	Já assinei por duas vezes.	Dutra
Entrevista 12	Trajectória de vida enquanto beneficiário de RSI\Acordo de inserção\Existência de acordo de inserção	Lembro-me sim Sr. <sup>a</sup> .	Dutra

**Trajectória de vida enquanto beneficiário de RSI – Acordo de inserção: Processo de elaboração do programa de inserção**

<b>Text</b>	<b>Code</b>	<b>Segment</b>	<b>Author</b>
Entrevista 3	Trajectória de vida enquanto beneficiário de RSI\Acordo de inserção\Processo de elaboração do programa de inserção	Hum... eu tinha de ir trabalhar, se fosse caso disso (Filomena)	Dutra
Entrevista 4	Trajectória de vida enquanto beneficiário de RSI\Acordo de inserção\Processo de elaboração do programa de inserção	Não me recordo bem, mas sei que as coisas têm que se manter na linha (...) Eu ouvi o que ela dizia. Foi simplesmente “blablabla” e a gente assinou.	Dutra
Entrevista 6	Trajectória de vida enquanto beneficiário de RSI\Acordo de inserção\Processo de elaboração do programa de inserção	Era disponibilizar-se para trabalhar e pouco mais. E frequentar acções de formação. Agora é que as coisas mudaram. Antes assinávamos uma declaração de honra e era só (...) Lemos o acordo e não tinha assim nada. Foi ler o acordo e assinar porque estávamos dispostos a fazer o que estava lá escrito e foi isso.	Dutra
Entrevista 7	Trajectória de vida enquanto beneficiário de RSI\Acordo de inserção\Processo de elaboração do programa de inserção	Isso agora é que não me lembro. Não sei o que é que assinei.	Dutra
Entrevista 8	Trajectória de vida enquanto beneficiário de RSI\Acordo de inserção\Processo de elaboração do programa de inserção	Eu agora já não me recordo mas eu penso, eu penso, aquilo que eu me recordo agora mais recente, penso eu que era essa tal escola (...) O mais recente foi este, foi daquela formação na Santa Casa, também assinei esse acordo, “a senhora vai aceitar? Vou sim senhora”, fui lá, assinei, até que fui para a Santa casa e estava adorando estar lá. (...) Só aceitei aquilo que elas disseram. Não propus nada, disse aquilo que vier é isso mesmo que eu faço	Dutra
Entrevista 10	Trajectória de vida enquanto beneficiário de RSI\Acordo de inserção\Processo de elaboração do programa de inserção	Fui chamada às meninas da assistência. Elas diziam o que a gente fazia com o rendimento e eu dizia que era muito bom para a gente, para ajudar a família. Perguntaram pelas vacinas das pequenas, se as pequenas estão boas, coisas assim. Gostei de ouvir. (...) Eu ouvi o que elas disseram e assinei de boa vontade. Não há problema.	Dutra
Entrevista 11	Trajectória de vida enquanto beneficiário de RSI\Acordo de inserção\Processo de elaboração do programa de inserção	Quando eu fui à assistente social eu não sabia como é que isto funcionava, porque a gente quando recebe o rendimento mínimo pela primeira vez, a gente vai às cegas, a gente não sabe o que elas vão dizer, o que nos vão propor (...) A assistente social disse tudo o que eu tinha de fazer: pagar a água, pagar a luz, a renda da casa, não fazer dívidas, que os meus filhos não faltassem à escola, para ir uma vez por mês saber como os meus filhos estão na escola, as vacinas em dia, lá de vez em quando ir ao médico ver como os nossos filhos estão, com tudo isto eu concordei.	Dutra
Entrevista 12	Trajectória de vida enquanto beneficiário de RSI\Acordo de inserção\Processo de elaboração do programa de inserção	Ah Sr.ª Dr.ª, não sei. Na altura eu não estava a ver bem porque me faltavam os óculos. Eu assinar assinei, com a Dr.ª I., mas de resto não me lembro. Lembro-me de assinar com todas as letras um papel amarelo, que estava na secretária da Dr.ª I, mas o que estava ali eu não li porque não tinha os óculos (...) Se explicaram... não vai lá. Se ela explicou não me apercebi, mas assinar assinei.	Dutra

**Trajectória de vida enquanto beneficiário de RSI – Acordo de inserção: Opinião sobre a exigência de activação do beneficiário**

<b>Text</b>	<b>Code</b>	<b>Segment</b>	<b>Author</b>
Entrevista 4	Trajectória de vida enquanto beneficiário de RSI\Acordo de inserção\Opinião sobre a exigência de activação do beneficiário	Sim, porque se a segurança social, ou as assistentes sociais têm regras, os favorecidos do rendimento de inserção social também têm.	Dutra
Entrevista 6	Trajectória de vida enquanto beneficiário de RSI\Acordo de inserção\Opinião sobre a exigência de activação do beneficiário	É importante. Muita gente devia ser ouvida, muita gente mesmo e outros nem tanto.	Dutra
Entrevista 8	Trajectória de vida enquanto beneficiário de RSI\Acordo de inserção\Opinião sobre a exigência de activação do beneficiário	Para a Acção social nos ajudar, a gente também tem que lhes ajudar e a melhor maneira de a gente lhes ajudar, é fazendo isso tipo part-time, aquelas horinhas, a gente também está a ajudar as pessoas e a gente está a aprender (...) Não é só dizer assim o Governo ajuda, agente quer ser ajudados, a gente também tem que ajudar. Não é só dar o dinheiro. A pessoa dá para poder receber. É muito importante.	Dutra

**Trajectória de vida enquanto beneficiário de RSI – Acordo de inserção: Significado da negociação e assinatura do acordo de inserção**

<b>Text</b>	<b>Code</b>	<b>Segment</b>	<b>Author</b>
Entrevista 4	Trajectória de vida enquanto beneficiário de RSI\Acordo de inserção\Significado da negociação e assinatura do acordo de inserção	Eu ouvi o que ela dizia. Foi simplesmente “blablabla” e a gente assinou. (...) Aquilo era como uma obrigação. Não me senti nem bem, nem mal. Por mim tanto faz porque é assim, eu sei o que é o mundo, só que há pessoas que não sabem! Aquilo até eram passos gastos porque devia fazer-se aquilo, e deve fazer-se, para pessoas menos compreendidas, pessoas como eu não se deve fazer porque dão mais do que aquilo que está lá escrito. Por exemplo, as vacinas do miúdo, não era preciso ela dizer isso porque a gente já faz sempre. Isto é uma família toda vacinada!	Dutra
Entrevista 6	Trajectória de vida enquanto beneficiário de RSI\Acordo de inserção\Significado da negociação e assinatura do acordo de inserção	Senti-me um pouco nervosa, mas já era costume, sobretudo para uma pessoa que preferia estar a trabalhar, a ter que recorrer a esse serviço. Estava um bocadinho envergonhada.	Dutra
Entrevista 8	Trajectória de vida enquanto beneficiário de RSI\Acordo de inserção\Significado da negociação e assinatura do acordo de inserção	Senti que estava a fazer, por um lado, estava a fazer bem, senti que ia assinar qualquer coisa que fosse-me dar mais tarde um bem na vida. Assinei mas sabendo que ia ter um futuro mais para a frente na minha vida.	Dutra
Entrevista 10	Trajectória de vida enquanto beneficiário de RSI\Acordo de inserção\Significado da negociação e assinatura do acordo de inserção	Senti-me bem.	Dutra
Entrevista 11	Trajectória de vida enquanto beneficiário de RSI\Acordo de inserção\Significado da negociação e assinatura do acordo de inserção	Lembro-me como se fosse hoje. Quando eu chego lá e vejo a enfermeira e a coordenadora fiquei um pouco arrepiada quando vi a enfermeira, porque eu era um pouco descuidada para as vacinas, mas quando a enfermeira explicou-me que as vacinas eram muito importantes para a saúde, eu quando vim para casa pensei que ela tinha razão. A partir daí responsabilizei-me muito e agora os meus filhos têm tudo em dia.	Dutra

**Trajectória de vida enquanto beneficiário de RSI – Acordo de inserção: Cumprimento das acções acordadas**

<b>Text</b>	<b>Code</b>	<b>Segment</b>	<b>Author</b>
Entrevista 4	Trajectória de vida enquanto beneficiário de RSI\Acordo de inserção\Cumprimento das acções acordadas	Mais do que aquilo, ou seja, eu acredito por mim próprio, eu dou mais do que aquilo que me pedem. Aquilo que o serviço social me pede para fazer eu faço mais. Faço muito mais, muito mais.	Dutra
Entrevista 6	Trajectória de vida enquanto beneficiário de RSI\Acordo de inserção\Cumprimento das acções acordadas	Sim.	Dutra
Entrevista 8	Trajectória de vida enquanto beneficiário de RSI\Acordo de inserção\Cumprimento das acções acordadas	Foram sim senhora, foram muito bem cumpridas. Eu fiquei, fiquei de parabéns, está ali a Dra. P. que me deu os parabéns lá e a Dra. A. também pode dizer isso muito bem, assinei e assinava mais uma vez se fosse preciso que nunca fui assim de dizer contra.	Dutra
Entrevista 10	Trajectória de vida enquanto beneficiário de RSI\Acordo de inserção\Cumprimento das acções acordadas	Sim.	Dutra
Entrevista 11	Trajectória de vida enquanto beneficiário de RSI\Acordo de inserção\Cumprimento das acções acordadas	Estão todas cumpridas. Não me quero fazer mais do que ninguém, porque sou pequenina, não no tamanho, mas na vida, mas quando ela me falou em ter as coisas em dia, eu já sabia que tinha de andar na regra (...) Mas eu sou uma pessoa muito responsável e tenho tudo em dia. Não estou a pegar no dinheiro e a estarreça-lo, de maneira nenhuma. Quando recebo o rendimento a primeira coisa é pagar a água, luz e a renda da casa, o resto é para o padeiro e mercearia. Se me resta algum, coloco num cantinho na gaveta.	Dutra

**Trajectória de vida enquanto beneficiário de RSI – Acordo de inserção: Opinião sobre a importância das acções acordadas**

<b>Text</b>	<b>Code</b>	<b>Segment</b>	<b>Author</b>
Entrevista 4	Trajectória de vida enquanto beneficiário de RSI\Acordo de inserção\Opinião sobre a importância das acções do acordo de inserção	Aquilo é a abertura de uma janela que, para bom entendedor, não a precisa abrir porque ele sabe as regras que tem de ter, mas a gente sabe que há pessoas que não sabem ler nem escrever e uma parede branca a pessoa diz que é preta, portanto, para essa pessoa tem de se abrir uma janela, para ela ir espreitando para o caminho devagarinho. Eu entendo que aquele acordo faz parte das regras que temos de seguir com o instituto de reinserção social.	Dutra
Entrevista 6	Trajectória de vida enquanto beneficiário de RSI\Acordo de inserção\Opinião sobre a importância das acções do acordo de inserção	A dada altura a minha vida melhorou depois do acordo. A Dr. <sup>a</sup> I. colocou-me num curso de formação, que depois é que me deu o emprego no Royal Garden. Foram essas acções que proporcionaram uma melhoria da minha vida e que devo o meu emprego agora.	Dutra
Entrevista 8	Trajectória de vida enquanto beneficiário de RSI\Acordo de inserção\Opinião sobre a importância das acções do acordo de inserção	Eu achei que aquilo era muito importante e assinei. (...) Na Santa Casa aprendi muita coisa, eu aprendi muita coisa lá e a gente aquilo é tudo, é como um convívio, são pessoas muito meigas. Fazia aquelas bandeirinhas para o Espírito Santo, fazia aquelas bijutarias todas e também ajudava até que eu já sei dar uns pontinhos mas a gente lá aprende muita coisa, eu gostei muito de estar lá.	Dutra
Entrevista 11	Trajectória de vida enquanto beneficiário de RSI\Acordo de inserção\Opinião sobre a importância das acções do acordo de inserção	Com tudo isto eu concordei. Eu concordei porque isto é um direito nosso como mãe.	Dutra

### Trajectória de vida enquanto beneficiário de RSI – Impactes do RSI: Identidade

Text	Code	Segment	Author
Entrevista 1	Trajectória de vida enquanto beneficiário de RSI\Impactes do RSI\Identidade	Sentia-me bem por poder comprar as coisas para os meus filhos (...) Ele [o marido] dizia “parece que estás a ganhar dinheiro dado para ficares em liberdade! Para te vestires, para saíres”.	Dutra
Entrevista 2	Trajectória de vida enquanto beneficiário de RSI\Impactes do RSI\Identidade	Mudou bastante! Comecei a ser ainda mais independente daquilo que já era, comecei a dar mais valor ao dinheiro em si porque também já tinha trabalhado. Naquela altura o dinheiro foi muito bem-vindo. Não sei, comecei a dar mais valor às coisas, já não pegava no dinheiro e gastava à toa. Dei muito valor àquele dinheiro.	Dutra
Entrevista 5	Trajectória de vida enquanto beneficiário de RSI\Impactes do RSI\Identidade	Para mim o rendimento foi bom porque pôs-me a trabalhar e aí já comecei a disfarçar melhor. Eu estava sempre aperreada, dava-me era para estar deitada, sempre a chorar (...) O trabalho para mim fez-me ir esquecendo certas as coisas (...) Quando eu comecei a trabalhar, eu comecei a sentir-me outra.	Dutra
Entrevista 7	Trajectória de vida enquanto beneficiário de RSI\Impactes do RSI\Identidade	Sinto-me mais feliz, estou-me consolando agora.	Dutra
Entrevista 8	Trajectória de vida enquanto beneficiário de RSI\Impactes do RSI\Identidade	Trouxe-me um bocado de felicidade. Estava naquela coisa de muito pessimista (...) e sempre muito nervosa (...) pronto isso facilitou muito a minha vida, já seguimos dias, dia a dia mais descansadinha (...) A pessoa vive mais descansada porque está-se fiando naquele dinheiro, é verdade, é.	Dutra
Entrevista 10	Trajectória de vida enquanto beneficiário de RSI\Impactes do RSI\Identidade	Estou mais feliz com o rendimento.	Dutra
Entrevista 11	Trajectória de vida enquanto beneficiário de RSI\Impactes do RSI\Identidade	O que mudou muito na minha vida foi quando eu recebi o rendimento. Mudou completamente e a prova está à vista (...) Sinto-me feliz como nunca me senti antes.  Comecei a cuidar mais de mim, porque não me cuidava antes (...) Como agora tenho esse dinheirinho penso: este também é para mim, eu é que lutei por ele. Sinto-me feliz com o rendimento (...) Aprendi a pôr muita coisa de lado. Já penso mais em mim, porque antes não me dava uma oportunidade a mim mesma. A psicóloga também me fez ver o lado bom da vida e agarrar-me mais à vida. Antes a minha vida estava a desfazer-se como a manteiga que a gente mete no pão quente. Mas à medida que eu tive ajuda, que começaram a vir à minha casa, que começaram a entender-me, a vida foi tomando outro rumo.	Dutra

**Trajectória de vida enquanto beneficiário de RSI – Impactes do RSI: Consumo**

<b>Text</b>	<b>Code</b>	<b>Segment</b>	<b>Author</b>
Entrevista 1	Trajectória de vida enquanto beneficiário de RSI\Impactes do RSI\Consumo	Certas coisas que eu não tinha passei a comprar (...) Recebia por mês o rendimento e pagava a minha prestação da dívida e recompensava muito (...) Ajudava-me na renda e nos pagamentos da casa, água, luz, gás. Se eu tinha um dinheirinho extra, sempre ajudava nos medicamentos. (...) Sentia-me bem por poder comprar as coisas para os meus filhos. Poder comprar toda a alimentação, os cereais próprios, as mochilas que eles queriam para a escola, o manual, coisas para ela escrever, para vestir.	Dutra
Entrevista 3	Trajectória de vida enquanto beneficiário de RSI\Impactes do RSI\Consumo	Ajudou-nos um bocadinho, mesmo para comer e tudo. Os rapazes eram todos novos, já se sabe que se não fosse aquilo era muito mais complicado. Ao nível da alimentação foi uma grande ajuda (...) Queria que ele trouxesse mais dinheiro, mas não trouxe!	Dutra
Entrevista 4	Trajectória de vida enquanto beneficiário de RSI\Impactes do RSI\Consumo	Ajudou muito, muito, muito (...) No meu caso, se não é esse dinheiro, eu teria de voltar à vida do crime, como já lá estive uma vez por necessidade, por causa dessas dificuldades (...) Mudar, não mudou muito, ou não mudou nada. O que penso do rendimento de inserção social é no dinheiro e é aquele dinheiro que espero receber no final de cada mês, porque se não recebo eu não sei! É que roubar não posso, porque não ando, sou paraplégico. Qual é o crime mais fácil de adquirir dinheiro? Outra vez a droga? Se fosse para estar lá, ainda lá estava, não é? Mas não é isso que eu quero (...) Acontece que o dinheiro que recebo do rendimento de inserção social é muito pouco face aos custos de vida.	Dutra
Entrevista 5	Trajectória de vida enquanto beneficiário de RSI\Impactes do RSI\Consumo	Ele amanhrou-me a vida enquanto eu estive a receber (...) A gente ia devagarinho e ia comendo.	Dutra
Entrevista 6	Trajectória de vida enquanto beneficiário de RSI\Impactes do RSI\Consumo	Veio aliviar a carga... Passámos a ter uma quantia certa todos os meses e tínhamos a possibilidade de pagar as contas normais mensais. Isso já veio aliviar e muito (...) Transmitiu-me segurança, em questões monetárias (...) Tudo melhorou. Os meus filhos passaram a vestir melhor, a alimentação, em primeiro lugar, melhorou muito, os iogurtes, a fruta. Aquilo que havia em pouca quantidade passou a haver em mais quantidade.	Dutra
Entrevista 7	Trajectória de vida enquanto beneficiário de RSI\Impactes do RSI\Consumo	Fiquei tão contente. Pelo menos com esse apoio dá para mim e os meus filhos comerem, calçarem e tudo (...) Estou muito contente com esta ajuda, pelo menos tenho dinheiro para comprar comidinha para os meus filhos e estou descansada.	Dutra
Entrevista 8	Trajectória de vida enquanto beneficiário de RSI\Impactes do RSI\Consumo	Ao menos sei que o meu filho não morre de fome nem vai passar fome porque tem aquele dinheirinho ali, que não seja para mim, cresça pouco para mim mas sei que a criança tem.	Dutra
Entrevista 9	Trajectória de vida enquanto beneficiário de RSI\Impactes do RSI\Consumo	Enquanto recebemos, ajudou para pagar luz, água, alimentação. O que ajudou foi nisso. Em vez de comprarmos menos coisas para a alimentação, comprávamos mais qualquer coisa. A diferença foi nisso (...) Quando recebi esse dinheiro foi para sustentar os meus filhos, para ter uma ajuda para sustentar os meus filhos. Para viver um bocadinho mais folgado, para não ter que contar os cêntimos!	Dutra
Entrevista 10	Trajectória de vida enquanto beneficiário de RSI\Impactes do RSI\Consumo	Com o rendimento já paguei umas coisinhas que estava devendo (...) Comprei as barras para as pequenas dormirem, comprei um par de sapatinhos para a escola, as mochilas. Quando eu vi que as coisas estavam muito mal eu fiz o rendimento, porque as pequenas chegaram a levar as coisas da	Dutra

Entrevista 11	Trajectória de vida enquanto beneficiário de RSI\Impactes do RSI\Consumo	<p>escola num saco de plástico. Agora compro mochilas para elas. O rendimento é muito bom. Dá mais limpeza às crianças. A gente sempre compra uma coisa mais melhor para elas vestirem (...) Os maridos andam no peixe e às vezes o peixe não dá nada. Com esse rendimento, ao fim do mês, vamos buscar as coisas ao Modelo, para encher a casinha. É muito bom para ajudar a viver.</p>	Dutra
Entrevista 12	Trajectória de vida enquanto beneficiário de RSI\Impactes do RSI\Consumo	<p>Se eu não tivesse o rendimento não sei como é que ia criar os meus filhos (...) É graças ao rendimento mínimo que tenho os meus filhos a crescer e é tão bom vê-los a crescer. É tão bom quando eles chegam a casa e pedem pão com doce ou um prato de comida e a gente tem para dar. Custa muito quando a gente quer dar e não tem. Ai se não fosse o rendimento...</p> <p>Fiquei recebendo quase 200€, o que já era uma ajuda muito boa. Não é muito dinheiro para quem tem muito, mas é oiro para quem tem pouco (...) Mudou a minha alimentação (...) coisas que hoje em dias me faltam. Mudou-me tudo! (...) Comprava o meu leitinho e ficava com dinheiro para me ir mantendo.</p>	Dutra

**Trajectória de vida enquanto beneficiário de RSI – Impactes do RSI: Saúde**

<b>Text</b>	<b>Code</b>	<b>Segment</b>	<b>Author</b>
Entrevista 2	Trajectória de vida enquanto beneficiário de RSI\Impactes do RSI\Saúde	Entrei em menopausa precoce aos 17 anos e depois quando regressei tive de ir a um ginecologista, teve de ser tudo pago, por isso o dinheiro deu-me mesmo muito jeito (...) Foi nessa altura que o dinheiro me deu muito, muito jeito (...) Ajudei os meus pais naquilo que podia. Praticamente entreguei o dinheiro todo para a mão deles e, na altura, o dinheiro servia mesmo para os problemas de saúde (...) Devo muito a ele. Se não tivesse aquele dinheiro podia-me ter atrasado mais as coisas, não era tão bem atendida, porque se fosse através das consultas externas era muito mais complicado.	Dutra
Entrevista 12	Trajectória de vida enquanto beneficiário de RSI\Impactes do RSI\Saúde	Mudou (...) a minha medicação, (...) Mudou-me tudo! Dava para comprar a minha medicação e ir vivendo o dia-a-dia. A primeira coisa que ia comprar era a minha medicação (...) as minhas consultas, porque é preciso ter dinheiro para ir para Ponta Delgada e vir para cima.	Dutra

**Trajectória de vida enquanto beneficiário de RSI – Impactes do RSI: Dinâmica familiar**

<b>Text</b>	<b>Code</b>	<b>Segment</b>	<b>Author</b>
Entrevista 6	Trajectória de vida enquanto beneficiário de RSI\Impactes do RSI\Dinâmica familiar	Melhorou.	Dutra
Entrevista 7	Trajectória de vida enquanto beneficiário de RSI\Impactes do RSI\Dinâmica familiar	O meu homem não me bater mais, foi um alívio que saiu das minhas costas (...) O meu marido também já não bebe como bebia.	Dutra
Entrevista 9	Trajectória de vida enquanto beneficiário de RSI\Impactes do RSI\Dinâmica familiar	O rendimento ajudou-me muito a criar as mais moças. Preferia criar os meus filhos em casa, porque foi por isso que eles hoje são o que são. Não digo que as creches são más, até porque trabalhei 3 anos numa creche, mas em casa é outra coisa. Porque quando eu vou trabalhar, eles já não se alimentam como deve ser, com gente em casa é outra coisa. (esposa) (...) Mas se ela trabalhasse na altura que recebeu o rendimento, já os meus filhos iam andar um bocadinho trambolhados, eram menores ainda (...) A educação parte é de casa, não é? Não pode partir de outro lado. Se ela estivesse a trabalhar, se calhar eles faltavam à escola, podiam andar mal encaminhados.	Dutra
Entrevista 11	Trajectória de vida enquanto beneficiário de RSI\Impactes do RSI\Dinâmica familiar	Em relação ao meu marido a melhor coisa que me aconteceu é que ele largou a bebida (...) Desde 2005, quando ele foi a uma reunião com a Dr.ª C. e ela soube falar com ele, soube compreende-lo e ele não bebe. Foi a melhor coisa que me aconteceu. Ele já me arranja o jardim, já pergunta pelas coisas da casa, ele adora a casa! Antes não dava a mínima importância à casa, vinha bêbado, queria era deitar-se, não dava importância à vida. A vida mudou.	Dutra

**Trajectória de vida enquanto beneficiário de RSI – Impactes do RSI: Educação/formação profissional**

<b>Text</b>	<b>Code</b>	<b>Segment</b>	<b>Author</b>
Entrevista 2	Trajectória de vida enquanto beneficiário de RSI\Impactes do RSI\Educação/formação profissional	Entretanto entrei para o curso de empregada administrativa, fiquei só com 25€ porque recebia a bolsa da escola. Eu mesma de mim é que quis tirar esses cursos [corte e costura e empregada administrativa]. Tirei o de empregada administrativa porque queria completar o 9º ano, não foi pelo rendimento.	Dutra
Entrevista 3	Trajectória de vida enquanto beneficiário de RSI\Impactes do RSI\Educação/formação profissional	Estive na escola a aprender umas coisas (...) Tinha lá professoras e enfermeiras, estavam lá a conversar com a gente. Como é que devíamos limpar a casa, essas coisas assim. (esposa).	Dutra
Entrevista 5	Trajectória de vida enquanto beneficiário de RSI\Impactes do RSI\Educação/formação profissional	Depois fui para a escola, por conta do rendimento. Estive lá 3 anos (...) Eu já tinha a escola para a minha idade, mas estava lá pelo rendimento. Eu gostava muito. Pelo Natal as professoras convidavam a gente para irmos aos restaurantes. A gente festejava.	Dutra
Entrevista 6	Trajectória de vida enquanto beneficiário de RSI\Impactes do RSI\Educação/formação profissional	O rendimento também teve outro aspecto muito positivo, que foi pôr os meus filhos na creche, desde pequenos e estão lá desde essa altura. Isso foi muito importante. (...) A Dr.ª I. colocou-me num curso de formação, que depois é que me deu o emprego no Royal Garden.	Dutra
Entrevista 7	Trajectória de vida enquanto beneficiário de RSI\Impactes do RSI\Educação/formação profissional	Tirei um curso de costura, mas nunca dei nada, a gente ficava sempre para trás (...) O meu marido está agora num curso, nas praias, a tomar conta, a limpar as praias (...) é bom enquanto ele não arranja um serviço.	Dutra
Entrevista 8	Trajectória de vida enquanto beneficiário de RSI\Impactes do RSI\Educação/formação profissional	Estava na Santa Casa tirando formação agora, por acaso eu gostava de acabar aquela formação, ajudar assim os idosos, ir levar os idosos a casa, eu gostava muito de estar lá (...) A pessoa ter aquelas três horas, a pessoa também poder ajudar, também tira a pessoa um bocado de casa, a pessoa aprende, não faz mal, a pessoa distrai (...) O projecto Agir, a gente estava no projecto Agir, gostava imenso de estar lá só que surgiu-me estes três meses... No fim daquela formação a gente tem uma carta de recomendação e aquela carta é muito bom, já me servia muito para dentro do Hospital.	Dutra
Entrevista 10	Trajectória de vida enquanto beneficiário de RSI\Impactes do RSI\Educação/formação profissional	Agora estou é na creche, por conta do rendimento, a fazer limpezas (...) Já estou acostumada com as limpezas de casa e lá é igual. Eu gosto de estar lá.	Dutra
Entrevista 11	Trajectória de vida enquanto beneficiário de RSI\Impactes do RSI\Educação/formação profissional	Em 2005 tive uma em que a gente falava da educação dos filhos, a higiene da casa, sobre a nossa higiene com uma enfermeira, como dar uma alimentação saudável. A gente numa formação aprende muito. Agora estou a aprender a bordar, a fazer ponto cruz (...) Nas formações estamos ali todas juntinhas, uma diz uma coisa, outra diz outra, os nossos problemas ali ficam, ali tudo se encerra. Quando chego a casa, nem me lembro do que tinha levado.	Dutra

**Trajectória de vida enquanto beneficiário de RSI – Impactes do RSI: Emprego**

<b>Text</b>	<b>Code</b>	<b>Segment</b>	<b>Author</b>
Entrevista 3	Trajectória de vida enquanto beneficiário de RSI\Impactes do RSI\Emprego	Não me ajudou nesse sentido.	Dutra
Entrevista 5	Trajectória de vida enquanto beneficiário de RSI\Impactes do RSI\Emprego	Para mim o rendimento foi bom porque pôs-me a trabalhar.	Dutra
Entrevista 6	Trajectória de vida enquanto beneficiário de RSI\Impactes do RSI\Emprego	Isso é completamente diferente de estar a receber rendimento mínimo. Eu sei que o que estou a receber é o meu trabalho, é meu. Sinto-me útil e sei que posso contar com aquilo que é apenas meu e isso deixa-me extremamente feliz. Tornei-me uma pessoa mais segura desde que trabalho (...) Isso então foi importantíssimo! É uma mais valia ele [o companheiro] estar a trabalhar e ele está muito contente com o trabalho dele. Eu acho que ele até mudou muito. Tal como eu, ele sente-se mais seguro e tem o seu próprio ordenado no final do mês. Ele está muito diferente daquilo que era, mesmo em casa, ele está muito diferente. Antes o D. era muito irresponsável, mesmo imaturo em diversos aspectos e ele mudou muito. O D. agora está um homem e antes eu considerava-o o meu terceiro filho (...) O aspecto mais positivo disso tudo foi ele arranjar trabalho.	Dutra
Entrevista 11	Trajectória de vida enquanto beneficiário de RSI\Impactes do RSI\Emprego	Agora estou a aprender a bordar, a fazer ponto cruz e tenho vendido muito! Tenho feito umas pegas e ainda hoje me encomendaram! Gostei também muito do trabalho de escamas de peixe e da proposta da Dr. <sup>a</sup> B. em fazermos uma barraquinha. Essa ideia da barraquinha, para a gente que recebe o rendimento, é muito importante porque a gente gosta de mostrar os nossos trabalhos e para mostrar às pessoas que falam mal das pessoas que recebem o rendimento, que também somos alguém na vida, que também gostamos de apresentar aquilo que a gente faz. Porque hoje é uma barraca, mas amanhã passa a ser duas, três e depois já temos mais trabalho.	Dutra

**Trajectória de vida enquanto beneficiário de RSI – Impactes do RSI: Habitação**

<b>Text</b>	<b>Code</b>	<b>Segment</b>	<b>Author</b>
Entrevista 3	Trajectória de vida enquanto beneficiário de RSI\Impactes do RSI\Habitação	Também com o rendimento comprei tijolo para a casa, na cozinha, sempre ajudou. Não foi muito, mas já foi bom.	Dutra
Entrevista 5	Trajectória de vida enquanto beneficiário de RSI\Impactes do RSI\Habitação	Na altura eu estava ainda na casa velha, que não tinha condições. O que tinha de melhor era o quarto de banho que eu fiz (...) Estou nesta casa nova há seis anos.	Dutra
Entrevista 6	Trajectória de vida enquanto beneficiário de RSI\Impactes do RSI\Habitação	Ser realojada foi importante e de que maneira! A casa velha não tinha condições nenhuma e se não viéssemos para aqui, ficávamos lá de baixo. Um tecto sobre a cabeça, onde não chova, onde não haja ratos e bichos de todas as espécies, isso então é uma coisa que eu agradeço, apesar das pessoas que vieram para aqui...	Dutra
Entrevista 7	Trajectória de vida enquanto beneficiário de RSI\Impactes do RSI\Habitação	Foi uma coisa que saiu do meu corpo. Estava antes naquela casa velha, cheia de ratos e tudo.	Dutra
Entrevista 10	Trajectória de vida enquanto beneficiário de RSI\Impactes do RSI\Habitação	Feliz [na casa nova].	Dutra
Entrevista 11	Trajectória de vida enquanto beneficiário de RSI\Impactes do RSI\Habitação	Tive a minha casinha, e aos poucos, com o rendimento, fui construindo o meu ninho (...) Se eu não tivesse o rendimento (...) não tinha casa (...) É graças ao rendimento mínimo que tenho uma casa mobilada (...) Se eu tenho uma casa é graças ao rendimento mínimo, porque quando a gente não tem padrinhos, a gente não se baptiza e eu com a ajuda das assistentes sociais só esperei um ano por esta casa. Se não fossem elas ainda vivia onde estava.	Dutra

**Trajectória de vida enquanto beneficiário de RSI – Relação com o SAS: Existência de relação com o SAS prévia ao RSI**

<b>Text</b>	<b>Code</b>	<b>Segment</b>	<b>Author</b>
Entrevista 1	Trajectória de vida enquanto beneficiário de RSI\Relação com o Serviço de Acção Social\Existência de relação com o SAS prévia ao RSI	Não, foi o rendimento mesmo.	Dutra
Entrevista 2	Trajectória de vida enquanto beneficiário de RSI\Relação com o Serviço de Acção Social\Existência de relação com o SAS prévia ao RSI	Não, não, foi a primeira vez.	Dutra
Entrevista 3	Trajectória de vida enquanto beneficiário de RSI\Relação com o Serviço de Acção Social\Existência de relação com o SAS prévia ao RSI	Não. O rendimento mínimo foi a primeira vez.	Dutra
Entrevista 4	Trajectória de vida enquanto beneficiário de RSI\Relação com o Serviço de Acção Social\Existência de relação com o SAS prévia ao RSI	Não, não. Nunca pedi apoio nenhum	Dutra
Entrevista 5	Trajectória de vida enquanto beneficiário de RSI\Relação com o Serviço de Acção Social\Existência de relação com o SAS prévia ao RSI	Foi o apoio para a medicação.	Dutra
Entrevista 6	Trajectória de vida enquanto beneficiário de RSI\Relação com o Serviço de Acção Social\Existência de relação com o SAS prévia ao RSI	A primeira vez que pedi qualquer tipo de apoio foi o RSI.	Dutra
Entrevista 7	Trajectória de vida enquanto beneficiário de RSI\Relação com o Serviço de Acção Social\Existência de relação com o SAS prévia ao RSI	Sim. Foi por causa de um fogão e umas caminhas, que eu não tinha.	Dutra
Entrevista 8	Trajectória de vida enquanto beneficiário de RSI\Relação com o Serviço de Acção Social\Existência de relação com o SAS prévia ao RSI	Foi o primeiro apoio que eu pedi.	Dutra
Entrevista 9	Trajectória de vida enquanto beneficiário de RSI\Relação com o	O rendimento foi o primeiro apoio.	Dutra

	Serviço de Acção Social\Existência de relação com o SAS prévia ao RSI		
Entrevista 10	Trajectória de vida enquanto beneficiário de RSI\Relação com o Serviço de Acção Social\Existência de relação com o SAS prévia ao RSI	Não. O rendimento foi a primeira vez.	Dutra
Entrevista 11	Trajectória de vida enquanto beneficiário de RSI\Relação com o Serviço de Acção Social\Existência de relação com o SAS prévia ao RSI	Antes do rendimento, não sabia que o serviço de acção social dava apoios	Dutra
Entrevista 12	Trajectória de vida enquanto beneficiário de RSI\Relação com o Serviço de Acção Social\Existência de relação com o SAS prévia ao RSI	Aí fui pedir à Dr.ª F. porque só fiquei a receber do meu marido 9 contos e assim não podia viver. Eu tive quando a Márcia era viva.	Dutra

**Trajectória de vida enquanto beneficiário de RSI – Relação com o SAS: Motivos e frequência dos pedidos de apoio**

<b>Text</b>	<b>Code</b>	<b>Segment</b>	<b>Author</b>
Entrevista 5	Trajectória de vida enquanto beneficiário de RSI\Relação com o Serviço de Acção Social\Motivos e frequência dos pedidos de apoio	Quando precisava.	Dutra
Entrevista 7	Trajectória de vida enquanto beneficiário de RSI\Relação com o Serviço de Acção Social\Motivos e frequência dos pedidos de apoio	Eles dormiam, coitadinhos, num colchão velho.	Dutra
Entrevista 12	Trajectória de vida enquanto beneficiário de RSI\Relação com o Serviço de Acção Social\Motivos e frequência dos pedidos de apoio	A Dr.ª F. dava-me 200€por mês, para mim e para as minhas filhas comerem, que ainda tinha 3 filhos menores. Fiquei recebendo só 45€para ajuda do pagamento da dívida da pensão da Márcia, não tenho ajuda para medicação. Sou diabética e passo crises.	Dutra

**Trajectória de vida enquanto beneficiário de RSI – Relação com o SAS: Opinião sobre os apoios auferidos**

<b>Text</b>	<b>Code</b>	<b>Segment</b>	<b>Author</b>
Entrevista 5	Trajectória de vida enquanto beneficiário de RSI\Relação com o Serviço de Acção Social\Opinião sobre os apoios auferidos	Não tinha outro remédio, dar não dava, mas o que podia fazer?	Dutra
Entrevista 7	Trajectória de vida enquanto beneficiário de RSI\Relação com o Serviço de Acção Social\Opinião sobre os apoios auferidos	Mesmo assim deram as barrinhas, agradei à pessoa. Fiquei muito contente.	Dutra
Entrevista 12	Trajectória de vida enquanto beneficiário de RSI\Relação com o Serviço de Acção Social\Opinião sobre os apoios auferidos	Achei bem, porque com aquele dinheiro é que eles comiam, água, luz, porque eles eram todos pequeninos. Quando a Márcia teve a sua pensão, fui cortada. Foi direito, era o normal. Depois fiz o rendimento mínimo.	Dutra

**Trajectória de vida enquanto beneficiário de RSI – Requerimento: Conhecimento da medida**

<b>Text</b>	<b>Code</b>	<b>Segment</b>	<b>Author</b>
Entrevista 1	Trajectória de vida enquanto beneficiário de RSI\Requerimento\Conhecimento da medida	Diz iam que era uma ajuda, que ajudava à vida (...) A minha sogra disse que era bom eu fazer, que ia nascer mais um e era uma ajudinha.	Dutra
Entrevista 2	Trajectória de vida enquanto beneficiário de RSI\Requerimento\Conhecimento da medida	Através das pessoas, também na altura frequentava a associação Crescer em Confiança, estava num curso de corte e costura e duas colegas recebiam o rendimento mínimo.	Dutra
Entrevista 3	Trajectória de vida enquanto beneficiário de RSI\Requerimento\Conhecimento da medida	A minha mulher é que sabe certo, certo. Ela é que andou por isso (...) Eu depois só tive de ir assinar (...) geralmente os maridos são os cabeças de lista não é?	Dutra
Entrevista 4	Trajectória de vida enquanto beneficiário de RSI\Requerimento\Conhecimento da medida	Eu trabalhava no Pico da Pedra e o Sr. que trabalhava na Casa do Povo era e é muito meu amigo e ele disse-me “Oh Sr. J. como tem muito pouco trabalho com o camião o Sr. podia fazer um pedido de rendimento mínimo”, na altura era assim que se chamava. Eu, sem perceber muito bem da coisa, fiz o pedido.	Dutra
Entrevista 5	Trajectória de vida enquanto beneficiário de RSI\Requerimento\Conhecimento da medida	As pessoas falavam nisso. Disseram para eu ir assim, assado. Eu fui como me mandaram e fui aceite.	Dutra
Entrevista 6	Trajectória de vida enquanto beneficiário de RSI\Requerimento\Conhecimento da medida	Através das notícias.	Dutra
Entrevista 7	Trajectória de vida enquanto beneficiário de RSI\Requerimento\Conhecimento da medida	Foi da boca de uma Sr. <sup>a</sup> que estava a receber o rendimento mínimo e eu disse que também ia fazer e vamos lá ver, porque eu preciso de uma ajuda.	Dutra
Entrevista 8	Trajectória de vida enquanto beneficiário de RSI\Requerimento\Conhecimento da medida	As pessoas comentam, a gente vê na televisão nas notícias, as pessoas que estão desempregadas e têm crianças o Governo ajuda depois pessoas que já têm feito, disse, olha, porque é que não vais fazer, vais pedir ajuda à Segurança Social, eu disse, vou tentar a minha sorte.	Dutra
Entrevista 9	Trajectória de vida enquanto beneficiário de RSI\Requerimento\Conhecimento da medida	Soubemos pela televisão, pelas vizinhas e eu fiz.	Dutra
Entrevista 10	Trajectória de vida enquanto beneficiário de RSI\Requerimento\Conhecimento da medida	A minha mãe também recebia.	Dutra

	medida		
Entrevista 11	Trajectória de vida enquanto beneficiário de RSI\Requerimento\Conhecimento da medida	Quando soube que havia rendimento mínimo, quando fui dar o nome para as casas e a Dr.ª C. me disse para eu fazer, fiquei logo com esperança de receber porque eu precisava.	Dutra
Entrevista 12	Trajectória de vida enquanto beneficiário de RSI\Requerimento\Conhecimento da medida	Uma vez encontrei-me com a Dr.ª A. para contar-lhe a minha situação e ela disse-me para fazer o rendimento mínimo e eu fiz	Dut

**Trajectória de vida enquanto beneficiário de RSI – Requerimento: Motivos do requerimento**

Text	Code	Segment	Author
Entrevista 1	Trajectória de vida enquanto beneficiário de RSI\Requerimento\Motivos do requerimento	O meu marido ganhava 30 e tal contos por semana... não dava bem. Por isso eu meti-me a fazer os papéis do rendimento, vi que era bom (...) Ia nascer mais um e era uma ajudinha.	Dutra
Entrevista 2	Trajectória de vida enquanto beneficiário de RSI\Requerimento\Motivos do requerimento	Regresso e foi nessa altura que queria tirar o curso de estufas, mas não podia ir porque tinha de estar abrangida pelo rendimento mínimo (...) Depois quando cheguei fui lá para abrir o processo e expliquei que estava com problemas de saúde (...) O meu pai tinha os seus trocos, mas com os problemas que eu tinha, eu sabia que tinha de ser tratada. Na altura eu disse lá à Sr.ª que precisava mais do dinheiro era para medicações, médicos (...) Se não precisasse não requeria.	Dutra
Entrevista 3	Trajectória de vida enquanto beneficiário de RSI\Requerimento\Motivos do requerimento	Porque a gente não tinha nada. Foi uma altura difícil. Não havia trabalhos (...) Durante muito tempo não estava a trabalhar e a minha esposa também estava em casa. O meu J. começou a trabalhar, mas era para si, as minhas filhas a estudarem (...) A minha esposa trabalhou há coisa de uns 15 anos, ou 20, numa fábrica de costura na Ribeira Seca, só que acabou e pronto. A partir daí nunca mais trabalhou (...) Tentou, mas não havia. Nem todos têm a mesma sorte.	Dutra
Entrevista 4	Trajectória de vida enquanto beneficiário de RSI\Requerimento\Motivos do requerimento	Estava teso naquela altura. Tinha 9 pessoas a meu cargo e só duas é que trabalhavam, eu e a minha mulher.	Dutra
Entrevista 5	Trajectória de vida enquanto beneficiário de RSI\Requerimento\Motivos do requerimento	Foi depois do meu marido ter falecido, ao cabo de uns tempos (...) Era para a comidinha. A mais velha era casada, mas ainda tinha mais três.	Dutra
Entrevista 6	Trajectória de vida enquanto beneficiário de RSI\Requerimento\Motivos do requerimento	Não tivemos outro remédio senão fazer, porque não tínhamos alternativa. Eu não arranjava emprego, ele não arranjava emprego e depois tínhamos de pensar nos filhos (...) Foi numa altura terrível, passávamos fome, inclusive. Ele trazia muito pouco para casa, as dívidas acumulavam-se, a água, a luz. Já estávamos há 2 meses sem luz.	Dutra
Entrevista 7	Trajectória de vida enquanto beneficiário de RSI\Requerimento\Motivos do requerimento	Não tinha dinheiro, o meu marido não trabalhava, eu também não tinha serviço, uma pessoa também precisava de uma casinha.	Dutra
Entrevista 8	Trajectória de vida enquanto beneficiário de RSI\Requerimento\Motivos do requerimento	Não ter dinheiro para comer nem nada, não ter dinheiro para dizer assim, eu quero comprar um pacote de leite, não tinha (...) Eu socorri-me do Rendimento porque com dificuldades que temos, quero dar ao meu filho e não ter, ele a pedir-me um iogurte, pedir-me comida e não ter para dar era um bocado de pão que a gente se amanhava. Foi mesmo por causa disso, mesmo para sobreviver que recorri ao Rendimento. (...) O que vem à cabeça logo é vou pedir Rendimento, vou pedir ajuda. É o Governo, é para o rendimento que a	Dutra

Entrevista 9	Trajectória de vida enquanto beneficiário de RSI\Requerimento\Motivos do requerimento	<p>gente vai, não tem outra alternativa, é esta.</p> <p>Havia esse programa do rendimento e a gente fez para ver se ajudavam a gente (...) Eles estavam os 5 na escola e só o A. é que trabalhava. Depois arranjámos a casa, estávamos devendo ao banco, por isso é que concorremos a isso. (esposa)</p> <p>A minha esposa não podia trabalhar com 5 filhos, não é? (...) Pedimos essa ajuda para educarmos os nossos filhos, para que eles nunca venham a precisar dessa ajuda, para serem instruídos. Eles com estudos, a ganhar bem, acho que não vão precisar disso.</p>	Dutra
Entrevista 10	Trajectória de vida enquanto beneficiário de RSI\Requerimento\Motivos do requerimento	<p>Eu estive casada 5 anos sem o rendimento, mas como vivia numa garagem pensei “eu tenho de ter uma ajuda”. Pedi para ajudar à família (...) Foi mais para ajudar para as pequenas para se vestirem, para irem para a escola bem terminadinhas, para não faltar nada às pequenas. Coisas de precisão (...) Quando eu vi que as coisas estavam muito mal eu fiz o rendimento, porque as pequenas chegaram a levar as coisas da escola num saco de plástico.</p>	Dutra
Entrevista 11	Trajectória de vida enquanto beneficiário de RSI\Requerimento\Motivos do requerimento	<p>O meu marido trabalhava e sempre trabalhou mas ele bebia a maior parte do dinheiro. Eu quando reclamava ele dizia “o dinheiro não é teu, quem trabalhou pelo dinheiro fui eu” e custa muito a gente comer pelas mãos de um marido. É muito importante para uma mulher ter o seu próprio emprego, porque eles assim não nos atiram nada à cara. A gente quando não trabalha obriga-se a levar uma vida desgraçada (...) Muita vez pedi esmola para as minhas filhas comerem, porque eu não tinha! O meu marido bebia muito e eu alguma coisa tinha de fazer. Fui pedir e fui sempre aceite (...) E muitas vezes, quando o meu marido vinha bêbado, eu esperava que ele adormecesse para lhe tirar o dinheiro da carteira e não tenho vergonha de lhe dizer! Ele batia-me e punha-me para o caminho, mas eu preferia que ele me batesse para eu dar comida aos meus filhos, porque os meus filhos são muito importantes para a minha vida.</p>	Dutra
Entrevista 12	Trajectória de vida enquanto beneficiário de RSI\Requerimento\Motivos do requerimento	<p>Quando o meu marido partiu, a minha vida partiu. A minha vida ficou destruída, fiquei sem pernas para andar.</p>	Dutra

**Trajectória de vida enquanto beneficiário de RSI – Requerimento: Representações sobre o momento do requerimento**

<b>Text</b>	<b>Code</b>	<b>Segment</b>	<b>Author</b>
Entrevista 1	Trajectória de vida enquanto beneficiário de RSI\Requerimento\representações sobre o momento do requerimento	O meu marido é que teve mais [vergonha], mas eu não pensava assim. Ele dizia “vão dizer que são dinheiros dados, que estamos a viver às custas do rendimento. Tu vais é procurar trabalho”. Quando fui aceite o meu marido disse “agora vão dizer que a tua roupa é do rendimento” e eu não era de luxos, até hoje não sou. Penso no que tenho para pagar e aquela preocupação com os meus filhos. Primeiro são eles. Não quero que nada lhes falte, que nada os prejudique e também ao meu marido, que ele não tem culpa de me ter.	Dutra
Entrevista 2	Trajectória de vida enquanto beneficiário de RSI\Requerimento\representações sobre o momento do requerimento	A gente sente-se sempre um bocadinho constrangidas, não é? Se eu tivesse um pai 100%, eu não recorria a isso, mas sei que o meu pai de vez em quando pregava na cara, a dizer que eu estava sempre doente e eu estava naquela de querer ser mais independente e não estar tão dependente dele. Pensei “vou arriscar, se não conseguir, paciência”.	Dutra
Entrevista 3	Trajectória de vida enquanto beneficiário de RSI\Requerimento\representações sobre o momento do requerimento	Senti-me normal. Se a gente precisa... (...) A gente tem de aproveitar. Se não pudessem dar, paciência, a gente havia de se amañhar.	Dutra
Entrevista 4	Trajectória de vida enquanto beneficiário de RSI\Requerimento\representações sobre o momento do requerimento	Senti-me bem.	Dutra
Entrevista 5	Trajectória de vida enquanto beneficiário de RSI\Requerimento\representações sobre o momento do requerimento	Tive que me obrigar! Não tive vergonha, antes pedir que roubar.	Dutra
Entrevista 6	Trajectória de vida enquanto beneficiário de RSI\Requerimento\representações sobre o momento do requerimento	Quando ia fazer o requerimento custava-me. Custava-me falar em voz que os outros ouvissem, porque não queria fazer e via-me obrigada a isso (...) Tínhamos uma certa relutância em fazer porque é como se estivéssemos a pedir esmola. No meu caso e no dele tínhamos uma certa vergonha em assumir que recebíamos.	Dutra
Entrevista 7	Trajectória de vida enquanto beneficiário de RSI\Requerimento\representações sobre o momento do requerimento	Fiquei tão contente. Precisava de ajuda.	Dutra
Entrevista 8	Trajectória de vida enquanto beneficiário de RSI\Requerimento\representações sobre o momento do requerimento	Senti-me um bocadinho assim, um pouco inútil, dizer assim estou a pedir e não consigo trabalhar mas pronto era quando não arranjava trabalho. Mas dizia assim, a todo o momento que eu arranje um trabalho, eu sou pessoa para vir cá e dizer que já estou a trabalhar, como foi agora. Nada como a gente trabalhar pelo nosso dinheiro, nada como a gente trabalhar.	Dutra

Entrevista 9	Trajectória de vida enquanto beneficiário de RSI\Requerimento\representações sobre o momento do requerimento	Não me senti bem. Também pediam muitos papéis. Todos os meses tínhamos de entregar mais papéis (...) o ordenado dele, se a gente tinha dinheiro no banco, essas coisas assim (...) Quando eu pedi o rendimento, eu não sabia que ia receber porque estivemos ali um ano à espera e nunca veio resposta. Eu até já nem me lembrava disso.	Dutra
Entrevista 10	Trajectória de vida enquanto beneficiário de RSI\Requerimento\representações sobre o momento do requerimento	Senti-me feliz, porque é uma ajuda muito boa.	Dutra
Entrevista 11	Trajectória de vida enquanto beneficiário de RSI\Requerimento\representações sobre o momento do requerimento	Fiquei com receio sem saber se ia ser aprovada ou não, mas a esperança era sempre de receber, porque quando a gente precisa, a aflição ainda é maior, a gente sofre com a espera.	Dutra
Entrevista 12	Trajectória de vida enquanto beneficiário de RSI\Requerimento\representações sobre o momento do requerimento	Senti-me feliz, porque precisava. Ninguém pede sem precisar.	Dutra

**Trajectória de vida enquanto beneficiário de RSI – Visão do RSI: Opinião sobre o RSI**

<b>Text</b>	<b>Code</b>	<b>Segment</b>	<b>Author</b>
Entrevista 1	Trajectória de vida enquanto beneficiário de RSI\Visão do RSI\Opinião sobre o RSI	Ajuda um bocadinho à vida, por exemplo, para quem ganha o ordenado mínimo (...) A quem tem aquela coisa de vida, não dão o rendimento, a pessoas que não querem trabalhar e deixam os filhos, têm ajuda	Dutra
Entrevista 2	Trajectória de vida enquanto beneficiário de RSI\Visão do RSI\Opinião sobre o RSI	Tudo tem um lado bom e um lado negativo. Há pessoas que sabem pegar no dinheiro e aplicá-lo bem, mas infelizmente existem pessoas que não sabem fazê-lo bem. Infelizmente a gente desconta para isso, mas pronto, tem de ser.	Dutra
Entrevista 3	Trajectória de vida enquanto beneficiário de RSI\Visão do RSI\Opinião sobre o RSI	Eu acho bem o rendimento para as pessoas que necessitam. É muito importante.	Dutra
Entrevista 4	Trajectória de vida enquanto beneficiário de RSI\Visão do RSI\Opinião sobre o RSI	Aquilo é um dinheiro que mata a fome a muita gente, desenrasca muita gente. É um dinheiro que faz muita falta pelo menos a 70% da população que o recebe. Dos outros 30%, 15% só está à espera do dinheiro para a bebida, eu falo de Portugal inteiro, desses milhões que estão a receber. Os outros 15% dividimos por duas partes: 7,5% é para dívidas, pessoas que precisam do dinheiro é para as dívidas, porque estão desenrascados para a alimentação e as outras coisas. Os outros 7,5% são pessoas que recebem indevidamente.	Dutra
Entrevista 5	Trajectória de vida enquanto beneficiário de RSI\Visão do RSI\Opinião sobre o RSI	Eu acho que muita gente merecia e muita gente não merecia, porque tem por aí mais novas do que eu, com mais saúde do que eu, com os seus maridos e recebem o rendimento. Eu, com o ordenado mínimo, venho estafadíssima, doente. Acabo como a menina vê, com um chá e dois panasorbes e venho para aqui descansar. Já tenho 51 anos.	Dutra
Entrevista 6	Trajectória de vida enquanto beneficiário de RSI\Visão do RSI\Opinião sobre o RSI	Não concordo que os mais novos recebam o rendimento, a menos que a pessoa esteja em absoluta necessidade, porque a maioria está aí na rua e devia estar a trabalhar (...) Eu acho que há pessoas que deviam receber e passam necessidades, apesar de ter trabalho e há pessoas que não deviam receber e que enganam os técnicos e trabalham às escondidas e que ainda se riem da cara dos técnicos. Para mim, essas pessoas e as que passam a vida na rua a provocar, sem ter o que fazer, a essas pessoas devia ser retirado o rendimento mínimo porque se estão a receber, deviam agradecer e não escarnecer.	Dutra
Entrevista 7	Trajectória de vida enquanto beneficiário de RSI\Visão do RSI\Opinião sobre o RSI	Acho que sim, para aqueles que mais precisam. Ajuda as pessoas a terem dinheirinho para comerem, para pagar a água, luz, o gás, o que é mais preciso. Mas as que podem trabalhar devem ir.	Dutra
Entrevista 8	Trajectória de vida enquanto beneficiário de RSI\Visão do RSI\Opinião sobre o RSI	A gente sabe que quando estamos aflitas o governo ajuda e acho muito bem, quem tem crianças que as crianças não têm culpa de vir para este mundo (...) Sei que fui sincera e sei que mais uma vez vão-me ajudar porque se a pessoa joga limpo e se é sincera, o governo está aqui para ajudar (...) Agora tem muitas pessoas que se fiam	Dutra

		naquele dinheiro e não querem arranjar trabalho mas não, nunca foi o meu caso e não espero ser, até porque estou trabalhando. Se não quisesse trabalhar dizia assim, eu não vou (...) A gente não vive do rendimento, o rendimento é uma ajuda, para ajudar a gente não passar fome e não morrer à fome, é isso, para viver do rendimento, ninguém vive do rendimento.	
Entrevista 9	Trajectória de vida enquanto beneficiário de RSI\Visão do RSI\Opinião sobre o RSI	Para quem precisa já se sabe que é bom. É uma esmola que estão fazendo, mas há muitos aí que podem trabalhar e não trabalham e isso é uma coisa diferente. Muita gente que conheço com saúde para trabalhar e como têm esses dinheiros já não querem trabalhar (...) O governo é que deve olhar por isso (...) Deviam ajudar era quem está a estudar, nos abonos, nas escolas (...) Devia era haver trabalho para todos.	Dutra
Entrevista 10	Trajectória de vida enquanto beneficiário de RSI\Visão do RSI\Opinião sobre o RSI	O rendimento é muito bom. Dá mais limpeza às crianças (...) Para ajudar a viver a família, para os pequenos, para não irem rotos para a escola. É muito bom. Não haviam era de cortar (...) porque todos precisam para as comidinhas e tudo.	Dutra
Entrevista 11	Trajectória de vida enquanto beneficiário de RSI\Visão do RSI\Opinião sobre o RSI	A melhor coisa foi haver o rendimento (...) As pessoas fazem o rendimento porque precisam e acho muito importante essa ajuda (...) A primeira coisa que a assistente social diz quando a gente faz o rendimento é “Sras., o rendimento é uma ajuda!”, não é um ordenado. Eu fiquei com medo, porque se a assistente social me está a avisar é porque me quer bem.	Dutra
Entrevista 12	Trajectória de vida enquanto beneficiário de RSI\Visão do RSI\Opinião sobre o RSI	O governo fez muito bem por um lado, mas há pessoas que não sabem aproveitar, não sabem agradecer (...) A gente devia agradecer, todos os dias, a Nosso Senhor, ao governo e às pessoas que nos ajudam, porque agora sinto muita falta (...) É muito importante para quem souber dirigir o dinheiro. É pouco, mas mais vale pouco do que nada, porque com o pouco a gente conta (...) Não acho certo as pessoas tão pobres, com tanta dificuldade, como eu passo, tirarem o apoio. Mas a mocidade nova, com tanto rendimento, podres de bêbados, elas é sapatos sobre sapatos, vestidos sobre vestidos, malas sobre malas. Se o rendimento é dado para os filhos comerem, como é que elas podem fazer aquilo? Não podem! E os velhinhos, com reformas pequeninas, como é o meu caso, a morrer de fome.	Dutra

**Trajectória de vida enquanto beneficiário de RSI – Visão do RSI: Sentimentos associados à condição de assistido**

<b>Text</b>	<b>Code</b>	<b>Segment</b>	<b>Author</b>
Entrevista 1	Trajectória de vida enquanto beneficiário de RSI\Visão do RSI\Sentimentos associados à condição de assistido	O gostar, gostava, por um lado, porque era para ajudar mais à renda. O outro lado era para as pessoas não pensarem que a gente comi a às custas do rendimento, porque ele não se sente bem.	Dutra
Entrevista 2	Trajectória de vida enquanto beneficiário de RSI\Visão do RSI\Sentimentos associados à condição de assistido	Eu sentia-me mal, porque podia estar a tirar o dinheiro de outras pessoas porque, sinceramente, há pessoas com mais necessidade ainda mas, por outro lado, sentia-me protegida porque havia alguém que me desse a mão (...) Era o reforço que precisava na altura.	Dutra
Entrevista 3	Trajectória de vida enquanto beneficiário de RSI\Visão do RSI\Sentimentos associados à condição de assistido	Senti-me bem, mas já se sabe que quando me tiram já foi menos um dedo ou dois.	Dutra
Entrevista 4	Trajectória de vida enquanto beneficiário de RSI\Visão do RSI\Sentimentos associados à condição de assistido	Fiquei feliz porque estava teso naquela altura. Fui ter ao serviço da minha mulher, ela trabalhava na altura, e fomos fazer umas compras. Bem, mas tinha 9 pessoas a meu cargo e só duas é que trabalhavam, eu e a minha mulher (...) Sinto-me bem, porque tenho o pão-nosso de cada dia, porque este dinheiro ajuda-me para este fim. Não sinto vergonha, vou a qualquer parte, porque se sentisse vergonha, como paraplégico, nem à praia eu ia.	Dutra
Entrevista 5	Trajectória de vida enquanto beneficiário de RSI\Visão do RSI\Sentimentos associados à condição de assistido	Senti-me bem porque precisava.	Dutra
Entrevista 6	Trajectória de vida enquanto beneficiário de RSI\Visão do RSI\Sentimentos associados à condição de assistido	Para mim era humilhante. Sempre tentei arranjar um trabalho, um emprego, o que fosse, de modo a deixar de receber rendimento mínimo porque, para mim, era como se estivesse a receber uma esmola. Não encontro outra palavra para descrever melhor, mas para mim era isso.	Dutra
Entrevista 7	Trajectória de vida enquanto beneficiário de RSI\Visão do RSI\Sentimentos associados à condição de assistido	Sinto-me feliz.	Dutra
Entrevista 8	Trajectória de vida enquanto beneficiário de RSI\Visão do RSI\Sentimentos associados à condição de assistido	Eu não gosto de estar em casa a receber o rendimento, não gosto, eu gosto de estar a trabalhar, trabalhar por aquilo (...) Senti-me feliz, senti-me bem porque eu sabia que ia-me ajudar e muito mais descansada e contente (...) A gente fica contente só de saber que amanhã tem uma fatia de pão para dar a um filho nosso, a gente fica muito contente, apesar de não ser do nosso suor mas sabendo que há alguém que possa nos ajudar.	Dutra
Entrevista 9	Trajectória de vida enquanto beneficiário de RSI\Visão do RSI\Sentimentos associados à condição de assistido	Até tinha medo de ir buscar esse dinheiro, para as pessoas e os vizinhos não saberem. Não é que não tivéssemos necessidade mas estas pessoas (...) Quando uma vizinha dizia “aquele recebe o rendimento”, uma pessoa ficava assim mais estranha (...) Preferia trabalhar do que receber. (esposa)	Dutra

Entrevista 10	Trajectória de vida enquanto beneficiário de RSI\Visão do RSI\Sentimentos associados à condição de assistido	Senti-me feliz porque foi uma ajuda muito boa.	Dutra
Entrevista 11	Trajectória de vida enquanto beneficiário de RSI\Visão do RSI\Sentimentos associados à condição de assistido	Muitas pessoas falam mal do rendimento mínimo, mas essas pessoas falam de boca cheia. Se elas passassem o que a gente passou, não falavam assim. Não podemos falar mal porque todos podemos precisar do rendimento. As pessoas que recebem o rendimento são muito desprezadas. Somos provocadas quando passamos, se compramos alguma coisa “é do rendimento”. Eu não sei porquê, mas as pessoas do rendimento são faladas em todo o lado (...) As pessoas são respeitadas pelo lado das pessoas que trabalham com a gente, que nos compreendem, que sabem que a gente precisa, que sabem parte das nossas dificuldades. Quanto às outras pessoas, por elas a gente já não tinha o rendimento.	Dutra
Entrevista 12	Trajectória de vida enquanto beneficiário de RSI\Visão do RSI\Sentimentos associados à condição de assistido	Sentia-me protegida (...) Sentia-me feliz.	Dutra

**Trajectória de vida enquanto beneficiário de RSI – Visão do RSI: Opinião sobre o acompanhamento técnico/papel do AS**

<b>Text</b>	<b>Code</b>	<b>Segment</b>	<b>Author</b>
Entrevista 6	Trajectória de vida enquanto beneficiário de RSI\Visão do RSI\Opinião sobre o acompanhamento técnico/papel do AS	Ele chamou-nos para nos conhecer e para se apresentar como o novo técnico. Depois, as visitas eram frequentes, ele também nos mandava chamar e era isso (...) Ele [o marido] tentou arranjar emprego a valer. Mas um dos aspectos que o influenciou mais foi a assistente social porque foi muito compreensiva e conseguiu influenciar o D. num aspecto positivo e incentivou-o a procurar emprego, não desprezando as suas capacidades e a essa assistente social eu também lhe devo em parte isso. É muito bom sentir que essa pessoa acredita em nós, que podemos ter uma vida melhor, isso é muito positivo. A pessoa sente-se estimulada por alguém que nem sequer conhece e que acredita nessa pessoa.	Dutra
Entrevista 8	Trajectória de vida enquanto beneficiário de RSI\Visão do RSI\Opinião sobre o acompanhamento técnico/papel do AS	A Dra. P. é muito boa psicóloga (...) A Dra. A. está ali e são belíssimas pessoas mesmo e são pessoas mesmo simpáticas e gostam de ajudar, vou ser sincera.	Dutra
Entrevista 9	Trajectória de vida enquanto beneficiário de RSI\Visão do RSI\Opinião sobre o acompanhamento técnico/papel do AS	Andavam sempre em cima (...) Elas chamavam, mas era sempre para entregar documentos. (...) Elas só vieram cá uma vez, que foi quando vieram ver a casa. Foi só este dia. De resto, nunca vieram cá. Só de vez em quando mandavam uma carta para entregar os documentos, o ordenado dele e era isso. (esposa)	Dutra
Entrevista 10	Trajectória de vida enquanto beneficiário de RSI\Visão do RSI\Opinião sobre o acompanhamento técnico/papel do AS	Se houver algum problema com algum papel ou alguma coisa não cortem, avisem, porque às vezes eu fico despercebida da cabeça. Alguma coisa, um seja que for, querem logo é cortar! É uma vacina, é uma consulta, é alguma coisa, não se corta, avisem! Isso é muito importante. Não é cortar logo e já (...) Têm de avisar. Isso é que é o apoio! Não é receber uma carta à porta... Têm que trabalhar, têm que avisar e pensar “a mulher despercebeu-se”. Uma pessoa, se tem consciência, avisa a pessoa. Esse é que é o apoio. Telefonar, ou assim, e dizer “Oh V. tens de fazer isso” (...) E algum problema com os pequenos, não é tirar logo os pequenos. Não podiam tirar os filhos da mãe e do pai... podiam avisar! É outro apoio! Andar em cima da casa, em cima dos pequenos, em cima do pai e da mãe (...) Nosso Senhor não quer isso... quer é falar, ajudar a pessoa. Se eu não sei arranjar uma casa, arranjar uma criança, eu gostava que me ensinassem, isso é que é importante. Mas agora está melhor, há mais apoios. Está diferente de antigamente (...) O rendimento social, as meninas da assistência, uma conversa com uma e com outra, já aprendemos muita coisa. Antes não faziam isso. O apoio agora é esse. Também entraram muitas pessoas novas para ajudar e tudo. Eu gosto delas. Dizem “V. não se faz isso, faz-se é assim”. Eu gosto disso assim, avisar as pessoas.	Dutra
Entrevista 11	Trajectória de vida enquanto beneficiário de RSI\Visão do RSI\Opinião sobre o acompanhamento técnico/papel do AS	O que acho muito interessante no rendimento mínimo é que as assistentes sociais se preocupam com os nossos filhos (...) Elas estão sempre a alertar para pagar as rendas da casa, não fazer dívidas e isso para mim é muito	Dutra

importante (...) É importante termos quem nos ajude porque sozinhas não vamos a lado nenhum. Se temos alguém que nos ajude, que nos empurre, alguém que diga “a A. faça isso!” porque duas cabeças a pensar pensam melhor do que uma! Para mim tem sido uma ajuda formidável (...) As assistentes sociais é como se fossem da família. Gosto delas. São pessoas em quem podemos confiar e é bom haver uma pessoa a quem a gente pode contar a nossa vida e ali fica. Muita ajuda tenho tido... mas a ajuda não vai só no dinheiro (...) Tive o apoio da assistente social, conheci assistentes sociais maravilhosas, nunca me vou esquecer do sorriso delas, da maneira de ser delas (...) Tenho o apoio das consultas de psicologia. Foi muito importante também haver uma psicóloga porque a gente tem muitos problemas e não sabemos lidar com eles sozinhas. Quantas vezes eu sofri por não ter com quem desabafar. Quando eu tive a psicóloga, sei que ela ficou cansada, mas pus tudo para fora! Foi o mesmo que ir a uma igreja e confessar-me! Eu adoro a Dr.ª P. Ela mostrou logo interesse, ela ouviu-me, ela responde-me, dá-me elogios, ela sabe dar a resposta certa na hora certa (...) Quando eu tive muito doente, quem é que eu vi à minha porta? A Dr.ª C. e a Dr.ª P.! Eu não vi a minha mãe, eu não vi os meus irmãos. Está tudo gravado cá dentro... Se eu não tivesse uma assistente social? Quem é que se importou comigo? “A A. que vá ao médico!”, quem é que me veio buscar para levar ao hospital? A Dr.ª C. Quem é que me veio ver quando cheguei do continente? A Dr.ª P. Até a coordenadora veio a minha casa! Eu senti-me uma pessoa importantíssima. Se eu não tivesse o rendimento, não tinha este apoio todo! Quem é que foi pedir a comida à Santa Casa quando fiquei doente? Eu não esqueço essas coisas... Isso até choca só de falar nisso (...) O rendimento deve ter orgulho das pessoas que trabalham nele. A vontade com que os assistentes sociais trabalham! Aquela garra, aquela imaginação, sempre a querer ajudar-nos, sempre a querer dar-nos coisas novas, sempre a querer nos arrastar para as formações, isto para mim é maravilhoso. Nunca nos deixem de lado, ajudem-nos sempre. Façam de nós mais mulheres do que nós somos. Puxem pela gente! (...) Se não puxassem por nós, a gente também murchava muito. A flor também não gosta só do sol, ela também gosta de sombra. Puxem também pelos nossos maridos, os nossos filhos, fazer uma formação para as crianças, que eles também gostam. Quando vêm as assistentes sociais eles vêm a correr para casa, com aquela alegria. Até os nossos filhos já reconhecem isso!

Entrevista 12 Trajectória de vida enquanto beneficiário de RSI\Visão do RSI\Opinião sobre o acompanhamento técnico/papel do AS

A Dr.ª F. foi uma segunda mãe dos meus filhos.

Dutra

**Trajectória de vida após a cessação da prestação – Trajectória residencial: Mudança de residência**

<b>Text</b>	<b>Code</b>	<b>Segment</b>	<b>Author</b>
Entrevista 1	Trajectória de vida após a cessação da prestação\Trajectória residencial\Mudança de residência	Mas estou há um mês nesta casa de renda e é muito melhor.	Dutra
Entrevista 2	Trajectória de vida após a cessação da prestação\Trajectória residencial\Mudança de residência	Agora vivo nas Calhetas (...) Comprei a casa e estou a pagar ao banco.	Dutra
Entrevista 4	Trajectória de vida após a cessação da prestação\Trajectória residencial\Mudança de residência	Eu já tinha sido realojado no ano 2000, só que foi numa freguesia que eu não conhecia nem a freguesia, nem o povo. Depois surgiu a oportunidade de fazer uma troca, através da Secretaria, de vir para a Ribeirinha para este apartamento.	Dutra
Entrevista 5	Trajectória de vida após a cessação da prestação\Trajectória residencial\Mudança de residência	Estou nesta casa nova há seis anos.	Dutra
Entrevista 6	Trajectória de vida após a cessação da prestação\Trajectória residencial\Mudança de residência	Ser realojada foi importante e de que maneira!	
Entrevista 7	Trajectória de vida após a cessação da prestação\Trajectória residencial\Mudança de residência	Estou-me consolando agora aqui [na nova casa].	
Entrevista 10	Trajectória de vida após a cessação da prestação\Trajectória residencial\Mudança de residência	Mas antes dessa tive outra. Saí da garagem e fui viver para uma loja de um cunhado do meu marido. Fizemos uns quatinhos lá. Há um ano que agora estou aqui. Sempre numa garagem. Casamos e continuamos na garagem.	Dutra
Entrevista 11	Trajectória de vida após a cessação da prestação\Trajectória residencial\Mudança de residência	Tive a minha casinha, e aos poucos, com o rendimento, fui construindo o meu ninho	Dutra

**Trajectoria de vida após a cessação da prestação – Trajetória residencial: Melhorias ao nível das condições habitacionais**

<b>Text</b>	<b>Code</b>	<b>Segment</b>	<b>Author</b>
Entrevista 1	Trajectoria de vida após a cessação da prestação\Trajetória residencial\Melhorias ao nível das condições habitacionais	Essa casa de renda tinha cheiro a esgoto, problemas com a fossa. Era uma casinha muito pequenina (...) Mas estou há um mês nesta casa de renda e é muito melhor. Tem mais higiene e boas condições.	Dutra
Entrevista 3	Trajectoria de vida após a cessação da prestação\Trajetória residencial\Melhorias ao nível das condições habitacionais	Também com o rendimento comprei tijolo para a casa, na cozinha, sempre ajudou. Não foi muito, mas já foi bom.	Dutra
Entrevista 5	Trajectoria de vida após a cessação da prestação\Trajetória residencial\Melhorias ao nível das condições habitacionais	Eu vim para esta casa sozinha e sem nada e já paguei ao banco cinco mil euros. Tudo o que a menina está a ver foi tudo comprado.	Dutra
Entrevista 6	Trajectoria de vida após a cessação da prestação\Trajetória residencial\Melhorias ao nível das condições habitacionais	A casa velha não tinha condições nenhuma e se não viéssemos para aqui, ficávamos lá de baixo. Um tecto sobre a cabeça, onde não chova, onde não haja ratos e bichos de todas as espécies, isso então é uma coisa que eu agradeço.	Dutra
Entrevista 7	Trajectoria de vida após a cessação da prestação\Trajetória residencial\Melhorias ao nível das condições habitacionais	Foi uma coisa que saiu do meu corpo. Estava antes naquela casa velha, cheia de ratos e tudo.	Dutra
Entrevista 10	Trajectoria de vida após a cessação da prestação\Trajetória residencial\Melhorias ao nível das condições habitacionais	Antes dessa tive outra. Saí da garagem e fui viver para uma loja de um cunhado do meu marido. Fizemos uns quatinhos lá. Há um ano que agora estou aqui.	Dutra
Entrevista 11	Trajectoria de vida após a cessação da prestação\Trajetória residencial\Melhorias ao nível das condições habitacionais	É graças ao rendimento mínimo que tenho uma casa mobilada (...) Se eu não tivesse o rendimento não tinha casa.	Dutra

**Trajectória de vida após a cessação da prestação – Cessação da prestação: Motivo da cessação**

<b>Text</b>	<b>Code</b>	<b>Segment</b>	<b>Author</b>
Entrevista 1	Trajectória de vida após a cessação da prestação\Cessação da prestação\Motivo da cessação	Quando comecei na Cofaco fui cortada no rendimento (...) Depois comecei a trabalhar e cortaram-me.	Dutra
Entrevista 2	Trajectória de vida após a cessação da prestação\Cessação da prestação\Motivo da cessação	Deixei de receber porque faltei a uma reunião, despercebi-me, mas também não me fez efeito porque estava a estudar ainda e isso sempre me ia ajudando.	Dutra
Entrevista 3	Trajectória de vida após a cessação da prestação\Cessação da prestação\Motivo da cessação	Não sei. Foram reduzindo, reduzindo e depois acabou. O que é que a gente pode fazer? (...) Eles é que sabem, quem manda, manda.	Dutra
Entrevista 4	Trajectória de vida após a cessação da prestação\Cessação da prestação\Motivo da cessação	Como o dinheiro era muito pouco, não chegava para as despesas da casa, nem para a alimentação... falava-se muito em droga, um dito italiano que em 2002 abandonou droga na costa de São Miguel e 1kg dessa droga veio parar-me às mãos. Eu sabia o que era, não sabia era o valor. Quando me começo a aperceber do valor, já tinha acabado de vender a droga, mas quando acabei de a vender a polícia pega-me.	Dutra
Entrevista 5	Trajectória de vida após a cessação da prestação\Cessação da prestação\Motivo da cessação	Depois de estar na escola, o Dr. R. disse que minha mãe tinha que ir trabalhar, a tomar conta de uma senhora idosa, pesadíssima, pelos oito contos. Se a minha mãe não fosse, ele cortava os oito contos. A minha mãe coitadinha, como precisava daquele dinheirinho, foi, só que no fim das contas ele cortou os oito contos e a minha mãe só ficou a receber os 150€que os filhos da velhinha pagavam. (filha)	Dutra
Entrevista 6	Trajectória de vida após a cessação da prestação\Cessação da prestação\Motivo da cessação	Encontro-me a trabalhar e o D. também, por isso não há necessidade de receber mais rendimento mínimo.	Dutra
Entrevista 7	Trajectória de vida após a cessação da prestação\Cessação da prestação\Motivo da cessação	Não sei.	Dutra
Entrevista 8	Trajectória de vida após a cessação da prestação\Cessação da prestação\Motivo da cessação	Nunca foi dizer assim agora eles cancelaram por assim dizer a pessoa não comparece ou não foi uma carta e foi cortada, ou seja, aconteceu qualquer coisa, ou por falta de não ter as vacinas ou alguma coisa assim, nunca foi por isso (...) Disse a elas que ia para a América e então foi cortado (...) Tinha que desistir, a gente tem que desistir quando começa a trabalhar.	Dutra
Entrevista 9	Trajectória de vida após a cessação da prestação\Cessação da prestação\Motivo da cessação	Quando o meu filho saiu da escola elas cortaram-me logo.	Dutra
Entrevista 10	Trajectória de vida após a cessação da prestação\Cessação da prestação\Motivo da cessação	Eu não entreguei uns papéis que era preciso e fui cortada.	Dutra
Entrevista 11	Trajectória de vida após a cessação da prestação\Cessação da prestação\Motivo da cessação	Recebi uma carta da assistente social a pedir que o meu marido preenchesse uma declaração a dizer quanto ganhava, mas como o meu marido era uma pessoa que bebia muito, não obedecia a nada (...) No dia, ela foi educadíssima com o meu marido, mas ele foi uma besta. Quando ela perguntou quanto ele ganhou ele respondeu mal, disse “a Sr.ª há-de perguntar quanto eu ganho, as mesmas vezes que eu lhe pergunto a si”. Eu queria enterrar a cara pelo chão dentro... coitadas de nós quando a gente sofre por causa dos nossos maridos.	Dutra
Entrevista 12	Trajectória de vida após a cessação da prestação\Cessação da prestação\Motivo da cessação	O primeiro foi cancelado porque na altura o meu marido recebia 60 contos. Depois foi por causa da pensão da Márcia. Quando ela morreu, tornei a recorrer ao rendimento. Agora foi porque a Juliana casou.	Dutra

**Trajectória de vida após a cessação da prestação – Cessação da prestação: Sentimentos associados à cessação da prestação**

<b>Text</b>	<b>Code</b>	<b>Segment</b>	<b>Author</b>
Entrevista 1	Trajectória de vida após a cessação da prestação\Cessação da prestação\Sentimentos associados à cessação da prestação	Depois comecei a trabalhar e cortaram-me, mas não quer dizer que eu subi mais alto, desci para baixo (...) Eu já me conhecia a mim própria e dizia nada como estar a trabalhar e receber o nosso ordenado. Gosto mesmo de trabalhar para aliviar o stress, para distrair e conhecer novas pessoas, por isso senti-me bem.	Dutra
Entrevista 2	Trajectória de vida após a cessação da prestação\Cessação da prestação\Sentimentos associados à cessação da prestação	Já tinha avisado lá que estava no curso, por isso achava que era altura de... Não foi que me tirassem e eu ficasse sem o chão para andar.	Dutra
Entrevista 3	Trajectória de vida após a cessação da prestação\Cessação da prestação\Sentimentos associados à cessação da prestação	Quando me tiram já foi menos um dedo ou dois (...) Foi uma grande baixa para a nossa casa (...) Para mim foi injusto, porque tenho cá para mim que há pessoas que ganham mais do que eu e que recebem o rendimento. Eu também merecia (...) A gente agradecia se tivessem dado mais uma coisinha, porque a vida está muito complicada, mais a mais desde que entrou o euro.	Dutra
Entrevista 5	Trajectória de vida após a cessação da prestação\Cessação da prestação\Sentimentos associados à cessação da prestação	Raiva, porque sou viúva. Depois a minha filha foi para a Ribeira Grande, sem ter apoio da escola, o NASE, por causa do IRS. Só fazem a conta só ao que se ganha, não fazem a conta a mais nada que se gasta. Continuo a sentir-me revoltada, porque algumas pessoas mais novas e com os maridos, estão a receber. Costuma dizer-se, trabalham cães para ladrões e eu descontar 68€ todos os meses. O que mudou é que tenho que pagar isto tudo, agente passa uma crise enorme.	Dutra
Entrevista 6	Trajectória de vida após a cessação da prestação\Cessação da prestação\Sentimentos associados à cessação da prestação	Acho correcto. Estamos a trabalhar e não há necessidade.	Dutra
Entrevista 7	Trajectória de vida após a cessação da prestação\Cessação da prestação\Sentimentos associados à cessação da prestação	Fiquei muito triste, porque eu não estava trabalhando, o meu homem não estava trabalhando e uma pessoa às vezes passava fome, não tinha o que era para comer.	Dutra
Entrevista 8	Trajectória de vida após a cessação da prestação\Cessação da prestação\Sentimentos associados à cessação da prestação	Senti-me, não é a mesma coisa, senti-me desapejada, senti-me pronto, um bocado em baixo mas estava a trabalhar (...) Concordei, sabia que tinha sido cancelado porque comecei a trabalhar e tinha que desistir, mas pronto, é óptimo começar a trabalhar mas era uma ajuda que aquele dinheiro dava.	Dutra
Entrevista 9	Trajectória de vida após a cessação da prestação\Cessação da prestação\Sentimentos associados à cessação da prestação	Pronto, enquanto durou, foi bom (...) Quando cortaram esse dinheiro, eu fiquei aliviada. Foi um peso que me saiu de cima. Por isso quando eu comecei a trabalhar foi melhor. Pelo menos sabia que o que trabalhava, recebia. (esposa)	Dutra
Entrevista 10	Trajectória de vida após a cessação da prestação\Cessação da prestação\Sentimentos associados à cessação da prestação	Fiquei cheia de desgosto (...) Já faltava às pequenas umas coisinhas, mas não passámos dificuldades.	Dutra

	da prestação		
Entrevista 11	Trajectória de vida após a cessação da prestação\Cessação da prestação\Sentimentos associados à cessação da prestação	Tudo o que ela me pedia, tudo eu fazia e quando o meu marido foi lá e portou-se mal, eu fui cortada sem dó nem piedade. Quem foi prejudicado não foi ele, fui eu e os meus filhos. O que eu acho mal é isso, muitas vezes a gente paga por causa deles (...) Quando somos cortadas o mundo cai-nos em cima da cabeça. As pessoas até acharam estranho eu ter sido cortada do rendimento como tenho este problema, mas regras são regras. Muitas vezes tenho pena das assistentes sociais porque elas estão cumprindo o seu trabalho. Uma vez uma assistente social me disse que quando corta que lhe custava a dormir de noite e eu nunca mais me esqueci disso. Elas sofrem quando nós somos cortadas, agora imagine a gente!	Dutra
Entrevista 12	Trajectória de vida após a cessação da prestação\Cessação da prestação\Sentimentos associados à cessação da prestação	Chorei muito quando me tiraram, porque ainda não tenho idade para fazer a minha pensão. Também já tenho 64 anos, não tenho saúde para trabalhar. Fez-me muita falta (...) Vazia, por completo. Foi um vazio que caiu na minha alma. (...) Tiraram-me tudo! Sr. <sup>a</sup> Dr. <sup>a</sup> , eu não sou um bicho, eu sou humana! Todo o ser humano tem direito à vida (...) Injusto... não sei Sr. <sup>a</sup> , as pessoas também fazem o que mandam. Eu andei tanto para ver se me davam, mas pronto, quem manda, manda (...) As pessoas são mandadas, também têm os seus deveres, as suas obrigações e elas é que estão na frente.	Dutra

**Trajectória de vida após a cessação da prestação – Cessação da prestação: Fontes de resiliência**

<b>Text</b>	<b>Code</b>	<b>Segment</b>	<b>Author</b>
Entrevista 1	Trajectória de vida após a cessação da prestação\Cessação da prestação\Fontes de resiliência	Eu rezo, peço muita força e que Nosso Senhor me dê muita luz no meu caminho e que corra tudo bem na minha vida, no meu lar. Eu faço uma oração antes de dormir, com muita fé, fecho os olhos. Não falha uma vez só.	Dutra
Entrevista 3	Trajectória de vida após a cessação da prestação\Cessação da prestação\Fontes de resiliência	Á força que Deus nos deu. Um dia é um dia, dois são dois.	Dutra
Entrevista 4	Trajectória de vida após a cessação da prestação\Cessação da prestação\Fontes de resiliência	Eu fui buscá-la, veio de dentro, mas eu fui buscá-la! Mas passou-se muita fominha. (esposa)	Dutra
Entrevista 5	Trajectória de vida após a cessação da prestação\Cessação da prestação\Fontes de resiliência	Muita força... eu peço ao meu marido e pedi muito a Deus para me dar muita força.	Dutra
Entrevista 7	Trajectória de vida após a cessação da prestação\Cessação da prestação\Fontes de resiliência	Foi rezando a Deus Nosso Senhor.	Dutra
Entrevista 8	Trajectória de vida após a cessação da prestação\Cessação da prestação\Fontes de resiliência	Vou ficar feliz porque vou receber aquele dinheiro, aquele ordenado (...) O que dá força é a gente trabalhar no dia a dia e todos os dias a gente chegar ao fim do mês e a gente receber, a gente poder ter para dar aquilo que os nossos filhos precisam.	Dutra
Entrevista 11	Trajectória de vida após a cessação da prestação\Cessação da prestação\Fontes de resiliência	Temos de deixar as nossas feridas cá dentro e ir para o caminho sempre alegres (...) E é esta força que vem de baixo para cima.	Dutra
Entrevista 12	Trajectória de vida após a cessação da prestação\Cessação da prestação\Fontes de resiliência	Não muito bem... já não tinha força! Eu não morri, mas pronto...	Dutra

**Trajectoria de vida após a cessação da prestação – Cessação da prestação: Estratégias de reorganização de vida**

<b>Text</b>	<b>Code</b>	<b>Segment</b>	<b>Author</b>
Entrevista 1	Trajectoria de vida após a cessação da prestação\Cessação da prestação\Estratégias de reorganização de vida	Fui trabalhando e continuando a pagar as minhas coisas, mas depois meti-me na dívida do cartão de um banco particular para fazer face às despesas e para me desenrascar.	Dutra
Entrevista 2	Trajectoria de vida após a cessação da prestação\Cessação da prestação\Estratégias de reorganização de vida	Tirei o meu curso e aí já era mais independente. Estive dois anos na Associação Crescer em Confiança. Aí fazia costura, o dinheiro era nosso e já o conseguia manejar bem.	Dutra
Entrevista 3	Trajectoria de vida após a cessação da prestação\Cessação da prestação\Estratégias de reorganização de vida	A gente vai-se amanhando da maneira que pode. Quando aparece trabalho, vou trabalhar.	Dutra
Entrevista 4	Trajectoria de vida após a cessação da prestação\Cessação da prestação\Estratégias de reorganização de vida	Foi a assistente social que dava à minha mulher 30 contos por mês. Com aquele dinheiro a minha mulher pagava água, luz, padeiro e mais nada porque o restante era para me ir visitar à prisão três dias por semana e a alimentação, muito fraca, muito fraca. Isto durante 4 meses, porque ao 5º mês ela já recebeu o rendimento que, actualmente, está em nome dela porque é o processo que se mantém.	Dutra
Entrevista 5	Trajectoria de vida após a cessação da prestação\Cessação da prestação\Estratégias de reorganização de vida	À base da medicação e o trabalho.	Dutra
Entrevista 6	Trajectoria de vida após a cessação da prestação\Cessação da prestação\Estratégias de reorganização de vida	O meu ordenado é o ordenado mínimo e ele ganha mais dinheiro e pronto, mesmo que o meu não dê, sempre tenho o dele para assegurar o resto do mês. Se ele não estivesse a trabalhar continuava praticamente na mesma.	Dutra
Entrevista 7	Trajectoria de vida após a cessação da prestação\Cessação da prestação\Estratégias de reorganização de vida	Eu fui trabalhando uns sábados, pelo menos para comer. Depois é que ele [marido] foi pedir a uma pessoa, porque precisava. Depois é que foi trabalhar para ganhar aqueles dias.	Dutra
Entrevista 8	Trajectoria de vida após a cessação da prestação\Cessação da prestação\Estratégias de reorganização de vida	Pronto dei a volta, normalmente eles cortam e a gente fica com o dinheirinho ainda naquele mês, a gente tenta equilibrar mais as coisas naquele mês para a gente poder trabalhar e pronto, no mês a seguir a gente já tem aquele dinheirinho que é do ordenado.	Dutra
Entrevista 9	Trajectoria de vida após a cessação da prestação\Cessação da prestação\Estratégias de reorganização de vida	Fui trabalhar (...) Embora ganhasse pouco, porque só trabalhava algumas horas, aquele bocadinho ajudava (...) O que conseguimos foi com a ajuda do meu trabalho. O facto de ter começado a trabalhar mudou muito. (...) Fazendo muito sacrifício e com muito trabalho! (...) Com muita ginástica, sabendo gerir. (esposa) É para ver que tenho os meus 3 filhos mais velhos tudo com o ensino superior! E as duas que ainda estão em casa estão a seguir o mesmo caminho.	Dutra

Entrevista 10	Trajectória de vida após a cessação da prestação\Cessação da prestação\Estratégias de reorganização de vida	Em vez de ir comprar umas coisinhas, cortava metade (...) A gente poupava nas coisas que comprava (...) Era ele que trabalhava. Eu ficava sempre com as pequenas em casa.	Dutra
Entrevista 11	Trajectória de vida após a cessação da prestação\Cessação da prestação\Estratégias de reorganização de vida	Muita vez a minha vida era chorar, mas voltei a ir ter com a assistente social, para ver se ela fazia uma alteração no processo, mas ela já não quis aceitar. Então informei-me com pessoas sobre o que havia de fazer, e fui a Ponta Delgada para falar com a Dr.ª M., a chefe de divisão. Penei os olhos da cara para falar com ela, mas contei-lhe a situação e ela disse para voltar a fazer os papéis, o quanto antes. Ao fim de três meses tive o meu dinheirinho de volta e ainda tive mais uma coisinha do que tinha antes. Mas também se não fosse o dinheirinho que tinha posto de lado tinha água e luz cortadas (...) O ganho está no poupar! Eu sou uma pessoa que poupo muito.	Dutra
Entrevista 12	Trajectória de vida após a cessação da prestação\Cessação da prestação\Estratégias de reorganização de vida	Eu fui à presidência do governo pedir uma ajudinha, mas não fui aceite. Fui à Dr.ª I. e ela disse que não podia fazer nada. Mas pelo menos que me dessem uma coisinha para eu viver, até eu fazer os meus 65 anos (...) Tive de ir pedir esmola às minhas filhas para comer, mas elas também não têm.	Dutra

**Trajectoria de vida após a cessação da prestação – Cessação da prestação: Recurso à rede familiar e de vizinhança**

<b>Text</b>	<b>Code</b>	<b>Segment</b>	<b>Author</b>
Entrevista 1	Trajectoria de vida após a cessação da prestação\Cessação da prestação\Recurso à rede familiar e de vizinhança	Não, nunca pedi apoio.	Dutra
Entrevista 2	Trajectoria de vida após a cessação da prestação\Cessação da prestação\Recurso à rede familiar e de vizinhança	Não, não. Resolvi-me sempre sozinha.	Dutra
Entrevista 3	Trajectoria de vida após a cessação da prestação\Cessação da prestação\Recurso à rede familiar e de vizinhança	Não, não.	Dutra
Entrevista 4	Trajectoria de vida após a cessação da prestação\Cessação da prestação\Recurso à rede familiar e de vizinhança	Ninguém. (esposa)	Dutra
Entrevista 5	Trajectoria de vida após a cessação da prestação\Cessação da prestação\Recurso à rede familiar e de vizinhança	Não, a ninguém.	Dutra
Entrevista 7	Trajectoria de vida após a cessação da prestação\Cessação da prestação\Recurso à rede familiar e de vizinhança	Fui pedir ajuda à minha mãe, foi ela que me ajudou.	Dutra
Entrevista 8	Trajectoria de vida após a cessação da prestação\Cessação da prestação\Recurso à rede familiar e de vizinhança	Não, se eu dissesse assim “olha tenho uma família mais desviada e que tem, vou-lhes pedir ajuda”, eu optaria por isto mas como eu não tenho, é tudo uns piores do que os outros, a gente não pode de maneira nenhuma se socorrer de banda nenhuma.	Dutra
Entrevista 9	Trajectoria de vida após a cessação da prestação\Cessação da prestação\Recurso à rede familiar e de vizinhança	Não.	Dutra
Entrevista 10	Trajectoria de vida após a cessação da prestação\Cessação da prestação\Recurso à rede familiar e de vizinhança	Não. Resolvi sempre sozinha.	Dutra
Entrevista 11	Trajectoria de vida após a cessação da prestação\Cessação da prestação\Recurso à rede familiar e de vizinhança	Pedi às minhas irmãs e, muitas vezes, à minha mãe, mas a minha mãe dizia “o teu marido é novo, ele que vá trabalhar! Casaste mal porque quiseste”. A minha família não me apoiou em nada, não conto em nada com ela.	Dutra
Entrevista 12	Trajectoria de vida após a cessação da prestação\Cessação da prestação\Recurso à rede familiar e de vizinhança	Tive de ir pedir esmola às minhas filhas para comer, mas elas também não têm.	Dutra

<b>Trajectória de vida após a cessação da prestação – Cessação da prestação: Recurso a outros serviços</b>				
<b>Text</b>	<b>Code</b>	<b>Segment</b>	<b>Author</b>	
Entrevista 1	Trajectória de vida após a cessação da prestação\Cessação da prestação\Recurso a outros serviços	Também não.	Dutra	
Entrevista 2	Trajectória de vida após a cessação da prestação\Cessação da prestação\Recurso a outros serviços	Não, não. Resolvi-me sempre sozinha.	Dutra	
Entrevista 3	Trajectória de vida após a cessação da prestação\Cessação da prestação\Recurso a outros serviços	Recebia era o banco alimentar da CEE, de seis, em seis meses. (esposa)	Dutra	
Entrevista 5	Trajectória de vida após a cessação da prestação\Cessação da prestação\Recurso a outros serviços	Não.	Dutra	
Entrevista 7	Trajectória de vida após a cessação da prestação\Cessação da prestação\Recurso a outros serviços	Fui pedir o Banco Alimentar à Santa Casa.	Dutra	
Entrevista 9	Trajectória de vida após a cessação da prestação\Cessação da prestação\Recurso a outros serviços	Não.	Dutra	
Entrevista 10	Trajectória de vida após a cessação da prestação\Cessação da prestação\Recurso a outros serviços	Não.	Dutra	
Entrevista 12	Trajectória de vida após a cessação da prestação\Cessação da prestação\Recurso a outros serviços	Eu fui à presidência do governo pedir uma ajudinha, mas não fui aceite.	Dutra	

**Trajectória de vida após a cessação da prestação – Cessação da prestação: Opinião sobre a autonomia dos indivíduos face aos apoios sociais**

<b>Text</b>	<b>Code</b>	<b>Segment</b>	<b>Author</b>
Entrevista 1	Trajectória de vida após a cessação da prestação\Cessação da prestação\Opinião sobre a autonomia dos indivíduos face aos apoios sociais	As pessoas viverem por sua conta... às vezes ajuda, mas está na pessoa, querer trabalhar e ver o seu lucro. Pobre da pessoa não querer trabalhar e vai atrás do rendimento. Por exemplo no meu caso... eu também gostava de estar em casa a cuidar dos meus filhos mas não posso.	Dutra
Entrevista 2	Trajectória de vida após a cessação da prestação\Cessação da prestação\Opinião sobre a autonomia dos indivíduos face aos apoios sociais	Acho que é importante porque também é uma maneira da pessoa dar valor às coisas. Se a pessoa não tem meios de se desenrascar, aquilo é bom mas também não presta ficar dependente daquilo, um dia acaba e... bye bye. A gente sabe que chega ao dia e aquele dinheiro está ali, mas se a pessoa começar a procurar trabalho ou alguma maneira de resolver a vida, a pessoa já diz “não, eu sei que tenho aquilo para pagar, eu tenho que me esforçar para aquilo”. O dinheiro fácil nem toda a vida...	Dutra
Entrevista 3	Trajectória de vida após a cessação da prestação\Cessação da prestação\Opinião sobre a autonomia dos indivíduos face aos apoios sociais	Há certas pessoas que eu acho importante que se ajude, outras não mereciam, mas pronto, também há quem saiba falar melhor, sabem andar mais com as coisas, mas quem manda, manda.	Dutra
Entrevista 5	Trajectória de vida após a cessação da prestação\Cessação da prestação\Opinião sobre a autonomia dos indivíduos face aos apoios sociais	Eu não acho, porque também não tenho marido e se viesse um dinheirinho também era bom.	Dutra
Entrevista 6	Trajectória de vida após a cessação da prestação\Cessação da prestação\Opinião sobre a autonomia dos indivíduos face aos apoios sociais	Não é possível as pessoas viverem sem apoios. Só que há pessoas que não deviam receber porque só se fiam naquilo e não se importam de dizer que estão a receber. Não querem trabalhar e arranjam filhos para terem mais dinheiro (...) Existem muitos casos que deviam ser apoiados. Eu não sou contra o rendimento mínimo, nunca fui, só que há casos e casos.	Dutra
Entrevista 8	Trajectória de vida após a cessação da prestação\Cessação da prestação\Opinião sobre a autonomia dos indivíduos face aos apoios sociais	Tem pessoas com mais é a tal coisa, de escolaridades com possibilidades melhores de viverem, vivem bem sem isto (...) As outras que não têm, como são famílias mais modestas e tiveram uma infância assim um bocadinho coisa, não, não passam sem isso. Tudo é dali que vive, essas pessoas mais carenciadas são tudo dali que vivem, tudo do Rendimento.	Dutra
Entrevista 9	Trajectória de vida após a cessação da prestação\Cessação da prestação\Opinião sobre a autonomia dos indivíduos face aos apoios sociais	Mas se estivéssemos noutro país, em que houvesse trabalho para todos, também já não	Dutra

	apoios sociais		precisavam disso, não é? A pessoa antes quer trabalhar e receber o seu dinheiro. Aquilo é como uma esmola (...) Devia era haver trabalho para todos.	
Entrevista 10	Trajectória de vida após a cessação da prestação\Cessação da prestação\Opinião sobre a autonomia dos indivíduos face aos apoios sociais		Todos precisam para as comidinhas e tudo (...) Os maridos andam no peixe e ás vezes o peixe não dá nada. Com esse rendimento, ao fim do mês, vamos buscar as coisas ao Modelo, para encher a casinha. É muito bom para ajudar a viver (...) É importante as pessoas receberem isso. Haviam de receber todos. Não sou só eu, todos precisam. Devia ser para todos.	Dutra
Entrevista 11	Trajectória de vida após a cessação da prestação\Cessação da prestação\Opinião sobre a autonomia dos indivíduos face aos apoios sociais		Mesmo quando os nossos filhos crescerem, muitas vezes eles não olham pelos pais. Acho muito importante que haja essas ajudas.	Dutra
Entrevista 12	Trajectória de vida após a cessação da prestação\Cessação da prestação\Opinião sobre a autonomia dos indivíduos face aos apoios sociais		Não. Não acho certo as pessoas tão pobres, com tanta dificuldade, como eu passo, tirarem o apoio. Mas a mocidade nova, com tanto rendimento, podres de bêbados, elas é sapatos sobre sapatos, vestidos sobre vestidos, malas sobre malas. Se o rendimento é dado para os filhos comerem, como é que elas podem fazer aquilo? Não podem! E os velhinhos, com reformas pequeninas, como é o meu caso, a morrer de fome (...) Deviam fazer assim: aquele que tem 50, passa a ter 20, aquela tem 60, passa a ter metade. Se somos todos humanos porque é que todos não temos uma coisinha para viver?	Dutra

**Trajectória de vida após a cessação da prestação – Cessação da prestação: Motivo da cessação**

<b>Text</b>	<b>Code</b>	<b>Segment</b>	<b>Author</b>
Entrevista 1	Trajectória de vida após a cessação da prestação\Cessação da prestação\Motivo da cessação	Quando comecei na Cofaco fui cortada no rendimento (...) Depois comecei a trabalhar e cortaram-me.	Dutra
Entrevista 2	Trajectória de vida após a cessação da prestação\Cessação da prestação\Motivo da cessação	Deixei de receber porque faltei a uma reunião, despercebi-me, mas também não me fez efeito porque estava a estudar ainda e isso sempre me ia ajudando.	Dutra
Entrevista 3	Trajectória de vida após a cessação da prestação\Cessação da prestação\Motivo da cessação	Não sei. Foram reduzindo, reduzindo e depois acabou. O que é que a gente pode fazer? (...) Eles é que sabem, quem manda, manda.	Dutra
Entrevista 4	Trajectória de vida após a cessação da prestação\Cessação da prestação\Motivo da cessação	Como o dinheiro era muito pouco, não chegava para as despesas da casa, nem para a alimentação... falava-se muito em droga, um dito italiano que em 2002 abandonou droga na costa de São Miguel e 1kg dessa droga veio parar-me às mãos. Eu sabia o que era, não sabia era o valor. Quando me começo a aperceber do valor, já tinha acabado de vender a droga, mas quando acabei de a vender a polícia pega-me.	Dutra
Entrevista 5	Trajectória de vida após a cessação da prestação\Cessação da prestação\Motivo da cessação	Depois de estar na escola, o Dr. R. disse que minha mãe tinha que ir trabalhar, a tomar conta de uma senhora idosa, pesadíssima, pelos oito contos. Se a minha mãe não fosse, ele cortava os oito contos. A minha mãe coitadinha, como precisava daquele dinheirinho, foi, só que no fim das contas ele cortou os oito contos e a minha mãe só ficou a receber os 150€que os filhos da velhinha pagavam. (filha)	Dutra
Entrevista 6	Trajectória de vida após a cessação da prestação\Cessação da prestação\Motivo da cessação	Encontro-me a trabalhar e o D. também, por isso não há necessidade de receber mais rendimento mínimo.	Dutra
Entrevista 7	Trajectória de vida após a cessação da prestação\Cessação da prestação\Motivo da cessação	Não sei.	Dutra
Entrevista 8	Trajectória de vida após a cessação da prestação\Cessação da prestação\Motivo da cessação	Nunca foi dizer assim agora eles cancelaram por assim dizer a pessoa não comparece ou não foi uma carta e foi cortada, ou seja, aconteceu qualquer coisa, ou por falta de não ter as vacinas ou alguma coisa assim, nunca foi por isso (...) Disse a elas que ia para a América e então foi cortado (...) Tinha que desistir, a gente tem que desistir quando começa a trabalhar.	Dutra
Entrevista 9	Trajectória de vida após a cessação da prestação\Cessação da prestação\Motivo da cessação	Quando o meu filho saiu da escola elas cortaram-me logo.	Dutra
Entrevista 10	Trajectória de vida após a cessação da prestação\Cessação da prestação\Motivo da cessação	Eu não entreguei uns papéis que era preciso e fui cortada.	Dutra
Entrevista 11	Trajectória de vida após a cessação da prestação\Cessação da prestação\Motivo da cessação	Recebi uma carta da assistente social a pedir que o meu marido preenchesse uma declaração a dizer quanto ganhava, mas como o meu marido era uma pessoa que bebia muito, não obedecia a nada (...) No dia, ela foi educadíssima com o meu marido, mas ele foi uma besta. Quando ela perguntou quanto ele ganhou ele respondeu mal, disse “a Sr.ª há-de perguntar quanto eu ganho, as mesmas vezes que eu lhe pergunto a si”. Eu queria enterrar a cara pelo chão dentro... coitadas de nós quando a gente sofre por causa dos nossos maridos.	Dutra
Entrevista 12	Trajectória de vida após a cessação da prestação\Cessação da prestação\Motivo da cessação	O primeiro foi cancelado porque na altura o meu marido recebia 60 contos. Depois foi por causa da pensão da Márcia. Quando ela morreu, tornei a recorrer ao rendimento. Agora foi porque a Juliana casou.	Dutra

**Trajectória de vida após a cessação da prestação – Cessação da prestação: Sentimentos associados à cessação da prestação**

<b>Text</b>	<b>Code</b>	<b>Segment</b>	<b>Author</b>
Entrevista 1	Trajectória de vida após a cessação da prestação\Cessação da prestação\Sentimentos associados à cessação da prestação	Depois comecei a trabalhar e cortaram-me, mas não quer dizer que eu subi mais alto, desci para baixo (...) Eu já me conhecia a mim própria e dizia nada como estar a trabalhar e receber o nosso ordenado. Gosto mesmo de trabalhar para aliviar o stress, para distrair e conhecer novas pessoas, por isso senti-me bem.	Dutra
Entrevista 2	Trajectória de vida após a cessação da prestação\Cessação da prestação\Sentimentos associados à cessação da prestação	Já tinha avisado lá que estava no curso, por isso achava que era altura de... Não foi que me tirassem e eu ficasse sem o chão para andar.	Dutra
Entrevista 3	Trajectória de vida após a cessação da prestação\Cessação da prestação\Sentimentos associados à cessação da prestação	Quando me tiram já foi menos um dedo ou dois (...) Foi uma grande baixa para a nossa casa (...) Para mim foi injusto, porque tenho cá para mim que há pessoas que ganham mais do que eu e que recebem o rendimento. Eu também merecia (...) A gente agradecia se tivessem dado mais uma coisinha, porque a vida está muito complicada, mais a mais desde que entrou o euro.	Dutra
Entrevista 5	Trajectória de vida após a cessação da prestação\Cessação da prestação\Sentimentos associados à cessação da prestação	Raiva, porque sou viúva. Depois a minha filha foi para a Ribeira Grande, sem ter apoio da escola, o NASE, por causa do IRS. Só fazem a conta só ao que se ganha, não fazem a conta a mais nada que se gasta. Continuo a sentir-me revoltada, porque algumas pessoas mais novas e com os maridos, estão a receber. Costuma dizer-se, trabalham cães para ladrões e eu descontar 68€ todos os meses. O que mudou é que tenho que pagar isto tudo, agente passa uma crise enorme.	Dutra
Entrevista 6	Trajectória de vida após a cessação da prestação\Cessação da prestação\Sentimentos associados à cessação da prestação	Acho correcto. Estamos a trabalhar e não há necessidade.	Dutra
Entrevista 7	Trajectória de vida após a cessação da prestação\Cessação da prestação\Sentimentos associados à cessação da prestação	Fiquei muito triste, porque eu não estava trabalhando, o meu homem não estava trabalhando e uma pessoa às vezes passava fome, não tinha o que era para comer.	Dutra
Entrevista 8	Trajectória de vida após a cessação da prestação\Cessação da prestação\Sentimentos associados à cessação da prestação	Senti-me, não é a mesma coisa, senti-me despojada, senti-me pronto, um bocado em baixo mas estava a trabalhar (...) Concordei, sabia que tinha sido cancelado porque comecei a trabalhar e tinha que desistir, mas pronto, é óptimo começar a trabalhar mas era uma ajuda que aquele dinheiro dava.	Dutra
Entrevista 9	Trajectória de vida após a cessação da prestação\Cessação da prestação\Sentimentos associados à cessação da prestação	Pronto, enquanto durou, foi bom (...) Quando cortaram esse dinheiro, eu fiquei aliviada. Foi um peso que me saiu de cima. Por isso quando eu comecei a trabalhar foi melhor. Pelo menos sabia que o que trabalhava, recebia. (esposa)	Dutra
Entrevista 10	Trajectória de vida após a cessação da prestação\Cessação da prestação\Sentimentos associados à cessação da prestação	Fiquei cheia de desgosto (...) Já faltava às pequenas umas coisinhas, mas não passámos dificuldades.	Dutra

Entrevista 11	Trajectória de vida após a cessação da prestação\Cessação da prestação\Sentimentos associados à cessação da prestação	Tudo o que ela me pedia, tudo eu fazia e quando o meu marido foi lá e portou-se mal, eu fui cortada sem dó nem piedade. Quem foi prejudicado não foi ele, fui eu e os meus filhos. O que eu acho mal é isso, muitas vezes a gente paga por causa deles (...) Quando somos cortadas o mundo cai-nos em cima da cabeça. As pessoas até acharam estranho eu ter sido cortada do rendimento como tenho este problema, mas regras são regras. Muitas vezes tenho pena das assistentes sociais porque elas estão cumprindo o seu trabalho. Uma vez uma assistente social me disse que quando corta que lhe custava a dormir de noite e eu nunca mais me esqueci disso. Elas sofrem quando nós somos cortadas, agora imagine a gente!	Dutra
Entrevista 12	Trajectória de vida após a cessação da prestação\Cessação da prestação\Sentimentos associados à cessação da prestação	Chorei muito quando me tiraram, porque ainda não tenho idade para fazer a minha pensão. Também já tenho 64 anos, não tenho saúde para trabalhar. Fez-me muita falta (...) Vazia, por completo. Foi um vazio que caiu na minha alma. (...) Tiraram-me tudo! Sr. <sup>a</sup> Dr. <sup>a</sup> , eu não sou um bicho, eu sou humana! Todo o ser humano tem direito à vida (...) Injusto... não sei Sr. <sup>a</sup> , as pessoas também fazem o que mandam. Eu andei tanto para ver se me davam, mas pronto, quem manda, manda (...) As pessoas são mandadas, também têm os seus deveres, as suas obrigações e elas é que estão na frente.	Dutra

**Trajectória de vida após a cessação da prestação – Cessação da prestação: Fontes de resiliência**

<b>Text</b>	<b>Code</b>	<b>Segment</b>	<b>Author</b>
Entrevista 1	Trajectória de vida após a cessação da prestação\Cessação da prestação\Fontes de resiliência	Eu rezo, peço muita força e que Nosso Senhor me dê muita luz no meu caminho e que corra tudo bem na minha vida, no meu lar. Eu faço uma oração antes de dormir, com muita fé, fecho os olhos. Não falha uma vez só.	Dutra
Entrevista 3	Trajectória de vida após a cessação da prestação\Cessação da prestação\Fontes de resiliência	Á força que Deus nos deu. Um dia é um dia, dois são dois.	Dutra
Entrevista 4	Trajectória de vida após a cessação da prestação\Cessação da prestação\Fontes de resiliência	Eu fui buscá-la, veio de dentro, mas eu fui buscá-la! Mas passou-se muita fominha. (esposa)	Dutra
Entrevista 5	Trajectória de vida após a cessação da prestação\Cessação da prestação\Fontes de resiliência	Muita força... eu peço ao meu marido e pedi muito a Deus para me dar muita força.	Dutra
Entrevista 7	Trajectória de vida após a cessação da prestação\Cessação da prestação\Fontes de resiliência	Foi rezando a Deus Nosso Senhor.	Dutra
Entrevista 8	Trajectória de vida após a cessação da prestação\Cessação da prestação\Fontes de resiliência	Vou ficar feliz porque vou receber aquele dinheiro, aquele ordenado (...) O que dá força é a gente trabalhar no dia a dia e todos os dias a gente chegar ao fim do mês e a gente receber, a gente poder ter para dar aquilo que os nossos filhos precisam.	Dutra
Entrevista 11	Trajectória de vida após a cessação da prestação\Cessação da prestação\Fontes de resiliência	Temos de deixar as nossas feridas cá dentro e ir para o caminho sempre alegres (...) E é esta força que vem de baixo para cima.	Dutra
Entrevista 12	Trajectória de vida após a cessação da prestação\Cessação da prestação\Fontes de resiliência	Não muito bem... já não tinha força! Eu não morri, mas pronto...	Dutra

**Trajectória de vida após a cessação da prestação – Cessação da prestação: Estratégias de reorganização de vida**

<b>Text</b>	<b>Code</b>	<b>Segment</b>	<b>Author</b>
Entrevista 1	Trajectória de vida após a cessação da prestação\Cessação da prestação\Estratégias de reorganização de vida	Fui trabalhando e continuando a pagar as minhas coisas, mas depois meti-me na dívida do cartão de um banco particular para fazer face às despesas e para me desenrascar.	Dutra
Entrevista 2	Trajectória de vida após a cessação da prestação\Cessação da prestação\Estratégias de reorganização de vida	Tirei o meu curso e aí já era mais independente. Estive dois anos na Associação Crescer em Confiança. Aí fazia costura, o dinheiro era nosso e já o conseguia manejar bem.	Dutra
Entrevista 3	Trajectória de vida após a cessação da prestação\Cessação da prestação\Estratégias de reorganização de vida	A gente vai-se amanhando da maneira que pode. Quando aparece trabalho, vou trabalhar.	Dutra
Entrevista 4	Trajectória de vida após a cessação da prestação\Cessação da prestação\Estratégias de reorganização de vida	Foi a assistente social que dava à minha mulher 30 contos por mês. Com aquele dinheiro a minha mulher pagava água, luz, padeiro e mais nada porque o restante era para me ir visitar à prisão três dias por semana e a alimentação, muito fraca, muito fraca. Isto durante 4 meses, porque ao 5º mês ela já recebeu o rendimento que, actualmente, está em nome dela porque é o processo que se mantém.	Dutra
Entrevista 5	Trajectória de vida após a cessação da prestação\Cessação da prestação\Estratégias de reorganização de vida	À base da medicação e o trabalho.	Dutra
Entrevista 6	Trajectória de vida após a cessação da prestação\Cessação da prestação\Estratégias de reorganização de vida	O meu ordenado é o ordenado mínimo e ele ganha mais dinheiro e pronto, mesmo que o meu não dê, sempre tenho o dele para assegurar o resto do mês. Se ele não estivesse a trabalhar continuava praticamente na mesma.	Dutra
Entrevista 7	Trajectória de vida após a cessação da prestação\Cessação da prestação\Estratégias de reorganização de vida	Eu fui trabalhando uns sábados, pelo menos para comer. Depois é que ele [marido] foi pedir a uma pessoa, porque precisava. Depois é que foi trabalhar para ganhar aqueles dias.	Dutra
Entrevista 8	Trajectória de vida após a cessação da prestação\Cessação da prestação\Estratégias de reorganização de vida	Pronto dei a volta, normalmente eles cortam e a gente fica com o dinheirinho ainda naquele mês, a gente tenta equilibrar mais as coisas naquele mês para a gente poder trabalhar e pronto, no mês a seguir a gente já tem aquele dinheirinho que é do ordenado.	Dutra
Entrevista 9	Trajectória de vida após a cessação da prestação\Cessação da prestação\Estratégias de reorganização de vida	Fui trabalhar (...) Embora ganhasse pouco, porque só trabalhava algumas horas, aquele bocadinho ajudava (...) O que conseguimos foi com a ajuda do meu trabalho. O facto de ter começado a trabalhar mudou muito. (...) Fazendo muito sacrifício e com muito trabalho! (...) Com muita ginástica, sabendo gerir. (esposa) É para ver que tenho os meus 3 filhos mais velhos tudo com o ensino superior! E as duas que ainda estão em casa estão a seguir o mesmo caminho.	Dutra

Entrevista 10	Trajectória de vida após a cessação da prestação\Cessação da prestação\Estratégias de reorganização de vida	Em vez de ir comprar umas coisinhas, cortava metade (...) A gente poupava nas coisas que comprava (...) Era ele que trabalhava. Eu ficava sempre com as pequenas em casa.	Dutra
Entrevista 11	Trajectória de vida após a cessação da prestação\Cessação da prestação\Estratégias de reorganização de vida	Muita vez a minha vida era chorar, mas voltei a ir ter com a assistente social, para ver se ela fazia uma alteração no processo, mas ela já não quis aceitar. Então informei-me com pessoas sobre o que havia de fazer, e fui a Ponta Delgada para falar com a Dr.ª M., a chefe de divisão. Penei os olhos da cara para falar com ela, mas contei-lhe a situação e ela disse para voltar a fazer os papéis, o quanto antes. Ao fim de três meses tive o meu dinheirinho de volta e ainda tive mais uma coisinha do que tinha antes. Mas também se não fosse o dinheirinho que tinha posto de lado tinha água e luz cortadas (...) O ganho está no poupar! Eu sou uma pessoa que poupo muito.	Dutra
Entrevista 12	Trajectória de vida após a cessação da prestação\Cessação da prestação\Estratégias de reorganização de vida	Eu fui à presidência do governo pedir uma ajudinha, mas não fui aceite. Fui à Dr.ª I. e ela disse que não podia fazer nada. Mas pelo menos que me dessem uma coisinha para eu viver, até eu fazer os meus 65 anos (...) Tive de ir pedir esmola às minhas filhas para comer, mas elas também não têm.	Dutra

**Trajectória de vida após a cessação da prestação – Cessação da prestação: Recurso à rede familiar e de vizinhança**

<b>Text</b>	<b>Code</b>	<b>Segment</b>	<b>Author</b>
Entrevista 1	Trajectória de vida após a cessação da prestação\Cessação da prestação\Recurso à rede familiar e de vizinhança	Não, nunca pedi apoio.	Dutra
Entrevista 2	Trajectória de vida após a cessação da prestação\Cessação da prestação\Recurso à rede familiar e de vizinhança	Não, não. Resolvi-me sempre sozinha.	Dutra
Entrevista 3	Trajectória de vida após a cessação da prestação\Cessação da prestação\Recurso à rede familiar e de vizinhança	Não, não.	Dutra
Entrevista 4	Trajectória de vida após a cessação da prestação\Cessação da prestação\Recurso à rede familiar e de vizinhança	Ninguém. (esposa)	Dutra
Entrevista 5	Trajectória de vida após a cessação da prestação\Cessação da prestação\Recurso à rede familiar e de vizinhança	Não, a ninguém.	Dutra
Entrevista 7	Trajectória de vida após a cessação da prestação\Cessação da prestação\Recurso à rede familiar e de vizinhança	Fui pedir ajuda à minha mãe, foi ela que me ajudou.	Dutra
Entrevista 8	Trajectória de vida após a cessação da prestação\Cessação da prestação\Recurso à rede familiar e de vizinhança	Não, se eu dissesse assim “olha tenho uma família mais desviada e que tem, vou-lhes pedir ajuda”, eu optaria por isto mas como eu não tenho, é tudo uns piores do que os outros, a gente não pode de maneira nenhuma se socorrer de banda nenhuma.	Dutra
Entrevista 9	Trajectória de vida após a cessação da prestação\Cessação da prestação\Recurso à rede familiar e de vizinhança	Não.	Dutra
Entrevista 10	Trajectória de vida após a cessação da prestação\Cessação da prestação\Recurso à rede familiar e de vizinhança	Não. Resolvi sempre sozinha.	Dutra
Entrevista 11	Trajectória de vida após a cessação da prestação\Cessação da prestação\Recurso à rede familiar e de vizinhança	Pedi às minhas irmãs e, muitas vezes, à minha mãe, mas a minha mãe dizia “o teu marido é novo, ele que vá trabalhar! Casaste mal porque quiseste”. A minha família não me apoiou em nada, não conto em nada com ela.	Dutra
Entrevista 12	Trajectória de vida após a cessação da prestação\Cessação da prestação\Recurso à rede familiar e de vizinhança	Tive de ir pedir esmola às minhas filhas para comer, mas elas também não têm.	Dutra

**Trajectória de vida após a cessação da prestação – Cessação da prestação: Recurso a outros serviços**

<b>Text</b>	<b>Code</b>	<b>Segment</b>	<b>Author</b>
Entrevista 1	Trajectória de vida após a cessação da prestação\Cessação da prestação\Recurso a outros serviços	Também não.	Dutra
Entrevista 2	Trajectória de vida após a cessação da prestação\Cessação da prestação\Recurso a outros serviços	Não, não. Resolvi-me sempre sozinha.	Dutra
Entrevista 3	Trajectória de vida após a cessação da prestação\Cessação da prestação\Recurso a outros serviços	Recebia era o banco alimentar da CEE, de seis, em seis meses. (esposa)	Dutra
Entrevista 5	Trajectória de vida após a cessação da prestação\Cessação da prestação\Recurso a outros serviços	Não.	Dutra
Entrevista 7	Trajectória de vida após a cessação da prestação\Cessação da prestação\Recurso a outros serviços	Fui pedir o Banco Alimentar à Santa Casa.	Dutra
Entrevista 9	Trajectória de vida após a cessação da prestação\Cessação da prestação\Recurso a outros serviços	Não.	Dutra
Entrevista 10	Trajectória de vida após a cessação da prestação\Cessação da prestação\Recurso a outros serviços	Não.	Dutra
Entrevista 12	Trajectória de vida após a cessação da prestação\Cessação da prestação\Recurso a outros serviços	Eu fui à presidência do governo pedir uma ajudinha, mas não fui aceite.	Dutra

**Trajectória de vida após a cessação da prestação – Cessação da prestação: Opinião sobre a autonomia dos indivíduos face aos apoios sociais**

<b>Text</b>	<b>Code</b>	<b>Segment</b>	<b>Author</b>
Entrevista 1	Trajectória de vida após a cessação da prestação\Cessação da prestação\Opinião sobre a autonomia dos indivíduos face aos apoios sociais	As pessoas viverem por sua conta... às vezes ajuda, mas está na pessoa, querer trabalhar e ver o seu lucro. Pobre da pessoa não querer trabalhar e vai atrás do rendimento. Por exemplo no meu caso... eu também gostava de estar em casa a cuidar dos meus filhos mas não posso.	Dutra
Entrevista 2	Trajectória de vida após a cessação da prestação\Cessação da prestação\Opinião sobre a autonomia dos indivíduos face aos apoios sociais	Acho que é importante porque também é uma maneira da pessoa dar valor às coisas. Se a pessoa não tem meios de se desenrascar, aquilo é bom mas também não presta ficar dependente daquilo, um dia acaba e... bye bye. A gente sabe que chega ao dia e aquele dinheiro está ali, mas se a pessoa começar a procurar trabalho ou alguma maneira de resolver a vida, a pessoa já diz “não, eu sei que tenho aquilo para pagar, eu tenho que me esforçar para aquilo”. O dinheiro fácil nem toda a vida...	Dutra
Entrevista 3	Trajectória de vida após a cessação da prestação\Cessação da prestação\Opinião sobre a autonomia dos indivíduos face aos apoios sociais	Há certas pessoas que eu acho importante que se ajude, outras não mereciam, mas pronto, também há quem saiba falar melhor, sabem andar mais com as coisas, mas quem manda, manda.	Dutra
Entrevista 5	Trajectória de vida após a cessação da prestação\Cessação da prestação\Opinião sobre a autonomia dos indivíduos face aos apoios sociais	Eu não acho, porque também não tenho marido e se viesse um dinheirinho também era bom.	Dutra
Entrevista 6	Trajectória de vida após a cessação da prestação\Cessação da prestação\Opinião sobre a autonomia dos indivíduos face aos apoios sociais	Não é possível as pessoas viverem sem apoios. Só que há pessoas que não deviam receber porque só se fiam naquilo e não se importam de dizer que estão a receber. Não querem trabalhar e arranjam filhos para terem mais dinheiro (...) Existem muitos casos que deviam ser apoiados. Eu não sou contra o rendimento mínimo, nunca fui, só que há casos e casos.	Dutra
Entrevista 8	Trajectória de vida após a cessação da prestação\Cessação da prestação\Opinião sobre a autonomia dos indivíduos face aos apoios sociais	Tem pessoas com mais é a tal coisa, de escolaridades com possibilidades melhores de viverem, vivem bem sem isto (...) As outras que não têm, como são famílias mais modestas e tiveram uma infância assim um bocadinho coisa, não, não passam sem isso. Tudo é dali que vive, essas pessoas mais carenciadas são tudo dali que vivem, tudo do Rendimento.	Dutra
Entrevista 9	Trajectória de vida após a cessação da prestação\Cessação da prestação\Opinião sobre a autonomia dos indivíduos face aos apoios sociais	Mas se estivéssemos noutro país, em que houvesse trabalho para todos, também já não	Dutra

	apoios sociais		precisavam disso, não é? A pessoa antes quer trabalhar e receber o seu dinheiro. Aquilo é como uma esmola (...) Devia era haver trabalho para todos.	
Entrevista 10	Trajectória de vida após a cessação da prestação\Cessação da prestação\Opinião sobre a autonomia dos indivíduos face aos apoios sociais		Todos precisam para as comidinhas e tudo (...) Os maridos andam no peixe e ás vezes o peixe não dá nada. Com esse rendimento, ao fim do mês, vamos buscar as coisas ao Modelo, para encher a casinha. É muito bom para ajudar a viver (...) É importante as pessoas receberem isso. Haviam de receber todos. Não sou só eu, todos precisam. Devia ser para todos.	Dutra
Entrevista 11	Trajectória de vida após a cessação da prestação\Cessação da prestação\Opinião sobre a autonomia dos indivíduos face aos apoios sociais		Mesmo quando os nossos filhos crescerem, muitas vezes eles não olham pelos pais. Acho muito importante que haja essas ajudas.	Dutra
Entrevista 12	Trajectória de vida após a cessação da prestação\Cessação da prestação\Opinião sobre a autonomia dos indivíduos face aos apoios sociais		Não. Não acho certo as pessoas tão pobres, com tanta dificuldade, como eu passo, tirarem o apoio. Mas a mocidade nova, com tanto rendimento, podres de bêbados, elas é sapatos sobre sapatos, vestidos sobre vestidos, malas sobre malas. Se o rendimento é dado para os filhos comerem, como é que elas podem fazer aquilo? Não podem! E os velhinhos, com reformas pequeninas, como é o meu caso, a morrer de fome (...) Deviam fazer assim: aquele que tem 50, passa a ter 20, aquela tem 60, passa a ter metade. Se somos todos humanos porque é que todos não temos uma coisinha para viver?	Dutra

**Trajectória de vida após a cessação da prestação – Reingresso na medida: Motivos do reingresso na medida**

<b>Text</b>	<b>Code</b>	<b>Segment</b>	<b>Author</b>
Entrevista 1	Trajectória de vida após a cessação da prestação\Reingresso na medida\Motivos do reingresso na medida	Comecei a trabalhar e cortaram-me, mas não quer dizer que eu subi mais alto, desci para baixo (...) Fiz agora outra vez, há duas semanas, para ajudar na renda. Estou nesta casa e a gente vê que falta sempre alguma coisa.	Dutra
Entrevista 4	Trajectória de vida após a cessação da prestação\Reingresso na medida\Motivos do reingresso na medida	Com aquele dinheiro a minha mulher pagava água, luz, padeiro e mais nada porque o restante era para me ir visitar à prisão três dias por semana e a alimentação, muito fraca, muito fraca. Isto durante 4 meses, porque ao 5º mês ela já recebeu o rendimento que, actualmente, está em nome dela porque é o processo que se mantém.	
Entrevista 6	Trajectória de vida após a cessação da prestação\Reingresso na medida\Motivos do reingresso na medida	Porque depois de receber o rendimento, a minha vida voltava ao mesmo. Passávamos dificuldades como nem um nem outro trabalhavam e eu via-me obrigada a fazer de novo o requerimento.	Dutra
Entrevista 7	Trajectória de vida após a cessação da prestação\Reingresso na medida\Motivos do reingresso na medida	Eu precisava muito. Eu não trabalhava e o meu marido dava uns dias em terras, de uns amigos dele.	Dutra
Entrevista 8	Trajectória de vida após a cessação da prestação\Reingresso na medida\Motivos do reingresso na medida	Ele sem poder trabalhar aqui, eu parada sem fazer nada, tive que me socorrer outra vez do rendimento que era coisa que a gente socorre é isso, para a gente viver é isso, é a única maneira, é isto e o Banco Alimentar, se não fosse isso, a gente morria todos à míngua (...) Era quando não arranjava trabalho.	Dutra
Entrevista 10	Trajectória de vida após a cessação da prestação\Reingresso na medida\Motivos do reingresso na medida	Eu disse eu meu marido “se estivéssemos a receber o rendimento, já dava para comprar isto assim, isto assado”, coisas de precisão. Ele fez outra vez o rendimento porque a gente precisava, para comprar umas coisinhas para a casinha nova.	Dutra
Entrevista 11	Trajectória de vida após a cessação da prestação\Reingresso na medida\Motivos do reingresso na medida	Tudo o que ela [a assistente social] me pedia, tudo eu fazia e quando o meu marido foi lá e portou-se mal, eu fui cortada sem dó nem piedade (...) ao fim de três meses eu tive o meu dinheirinho de volta e ainda tive mais uma coisinha do que tinha antes.	Dutra
Entrevista 12	Trajectória de vida após a cessação da prestação\Reingresso na medida\Motivos do reingresso na medida	Quando a Márcia morreu tornei a recorrer ao rendimento.	Dutra

**Trajectória de vida após a cessação da prestação – Reingresso na medida: Sentimentos associados ao reingresso na medida**

<b>Text</b>	<b>Code</b>	<b>Segment</b>	<b>Author</b>
Entrevista 1	Trajectória de vida após a cessação da prestação\Reingresso na medida\Sentimentos associados ao reingresso na medida	Teve que ser...	Dutra
Entrevista 6	Trajectória de vida após a cessação da prestação\Reingresso na medida\Sentimentos associados ao reingresso na medida	Pensava se devia ou não fazer, mas via-me obrigada a fazer porque não tinha outra alternativa.	Dutra
Entrevista 7	Trajectória de vida após a cessação da prestação\Reingresso na medida\Sentimentos associados ao reingresso na medida	Foi um milagre que Nosso Senhor me fez. Quando eu soube que ia receber, quando veio a carta à porta a dizer que tinha sido aprovada foi tão bom. Assim já tinha ajuda para a renda da casa, a luz, a água.	Dutra
Entrevista 8	Trajectória de vida após a cessação da prestação\Reingresso na medida\Sentimentos associados ao reingresso na medida	Senti-me um bocadinho assim, um pouco inútil, dizer assim estou a pedir e não consigo trabalhar mas pronto era quando não arranjava trabalho.	Dutra
Entrevista 10	Trajectória de vida após a cessação da prestação\Reingresso na medida\Sentimentos associados ao reingresso na medida	Ficámos contentes.	Dutra
Entrevista 11	Trajectória de vida após a cessação da prestação\Reingresso na medida\Sentimentos associados ao reingresso na medida	Com a graça de Deus tudo se resolveu, mas aqueles 3 meses pareceram 3 anos.	Dutra
Entrevista 12	Trajectória de vida após a cessação da prestação\Reingresso na medida\Sentimentos associados ao reingresso na medida	Eu pensei “vou tentar a minha sorte” . O que está passado, está passado, não havia de ser tudo ruim. Se eu fui aceite das primeiras vezes, que foram fases tão custosas, esta ainda era a dobrar. Tentei e recebi.	Dutra

### Trajectória de vida após a cessação da prestação – Reingresso na medida: Importância atribuída ao RSI

Text	Code	Segment	Author
Entrevista 1	Trajectória de vida após a cessação da prestação\Reingresso na medida\Importância atribuída ao RSI	Uma pessoa agora está a trabalhar, ainda menos pensa no rendimento e já lá vão 4 anos (...) Fiz agora outra vez, há duas semanas, para ajudar na renda.	Dutra
Entrevista 2	Trajectória de vida após a cessação da prestação\Reingresso na medida\Importância atribuída ao RSI	Devo muito a ele [ao RSI] (...) Se fosse a passar pelo mesmo, voltava a fazer os papéis.	
Entrevista 3	Trajectória de vida após a cessação da prestação\Reingresso na medida\Importância atribuída ao RSI	Já se sabe que voltava [a requerer o RSI], ia pedir na mesma.	
Entrevista 4	Trajectória de vida após a cessação da prestação\Reingresso na medida\Importância atribuída ao RSI	Oh Sr. <sup>a</sup> , por amor de Deus... Eu não estou a ver nada neste mundo mais fácil do que o negócio da droga e eu voltaria à vida do crime. Se esse dinheiro foge eu estou desgraçado, estou desgraçado! Eu fico sem comer, a mulher fica sem comer. Eu sou muito calmo, mas quando estou aflito, tenho de me virar de alguma forma, por isso se me falta este dinheiro eu estou desgraçado. É mais um que vai para a cadeia (...) É esse dinheiro do rendimento de inserção social que me impede de voltar ao crime, porque se não tiver esse dinheiro é muito provável! Eu não me importo!	Dutra
Entrevista 5	Trajectória de vida após a cessação da prestação\Reingresso na medida\Importância atribuída ao RSI	Mesmo que fosse os oito contos, já era uma ajuda, por causa das dívidas e das coisas para a vida.	Dutra
Entrevista 6	Trajectória de vida após a cessação da prestação\Reingresso na medida\Importância atribuída ao RSI	Agora, nesta altura, não é importante. Deus permita que nunca venha a ser preciso de novo.	Dutra
Entrevista 7	Trajectória de vida após a cessação da prestação\Reingresso na medida\Importância atribuída ao RSI	Sim, porque me ajuda muito. Se não fosse isso...	Dutra
Entrevista 8	Trajectória de vida após a cessação da prestação\Reingresso na medida\Importância atribuída ao RSI	Continua a ser muito importante mas o rendimento é na última expectativa mesmo que eu não arranje trabalho. Aquilo que eu puder tentar, eu vou tentar. Eu faço os papéis para receber mas durante aquele período, estou sempre a tentar arranjar trabalho. O rendimento é o último recurso mesmo.	Dutra
Entrevista 9	Trajectória de vida após a cessação da prestação\Reingresso na medida\Importância atribuída ao RSI	Nós pedimos na altura certa. (esposa) Por hoje não. Não temos grandes faturas, mas dá para ir vivendo e os filhos estão todos encaminhados nas idades. Isso até era um abuso. O rendimento não é para luxos, é para educar os nossos filhos.	Dutra
Entrevista 10	Trajectória de vida após a cessação da prestação\Reingresso na medida\Importância atribuída ao RSI	É muito importante para as coisas da vida (...) É até Nosso Senhor querer. Sei lá se vão cortar ou se não vão cortar (...) Era importante receber sempre! Não quero que me cortem!	Dutra

Entrevista 11	Trajectória de vida após a cessação da prestação\Reingresso na medida\Importância atribuída ao RSI	<p>Não é importante, é importantíssimo! Eu já consegui muita coisa boa, mas ainda tenho uma vida pela frente, ainda tenho os meus filhos a crescer. Que pena tinha eu de dizer à minha mais velha “S., a mamã já não tem o rendimento, tens de ir trabalhar para ajudar à vida”. Isso era o mesmo de chegar ao pé de uma planta, que está a florir, e cortá-la pela toca. A minha filha está a estudar, eu posso dar os estudos a ela porque tenho aquele dinheirinho! (...) O dinheiro é muito importante, mas é muito importantes haver as assistentes sociais, a coordenadora, as consultas de psicologia que me têm ajudado muito, não há palavras para agradecer! Eu se tiver o dinheiro, mas se não tiver uma amizade com ninguém, não tiver com quem falar, isso também não vale de nada. Agora se eu tiver uma pessoa que venha à minha casa, converse comigo, faça-me entender a vida, faça-me eu saber gerir o dinheiro, isso para mim é importantíssimo (...) As pessoas que recebem o rendimento não têm boca que agradeça. Não há palavras para agradecer. E eu já recebo há 11 anos (...) Deus permita que não me tirem o rendimento porque eu dependo muito dele. Até as minhas filhas serem grandes.</p>	Dutra
Entrevista 12	Trajectória de vida após a cessação da prestação\Reingresso na medida\Importância atribuída ao RSI	O rendimento faz-me muita falta.	Dutra

**Trajectória de vida após a cessação da prestação – Trajectória escolar: Frequência de cursos de formação profissional**

<b>Text</b>	<b>Code</b>	<b>Segment</b>	<b>Author</b>
Entrevista 2	Trajectória de vida após a cessação da prestação\Trajectória escolar\Frequência de cursos de formação profissional	Acabei o curso de empregada administrativa.	Dutra
Entrevista 3	Trajectória de vida após a cessação da prestação\Trajectória escolar\Frequência de cursos de formação profissional	Só os meus filhos continuaram a estudar. O meu filho mais velho tem o 12º ano e é polícia, a abaixo tirou um curso de animação de crianças, mas trabalha numa loja porque para aquele curso ainda não apareceu emprego e ela amanhou-se com aquilo que tem ali. A mais nova está num curso de secretariado.	Dutra

**Trajectória de vida após a cessação da prestação – Trajectória escolar: Melhoria das habilitações literárias**

<b>Text</b>	<b>Code</b>	<b>Segment</b>	<b>Author</b>
Entrevista 2	Trajectória de vida após a cessação da prestação\Trajectória escolar\Melhoria das habilitações literárias	Fiquei com o 9º ano.	Dutra
Entrevista 9	Trajectória de vida após a cessação da prestação\Trajectória escolar\Melhoria das habilitações literárias	É para ver que tenho os meus três filhos mais velhos tudo com o ensino superior! E as duas que ainda estão em casa estão a seguir o mesmo caminho.	

**Trajectória de vida após a cessação da prestação – Trajectória profissional: Actividades profissionais exercidas**

<b>Text</b>	<b>Code</b>	<b>Segment</b>	<b>Author</b>
Entrevista 1	Trajectória de vida após a cessação da prestação\Trajectória profissional\Actividades profissionais exercidas	Entretanto fui para a Cofaco, em 2004 e a vida ficou a melhorar.	Dutra
Entrevista 2	Trajectória de vida após a cessação da prestação\Trajectória profissional\Actividades profissionais exercidas	Depois do curso fiquei em casa uns dois anos, só a trabalhar da costura, depois estive no Modelo durante seis meses, depois tive direito ao fundo de desemprego, fiquei em casa só quatro meses, através do fundo de desemprego estive no Lar da Mãe de Deus, quase dois anos, mas por causa de uns problemas com uma miúda tive de rescindir o meu contrato, infelizmente, mas pronto, é uma coisa que já passou. Fiquei em casa mais três meses, penso eu, e entretanto estou numa empresa de limpeza, a Iberlim, a trabalhar no aeroporto, a limpar os aviões.	Dutra
Entrevista 3	Trajectória de vida após a cessação da prestação\Trajectória profissional\Actividades profissionais exercidas	Foi sempre trabalhando aqui e ali.	Dutra
Entrevista 5	Trajectória de vida após a cessação da prestação\Trajectória profissional\Actividades profissionais exercidas	Comecei a trabalhar no primeiro de Julho, faz agora seis anos, na casa Paroquial de São José. Já estou lá há seis anos.	Dutra
Entrevista 7	Trajectória de vida após a cessação da prestação\Trajectória profissional\Actividades profissionais exercidas	Estive na Norlimpa, um ano, mas depois fiquei muito doente e vim-me embora para casa. Ainda trabalhei em casa de uma velhinha uns tempos, mas depois deu-me um princípio de trombose e ela não quis saber mais de mim. Também em primeiro estou eu.	Dutra
Entrevista 8	Trajectória de vida após a cessação da prestação\Trajectória profissional\Actividades profissionais exercidas	Agora estou no hospital de Ponta Delgada 3 meses, até acabar o contrato, para férias.	
Entrevista 9	Trajectória de vida após a cessação da prestação\Trajectória profissional\Actividades profissionais exercidas	Quando a minha mais velha foi para a universidade é que foi tudo abaixo. Passagens, alimentação... ela recebia a bolsa, mas ela entrou em Setembro e só recebeu a bolsa em Janeiro. Livros, casa, para sustentar uma filha lá fora é muito difícil, só que passa é que sabe... eu tive de ir trabalhar! (esposa) Só quando a minha filha mais velha foi para fora para ser engenheira é que a minha esposa se obrigou a trabalhar. Foi trabalhar para a Norlimpa, durante um ano, a limpar casas de banho... ela nunca tinha feito isso, mas viu-se obrigada, para dar um incentivo aos filhos (...) Estive foi a trabalhar no centro de saúde durante um ano, depois estive no Ferreira Cabido mais ano e meio, mas nunca fiquei sempre, elas mandavam-me sempre para casa. (esposa)	Dutra

**Trajectória de vida após a cessação da prestação – Trajectória profissional: Experiência de desemprego**

<b>Text</b>	<b>Code</b>	<b>Segment</b>	<b>Author</b>
Entrevista 2	Trajectória de vida após a cessação da prestação\Trajectória profissional\Experiência de desemprego	Depois tive direito ao fundo de desemprego, fiquei em casa só quatro meses (...) Fiquei em casa mais três meses.	Dutra
Entrevista 6	Trajectória de vida após a cessação da prestação\Trajectória profissional\Experiência de desemprego	Porque depois de receber o rendimento, a minha vida voltava ao mesmo. Passávamos dificuldades como nem um nem outro trabalhavam e eu via-me obrigada a fazer de novo o requerimento.	Dutra
Entrevista 7	Trajectória de vida após a cessação da prestação\Trajectória profissional\Experiência de desemprego	Estive na Norlimpa, um ano, mas depois fiquei muito doente e vim-me embora para casa. Ainda trabalhei em casa de uma velhinha uns tempos, mas depois deu-me um princípio de trombose e ela não quis saber mais de mim. Também em primeiro estou eu O meu marido está desempregado há quase dois anos. Ele vai aos patrões, mas não há nada. Estão a pôr gente para fora e tudo. Não têm dinheiro para dar. Ele quer trabalhar, mas não aparece serviço.	Dutra
Entrevista 8	Trajectória de vida após a cessação da prestação\Trajectória profissional\Experiência de desemprego	Já pedi 5 vezes (...) era quando não arranjava trabalho.	
Entrevista 9	Trajectória de vida após a cessação da prestação\Trajectória profissional\Experiência de desemprego	Agora estou desempregada, a receber o subsídio, mas há lá uma costureira que vai sair e eles querem ver se me mandam chamar outra vez, estou nessa esperança. (esposa)	Dutra

**Trajectória de vida após a cessação da prestação – Trajectória profissional: Condição actual perante o trabalho e situação na profissão**

<b>Text</b>	<b>Code</b>	<b>Segment</b>	<b>Author</b>
Entrevista 1	Trajectória de vida após a cessação da prestação\Trajectória profissional\Condição actual perante o trabalho e situação na profissão	Entretanto fui para a Cofaco, em 2004 e a vida ficou a melhorar. Nesse ano que entrei fiquei logo efectiva.	Dutra
Entrevista 2	Trajectória de vida após a cessação da prestação\Trajectória profissional\Condição actual perante o trabalho e situação na profissão	Estou numa empresa de limpeza, a Iberlim, a trabalhar no aeroporto, a limpar os aviões (...) Em princípio estou até Agosto, mas estou confiante que depois é para assinar mais um contrato.	Dutra
Entrevista 3	Trajectória de vida após a cessação da prestação\Trajectória profissional\Condição actual perante o trabalho e situação na profissão	Dou dias para um patrão, outros dias para outro, alguns meios-dias, outros três horas, é o que tem. É pena, se dessem um trabalho é que era porreirinho, mas a minha idade já não dá (...) É difícil, mais a mais para a minha idade. É muito mais difícil eles me pegarem para companhias.	Dutra
Entrevista 4	Trajectória de vida após a cessação da prestação\Trajectória profissional\Condição actual perante o trabalho e situação na profissão	Trabalhei até ao ano 2000, mas nesse ano fiz uma operação muito rigorosa e deixei de trabalhar até hoje. E tem sido assim até hoje. Não faço nada, estou cansado de não fazer nada.	Dutra
Entrevista 5	Trajectória de vida após a cessação da prestação\Trajectória profissional\Condição actual perante o trabalho e situação na profissão	Eu recebo é como empregada de auxiliar de limpeza. Eu penso que enquanto o velhinho for vivo, eu vou continuar lá (...) Foi de boca, para tomar conta de um padre, eu tomo conta de padres.	Dutra
Entrevista 6	Trajectória de vida após a cessação da prestação\Trajectória profissional\Condição actual perante o trabalho e situação na profissão	Sou empregada de andares, mas estou lá sempre por contratos de seis meses.	
Entrevista 7	Trajectória de vida após a cessação da prestação\Trajectória profissional\Condição actual perante o trabalho e situação na profissão	Não posso trabalhar porque fui escaldada no peito. Queimei-me com uma panela de sopa. Depois fui à Dr. <sup>a</sup> e ela disse que eu não podia apanhar pós nem nada, porque depois eu fico cheia de bexigas e dá-me comichão (...) Não tenho [comprovativo da situação de indisponibilidade para o trabalho].	Dutra
Entrevista 8	Trajectória de vida após a cessação da prestação\Trajectória profissional\Condição actual perante o trabalho e situação na profissão	Agora estou no hospital de Ponta Delgada 3 meses, até acabar o contrato, para férias, sei que venho para casa que elas já disseram que eu venho para casa (...) O serviço está correndo com sucesso, todas elas gostam, eu sou uma pessoa sociável, dou-me bem com toda a gente, graças a Deus e esperava, bom, bom mesmo, eu esperava no fim desse contrato era ficar.	Dutra
Entrevista 9	Trajectória de vida após a cessação da prestação\Trajectória profissional\Condição actual perante o trabalho e situação na profissão	Agora estou desempregada, a receber o subsídio, mas há lá uma costureira que vai sair e eles	Dutra

	situação na profissão	querem ver se me mandam chamar outra vez, estou nessa esperança. (esposa) Eu estou efectivo.	
Entrevista 10	Trajectória de vida após a cessação da prestação\Trajectória profissional\Condição actual perante o trabalho e situação na profissão	Não trabalho porque tenho as pequenas pequeninas. Quando forem maiores...	Dutra
Entrevista 11	Trajectória de vida após a cessação da prestação\Trajectória profissional\Condição actual perante o trabalho e situação na profissão	O trabalho não mata ninguém, mas no meu caso... O pior é que eu quero trabalhar e não consigo.	Dutra
Entrevista 12	Trajectória de vida após a cessação da prestação\Trajectória profissional\Condição actual perante o trabalho e situação na profissão	Se não fosse por ela [a filha] e hoje, por causa dos meus problemas de saúde, acho que estava lá para ganhar qualquer coisinha.	Dutra

**Perspectivas de futuro – Expectativas: Sonhos/projectos**

<b>Text</b>	<b>Code</b>	<b>Segment</b>	<b>Author</b>
Entrevista 1	Perspectivas de futuro\Expectativas\Sonhos/projectos	Ter a minha casa própria, que os meus filhos tenham muita inteligência e muita saúde e que tudo corra bem até lá (...) Neste momento estou a trabalhar e estou a pensar fazer um esforço de poupar, ou melhor, já começamos! Temos um mealheiro e já tem sessenta e tal euros, mas tudo em pretinhos. Um dia mais tarde vamos encher... é um garrafão de 5 litros. Vamos acabar de encher e mais tarde abrir uma conta para cada um para terem um futuro mais tarde (...) Nosso Senhor que me dê até lá saúde para nós, que corra tudo bem no trabalho, porque até hoje tem sido um bocadinho complicado porque o patrão sempre aperta connosco. Sempre optimista, sempre em frente. A gente quer que corra tudo bem até lá, com casa própria.	Dutra
Entrevista 2	Perspectivas de futuro\Expectativas\Sonhos/projectos	Um dos meus grandes sonhos, que queremos ver se é para o ano, é a adopção de uma criança.	Dutra
Entrevista 3	Perspectivas de futuro\Expectativas\Sonhos/projectos	Já tenho 60 anos... o nosso futuro é ir para lá.	Dutra
Entrevista 4	Perspectivas de futuro\Expectativas\Sonhos/projectos	O futuro a Deus pertence, não é? Estou bem comigo mesmo e não posso dizer nada ao nível do futuro. Não penso muito no futuro. Sei que daqui a 20 anos ainda cá estou (...) porque eu hoje estou mais novo do que ontem.	Dutra
Entrevista 5	Perspectivas de futuro\Expectativas\Sonhos/projectos	Muitos sonhos, mas é o que digo sempre a nosso senhor e ao meu homem, ajudai-me. Não me importo de morrer, mas deixai a minha filha amparada, já que ficou sem o pai, tão novinha, deixá-la amparadinha e com as minhas coisinhas todas pagas. De resto, eu não me importo com mais nada.	Dutra
Entrevista 6	Perspectivas de futuro\Expectativas\Sonhos/projectos	Ser rica! Já me considero satisfeita por ter emprego e proporcionar aos meus filhos uma vida melhor daquela que eles estavam destinados a ter, se eu não tivesse emprego, ou o pai. Se não tivéssemos tomado outro rumo, eles também iam ser muito lesados. Eu quero construir uma vida melhor para eles, melhor do que aquilo que eu tive. Quero que os meus filhos tenham uma vida melhor (...) Espero ter a casinha melhor mobilada, que os meus filhos tenham passado de ano sempre e ter saúde mental para levar com isso para a frente.	Dutra
Entrevista 7	Perspectivas de futuro\Expectativas\Sonhos/projectos	Que os meus filhos tenham um bocadinho de juízo, que às vezes não têm, têm que trabalhar, que eu não fico sempre viva, Nosso Senhor vai levar-me e vocês ficam todos para aí. Que arranjem uma mulher, das boas, que não sejam maldosas. Eu bem que vou falando com a boca, para ver se as cabeças endireitam. Só que só têm um parafuso lá dentro, dentro da cabeça.	Dutra
Entrevista 8	Perspectivas de futuro\Expectativas\Sonhos/projectos	Eu espero um dia ficar com ele, ficar com o M. Espero que ele que venha para mim e que fique comigo, é normal penso eu que qualquer mãe dizia isso (...) uma vida descansada, trabalhar o dia a dia, viver a vida, saber dar uma boa educação aos nossos filhos, não é? Saber dar uma boa educação e um bom ensino, apoiá-los naquilo que eles precisarem (...) Tem pessoas que dizem, “olha o meu sonho era ir viajar”, o meu sonho era viver uma vida calma, sem stress, sem nada, o dia a dia com os meus filhos, é isso.	Dutra
Entrevista 9	Perspectivas de futuro\Expectativas\Sonhos/projectos	O meu futuro já está feito. Não tenho muitos sonhos daqui para a frente. O meu futuro é ir caminhando para a reforma, já vou a caminho dos 51 anos. Já se sabe, com um bocadinho de saúde... O nosso futuro é os nossos filhos. O que eu faço é sempre pensando neles. (esposa) O nosso orgulho são os nossos filhos. Sinto-me contente por aquilo que eles conseguiram. Não é qualquer pessoa que tem os seus filhos todos instruídos como eu	Dutra

tenho. Eles no emprego dizem “não sei como é que consegues”.

Entrevista 10	Perspectivas de futuro\Expectativas\Sonhos/projectos	É criar as minhas filhas sempre, até casar. Mas primeiro que tudo é não morrer até lá (...) Pode dar-me algum ataque.	Dutra
Entrevista 11	Perspectivas de futuro\Expectativas\Sonhos/projectos	O sonho que tenho é ver os meus filhos crescerem, estudarem, tirarem um curso, para quando eu for mais idosa dizer “o que eu lutei, eu estou vendo”. Vê-los com saúde, com garra, mas eles têm, eles vêm a mãe. Um pai e uma mãe quando não têm amor à vida, as crianças ficam muito tristes (...) Quando temos filhos vem-me logo à cabeça como é que vou dar um futuro aos meus filhos? Eu tenho de fazer qualquer coisa por eles. Eu lutei antes de adoecer e luto por eles até ao fim porque uma mãe não é mãe só durante 9 meses, é mãe toda a vida. Mesmo que eles casem, continuo sempre disponível para aquilo os eles precisarem. Enquanto for viva vou sempre lutar, enquanto há vida há esperança.	Dutra
Entrevista 12	Perspectivas de futuro\Expectativas\Sonhos/projectos	Não sei. Já tenho 64 anos, qual é o futuro que vou ter? É cova para me enterrar.	Dutra

**Perspectivas de futuro – Expectativas: Visão sobre o futuro**

<b>Text</b>	<b>Code</b>	<b>Segment</b>	<b>Author</b>
Entrevista 1	Perspectivas de futuro\Expectativas\Visão sobre o futuro	A esperança é a última a morrer. Espero subir mais do que aquilo que já subi (...) Eu estou a trabalhar, mas as coisas estão difíceis, mas espero que vão melhorando. Estou sempre optimista que vou conseguir, com a luz de Nosso Senhor. Sinto de dia para dia que tudo o que eu faço dá certo.	Dutra
Entrevista 2	Perspectivas de futuro\Expectativas\Visão sobre o futuro	Quero ver-me ainda melhor do que aquilo que estou! Igual, ou melhor. Neste momento eu estou bem, mas se conseguir melhor, melhor. Antes de tudo sonhar, que faz bem. Mas pronto, a nível financeiro no final do mês, se resta alguma coisa, põe-se de lado, sei lá, eu faço o melhor para que a vida seja melhor ainda.	Dutra
Entrevista 3	Perspectivas de futuro\Expectativas\Visão sobre o futuro	Vou trabalhando à maneira que vai aparecendo (...) Daqui a 5 anos acho que estou na mesma, ainda.	Dutra
Entrevista 4	Perspectivas de futuro\Expectativas\Visão sobre o futuro	Vou estar mais novo do que hoje, porque eu hoje estou mais novo do que ontem. (...) A vida melhorava se recebesse mais 100€ em cima daqueles 180 que recebo. Aí nunca mais procurava a minha assistente social! Tal como existe a pobreza escondida, eu também tenho uma prestação escondida	Dutra
Entrevista 5	Perspectivas de futuro\Expectativas\Visão sobre o futuro	A minha alegria ficou enterrada lá em baixo e agora estou a viver porque estou a viver (...) Agora é muito agressivo, vivo porque vivo. Ai menina, eu quanto mais peço a Nosso Senhor, mais vêm as coisas em cima umas das outras para pagar. Tudo em cima de mim, tudo em cima de mim (...) Já me cortaram a água duas vezes, a TV cabo foi cortada não sei quantas vezes, porque não tinha possibilidades de pagar. Eu dizia “assim eu vou para baixo e já não venho para cima. Eu vou fazer uma asneira comigo”.	Dutra
Entrevista 6	Perspectivas de futuro\Expectativas\Visão sobre o futuro	Vejo-me velha!	Dutra
Entrevista 7	Perspectivas de futuro\Expectativas\Visão sobre o futuro	Sei lá... velhinha já. Já tenho cabelos brancos. Ai, não chego lá (...) O que me mata é que tenho muitos nervos, qualquer coisa me enerva. Se o meu homem briga com os meus filhos eu logo meto-me na frente... antes ele dê em mim do que dê neles (...) Vamos lá ver... mas eu quero que seja melhor. É endireitar a cabeça do meu filho. Às vezes eu fico nervosa por causa dele. Vamos lá ver.	Dutra
Entrevista 8	Perspectivas de futuro\Expectativas\Visão sobre o futuro	Daqui a cinco anos, da maneira que isso está agora, daqui a cinco anos, eu sou sincera, não imagino daqui a cinco anos, que eu não sei se chego lá, não me imagino mas espero, espero chegar lá e espero que os meus filhos já estejam e maiores e com uma boa educação, na escola e espero daqui a uns seis, sete anos ser a vida que eu quero.	Dutra
Entrevista 9	Perspectivas de futuro\Expectativas\Visão sobre o futuro	Mais velhinhos estamos... (esposa) Nunca sei o dia de amanhã. Vivo o dia a dia porque onde está o homem, está o perigo. A gente não pode fazer assim uma estatística daquilo que vai suceder, nunca se sabe.	Dutra

Entrevista 10	Perspectivas de futuro\Expectativas\Visão sobre o futuro	As minhas filhas já são moças! (...) É lutar sempre para a vida (...) Não sei, mas eu acho que sim [continuar a receber o RSI no futuro].	Dutra
Entrevista 11	Perspectivas de futuro\Expectativas\Visão sobre o futuro	Já me achei mais velha, já me senti mais em baixo. Não sei se é pelas ajudas mas... sinto-me cada vez mais nova! Quero levar a vida de outra maneira. A vida miserável que levei fica para trás! (...) Vai continuar a melhorar e tem que melhorar! As coisas melhoram depois de querermos. Se a gente quiser e tiver vontade, nada na vida é impossível.	Dutra
Entrevista 12	Perspectivas de futuro\Expectativas\Visão sobre o futuro	A minha vida não pode melhorar, porque não tenho possibilidades nenhuma (...). É muito triste querermos dinheiro para viver e não ter. O pão-nosso de cada dia é o que não deve faltar, mas é o que nos está a faltar (...) Não sei se chego lá [aos 65 anos]... sem alimentação, sem medicação, já me estão faltando as pernas.	Dutra

# **ANEXO IX**

## **(Curriculum Vitae)**